



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: EDUCAÇÃO POPULAR

DÁRIO PEREIRA JOÃO

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO/A MESTRE/A DE CAPOEIRA NA
DIMENSÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR E DO ENFRENTAMENTO AO RACISMO**

JOÃO PESSOA

2024

DÁRIO PEREIRA JOÃO

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO/A MESTRE/A DE CAPOEIRA NA
DIMENSÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR E DO ENFRENTAMENTO AO RACISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba – PPGE/CE/UFPB, na linha de pesquisa em Educação Popular, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

J62p João, Dário Pereira.

O processo de formação do/a mestre/a de capoeira na
dimensão da educação popular e do enfrentamento ao
racismo / Dário Pereira João. - João Pessoa, 2024.
176 f. : il.

Orientação: Severino Bezerra da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Capoeira Angola. 2. Educação popular. 3. Mestre.
4. Combate ao racismo. I. Silva, Severino Bezerra da.
II. Título.

UFPB/BC

CDU 796.8:323.1(043)

DÁRIO PEREIRA JOÃO

**O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO/A MESTRE/A DE CAPOEIRA NA
DIMENSÃO DA EDUCAÇÃO POPULAR E DO ENFRENTAMENTO AO RACISMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

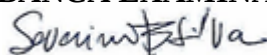
Linha de pesquisa: Educação Popular

Orientador: Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva

Resultado: Aprovado

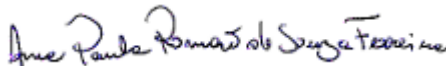
João Pessoa, 03 de julho de 2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva – PPGE – UFPB
Presidente da Banca – Orientador

Profa. Dra. Aline Maria Batista Machado
Membro interno



Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira – UFPB
Membro externo

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa – UFCG/CFP
Membro Externo

Profa. Dra. Maria Nazaré Tavares Zenaide
Convidada

Dedico este trabalho à de minha mãe Alice,
Ao meu pai Francisco,
A minha companheira Malu,
Ao meu filho Gabriel e às minhas filhas Gabriela, Gabrielle e Maria,
Aos amigos e aos/as alunos/as que me acompanham na roda e na vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da UFPB, que possibilitou a pesquisa.

À professora Maria Nazaré Tavares Zenaide, que aceitou o desafio de ser minha orientadora e iniciou a orientação para a escrita desta dissertação com paciência e carinho e com valiosas contribuições ao meu estudo.

Ao professor Severino Bezerra da Silva, que está caminhando comigo na elaboração final da escrita.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba – FAPESQ, pois com a concessão da bolsa possibilitou a minha permanência e dedicação ao curso de mestrado.

À professora Ana Paula Romão que me acompanha desde a graduação em pedagogia, pela atenção dada na experiência do estágio Docência.

Ao Grupo de Estudos Práticas Educativas Griô – UFPB, pelas discussões, pelas experiências desenvolvidas nas escolas, pelos saberes compartilhados a respeito da Educação Étnico-racial e a Capoeira.

Aos/as professores/as do Centro de Educação da UFPB que colaboraram com a minha formação inicial.

Aos capoeiristas Bamba, Nina, Danilo, Paulo Sérgio, Reniê, Gabriel, Montanha, Ivaldo, Dênis, Danilo Werlei, Hélio, Giovanni, Fábio, Nathan, Thaise, Vinho, Luna, Neto, Fabiano, Nicolas, Izidro, Maia, Emerson, Luan, Kaike, Jonatan, Wemir, Cristopher, Maria Isabel, Gabrielle, Maria Gabriela, Zuel, Ryan, Arthur, Lincoln, pelo respeito e pelo carinho de estarmos crescendo juntos.

Aos Mestres, Mestre Nô, Mestre Lázaro, Mestre Dinelson, Mestre Sabiá, Mestre Dunga, Mestre Gilmário, Mestre Mosquito, Mestre Manuba, Mestre Baraúna, Mestre Valdir Axé, Mestre Marcos Baiano, Mestre Ventania, Mestra Jô, Mestre Mangangá, Mestra Lúcia: muito obrigado “pela capoeira eu saber jogar”.

À minha mãe Dona Alice, ao meu pai Francisco, ao meu irmão Danilo e minha irmã Dina. À minha família, por tudo.

Axé, axé, axé pra todo mundo, axé!!!

RESUMO

O presente trabalho dissertativo teve como foco a análise do saber na/da roda de Capoeira Angola no processo de formação do Mestre de capoeira numa perspectiva da Educação Popular e de combate ao racismo. Para tal, foram eleitos os seguintes objetivos específicos: a) identificar quais os saberes/fazeres exigidos para a formação do Mestre de capoeira na década de 2000, a partir dos princípios capoeirísticos; b) compreender como aconteceu o processo de transformação do Mestre de capoeira para o Mestre-educador de capoeira atual numa perspectiva da Educação Popular e c) refletir como o Mestre contribui na melhoria da educação das relações étnico-raciais de negros e não-negros e de combate ao racismo a partir da memória, oralidade e corporeidade da capoeira. A pesquisa foi do tipo qualitativa com a abordagem de pesquisa participante, na qual me inseri no universo pesquisado. A pesquisa foi dividida em três momentos: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa participante. Foram utilizadas para a coleta de dados a técnica da entrevista semiestruturada. O autor realizou entrevistas semiestruturadas com quatro Mestres e uma mestra de Capoeira Angola: Norival Moreira de Oliveira (Mestre Nô), fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares, Salvador, Bahia; Lázaro dos Prazeres dos Santos (Mestre Lázaro), fundador do Grupo de Capoeira Angola Guerreiro de Palmares, Salvador, Bahia; Marcos Antônio Batista (Mestre Sabiá), fundador do Grupo de Capoeira Badauê, Campina Grande, Paraíba; Joseane Pinheiro Côrrea (Mestra Jô), do Grupo Capoeira Angola Palmares, Florianópolis, Santa Catarina e Marcos Antônio Santos Silva (Mestre Marcos Baiano), Maceió, Alagoas também do Grupo Capoeira Angola Palmares. Fizemos uma análise temática do conteúdo das falas dos/das mestres/a tomando como referência os aportes teóricos e práticos da educação popular, da pesquisa participante e da Capoeira Angola. Os resultados apontaram as contribuições do processo de formação da/o mestra/e de capoeira na perspectiva da educação popular que apresentaram as possíveis considerações a partir de um dado momento no tempo e no espaço que não pretendeu ser a única resposta à pergunta inicial, mas revelou a relação do/a Mestre/a e da Capoeira Angola Periférica de Rua para a educação antirracista, a afirmação positiva da identidade negra para pessoas negras e não negras e do combate ao racismo.

Palavras-chave: Capoeira Angola, Educação Popular, Mestre, Combate ao Racismo.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the analysis of knowledge within the circle of Capoeira Angola in the formation process of a Capoeira master from a Popular Education perspective and in the fight against racism. To this end, the following specific objectives were established: a) to identify the knowledge and practices required for the formation of a Capoeira master in the 2000s, based on Capoeira principles; b) to understand how the transformation process from Capoeira master to the current Capoeira educator-master took place within the framework of Popular Education; and c) to reflect on how the master aids in enhancing the education of ethnic-racial relations between Black and non-Black individuals and in combatting racism, drawing from the memory, oral traditions, and bodily practices of Capoeira. This research was qualitative in nature and employed a participatory research approach in which I immersed myself within the studied universe. The study was divided into three phases: bibliographic research, documentary research, and participatory research. Data collection methods included field diaries and semi-structured interviews. The author conducted semi-structured interviews with four Capoeira Angola masters and one mistress: Norival Moreira de Oliveira (Master Nô), founder of the Capoeira Angola Palmares Group in Salvador, Bahia; Lázaro dos Prazeres dos Santos (Master Lázaro), founder of the Warrior of Palmares Capoeira Angola Group in Salvador, Bahia; Marcos Antônio Batista (Master Sabiá), founder of the Badauê Capoeira Group in Campina Grande, Paraíba; Joseane Pinheiro Côrrea (Mistress Jô) from the Capoeira Angola Palmares Group in Florianópolis, Santa Catarina; and Marcos Antônio Santos Silva (Master Marcos Baiano) from Maceió, Alagoas, also of the Capoeira Angola Palmares Group. We will conduct a thematic analysis of the statements of the masters/mistress, referencing the theoretical and practical contributions of popular education, participatory research, and Capoeira Angola. The results aim to highlight the contributions of the Capoeira master training process from a popular education perspective. It will present potential considerations from a specific point in time and space that do not intend to be the sole answer to the initial question but will reflect on the relationship of the master/mistress and Capoeira Angola in the promotion of anti-racist education, the positive affirmation of Black identity for both Black and non-Black individuals, and the fight against racism.

Keywords: Capoeira Angola, Popular Education, Master, Combatting Racism.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	-	Produções Acadêmicas sobre capoeira Biblioteca Digital de Tese e Dissertações – BDTD (sem recorte temporal)	45
QUADRO 2	-	Produção Acadêmica sobre Capoeira na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (recorte temporal 2019 - 2023)	46
QUADRO 3	-	Linha do Tempo da Capoeira – 1963-2023.....	65

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1	Mestre Dário Tartaruga.....	21
Figura 2	Mestre Bimba.....	24
Figura 3	Mestre Pastinha.....	25
Figura 4	Mestre Nô.....	126
Figura 5	Mestre Lázaro.....	129
Figura 6	Mestre Sabiá.....	131
Figura 7	Mestre Marcos Baiano.....	135
Figura 8	Mestra Jô.....	137

LISTA DE ABREVIATURAS

ABCA	-	Associação Brasileira de Capoeira Angola
BDTD	-	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CECA	-	Centro Esportivo de Capoeira Angola
CF	-	Constituição Federal
CND	-	Conselho Nacional de Desportos
CNE	-	Conselho Nacional de Educação
COPENE	-	Congresso de Pesquisadores/as Negros/as
ECA	-	Estatuto da Criança e do Adolescente
EEEF	-	Escola Estadual de Ensino Fundamental
EJA	-	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	-	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	-	Instituto do Patrimônio Histórico Arquitetônico Nacional
ONG	-	Organização não Governamental
PETI	-	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
PLANEPIR	-	Plano Nacional de Promoção da Igualdade Racial
PMJP	-	Prefeitura Municipal de João Pessoa
PNAD	-	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PROLICEN	-	Programa de Licenciatura
PRG	-	Pró Reitoria de Graduação
SEDEC	-	Secretaria de Educação e Cultura do Município de João Pessoa
SESC	-	Serviço Social do Comércio
UFAL	-	Universidade Federal de Alagoas
UFBA	-	Universidade Federal da Bahia
UFPB	-	Universidade Federal da Paraíba
UFPI	-	Universidade Federal do Piauí
UFSC	-	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

<u>1 “DAI-ME LICENÇA AÊ / EU QUERO PASSAR: INTRODUZINDO A CAPOEIRA COMO PESQUISA NA EDUCAÇÃO POPULAR</u>	13
1.1 UM MESTRE DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	14
1.2 A CAPOEIRA E A FORMAÇÃO DOS MESTRES NO CÍRCULO DA PESQUISA	23
1.3 DIÁLOGOS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA.....	27
1.4 TRILHANDO OS PASSOS DOS MESTRES DE CAPOEIRA NA METODOLOGIA DA PESQUISA	40
<u>2 O COMEÇO DA RODA: CORPO AFRICANO-ARQUIVO AO CORPO NEGRO-CAPOEIRA</u>	57
2.1 CAPOEIRA, LUTA E RESISTÊNCIA SOCIOCULTURAL	57
2.2 CAPOEIRA, DO IMPÉRIO À REPÚBLICA: O CÓDIGO PENAL E AS PRIMEIRAS ACADEMIAS	61
2.3 AS VOLTAS DO MUNDO DA CAPOEIRA: RESISTÊNCIAS E LUTAS NEGRAS CONTRA A ESCRAVIDÃO, PELA LIBERDADE E A IGUALDADE.....	66
<u>3 VOU APRENDER A LER PARA ENSINAR MEUS CAMARADAS: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL</u>	75
3.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL	75
3.2 TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA: OUTRAS EDUCAÇÃO DO NEGRO.....	83
<u>4 A FORMAÇÃO DO MESTRE DE CAPOEIRA EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR</u>	95
4.1 A CAPOEIRA CONTRA O RACISMO.....	107
<u>5 DIÁLOGOS COM OS MESTRES E COM A MESTRA</u>	121
<u>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “Eu digo adeus e vou embora/Adeus, boa viagem”</u>	162
<u>REFERÊNCIAS</u>	165
<u>ANEXOS</u>	173

1 “DAI-ME LICENÇA AÊ / EU QUERO PASSAR: INTRODUZINDO A CAPOEIRA COMO PESQUISA NA EDUCAÇÃO POPULAR

Meu nome é Dário Pereira João nascido na cidade de João Pessoa e vivi/vivo desde a infância no bairro do Roger, um dos primeiros bairros de João Pessoa. Atualmente é um bairro da periferia da cidade e considerado um dos territórios com maior atividade cultural da cidade, pois nele existem escolas de samba, quadrilhas juninas, lapinhas, ala ursos, várias casas/barracões de religião de matriz afro-indígena, em especial, o Grupo Capoeira Angola Palmares.

Iniciei meus estudos aos seis anos de idade, na Escola Estadual Milton Campos – atualmente, se chama Maria Geni Timóteo – porém, tive meus primeiros contatos com as letras por intermédio de minha mãe (Dona Alice). Estudei a primeira e a segunda série nesta escola, a terceira e quarta série cursei na Escola Estadual Eptácio Pessoa, da quinta a oitava série estudei na EEEF Prof. Luiz Gonzaga Burity, as três escolas ficam no bairro de Tambiá, vizinho ao meu.

A vivência da cultura popular me possibilitou conhecer outros espaços da cidade para além do meu bairro e da minha escola. Com o decorrer do nosso aprendizado de movimentos, de toques e de musicalidade fomos nos tornando sujeitos culturais, o que possibilitou conhecer outros espaços de discussão do Movimento Negro¹ da cidade e do movimento cultural.

De modo que ao mergulhar no saber/fazer cultural foi emergindo outro horizonte enquanto sujeito, filho de homem negro, da classe trabalhadora. Neste sentido, o aprendizado da cultura afro-brasileira me fazia questionar: - O que é ser negro? E cada vez mais eu buscava através dos contatos com outros mais velhos, conhecer “a história do povo negro”, o que na época a escola tratava apenas sobre a escravidão, aquilo me causava “raiva e vergonha” em sala de aula.

Paralelo a isso, eu aprendia nas cantigas de domínio popular sobre a luta e a força de pertencer ao povo afro-brasileiro e aquilo me fortalecia para mergulhar no saber/fazer cultural, o que me possibilitava mais dúvidas sobre as certezas que eram impostas sobre nossas cabeças, como a de sermos apenas descendentes de escravizados.

¹ Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno da sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade (Gomes, 2017, p. 23-24).

Me percebi capaz de frequentar novamente a escola, que pela necessidade de trabalho tinha deixado aos 17 anos, todavia, a vivência com a cultura afro-brasileira me trouxe novamente a esse lugar. Voltei a frequentar a escola, conclui o ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. Continuei estudando e participando de cursos, seminários e aulas sobre as questões de relações étnico-raciais, de gênero, de criança e de adolescentes.

Atuando como educador popular afro, na qual as experiências de aprender/ensinar e ensinar/aprender a cultura afro-brasileira para crianças e adolescentes, me fez compreender a necessidade da relação teoria e prática, de sistematizar cientificamente nossas experiências de educação popular a partir da cultura popular afro-brasileira. Assim, estudei para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM por várias vezes, até conseguir adentrar ao universo acadêmico.

1.1 UM MESTRE DA CAPOEIRA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

No mundo das culturas populares existem tradições que são transmitidas de geração para geração pela figura do Mestre, que segundo Abib (2017) é “o guardião da capoeira e comunicador para a atual e futuras gerações de capoeiristas”. Atualmente, nosso desafio é ser esse Mestre, numa dimensão também de educador, conforme Paulo Freire (2014).

Nas nossas andanças como educador popular no Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger, pelo chão de escolas, de organizações não-governamentais e governamentais, a exemplo do Projeto Mais Educação do Governo Federal, administrado pelas prefeituras de cada município desse país. Possibilitou-me compreender o manancial de sentido existencial e de alegria que a vivência da cultura afro-brasileira pode promover para seus praticantes e familiares.

Figura 01 - Aula do Grupo Capoeira Angola Palmares Sábado, Casa das Irmãs, Favela do S, Baixo Roger, João Pessoa – PB



Fonte: Acervo pessoal. (25 jul. 2015).

A experiência do feito de educador popular comprometido com a melhoria da própria prática e do bem-querer do educando(a) me levaram ao desafio de adentrar ao universo acadêmico, no qual tive o prazer de iniciar o processo de pensar a teoria e a prática, o que fazer da cultura afro-brasileira no sentido de melhoria da educação das relações étnico-raciais.

Essa presença estudando e debatendo os textos em sala de aula e estando como educador popular me possibilitou a inquietude de buscar mais conhecimentos para aprimorar nossa prática enquanto educador comprometido com a organização e a mobilização comunitária, e de tal modo, qualificar nossa prática e a produção de conhecimentos tendo-as como ponto de partida de nossas pesquisas na graduação.

Os resultados iniciais me provocaram o desafio desse mestrado, pois acredito na importância de continuar na imersão da pesquisa e da reflexão da minha própria realidade como educador popular, sujeito negro e periférico e, dar visibilidade a potência da Capoeira como educação popular afro e como enfrentamento ao racismo a partir do saber na/da roda de Capoeira, refletindo a trajetória de formação dos Mestres de Capoeira alicerçados na ancestralidade, corporeidade, oralidade, dialogicidade e musicalidade.

Compreendo que existe atualmente no cenário das pesquisas acadêmicas um olhar voltado para a extensão universitária, para a educação popular que se reinventa nos sujeitos populares, nas periferias, e percebo esse alinhamento com a linha de Educação Popular que busca essa ponte entre os saberes populares e acadêmicos para a produção de outros conhecimentos necessários a fim de construir outro projeto de sociedade brasileira que se reconheça enquanto conflituosa, mas que busque o diálogo sobre seus conflitos a partir do agir coletivo e também da concretude das experiências das culturas populares.

Dessa maneira, percebo que se fazem urgentes estudos voltados para outras educações que valorizam o existencial, a solidariedade, a liberdade e o diálogo, a exemplo, do nosso tema: a Capoeira, centrada na matriz afro-brasileira.

A Capoeira foi e é uma lição de sobrevivência, de resistência e (re)existência para negros e não-negros, é uma lição de humildade e humanidade comunicada entre gerações pelo/a presença da/o mestra/e que se fez e se faz no saber/fazer da/na roda pelos quatro cantos desse país e por mais de 150 países (Brasil, 2014). A Capoeira é luta-negociada ou negociação-lutada que fortalece a autoestima de crianças, adolescentes e jovens em vulnerabilidade social e pessoal, fortalece a assunção de uma identidade afro-brasileira e produz corpos fortes, criativos e espíritos alegres. Uma educação como prática de liberdade como afirmou o patrono da educação brasileira Paulo Freire (1999).

Trouxemos para o campo da Educação Popular a necessidade de compreensão do processo de formação do Mestre de Capoeira do passado e do presente para a continuidade da Capoeira Angola. Compreendemos esse espaço-tempo dos grupos de Capoeira como prenúncios para outras pedagogias, esse Mestre como um educador progressista para a formação de intelectuais, de profissionais, de seres humanos mais justos e juntos somando para melhoria da educação para as relações étnico-raciais na escola e na comunidade, a qual a prática da Capoeira tem trazido contribuições para a diminuição do racismo.

As inquietações que me levaram a pensar nos processos de formação dos Mestres de Capoeira surgiram após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado no Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, intitulado “A Capoeira Angola no espaço da Escola: uma experiência da prática da Capoeira na E.E.E.F. Ana Higina”, orientado pela Professora Doutora Ana Paula Romão e defendido em setembro de 2019.

Essa experiência foi e é resultado de minha vivência com os processos de ensino e aprendizagem da Capoeira em diversos bairros da cidade de João Pessoa, em especial no bairro do Roger, onde resido desde que nasci e iniciei as atividades com o grupo, o qual venho coordenando desde março de 1998.

Foi no ano de 1990, quando cursava a oitava série que comecei a praticar Capoeira, tinha treze anos na época, as aulas aconteciam no Serviço Social do Comércio – SESC, no bairro do Centro, a pessoa que ministrava as aulas se chama Dorivan Rafael, nosso grupo chamava-se Lua de Palmares. Dorivan era aluno do Mestre Sabiá, da cidade de Campina Grande – PB, o qual naquele momento tinha a graduação de contramestre e coordenava o Grupo Badauê de Palmares. Mestre Sabiá era e ainda é aluno do Mestre Nô, da cidade de Salvador – BA, fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares.

Como já mencionei acima, iniciei o ensino da Capoeira em março de 1998, na Escola Piollin, uma escola de arte educação que fica situada no bairro do Roger. Em julho de 1999, comecei a ministrar aulas de Capoeira para crianças e adolescentes que faziam parte do Projeto Centro Livre Meninada, um projeto de iniciativa da prefeitura da capital paraibana e que atendia crianças e adolescentes de vários bairros da cidade.

Ministrava aulas de Capoeira todas as manhãs de segunda a sexta-feira e à tarde ministrava aulas na Piollin para crianças e adolescentes do bairro do Roger que faziam parte do Programa Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, um programa do Governo Federal e que em nível local era administrado por prefeituras de vários municípios brasileiros.

Figura 02 – Roda de capoeira com a presença de Aluísio Guerra (jogando com um aluno).



Fonte: Acervo Pessoal. Escola Piollin, (jul. 2002).

No ano de 2004, tive que conciliar as atividades de Capoeira com o retorno aos estudos, que havia deixado em meados de 1993, após ter sido reprovado por duas vezes quando cursava o ensino médio no Liceu Paraibano. Na época a gestão municipal exigiu que todos os educadores tivessem pelo menos o ensino médio completo para poderem continuar exercendo as suas funções.

Fiz minha matrícula no curso de preparação para o exame supletivo realizado pelo Colégio 2001 (durante o curso da disciplina de Educação de Jovens e Adultos – EJA descobri que realizei a conclusão do ensino médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos), após a aprovação também me inscrevi no Processo Seletivo Seriado – PSS, eram as provas que selecionavam para os cursos na universidade.

As provas eram aplicadas em duas etapas, na primeira eram realizadas as provas referentes ao primeiro e segundo ano do ensino médio, no sábado fiz a prova referente ao primeiro ano e no domingo quando estava me dirigindo para realizar a prova referente ao segundo ano fiquei preso em um engarrafamento no trânsito.

Após esse episódio passei mais dez anos distante das salas de aula da educação escolarizada, quando no ano de 2013 minha companheira fez minha inscrição no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, sem eu saber. Fiz as provas e quando o resultado saiu vi que obtive uma pontuação suficiente para ingressar no curso de Pedagogia, minha primeira e

segunda opções de curso. Iniciei o curso de Pedagogia no período 2014.1 passei por todo o processo desde levar todas as documentações para a Pró-Reitoria de Graduação – PRG, até meu primeiro dia de aula na universidade.

Aqui peço licença para relembrar meus primeiros dias na Universidade Federal da Paraíba, na sala 301, do Centro de Educação. Minha turma foi recepcionada pela professora Vivian de Melo e pelo professor Luciélcio Marinho. Nas tardes seguintes nossas aulas prosseguiram e ao final os professores passavam uma lista para que nós assinássemos a frequência.

Eu ainda não estava acreditando que havia me tornado um estudante do ensino superior, mesmo tendo visto meu nome publicado em edital de divulgação dos aprovados, levado minha documentação para a PRG. Eu acreditava que poderia ter havido um engano, pois pessoas como eu, um sujeito negro, nascido e criado na periferia, que a vida toda teve inculcado que ao concluir o ensino médio nós havíamos terminado os estudos e que, portanto, devíamos começar a trabalhar.

Como seria possível ser um estudante de universidade? Só acreditei quando a professora Vivian, que ministrou a disciplina de História da Educação I, levou uma lista de frequência impressa no terceiro encontro com a nossa turma e fez uma chamada na qual o meu nome constava, foi só aí que passei a crer que não havia erro algum, eu realmente, havia sido aprovado.

Hoje, sei que todo esse questionamento sobre o meu ingresso na universidade se deu devido ao racismo estrutural e institucional imposto à minha pessoa, ensinado e reforçado nos mais variados espaços sociais “e a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não tem muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciências e afins” (Almeida, 2018, p. 51).

Essa reflexão também me fez buscar a primeira lembrança de quando alguém me mirou com um olhar “racializador”, ali, percebi que fui nomeado negro e não visto apenas como mais uma criança, e ocorreu que essa lembrança foi vivida na escola quando eu estava na quarta série e tinha apenas nove anos, Victoria Santa Cruz² diz que “tinha sete anos apenas, apenas sete anos, que sete anos! Não chegava nem a cinco!”.

Havíamos retornado do recreio, meus colegas de classe e eu, todos suados, porém, o olhar de repulsa da professora foi dirigido apenas a mim, um menino negro. Foram necessárias

² Victoria Eugenia Santa Cruz Gamarra (1922 – 2014), poetisa, compositora, coreógrafa, professora e ativista afro-peruana.

várias experiências socializadoras com pessoas negras através da Capoeira para me afirmar enquanto pessoa negra. E muitos desencontros, debates, discussões e acesso as poesias/literatura de pessoas negras para trazer à tona meu processo de internalização da minha subjetividade, do que significou no meu ser o predicativo imposto de negro, preto, moreno.

As dores, as incertezas, as angústias e a única certeza de ser forjado na luta, e de quanto tempo precisei para falar sobre isso. Sobre como fui racializado na infância e apenas como homem adulto consigo elaborar reflexões sobre isso, a partir da conexão com outros de nós, ou seja, “negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno da sociedade” (Gomes, 2017, p. 23).

Para tal, foi necessário cantar Zumbi, Besouro Mangangá e Dandara nas rodas de Capoeira, como foi importante escutar João Balula, Héilton de Santana, Rivaldo Pessoa, Solange Cavalcante nas rodas de conversas (pessoas ligadas ao Movimento Negro local), como foram importantes as leituras de Kabengele Munanga, Clovis Moura, Florestan Fernandes, entre outros.

Como foi? Como foi e é importante escutar Mestre Nô, Mestre Lázaro, Mestre Dinelson, Mestre Sabiá. Como foi importante jogar Capoeira em Salvador, na Boca do Rio, no Terreiro de Jesus, na Saramandaia. Como foi importante conhecer a Serra da Barriga, o Quilombo de Palmares com outros companheiros capoeiristas.

Figura 04 - Da esquerda para a direita: Mestre Dário, Mestre Dinelson, Mestra Malu, Mestre Nozinho (agachado), Mestre Moreira, Mestre Nô e Mestre Tunico.



Fonte: Acervo pessoal. Parque Memorial Quilombo do Palmares - Serra da Barriga, União dos Palmares – AL, (27 jun. 2003).

Segundo, Almeida (2018) “uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus afetos” (Almeida, 2018, p. 53). Conforme o autor, é importante caminhar com outros que compartilham a afirmação da luta/assunção da identidade negra. Aprendi a gostar de ser “eu”, pois estava e estou imerso num espaço-tempo de resistência cultural e afirmação de uma existência negra.

“Vou fazer nessa vida uma grande transformação, vou jogar Capoeira pelo mundo e me embolar feito cobra pelo chão”, como diz a música de Capoeira fui acreditando que podia sempre fazer mais como pessoa, como negro, como capoeirista. Em 2013, fui reconhecido dentro da tradição de Capoeira, como Mestre de Capoeira Angola, mais uma responsabilidade, a de “permitir que os saberes transmitidos pelos antepassados vivam e sejam dignificados na memória coletiva” (ABIB, 2017, p. 97). Reconhecimento de uma caminhada pelo chão da periferia de João Pessoa como capoeirista e educador popular que tenho atuado profissionalmente desde 1995.

Retomando a trajetória, minha primeira experiência como professor de Capoeira foi na antiga Escola Catavento, no bairro Castelo Branco, para crianças e adolescentes. Depois, em 1998, ministrei aulas de Capoeira no Conselho Municipal da Ilha do Bispo, no bairro da Ilha do Bispo, para crianças, adolescentes e jovens.

Neste mesmo ano, iniciei atividades na antiga Escola Piollin (hoje conhecida como Centro Cultural Piollin) situada no Roger, e negocie com a coordenação da época para o uso do espaço como a sede do Grupo de Capoeira Angola Palmares, juntamente com minha companheira Maria de Lourdes (atualmente Mestre Malu).

Em paralelo a essas atividades, ministrei aulas de Capoeira no Centro Livre Meninada (antigo projeto sociocultural da Prefeitura Municipal de João Pessoa – PMJP), no bairro de Jaguaribe, na cidade de João Pessoa, em julho de 1999.

Com o decorrer dos anos participei como Oficineiro de Capoeira do Ciranda Curricular e do Projeto Mais Educação (projetos do governo federal, administrados pela PMJP).

Também tive a experiência de participar do Projeto CataVento (ligado ao Ministério do Trabalho e Emprego), onde ministrei aulas de Capoeira numa ONG chamada de Casinha (projeto da Pastoral do Menor) em Mangabeira, na Casa Pequeno Davi, no bairro do Roger e no Projeto Beira da Linha, no bairro do Alto do Mateus no qual estava atuando até fevereiro, quando houve cancelamento das atividades presenciais da ONG devido a pandemia da COVID-

19 e na Associação Santos Dias, no Roger. Neste percurso de capoeirista também me fiz presente nas discussões do Movimento Negro e de Crianças e Adolescentes.

Ainda sobre a experiência como pessoa negra e capoeirista-educador, que me levaram ao desafio de adentrar ao universo acadêmico, no qual tive a satisfação de cursar a Licenciatura em Pedagogia.

Esse período de convivência no Centro de Educação me tornou mediador entre a UFPB e o nosso Grupo Capoeira Angola Palmares, a qual pude estreitar essa relação, o que resultou na ação do Grupo de Estudos Práticas Educativas Griô, ligado ao Programa de Licenciatura – PROLICEN, da UFPB entre os anos de 2016 e 2019 na Escola Estadual Ana Higina, no Roger, uma das escolas de atuação também do Grupo de Capoeira.

Fiz a seleção e me tornei bolsista do PROLICEN pelo Grupo Práticas Educativas Griô, o que possibilitou participar do Congresso de Pesquisadores/as Negros/as – COPENE da região Nordeste realizado na UFPB, com uma comunicação oral sobre a ação do Grupo Práticas Educativas Griô, realizada na E.E.E.F. Ana Higina, no Roger e a produção coletiva de um artigo científico intitulado Capoeira Angola no Chão da Escola Pública: Direito à cultura negra, a justiça curricular e práticas educativas, para o X Seminário Internacional de Direitos Humanos.

Essa presença estudando e debatendo os textos no Grupo de Estudo Práticas Educativas Griô, estando como capoeirista e estagiário de Pedagogia nessa escola me possibilitou a escrita do TCC e os resultados elencados me possibilitam a continuidade da pesquisa no mestrado e, a escrita desta dissertação sobre o processo de formação do Mestre de Capoeira, pois acredito na importância da práxis educativa de produzir conhecimentos, a partir da imersão na pesquisa e na reflexão da minha própria realidade como Mestre de Capoeira, sujeito negro e periférico.

Dar visibilidade a potência da Capoeira como possibilidade de fortalecimento da memória, pois “a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção” (Gonzalez, 1984, p. 226) e desse lugar pensar a identidade afro-brasileira a partir do saber na/da roda de Capoeira.

Refletindo a trajetória de formação dos Mestres de Capoeira alicerçados nos valores afro-diaspóricos, de tal modo, que compreendamos as contribuições da presença do Mestre para a educação das relações étnico-raciais de negros e não-negros nos espaços escolares e não-escolares, por conseguinte, numa sociedade com equidade.

Participei dos Editais da Lei Aldir Blanc, especificamente, o Edital Fernanda Benvenutty, com a proposta “Em casa, a Capoeira tem dendê! Ministrei aulas de Capoeira pelo

Google Meet ou pelo Zoom, essas aulas ocorreram no terraço da minha casa e contou com a presença da família. Em adaptação ao isolamento social devido a pandemia da COVID-19, minha vida ficou circunscrita à minha casa. Nossa casa se tornou, a casa da Capoeira, pois em alguns momentos ministrei aulas, em outros assisti aulas e lives de Capoeira com outros Mestres de Capoeira, em especial o Mestre Nô, Norival Moreira de Oliveira, da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, da qual sou formado.

Figura -5 – Mestre Dário Tartaruga



Fonte: Acervo pessoal. Apresentação remota realizada pelo Instagram. Em casa, a Capoeira tem dendê!

Participei de atividades acadêmicas, em dois momentos: o minicurso das relações étnico-raciais e os cursos online oferecidos pela UFPB. Acompanhei as discussões sobre Capoeira promovidos pelas pós-graduações das Universidade Federal do Piauí – UFPI e Universidade Federal da Bahia – UFBA, as quais trouxeram as múltiplas temáticas que estão imbricadas no universo da Capoeira: Cosmovisão, Religião, Educação, Regulamentação da Profissão, Mestria, Direitos Humanos, entre outros.

Pós-pandemia da Covid-19, nossa vida sai da pequena roda “da minha casa” e voltamos os passos para a grande roda “do mundo”. De certa forma, sobrevivemos a Covid-19, estou vivo junto com minha família. Mas temos resquícios desse período tão “temeroso da morte”, que poderia chegar a qualquer momento, invisível aos olhos, o que nos dava a sensação de

insegurança, de medo de sermos contaminados pelo vírus. E a ideia de contaminação de si e do outro, de sair para a “feira e mercado” assustado, sem reconhecer o outro-mascarado, de não cumprimentar o outro-mascarado e de não ser cumprimentado por também ser um eu-mascarado para o outro, naqueles tempos, o tempo era de medo e de recolhimento e/ou refúgio entre os seus que habitavam a mesma residência, com os demais restavam contatos pelas lives no Instagram ou WhatsApp.

Período de incertezas cotidianas sobre a vida que nos marcou no corpo e na alma. Quem perdeu seus entes queridos, não puderam realizar o ritual da despedida, do velório e do sepultamento, eram imagens televisivas de corpos embalados em sacos plásticos e enterrados em valas.

O que ficam são os resquícios daqueles dias em nossas lembranças, que causam ainda hoje sequelas em todos nós “que sobrevivemos a Covid-19”, crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos com a saúde mental e/ou física comprometida de alguma forma, corpos com sobrecarga de pesos, pessoas com fobia social. Ainda vai levar mais tempo para conseguirmos processar tudo o que a “Covid-19” nos causou em nossa individualidade e na humanidade, pois tudo ainda é muito recente. Ainda estamos descobrindo as sequelas e tudo que foi potencializado pela sua contaminação ou pelo isolamento social da Covid-19.

Pela primeira vez fiquei vários meses sem força/expectativa de treinamento, não tinha a roda, algumas vezes tinha o jogo com a minha família. Mesmo assim, a ausência da roda como ponto de encontro de pessoas que jogam e que assistem, faltava a dimensão da presença tão importante para a vivência da Capoeira.

Principalmente antes do processo de escolarização da Capoeira, na qual se aprendia de “oitiva” vendo o Mestre jogar, depois o sujeito perguntava ao Mestre se ele podia ensiná-lo e pegando pelas mãos o Mestre iniciava o sujeito na roda de Capoeira. E esse hábito de aproximação afetiva e respeitosa, relação Mestre-aluno é uma ideia cara para o capoeirista. A presença na roda do Mestre que com seu corpo, seus gestos, falas e silenciamentos ensina e presentifica para o mais novo a ancestralidade.

1.2 A CAPOEIRA E A FORMAÇÃO DOS MESTRES NO CÍRCULO DA PESQUISA

Compreendemos que as nomeações dadas ao capoeirista advém de uma imagem pejorativa construída do negro a partir da escravidão, que negou sua humanidade e o coisificou e o animalizou como animal de trabalho; e a imagem da Capoeira criada na própria Lei como prática criminosa de vadiagem no Código Penal de 1890 e disseminada na imprensa da época

criou os elementos necessários para estigmatização da Capoeira fazendo com que ela fosse considerada “ coisa de vagabundo”, de “maloqueiros”, tudo isso foi sendo depositado no imaginário social do capoeira e da Capoeira por uma sociedade que foi e continua sendo formada desde o Brasil-Colônia, o Brasil-Império e continua até os dias de hoje no Brasil-República forjada no racismo estrutural, e que reverbera no racismo institucional e nas intersubjetividades (Sodré, 2023).

Partindo do conceito da Capoeira como uma manifestação cultural afro-brasileira criada no Brasil por negros africanos na condição de escravizados no período Colonial Brasileiro. Ela se apresenta nas dimensões de jogo, de dança e de luta (Iphan, 2014). Seus praticantes já foram chamados de capoeiras ou “vadios e capadócios”. Atualmente, são denominados de capoeiristas. Esta mudança de nome de capoeiras para capoeiristas passa pelo processo de escolarização da Capoeira, e de seus Mestres.

A função social do Mestre também foi alterada “dos valentões” para educadores. Neste sentido, podemos perceber os sinais de que a Capoeira tem seu próprio processo educativo e de formação. Para Abib (2017) o Mestre é responsável pela comunicação do saber/fazer capoeirísticos para a geração atual de praticantes e para futuras gerações.

Na biografia da Capoeira são muitas as histórias sobre os capoeiristas e seus feitos, o famoso capoeirista Besouro Mangangá mitificado por diversas gerações de capoeiristas que “seu corpo virava o Besouro Mangangá e fugia da polícia”, sendo imortalizados pela sétima arte – anos atrás Besouro ganhou as telas do cinema com suas façanhas. Tudo isso faz parte do universo da Capoeira. Existem muitos outros lendários capoeiristas que figuraram em outras épocas, conhecidos como a época de navalhas e valentões que até hoje estão no imaginário coletivo dos capoeiristas.

Todavia, vamos focalizar os Mestres que marcam o processo inicial da escolarização da Capoeira. São eles: Manoel dos Reis Machado, Mestre Bimba (1899-1974) e Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha, (1889-1981) o primeiro, de acordo com seus contemporâneos, um exímio angoleiro, criou o estilo Capoeira Regional, a qual nas palavras de Hellio Campos “é uma manifestação da cultura baiana, que foi criada nos fins da década de 1920 por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba).

Ele utilizou os seus conhecimentos da capoeira primitiva e da luta denominada batuque”. (Campos, 2009, p. 53). Na época, chamada Luta Regional Baiana, pois a prática da Capoeira ainda era proibida por lei, dessa maneira, obteve a autorização para a abertura da primeira academia de Capoeira em 1937. Mestre Bimba, tornou-se um marco para a Capoeira, porque ele levou a Capoeira para o ambiente fechado, com a oficialização do Centro de Cultura

Física Regional, com regras de participação e um método de aula. É a oficialização da prática da Capoeira como um método esportivo de luta nacional.

Figura 06 – Mestre Bimba



Fonte: Campos, 2009, p. 115.

A segunda academia de Capoeira foi a do Mestre Pastinha, em 1941, Centro Esportivo de Capoeira Angola – CECA. A partir desses dois Mestres a Capoeira passou para os recintos fechados dando início ao processo de escolarização da Capoeira. De forma sucinta, os vestígios mostram que os sujeitos centrais da transmissão dos saberes/fazeres da Capoeira são os Mestres.

Figura 07 – Mestre Pastinha



Fonte: Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/vicente-ferreira-pastinha-Mestre-de-capoeira-e-filosofo-popular>. Acesso em: 16 fev. 2024.

Compreender a valoração do Mestre para os/as capoeiristas e seus grupos, é uma estratégia para o reconhecimento da Capoeira como prática de educação popular afro ao longo da vida que poderá acrescentar predicados ao substantivo educador de “sala de aula” a partir da reflexão do Mestre-educador que se torna um sujeito determinado na formação do capoeirista para além da roda de capoeira para a vida.

No cenário de incertezas provocadas pela pandemia da COVID-19 a Capoeira foi adaptada às necessidades de sobrevivência dos capoeiristas, principalmente dos “velhos Mestres” e criou uma outra sociabilidade, pelas redes sociais, se montou uma rede de cuidados. Foram realizadas lives e aulas online com valor da contribuição estipulado em real, euro e dólar para a conta direta dos Mestres. Através do entendimento que na pandemia de Covid-19 os Mestres sobrevivem da arte da Capoeira, os quais estariam impossibilitados de ministrar cursos, oficinas e participar de eventos dentro e fora do Brasil.

Assim, podemos visualizar que a Capoeira dentro do contexto do processo de libertação do negro, como uma prática de educação advinda de mais de 500 anos de resistência do povo negro, está alicerçada na coletividade, nos laços de afetividade e pertencimento a comunidade, para além das fronteiras espaciais, temporais, sociais, de classe, de gênero, de raça/etnia, geracional, de deficiências, (re)existências possíveis e visíveis na roda de Capoeira.

O que houve e continua havendo é uma rede de cuidados dos capoeiristas, que mais uma vez usaram da malícia de olhar para frente e integrar-se às aulas remotas de Capoeira e a malandragem de armar a estratégia para fazer o jogo, mesmo com pouco conhecimento das tecnologias de informação, o/a Mestre/a utiliza a oralidade, a memória e a corporeidade tão presentes na Capoeira, para ocupar esse espaço-tempo nas mídias sociais, mantendo vínculos afetivos e comunitários para a volta do mundo pandêmico, ao mundo pós-pandemia.

E a Capoeira pela sua historicidade e musicalidade, seu pertencimento ao mundo afro-brasileiro e ao combate a todas as formas de discriminação, pelos direitos humanos e planetários, pois, mais uma vez mostra os indícios de um caminho do meio que a transformação da sociedade e o empoderamento dos sujeitos populares só ocorrerão no coletivo, com o outro, com o mundo e no mundo com amorosidade, em comunhão e respeito na roda.

Para isso precisamos compreender o papel do Mestre de Capoeira dentro da concepção da Capoeira, que segundo Abib (2017, p. 95-96) “o Mestre corporifica, assim, a ancestralidade e a história de seu povo e assume por essa razão, a função do poeta que, através do seu canto, é capaz de restituir esse passado como força instauradora que irrompe para dignificar o presente, conduzir a ação construtiva do futuro”. O Mestre ocupa a função social de quem ao ensinar “seus conhecimentos de vida e de Capoeira” aos mais novos capoeiristas (crianças,

adolescentes, jovens e adultos) ele oportuniza o acesso aos saberes ancestrais e desperta a valorização da “memória silenciada” sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira.

Para tal, estudaremos o processo de formação dos Mestres de Capoeira a partir da trajetória de Mestres formados na Capoeira, na década de 1960 a 2022. Nesse sentido, a nossa questão problema consiste em: Qual(is) o (s) saber(es) na/da roda de Capoeira no processo de formação do Mestre de Capoeira numa perspectiva da Educação Popular? Quais desses saberes se articulam ao combate ao racismo?

1.3 DIÁLOGOS E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA

A nossa temática é a Capoeira, numa perspectiva da educação popular. Para a construção da tessitura de nosso estudo, utilizamos o nosso olhar de educador popular afro e nossa experiência. Dialogamos com Paulo Freire na perspectiva de Pedagogia da Autonomia (2014) e Pedagogia do Oprimido (2015) também com Carlos Rodrigues Brandão (1985), Brandão e Streck (2006) e as relações étnico-racial com Kabengele Munanga (1988), Muniz Sodré (2002; 2017; 2023); Silvio Almeida (2018) e Nilma Lino Gomes (2017) e especificamente de Capoeira e Resistência com Rego (1968), Reis (1997), Soares (1993; 2008), Abib (2017) e Oliveira e Silva (2021) trata-se de autoras/es e pesquisadoras/es que permitiram lidar com as dinâmicas de interface da educação popular, das relações étnico-raciais e da cultura popular que possibilitaram uma abordagem teórica/metodológica praticante e decolonial da Capoeira.

Nesse intuito, compreendemos algumas categorias teóricas *à priori*, no campo da Educação Popular, fundamentais para esse debate: memória, diálogo, saberes e Formação, além das categorias que circundam o fenômeno do estudo: capoeira, racismo, decolonialidade e a categoria central que consiste em “Saberes dos Mestres da Capoeira”.

Educação Popular é uma teoria social e pedagógica alicerçada no conhecimento do cotidiano construído pelos grupos e pessoas populares (empíria), e a partir desse conhecimento popular mobilizar ações e produzir conhecimentos através da práxis (ação-reflexão-ação) vislumbrando uma leitura crítica da realidade e possíveis mudanças sociais e transformação social numa busca de combater as diversas formas de discriminações como também de superação das desigualdades sociais que reverberam em desigualdades do saber, no racismo, na homofobia e em outras formas correlatas de discriminação que acarretam pobreza, fome, miséria para as classes populares.

Ainda submetidos numa perspectiva eurocentrada na educação, a educação popular é vista com “ressalvas pelos conservadores” tecendo críticas como se a educação popular não

fosse uma perspectiva teórica, mas apenas metodológica, resultado de leituras superficiais das obras de educadores populares, a exemplo da vasta produção de Paulo Freire. Mas, ao mergulhar na educação popular como fenômeno sociocultural (HOLLIDAY, 2006) podemos conhecer as múltiplas e complexas experiências a exemplo das comunidades ribeirinhas, das comunidades dos terreiros, da comunidade hip-hop que possuem caminhos diferentes, mas a mesma intenção de pensar e agir para a transformação das diversas realidades experienciadas.

Para Melo Neto,

As experiências em educação popular e as formulações teóricas enunciadas asseguram a possibilidade de se apresentar educação popular como um conjunto de elementos teóricos que fundamentam ações educativas, relacionadas entre si e ordenados segundo princípios e experiências que, por sua vez, formam um todo ou uma unidade. Mesmo expressando uma unidade, contudo, é um sistema aberto que relaciona ambiente de aprendizagem e sociedade, a educação e o popular e vice-versa. (MELO NETO, 2014, p. 47).

Conforme o autor supracitado, a educação popular é um “sistema aberto” que pensa a educação interligando os pontos, a escola, a sociedade, os sujeitos, o território, o tempo para contextualizar um espaço-tempo do pensar e do agir para a formação de sujeitos críticos, criativos, coletivos comprometidos para pensar a si, o outro e o mundo para a reinvenção de outro mundo possível.

No Brasil e nos países da América Latina, “a educação popular é uma das mais importantes fontes de um pensar pedagógico decolonial, seja pelas experiências concretas de luta contra as opressões, seja pela formulação de um pensamento educacional original, crítico e libertador” (MOTA NETO; STRECK, 2019, p. 220). A práxis da educação popular, é um saber pedagógico decolonial, pois parte das nossas experiências. E uma das experiências mais brasileiras em termos de cultura e resistência é a capoeira.

Desse modo, é uma possibilidade de repensarmos nossa historicidade de povo, a nossa própria formação do povo brasileiro enquanto sujeitos e sociedade. É imperativo pensar sobre o que sabemos de nós e o que ensinamos de nós, o que julgamos como conhecimento legítimo e verdadeiro, para não cairmos nas armadilhas de uma monocultura e uma monocência eurocêntrica.

A memória se insere no campo da consciência histórica como a capacidade que seres humanos possuem para guardar fatos, acontecimentos, histórias e experiências que nos humanizam e nos possibilitam conhecer e reconhecer nossas marcas e identidades individuais e coletivas e nos orientam no presente para projeções e/ou construções de novos ou velhos futuros. Para os afrodescendentes e os povos originários os sujeitos mais velhos são os responsáveis – os guardiões – da memória de uma comunidade e de um povo. Significa que a

memória está em constante disputa entre colonizadores e colonizados para afirmar a superioridade de uma cultura sobre a outra, de uma ciência sobre a outra, quais são os heróis do mundo, qual a história que a história oficial brasileira conta, afinal, quem são os jecas tatus, os tios Barnabés e os sacis Pererê. Le Goff nos diz que,

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 426).

Para Le Goff (1990) a existência de senhores de memória e senhores de esquecimento nos provoca a investigar quem foram e ainda são os esquecidos da história brasileira e quem está sendo cotidianamente lembrado a exemplo o nome da capital da Paraíba, ligado as oligarquias políticas: João Pessoa. Quantas ruas, escolas, conjuntos habitacionais ainda são nomeados com nomes de militares, políticos e religiosos cristãos pelo território brasileiro.

Dialogar sobre quem é lembrado nos faz lembrar que negros e indígenas são pouquíssimos mencionados no cotidiano das cidades, nos falares, nos livros didáticos, o véu do esquecimento é colocado quando nos referimos aos que lutam pela sobrevivência. Mesmo assim, continuamos a contar outras histórias e fatos que acontecem na rua, na casa, nos corpos dos sujeitos populares. Podemos dizer que, “a memória é a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e transmitir as novas gerações. Ela pode ser coletiva ou individual, oficial ou marginal e só existe em diálogo com o esquecimento”. (SIMSON apud SILVA, 2020, p. 41)

Mesmo no apagamento intencional das elites sobre as lutas e a cultura do povo negro e dos indígenas como mecanismos de subordinação dessa parcela da população brasileira ao sistema econômico e político uma memória negra foi preservada através dos mais velhos/as, dos terreiros, da capoeira, dos ribeirinhos e dos quilombolas como “legado de luta permanente empreendida sobre os africanos escravizados e seus descendentes no Brasil para garantir a sobrevivência física e simbólica dessa população, âmbito no qual, historicamente, o espaço da cultura tem sido de grande importância”. (SILVA, 2020, p. 42).

Ainda segundo Silva (2020), os afrodescendentes mantiveram um legado que tem sido mantido e comunicado pelos Mestres e mestras da cultura popular e afro através da oralidade e corporeidade para as gerações atual e futura. Acrescentamos que muitos negros e negras intelectuais também foram responsáveis pela manutenção dessas memórias.

Comunicação dos/das Mestres/as para gerações do presente que também serão responsabilizadas para a continuidade da comunicação de saberes e fazeres das diversas

tradições para as gerações futuras se dão através do diálogo verbal e não-verbal, compreendendo que o “diálogo é encontro dos homens e das mulheres, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. (FREIRE, 2015, p. 109) na capoeira essa relação se dá com o eu, com o outro e com o mundo mediatizados pela roda de capoeira, na qual podemos compreender a roda como o “mundo”.

Mas tomando [...] o “diálogo que se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. (FREIRE, 2015, p. 109). O diálogo acontece em todas as etapas do processo de constituição do ser humano, na relação consigo mesmo na roda de capoeira, ele aos poucos se percebe como sujeito coletivo, na relação com o outro ele se percebe inconcluso e no lidar com o outro ele fortalece vínculos de pertença a comunidade, a família e ao grupo.

E na relação com a roda, ele se percebe como mais um na roda e carrega dentro de si a roda, a casa, o espaço-tempo para desafios externos, o outro, o centro da roda e internos, a posição do corpo, a defesa, o ataque, o inacabamento tudo isso entrelaça a constituição do ser capoeirista em múltiplos diálogos dentro e fora da roda e dentro e fora do mundo.

Diálogos entre mundos, a pequena roda “a capoeira” – percebendo a roda de capoeira como espaço de interação no qual o Mestre, apesar de ser mais experiente, se coloca em pé de igualdade e continua aprendendo – e a grande roda “o mundo” de gente que se encontra para juntos aprenderem e ensinarem, sobre outras histórias e lutas de pessoas comuns que lutaram pela liberdade e pela vida, de resistirem e descobrir outras formas de existência no planeta para além da opressão do sistema econômico e político vigente, no qual a construção do processo seja dialógico para os sujeitos, a produção do conhecimento e apreensão da própria realidade para seu desvelamento e a reinvenção das sociedades. Para Freire (2015),

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a ato de depositar ideia de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 2015, p. 109)

Conforme Freire (2015), o diálogo acontece entre homens e mulheres que se respeitam e nutrem sentimentos de amor e cuidado consigo e com o outro que reverberam no pensar e agir solidário e fraterno para a transformação das relações e do mundo. Entendemos que todos possuem conhecimentos diversos conforme o tempo e o espaço e que os sujeitos não devem ser tratados como copos vazios de conhecimentos e saberes.

Ao contrário, serem vistos como sujeitos que estão sendo forjados na cultura e, portanto, existe a necessidade de um diálogo intercultural. Compreendendo que a cultura afro, a cultura popular não possui generalizações nas suas existências, ao contrário, a cultura popular tem uma

relação direta com seus sujeitos e territórios. A Capoeira Angola Palmares praticada na Paraíba apresenta elementos de distinção em relação a prática da Capoeira Angola Palmares no Rio Grande do Sul.

Saberes. Conhecimentos populares ou conhecimentos do senso comum produzidos por pessoas comuns, quer dizer, mais conhecido como saberes produzido pelo povo numa determinada época e lugar. Mas existem outras formas de conhecimentos: religioso (relacionadas com crenças e a fé), o filosófico (sobre a existência humana) e científico (segue as etapas do método científico). Contudo, compreendemos a partir Carneiro (2005), Quijano (2005), que houve um epistemicídio, que significa morte de conhecimentos dos povos africanos, asiáticos e latinos, em nome da superioridade do conhecimento eurocêntrico sobre as demais formas de produção do conhecimento.

Sobre os “saberes dos Mestres”. O conceito e problematização sobre saberes é de fundamental importância. Saber é bem mais que conhecer. E, no caso dos Mestres, é o conhecimento vivido e refletido, que quando provocado ensina trazendo o que a linhagem³ completa dos Mestres trouxe antes. Há uma filosofia própria da Capoeira. Há uma filosofia específica da Capoeira Angola. “Menino, quem foi teu Mestre?” O que soube aprender e soube ensinar! Àquele que sabe!

Dialogando com Silva (2011, p. 31), a autora nos apresenta que “não é somente com a inteligência que se tem acesso a conhecimentos. Que é com o corpo inteiro – o físico, a inteligência, os sentimentos, as emoções, a espiritualidade – que ensinamos e aprendemos que descobrimos o mundo”. O que nos leva a considerar que o corpo produz conhecimento, e que os corpos negros têm produzidos diversos tipos de conhecimentos nos mais de 500 anos de presença negra no Brasil.

Para Gomes (2011, p. 52-54) podemos falar de “saberes políticos, identitários e estéticos”. Compreendendo respectivamente de aprendizagens individuais e coletivas respectivamente, os saberes políticos se constituem pela inserção nas ações/agendas de luta pelas ações afirmativas, de políticas de acesso e permanências em instituições públicas, de cotas nas universidades públicas, em concursos públicos, em partidos políticos e de implementação da lei 10.639/2003⁴ e que resulta na constituição de uma identidade afro-brasileira de luta que intersecciona com classe, gênero e território.

³ “linhagem”, termo que se refere à manutenção da herança de um determinado Mestre. (ABIB, 2017, p. 98).

⁴ O Presidente Inácio Lula da Silva, em 09 de janeiro de 2003, sancionou a Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas; e o 20 de novembro, como celebração do Dia da Consciência Negra.

Já os saberes estéticos/corpóreos são adquiridos na complementaridade de atitudes individuais e coletivas de assunção de uma identidade negra positiva para tal buscando na vivência cultural a partir de grupos de cultura (capoeira, maracatu e afoxés) e da ancestralidade de investigar pistas para traçar uma genealogia familiar de seus ascendentes e fazer conexões com a matriz afro-brasileira, de marcas corporais que exibem uma estética afro-brasileira de cabelos (black Power, tranças nagô e dreads), de roupas (vestimentas coloridas, abadá, maquiagem) e de turbantes.

Entendemos que a pedagogia como ciência da educação é composta de saberes: disciplinares, curriculares, ciências da educação, tradição pedagógica, experienciais e os saberes da ação pedagógica. Paulo Freire, numa perspectiva de educação popular, nos apresenta os saberes da experiência feito (1992, p. 70-71) que ensinar e também “partir dos saberes que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto para o outro e não ficar, permanecer. Partir do ‘saber de experiência feito’ para superá-lo não é ficar nele”.

Podemos dizer que “os saberes dos Mestres” conforme Freire (1992) são saberes produzidos nos fazeres do cotidiano, nas experiências vividas que são acumulados no decorrer da vida, e que nos falam do aprender fazendo e do fazer aprendendo pelo exemplo, formas de aprendizados social e cultural de diversas populações humanas que carregam em si o conhecimento engajado com a ação social. Quando falamos da população africana e afro-brasileira faz-se necessário destacar, que os saberes estéticos/corpóreos são referenciados não apenas à estética da arte, todavia “à estética como forma de sentir o mundo, como corporeidade, como forma de viver o corpo no mundo”. (GOMES, 2011, p. 54).

Para os povos negros e originários a educação passa pelo corpo, destacamos a capoeira como um processo de ensino e aprendizagem cultural e social afro-brasileira que possui fundamentos, comportamentos, musicalidade e tradição caracterizados pela corporeidade, ancestralidade, roda, ginga, musicalidade e axé comunicadas pela tradição da oralidade através do/a Mestre/a.

Para Freire (2015) a formação do docente (do educador popular) é permanente na vida e em toda sua trajetória profissional de educação para uma atuação qualificada na sala de aula, considerando-se a necessidade de apreensão do real e do reconhecimento da finitude, da inconclusão e da incompletude do ser humano. Tomando consciência de si percebe-se finito e incompleto e busca, sempre, construir-se na história, na busca ontológica do “ser mais” (Freire, 2015).

Nesse sentido, podemos dizer que a formação docente permanente (inicial e continuada) nas dimensões dos conhecimentos, prática e engajamento para preparar os docentes para lidar com as situações desafiadoras das aulas dentro de uma dialogicidade com a comunidade escolar, em especial, os/as estudantes e com o território e a territorialidade da escola, no tempo, no espaço e nas diversas dimensões socioculturais, políticas e econômicas que envolvem as pessoas que habitam o território e usam diretamente e indiretamente a escola.

Nessa perspectiva emancipatória Olinda (2011, p. 159) diz que o “sujeito da formação aprende com suas experiências (abordagem experiencial)”. Continua Olinda “a formação ou é experiencial ou não é formação. Formar-se é, na última instância, transformar-se” (JOSSO apud OLINDA, 2011, p. 159). De tal modo, podemos dizer que a experiência formadora possibilita de forma consciente a reflexão do eu, dos outros e das coisas nas experiências vividas ao longo da vida na qual os sujeitos cognoscentes problematizam sua presença no mundo, tomando consciência de si e das dimensões nas quais ela se forma.

Implica dizer, conforme Olinda, que a pessoa ao tomar

[...] consciência do que foi formador, das vivências experienciadas que reverberaram em aprendizagens significativas, habilidades, sensibilidades e competências que a tornaram ‘uma pessoa descoberta e valorizada na sua singularidade. (2011, p. 159)

A formação docente atualiza e possibilita o/a professora e o/a educadora popular (o/a Mestre/a de capoeira) nos aspectos teórico-científicos, multidimensional e prática para facilitar o trabalho pedagógico e a experiência vivida no mundo que visa a alfabetização e o letramento como um processo de educação problematizadora, em que a leitura e a escrita são habilidades desenvolvidas pelos/as estudantes com sentido e significados para a conscientização e mudança social através da investigação científica, mediação e intervenção sociocultural, processos criativos e críticos para a constituição do ser mais, entrecruzado com a ética, com a estética e assunção de uma identidade.

Podemos perceber os entrelaçamentos entre a capoeira e alguns conceitos caros para uma educação libertadora e emancipatória na perspectiva da educação popular: Diálogo; Construção compartilhada do conhecimento; Amorosidade; Problematização; Construção do projeto democrático e popular; assunção da identidade e Convivência com respeito a diversidade. Entendendo que, “somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o Ser Mais” (FREIRE, 2014, p. 63).

Desse modo, conforme o diálogo aconteça na relação entre educador-educando e educando-educador de forma aberta, crítica e criativa na qual se leve em consideração a realidade dos educandos/as e o respeito a bagagem cultural que ele traz para o ambiente escolar o processo de ensino e aprendizagem poderá de forma ética e com o engajamento social contribuir para a transformação da sociedade, o respeito à diferença e a diversidade cultural.

Isto posto, podemos compreender que a formação docente é urgente e necessária para a aprendizagem dos alunos e de contribuição para a construção da identidade e cidadania da comunidade escolar, levando em consideração os demarcadores de diferença: étnico-racial, gênero, geracional, território e religiosidade para a construção de um coletivo popular dentro do ambiente educacional, numa perspectiva emancipatória, de justiça cognitiva com as populações negras e os povos originários para a garantia de vida, liberdade e dignidade para as gerações atuais e futuras.

Ou seja, a formação docente deve, necessariamente, se se pretende emancipatória, partir de uma “Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação” (FREIRE, 2015, p. 43).

Como disse Freire (2015), “só o oprimido pode libertar a si próprio e ao opressor”. Apenas, nos atravessamentos da educação popular e da educação das relações étnico-raciais podemos construir juntos com as classes populares um outro projeto de sociedade, apenas pensando e fazendo juntos, o eu na relação com o outro, com o mundo e no mundo, ao assumirmos a posição de sujeitos “como ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais”. (FREIRE, 2015, p. 101)

Na perspectiva de sujeito do conhecimento, educador-educando busca com rigor metodológico as escolhas de conteúdos e a forma da atuação docente que deve se aproximar e respeitar a realidade dos/as educandos/as como meio de provocar a curiosidade epistemológica, a consciência de denunciar a visão produtivista e mecânica da educação e anunciar o processo educativo como uma oportunidade à liberdade e emancipação.

A formação docente do capoeira exige conforme Freire (2014) os saberes necessários à prática educativa: diálogo, ética e estética, assunção da identidade, pesquisa e rigorosidade metódica, amorosidade e cuidado para que ao longo do tempo-espço para aceitação do outro e reconhecimento do mesmo em si próprio. É comum na fala dos praticantes de capoeira referências de gratidão ao seu Mestre, aos velhos capoeiristas e aos alunos. Para Silva (1989, p. 27), “o Mestre é aquele aluno que quer aprender”. Ele é Washington Bruno da Silva, Mestre Canjiquinha (falecido) que nos apresenta o que é o Mestre. Quer dizer, aluno-Mestre e Mestre-

aluno que se constitui numa relação de reciprocidade ao mesmo tempo que aprendo eu ensino mediado pelo mundo (a roda de capoeira).

Percebemos que a capoeira é uma aprendizagem sociocultural dentro e fora da roda que nos forma Mestre ao formar o outro (o aprendiz) no vai-e-vem da ginga da roda e da vida através dos saberes vivenciados afro-diaspóricos: circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, cooperativismo/comunitarismo, ancestralidade, memória, ludicidade e energia vital que oportunizam a continuidade da capoeira entre conflitos/negociações, os saberes científicos e escolares que nos afirmamos como Mestres/mestras de capoeira.

De acordo com Imbernón (2016, p. 33) “compromisso, contexto e conhecimento, três elementos fundamentais do ofício de professor”. De tal modo, o/a Mestre/a compreende os fundamentos do ofício de ensinar e os amplia para além da sala de aula para a vida, para a reconexão de todos/as através da roda na busca do ser mais. Capoeira é uma manifestação cultura afro-brasileira que possui múltiplas dimensões sendo ao mesmo tempo dança, luta e jogo conforme Rego (1968), Sodré (2002), Abib (2017), Iphan (2014) e Reis (1997).

A partir da convergência com o pensamento decolonial buscamos perceber a capoeira numa perspectiva de cultura negra afro-diaspórica. De tal modo, dialogamos com Silva (2017, p. 31) compreendemos a “oralidade como o lugar da subjetividade por excelência, momento em que reflexões, percepções, afetividade são rememoradas e também revividas”. Cantando e contando vamos resistindo e reexistindo como povo que ginga, o que escravidão espalhou a capoeira, os terreiros e os quilombos juntaram os africanos da diáspora.

Assim sendo, compreendemos a decolonialidade como um pensamento empírico e teórico que se constitui a partir das resistências dos povos originários da América Latina e afro-caribenhos nas suas lutas contra o sistema opressor dos colonizadores e do sistema capitalista vigente. Todavia, apenas com o grupo Modernidade/colonialidade, a decolonialidade passa ao nível de aceitação do conceito e de categoria analítica utilizadas pelos intelectuais-acadêmicos.

O conceito de decolonialidade, de acordo com Mota Neto (2015, p. 49), “deve ser entendido, a despeito de sua diversidade, como um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade contra as classes e os grupos sociais subalternos, sobretudo das regiões colonizadas e neocolonizadas pelas metrópoles euro-norte-americanas, nos planos do existir humano, das relações sociais, e econômicas, do pensamento e da educação.

Desse modo, o pensamento decolonial para Mota Neto (2015) considera a necessidade de reconhecer a diversidade de culturas, para tal propõe a abertura do diálogo de saberes para romper o silenciamento e/ou negação cometidas pelo processo de colonização que orientou e

orienta a produção científica, filosófica e literária até os dias atuais. A decolonialidade faz com que os conhecimentos do Outro não-eurocêntrico sejam tidos também como conhecimentos legítimos e válidos para a constituição dos seres humanos com uma consciência planetária que contribuía para a mudanças das sociedades para a composição de mundo plural, equânime, pacífico e com justiça social.

A educação é um caminho para mudar as pessoas, as pessoas educadas numa perspectiva emancipatória lutam para a transformação das sociedades (Freire, 2015). E possibilita outras formas de fazer ciência para além do que já foi conceituado pelo eurocentrismo como critério de validade e legitimidade pela ciência moderna: neutralidade e objetividade.

Compreendemos o racismo como ideologia/doutrina que utilizou como base o princípio biológico e natural da existência de raças humanas para a classificação e hierarquização da humanidade entre os superiores e inferiores, de tal modo que justificou a dominação de outros povos não-europeus.

No processo de colonização do Brasil, foi justificada a escravidão negra e dos povos originários pelo viés biológico “que não possuíam almas pela epiderme escura” e mais tarde no século XIX a ciência moderna através do darwinismo fez a classificação das raças humanas: os civilizados, os europeus, os bárbaros, os africanos e os primitivos, os indígenas.

Tudo isso gerou até os dias atuais o racismo que se efetiva em atitudes/ações de violência contra o outro, que não seja o padrão branco (eurocêntrico). Mesmo que já tenha sido explicado pelas diversas pesquisas científicas que só existe uma única raça: a humana.

Ainda se buscar explicar as desigualdades sociais utilizando o fenótipo para determinar a superioridade de uma raça sobre as demais, o que reverbera em desigualdades do saber, para Munanga (2004) existe uma justaposição de saberes na escola brasileira, enquanto os conhecimentos eurocêtricos estão em cima, por baixo estão os conhecimentos da matriz afro-indígena.

Para além da instituição escolar, de acordo com Muniz Sodré (2023) o racismo ficou alocado no senso comum e no imaginário social das pessoas negras e não-negras brasileiras. Desse modo, o Movimento Negro percebeu a necessidade de ressignificar o termo raça, compreendendo-a como construção social, histórica e cultural. O que possibilitou a invenção de estratégias de lutas de reivindicações de políticas de ações afirmativas para os descendentes de povo negro para o desenvolvimento saudável da sociedade brasileira.

Perceber que o termo raça operacionaliza o racismo estrutural e o institucional que gerou e gera situações cotidianas de racismo nas instituições públicas e privadas educacionais, de saúde, de segurança etc. Por isso, o Movimento Negro “ele reeduca e emancipa a sociedade, a

si próprio e ao Estado, produzindo novos conhecimentos e entendimentos sobre as relações étnico-raciais e o racismo no Brasil, em conexão com a diáspora africana” (GOMES, 2017, p. 38).

Tomamos a partir de Rego (1968) a Capoeira enquanto uma invenção de africanos no Brasil. Assim, podemos dizer que a Capoeira é uma manifestação afro-brasileira. Nessa perspectiva de Capoeira como patrimônio de matriz afro-brasileira então podemos dimensionar a Capoeira centrada na ancestralidade, oralidade, corporeidade, musicalidade.

Partindo do pressuposto da ancestralidade da Capoeira trouxemos a figura do Mestre como guardião do saber/fazer capoeirísticos e responsável pela transmissão desse conhecimento para gerações atuais e futuras da Capoeira (ABIB, 2017).

Neste viés compreendemos a necessidade de conhecer o próprio processo de formação do Mestre de Capoeira ao longo do tempo, uma vez que através do/da Mestre/a de Capoeira houve uma expansão da Capoeira para mais de 150 países, conforme os dados do Ministério da Educação e Cultura – MEC e se faz presente em todos os estados brasileiros (IPHAN, 2014).

O Mestre através do carisma, dos saberes/fazeres compartilhados e pela reprodução dos gestos em rituais que produzem laços de afetividade e comunitários para além da roda para a vida. Segundo Freire (2014) o educador progressista assume uma posição ética, democrática e participativa que favorece em seus educandos uma tomada de posição de sua identidade cultural.

É nessa perspectiva que alinhamos o conceito de educador progressista com a trajetória de Mestre-educador, sintonizados com a cultura da luta pelos direitos humanos de negros e não-negros a fim de uma transformação social com base numa educação mais humana, mais solidária, mais amorosa na qual os sujeitos das camadas populares perseveram em fazer aproveitando “as brechas”, as “frestas” do sistema conforme Brandão (1981).

Segundo Oliveira e Silva (2021, p. 162) “a capoeira dos vadios e vagabundos que vai a ser, subsequentemente, estratosfera da luta contra o racismo estrutural que afeta a vida de todo o povo negro dentro da sociedade brasileira”. E a figura do Mestre de Capoeira simboliza esse potencial dos saberes/fazeres ancestrais que possibilita gingar diante das opressões diárias na luta pela sobrevivência e tornam-se guias para um número grande de jovens, que estão no fio da meada “Viver com Rei ou morrer feito Zé”.

Nessa luta diária a Capoeira e o Mestre tornam-se uma inspiração de luta, um tempo real de sentir no corpo, para continuar sobrevivendo e alimentando a utopia de “outro mundo possível”, é possível andar com as mãos na Capoeira. De tal modo, é necessário problematizar

o lugar dado ao negro “numa sociedade estruturalmente racista, o qual o/a negro/a passa por um processo que o aliena para sua própria existência” (OLIVEIRA, SILVA, 2021, p. 162).

A prática da Capoeira foi e é, muitas vezes esse lugar de afirmação de valores afro-diaspóricos, uma experiência de sentido existencial, todavia o/a praticante ainda está submetida ao contexto discriminatório por sua identidade com a cultura negra, essa condição faz parte do racismo estrutural, como alerta Sílvia Almeida,

O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre ‘pelas costas dos indivíduos’ e lhes parece legado pela tradição. [...] a viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. (2019, p. 34)

As lutas antirracistas transcorrem a todo momento e as políticas sociais, sobretudo, as políticas educacionais ganharam notoriedade no Brasil, a partir da luta do Movimento Negro durante uma incansável organização para descolonizar as estruturas, e nesse debate, as práticas de Educação Popular que se aliam aos saberes da e na roda da Capoeira são possibilidades emancipatórias. Tais saberes culturais estão em nossas práticas e na ginga que possibilita a transformação através do corpo,

O corpo se transforma em corpo receptor (ou transformador). E ele descreve, ele anota que, em sua transformação, a vida social está mudando também. O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações e do conhecimento sobre a vida [...] o corpo expressa suas descobertas, esse corpo se agrupa em um grupo e se expõe em movimentos sociais. (FREIRE, 1976, p. 34).

A Capoeira é um tempo-espço de uma aprendizagem com significados de liberdade, de existência e solidariedade. Assim, o Mestre assume o papel de porta-voz do mundo afro-brasileiro, é o herói muitas vezes negro negado na história oficial mesmo com a Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e privadas.

Então, percorrer as rodas e os caminhos da tradição do passado às lições do presente o processo de formação do Mestre de Capoeira na perspectiva da educação popular centrado no combate ao racismo e na valorização dos direitos humanos de negros e não-negros, pois a partir da Capoeira e da convivência com o Mestre o educando-capoeirista constrói laços de pertencimentos a cultura afro-brasileira e ao povo negro, é um empoderamento que acontece no coletivo do grupo de Capoeira.

Nilma Lino Gomes nos traz o Movimento Negro como Educador conectada com a concepção de Paulo Freire (2015) no qual a educação é uma ato político e a transformação social apenas acontece no coletivo trazemos a discussão de Kabengele Munanga (1998) da necessidade de não mais justapor o saber eurocêntrico aos outros saberes na educação brasileira,

ele nos aponta que reconhecer a matriz africana e indígena é uma questão de lutar contra as desigualdades de saberes que refletem as desigualdades sociais que deixa a população negra brasileira nas camadas de maior vulnerabilidade social e pessoal, muitas vezes abaixo da linha pobreza.

Dessa maneira, o enfoque de nossa pesquisa é a dimensão da mestria da Capoeira na perspectiva da educação popular que possibilita a continuidade e reinvenção da Capoeira enquanto cultura da luta e de combate ao racismo levando em consideração que não dá mais para desatrelar raça, classe e gênero⁵.

E ao atravessar as narrativas de cada Mestre e mestra fomos atravessados pelas alegrias, esforços, desafios, tristezas, desejo e persistência de permanência na Capoeira e de responsabilidade com a própria continuidade da Capoeira enquanto espaço-tempo do jogo que produz sentidos, significados e afetos para dentro e fora da roda. Histórias de superação, de rupturas, de afastamentos do grupo de Capoeira e das rodas, sentimentos de angústias com a falta de reconhecimentos e de convites para viagens e eventos de Capoeira. Tudo isso marca as falas, os corpos, os conteúdos e as formas de cada Mestre/a e suas formas de atuação no decorrer do tempo e das rodas.

Todavia, nos revela a dimensão de uma memória afetiva de suas aprendizagens e ensinamentos que também formam os saberes do Mestre, as histórias dos capoeiras mais antigos, dos companheiros de treinamento, dos jogos, das músicas, dos nomes de movimentos, do jogo duro das rodas de rua, dos eventos e das trocas de graduações, tudo isso marca uma memória que constrói em conexão com outros saberes a identidades do Mestre de Capoeira.

Cada pernada nessa roda, cada arrepio nas idas e vindas da ginga mostra-se no corpo o capoeira. Nas palavras do saudoso Mestre Macaô⁶, “Quando o aluno abre a porta ele traz consigo o Mestre; quando o Mestre entra traz consigo o aluno”. Sendo atravessado pelo ensinamento do Mestre Macaô, podemos trazer o diálogo entre a Capoeira e a filosofia Ubuntu “eu sou porque nós somos”. Já na década de 1990, Mestre Macaô nos provocava a reflexão crítica do filosofar partindo da experiência do feito capoeirístico: Quem é o ser aluno? Quem é o ser Mestre?

⁵ A interseccionalidade pode ser compreendida como uma forma de explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Trata-se de entender que as relações de poder que envolvem raça, classe, gênero, orientação sexual, por exemplo, não são entidades distintas nem mutuamente excludentes. (Gomes, 2023, p. 5)

⁶ Mestre Macaô, aluno do Mestre Nô, também foi um poeta e filósofo. Foi o responsável por implantar o Grupo Capoeira Angola Palmares na cidade de Canoas – RS, em Boa Vista – RO e em Aracaju – SE.

Segundo o Mestre Macaô o aluno e Mestre só acontece numa relação de reciprocidade, quer dizer, uma mão dupla. De acordo com Paulo Freire (2014) na educação popular o processo de ensino-aprendizagem acontece simultaneamente enquanto o professor ensina ao aluno, ele aprende também nesse processo.

Todavia, para a Capoeira o aluno e o Mestre estão imbricados na roupagem da Capoeira, ao ponto que na chegada do aluno se vê o Mestre, pois segundo Mestre Canjiquinha (1989, p. 27) “Mestre é o aluno que quer aprender”, ao ponto de haver uma conexão existencial de ideias, corpos, movimentos e de princípios que regem o próprio ser capoeirista; quando não se percebem essa conexão com a linhagem, se faz a pergunta: menino, quem foi teu Mestre?

1.4 TRILHANDO OS PASSOS DOS MESTRES DE CAPOEIRA NA METODOLOGIA DA PESQUISA

O presente trabalho dissertativo tem como objetivo geral analisar o saber na/da roda de Capoeira Angola no processo de formação do Mestre de Capoeira no tempo e espaço numa perspectiva da Educação Popular e de combate ao racismo. Neste sentido, elegemos os seguintes objetivos específicos: 1. identificar as interfaces entre a capoeira e a educação popular; 2. Identificar os saberes/fazeres exigidos para a formação do Mestre de Capoeira na década de 2000, os princípios capoeirísticos e o processo de transformação do Mestre de Capoeira para o Mestre-educador de Capoeira atual numa perspectiva da Educação Popular e 3. Refletir como o Mestre contribui na melhoria da educação das relações étnico-raciais de negros e não-negros e de combate ao racismo a partir da memória, oralidade e corporeidade da Capoeira.

A nossa hipótese é que, a prática educativa da Capoeira contribui para a autonomia dos educandos e Mestres de Capoeira e coopera para a construção dos laços afetivos e vínculos comunitários dos capoeiristas aos seus grupos potencializando o vivencial-operativo dos saberes ancestrais de resistência cultural negra e de combate à violência e ao racismo, pois,

Os processos educativos da Capoeira Angola reforçam a identidade coletiva de seus praticantes, negros e não-negros. Este processo permite que a identidade individual também possa ser reforçada, constituindo um processo educativo no qual pessoas podem aprender a conviver num ambiente não-discriminador e, ainda por cima, aprendem a levar isto, a devolver este conhecimento, para a sociedade. (NOGUEIRA, 2007, p. 87)

Neste sentido, percebemos que a Capoeira vem sendo reconhecida pela sociedade vigente e em contramão, os produtores dessa cultura, os(as) Mestres (as) não são reconhecidos para outras esferas da sociedade, que não seja o seu Grupo de atuação, enquanto sujeitos que

exercem a prática da Educação Popular. Pois, está presente nas leis que buscam instituir a Capoeira nas escolas as disputas sobre quem deve ministrar (Mestres tradicionais ou profissionais da educação física) as aulas de Capoeira no âmbito do chão da escola, porque

Nos habituamos a ver cultura somente ali onde o conceito exerce o seu mandato de onipotência. Por isso temos dificuldade em reconhecer a sabedoria do analfabeto ou do pobre, cegos para a evidência de que culto e sábio (e não erudito, letrado) é aquele que produz saber a partir de sua precariedade no mundo. (SODRÉ, 2002, p. 22).

Sodré (2002), nos mostra os indícios de que ainda no imaginário coletivo há a ideia de uma monocultural, uma monoeducação formatada no eurocentrismo, isso reverbera nas outras dimensões da vida e da sociedade, o que ainda limita o olhar para outras formas de produção do conhecimento, inclusive de outras educações, uma delas a capoeira, vista como um saber menos produzido pelos negros e pobres.

O PLS 17/2014⁷, de autoria do ex-senador Gim Argelo, reconhece o caráter formativo e educacional da capoeira autorizando as escolas públicas e privadas da educação a realizarem parcerias com Mestres e outros praticantes de capoeira a ministrarem aulas nas escolas. O projeto sofreu alterações propostas pelo relator, o senador Otto Alencar, que é capoeirista, pois a proposta original em seu parágrafo segundo, do artigo segundo previa que “o profissional de capoeira será acompanhado por docentes de educação física vinculados à instituição”.

A lei do estado da Bahia nº 14.341/2021⁸, conhecida como Lei Moa do Katendê, reconhece a capoeira como atividade educacional, cultural e como esporte de participação. Um dos objetivos deste projeto é a inserção da capoeira no currículo escolar. O nome dado a lei é uma homenagem ao Mestre Moa do Katendê, que foi brutalmente assassinado no ano de 2018 por um eleitor bolsonarista.

O projeto de Lei 425/2021⁹, de autoria da vereadora Jô Oliveira (PC do B) é muito parecido com o que propõe o PLS 17/2014, pois seu objetivo é o reconhecimento do caráter educacional e formativo da capoeira e suas manifestações culturais e esportivas, permitindo a celebração de parcerias para o seu ensino nos estabelecimentos de educação públicas municipais de Campina Grande – PB.

A lei apresenta o percurso histórico da capoeira e busca fundamentá-la na Lei Federal 10. 639 de 2003, a qual altera a LDB 9394/96, acrescentando o "Art. 26-A., que diz em sua

⁷ Disponível em: https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=4347304&ts=1630429940794&disposition=inline&_gl=1*1kux0fv*_ga*MTYzMjYwNz M2Ny4xNzA4MjM1NDQ1*_ga_CW3ZH25XMK*MTcwODIzNTQ0NS4xLjEuMTcwODIzNTUxMC4wLjAu MA.. Acesso em: 17 fev. 2024.

⁸ Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ba/lei-ordinaria-n-14341-2021-bahia-dispoe-sobre-a-salvaguarda-e-o-incentivo-da-capoeira-no-estado-da-bahia>. Acesso em: 17 fev. 2024.

⁹ Disponível em: <https://www.camaracg.pb.gov.br/materiaslegislativas/>. Acesso em: 17 fev. 2024.

redação “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”. Também busca se amparar no Estatuto da Igualdade Racial, Lei Federal nº 12.288/10, artigo 22 que reconhece “todas as suas modalidades em que a capoeira se manifesta, seja como esporte, luta, dança, ou música sendo livre o exercício em todo o território nacional”.

Na cidade de João Pessoa, também se ensaiou a introdução da capoeira nas escolas através de um Projeto de Indicação proposto no ano de 2019, pelo então vereador João Almeida (SD), o projeto em questão buscava “instituir a Capoeira como disciplina complementar da base curricular dos alunos da rede municipal de ensino do município de João Pessoa.

Esta proposta de indicação apresenta um retrocesso em relação às demais, pois no parágrafo único do artigo terceiro está evidente a maneira desrespeitosa com a qual o proponente se refere aos Mestres tradicionais, “Parágrafo Único – Em casos excepcionais, ficam aptos à ministrar, na condição de auxiliar, os Mestres com notório saber da capoeira”.

Essa maneira de propor “benefícios” para a capoeira deixando de fora os “detentores dos conhecimentos tradicionais desta manifestação e responsáveis pela transmissão oral das suas práticas, rituais e herança cultural” (IPHAN, 2014, p. 145) é uma forma de quebrar a cadeia de transmissão tradicional dos saberes da capoeira. O parágrafo terceiro também se mostra contraditório em relação ao que está escrito na própria justificativa para a indicação o qual diz que a prática da capoeira contribui para “conhecer a nossa identidade”.

Como se aprender sobre a própria identidade negando aqueles que vieram antes de nós. Outro ponto que gera insatisfação está presente no final da redação da justificativa da proposta, pois ela coloca como de extrema simplicidade trabalhar com a temática da capoeira no espaço escolar, desconhecendo as situações de discriminação com a qual a capoeira e seus praticantes tiveram que aprender a conviver, como diz a música aprender “a mandinga de dançar dentro da briga”.

A letra do texto de justificativa também diz que “é um tema fácil de ser trabalhado na escola, pois não requer materiais de grandes custos, não se faz necessário um espaço físico apropriado e nem indumentária sofisticada”. A forma como essa ideia de levar a capoeira para dentro dos espaços de educação oficial já tem inclusa nela a precarização da atuação do profissional de capoeira, pois está contida nela a ideia de que qualquer ambiente é adequado para se ensinar a capoeira e que qualquer vestimenta é apropriada.

Existe hoje na rede municipal de ensino, o Projeto capoeira no Chão da escola: gingando entre saberes que foi elaborado a partir do TCC “A Capoeira Angola no espaço escolar: uma experiência da prática da capoeira na EEEF Ana Higina” e da dissertação “Educação Popular

nas práticas de ensino e aprendizagem da Capoeira Angola: a práxis educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares – PB”, que possibilitaram a elaboração do projeto-experimental tendo a concepção da capoeira como manifestação da cultura afro-brasileira em acordo com a Lei 10.639/2003, como uma educação popular e na perspectiva decolonial que iniciou em agosto de 2022. A implementação do projeto pela Secretária de Educação foi articulada pelo Coletivo de Capoeira da Grande João Pessoa, Conselho de Mestres da Paraíba e Fórum de Capoeira de João Pessoa.

Compreendemos a necessidade de gingar entre saberes para a implementação da capoeira nas escolas e a salvaguarda da capoeira e de seus Mestres/as. Há necessidade de pesquisas a partir de dentro para a produção de conhecimento engajado com a transformação social. Para tal, fizemos a construção teórica-metodológica desta pesquisa sobre a Formação do Mestre de Capoeira numa perspectiva de educação e de combate ao racismo, fizemos uma escolha pela pesquisa qualitativa que nos possibilita o ato de conhecer os sujeitos, suas crenças e suas ações no decorrer do tempo e do espaço.

Segundo Rapimán (2015, p. 214) a pesquisa qualitativa “é determinada pela busca da essência da realidade humana e social. Essa metodologia e os procedimentos técnicos utilizados constituem o denominador comum de todas as abordagens que podem ser agrupadas no conceito de pesquisa qualitativa”. Para tal, entendemos que para a compreensão deste estudo tomamos a abordagem da pesquisa qualitativa, conforme Rapimán (2015, p. 212), a enunciar que “nas ciências humanas, a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo compreender os fenômenos sociais, grupos de indivíduos ou situações sociais”.

Tendo nosso fenômeno de estudo, a Capoeira buscamos identificar, relacionar e refletir a Capoeira numa perspectiva da educação popular, produzida pelos sujeitos das classes subalternas e numa perspectiva de combate ao racismo, tecendo uma conexão de saberes sobre os sujeitos e os grupos de Capoeira em situações vividas numa dimensão histórica e social.

Ao adotarmos a abordagem da pesquisa qualitativa fizemos o recorte pelo do tipo pesquisa participante, uma vez que este estudo pretende horizontalizar a relação sujeito pesquisador-sujeito pesquisado, na qual me insiro no universo pesquisado como sujeito-pesquisador-Mestre-capoeira. Neste sentido, percebemos a pesquisa participante como “um instrumento científico, político e pedagógico de produção partilhada, de conhecimento social e, também, um múltiplo e importante momento da própria ação popular” (BRANDÃO, 2006, p. 28).

Dialogando com autor, ele nos instrumentalizou para a produção do conhecimento compartilhado e engajado com a ação social, neste caso, nos possibilitou elaborar junto com

outros(as) Mestres(as) partindo dos saberes e fazeres práticos de cada Mestre(a), em lugares e tempos diferentes elucubrações sobre o que é o Mestre de Capoeira? Quais são as aprendizagens e os ensinamentos necessários na formação do Mestre de Capoeira ancorados na ancestralidade, na tradição de Capoeira Angola?

O desafio é produzir na horizontalidade do método selecionado, a “pesquisa participante” e na dialogicidade com os sujeitos reflexões e análise sobre como foi e está se dando a formação de Mestres(as) de Capoeira junto às suas comunidades e como a sociedade brasileira tem se relacionado com a figura, com esse novo ator social o “Mestre(a) de Capoeira”? Afinal para Brandão,

Conhecer a própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a reescrever a História através da sua história. Ter no agente que pesquisa uma espécie de gente que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a pesquisa participante – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados – pretende ser um instrumento a mais de conquista popular. (1986, p. 12).

Ainda conforme Brandão (1986) conhecer é também conhecer a si e a sua história, produzir um conhecimento engajado com a transformação social. Assim, conhecer quem é esse Mestre de Capoeira, se ele assume a posição de educador progressista ou autoritário. Refletir e problematizar as vivências cotidianas na roda de Capoeira e na roda do mundo submetidos às diversas forças políticas que o Brasil tem atravessado: ditadura militar, governo militar, abertura democrática, presidentes eleitos, esquerda e direita. Então, dizer a partir de nossos encontros e desencontros desta pesquisa a materialização de um texto com as nossas próprias palavras como foi sendo forjado o/a Mestre/a de Capoeira e a Capoeira.

Existe uma necessidade ontológica de reconhecer os diversos sujeitos desta pesquisa como sujeitos cognoscíveis, partindo de suas vivências e do chão dos lugares que pisam. São pessoas que transitaram o mundo partindo ou atravessados pela roda de Capoeira, a exemplo do Mestre Nô que aos dezessete anos toma a Capoeira como sentido existencial “de vida”, e ele percorreu caminhos da Cidade baixa, Alagados, Salvador, Bahia, na década de 1950, passou pelos EUA, Rússia, Inglaterra, Itália, Suíça, os seus passos, os movimentos o levaram para o mundo e trouxe o mundo para a Cidade Baixa.

As partilhas de saberes capoeirísticos, a exemplo, do Mestre Ombrinho que conheceu os lugares, as pessoas, a cultura brasileira in loco nos estados brasileiros, em especial, na Bahia. Ele canta em português as músicas de Capoeira e buscou compreender os não-ditos, os gestos, os dizeres de “segunda intenção”. Significa que há uma produção dos saberes e fazeres da

Capoeira que vão sendo elaborados nessa partilha de corpos em movimentos na roda e da roda de Capoeira.

Na Capoeira, cada um aos poucos vai se percebendo participante deste conhecimento e este viés que dialogamos para esta produção de um texto com sentidos e significados problematizados para a construção compartilhada de conhecimento sobre a formação do Mestre(a) de Capoeira para contribuir com a “descolonização das mentes” e enunciando uma ação pedagógica afirmativa de assunção da identidade como saberes necessários a prática educativa (FREIRE, 2014), e dessa forma possamos contribuir para um outro mundo possível, a conscientização do eu e do outro-eu, que podemos ser um eu-coletivo.

Enfatizamos que nosso estudo, inicia com a problematização de: qual será o caminho desta pesquisa? E a pesquisa participante emergiu dos indícios dessa metodologia que não coisifica a relação do estudo entre sujeito e objeto, daí, percebendo essa abertura como possibilidade de diálogos com outras matrizes de conhecimento, neste caso, a matriz afro-indígena ao possibilitar a horizontalidade entre os sujeitos investindo na potencialidade de cada sujeito-Mestre deste estudo. Segundo Reis D.,

Para além de reduzir os sujeitos racializado ao problema sobre o qual os estudos se debruçam, os movimentos e os agentes sociais das pesquisas reivindicam uma relação sujeito-sujeito que, em si mesma, questiona a verticalidade hierárquica dos enfoques teóricos e confere projeção aos movimentos de resistência protagonizados pelos próprios sujeitos implicados nas lutas. (2021p. 37).

O diálogo com Diego Reis (2021), nos possibilita afirmar a relação sujeito-sujeito percebendo o poder de agência, ou seja, “a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais para o avanço da liberdade humana” (ASANTE, 2009, p. 94). De cada sujeito-Mestre para a construção desta teia pedagógica de conhecimentos que nos possibilita e nos provoca ao esforço de conhecer outras formas de conhecer dialogicizada e horizontal. Reconhecer outro *modus operandi* de pesquisa, de desvelar o véu da realidade que cobriu com seu manto branco, os corpos negros, e com sua pena e papel, outras vozes e saberes. E a diluição do nosso eu-coletivo, de nossas famílias, de nossas comunidades, de outra filosofia africana, Ubuntu “eu sou porque nós somos” e do Pensar Nagô (Sodré, 2017).

Percebemos que a partir da dimensão da oralidade e das músicas de Capoeira tivemos pistas sobre o processo de formação do Mestre a partir da vivência dos próprios Mestres contadas e cantadas em conversas em roda. E aliamos com diálogos com autores a partir do que já foi sistematizado em livros, dissertações, teses, revistas sobre Capoeira. Portanto, fizemos uma pesquisa bibliográfica. Compreendendo a pesquisa bibliográfica, conforme Severino (2013, p. 106), como “aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de

pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrado”.

Assim, nossa pesquisa aconteceu numa revisão da literatura sobre Capoeira, negritude e Educação Popular para a compreensão mais ampla sobre nossa temática, na qual recortamos apenas o que foi e está sendo produzido na Capoeira na perspectiva da educação para termos os subsídios necessários para a apreensão do processo de formação do Mestre numa perspectiva da educação popular e antirracista.

Para isso fizemos, pesquisas no repositório da Biblioteca Digital Brasileira Teses e Dissertações – BDTD, abrangendo o período de publicações de 2019 a 2023, usamos os descritores: Capoeira, Capoeira e educação, Capoeira e educação popular; Capoeira e negritude; Capoeira e combate ao racismo; e Capoeira e formação docente.

Ao realizar a busca sem inserir o recorte temporal, podemos vislumbrar que as pesquisas de mestrado sobre Capoeira e educação vem numa crescente, potencializando outras interfaces com a educação: educação popular, a negritude, ao combate ao racismo e a formação docente. Todavia, percebemos que no decorrer do tempo tem se mantido um distanciamento entre a quantidade de dissertações sobre Capoeira e o número de teses. O quadro abaixo mostra um pouco disso. Ainda é incipiente o número de teses sobre Capoeira e educação, ou no caso quando relacionamos Capoeira e o combate ao racismo, o número de dissertações e teses se igualam por poucas produções.

QUADRO 1 - Produção Acadêmica sobre Capoeira na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (sem recorte temporal)			
Descritor	Dissertações	Teses	Total
Capoeira	594	214	808
Capoeira e educação	152	58	210
Capoeira e educação popular	34	20	54
Capoeira e negritude	05	02	07
Capoeira e combate ao racismo	03	02	05
Capoeira e formação docente	10	02	12

Fonte: Biblioteca Digital de Tese e Dissertações – BDTD, em 16 de agosto de 2023.

Ao realizar a busca inserindo o recorte temporal 2019 a 2023, podemos compreender que está havendo uma continuidade nas pesquisas sobre Capoeira e educação e ampliando para outras interfaces que aproxima a Capoeira da educação e não apenas da educação física. Tanto que nos últimos quatro anos a Capoeira e educação e Capoeira educação popular totalizaram

48 trabalhos, 26 dissertações e 12 teses, esses dados mostram o aumento no cenário das pesquisas que trazem à tona o potencial educativo da Capoeira, e que podemos perceber que neste mesmo período as demais produções de dissertações e teses se interrelacionam a Capoeira e negritude e Capoeira e combate ao racismo e formação docente com processos educativos.

QUADRO 2 - Produção Acadêmica sobre Capoeira na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (recorte temporal 2019 – 2023)			
Descritor	Dissertações	Teses	Total
Capoeira	20	20	40
Capoeira e educação	20	15	35
Capoeira e educação popular	06	07	13
Capoeira e negritude	02	01	03
Capoeira e combate ao racismo	03	02	05
Capoeira e formação docente	03	01	04

Fonte: Biblioteca Digital de Tese e Dissertações – BDTD, em 16 de agosto de 2023.

Selecionamos três produções acadêmicas cujo fenômeno é a capoeira e o lócus dessas pesquisas foi o Grupo Capoeira Angola Palmares numa perspectiva de refletir a capoeira na dimensão educacional. Para tal, cada pesquisador/a extraiu da sua própria imersão na capoeira, como sujeitos orgânicos do Grupo Capoeira Angola Palmares a motivação e a inquietação para eleger a capoeira como fenômeno de pesquisa, compreendendo que a convivência no grupo, nas rodas de capoeira, com os/as Mestres/as lhes proporcionou ensinamentos e um aprendizado social para a roda de capoeira e para a vida.

Percebemos que essa aprendizagem encarnada nos corpos dos capoeiristas-pesquisadores/as deram o insight para as suas pesquisas com o intuito de contribuição para uma educação emancipatória e democratização da escola pública, na qual educandos e educadores no processo dialógico produzem conhecimentos, sentimentos de pertença, redes de cuidados, afirmação de identidades e espaços de convivência democráticos com ênfase no direito à diversidade e o direito à diferença (Lei 10.639/2003 e 11.645/2008¹⁰) propondo a construção de novos olhares e pensamentos sobre os povos originários e os povos africanos e afro-brasileiros assentados em territórios do campo e das cidades brasileiras.

Compreender as relações sociais, econômicas, políticas, culturais e humanas forjadas no território brasileiro é imprescindível para o desvelamento do mito da democracia racial e efetivação da democracia real brasileira, o que poderá afetar “a naturalização das desigualdades

¹⁰ Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

sociais que reverberam em desigualdades cognitivas” possibilitando as pistas e os indícios necessários para a desconstrução dos lugares sociais dados aos negros e seus descendentes: as favelas, os presídios e o desemprego. Os/as pesquisadores/as estão propondo outro ponto de partida, outro locus de pesquisas a capoeira nas suas múltiplas dimensões de luta, dança e jogo que atravessaram e atravessam os fatos e acontecimentos que marcam a população brasileira, atualmente, autodeclarada 55,5% de negros (Censo demográfico 2022)¹¹, o que significa parcela preponderante do povo brasileiro é de negros.

Trazer à tona as outras educações da capoeira, dos terreiros, das escolas de samba, do hip hop para curar as mazelas do Estado brasileiro que contaram apenas uma única história dos corpos negros escravizados, apagando a memória de orgulho da resistência dos heróis negros e heroínas negras: Luiza Mahim, João Cândido, Besouro Mangangá, Zumbi dos Palmares, Dandara, Acotirene, Mestre Bimba, Maria 12 homens, Macaco Beleza, Benedita da Silva, Margarida Maria Alves.

A tal ponto, que descrever, compreender a experiência de educação ao longo da vida dos/das Mestres/as de capoeira referenciado na cultura, no exemplo, aprendendo-fazendo, em especial, na capoeira é uma inquietação coletiva de homens e mulheres que descobriram e deram sentidos as suas vidas e as vidas de muitas pessoas pelos ensinamentos e aprendizados que a capoeira possibilitou a cada pessoa humana que passou pela roda sentiu os indícios de numa educação como prática de liberdade.

É neste sentido que três pesquisadores/as que aceitaram o desafio de trazer à ginga da capoeira angola para o nível do conceito e de categoria de análise para as narrativas das pós-graduações das universidades brasileiras, partindo do chão de seus territórios.

A dissertação de Joseane Côrrea Pinheiro, *A arte de ensinar a capoeira, na roda e na vida: pedagogia da capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira-Mestre Nô*, defendida ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, linha Ensino e Formação de Educadores (UFSC), no ano 2018 que trata de analisar o modo de ensino do Mestre Nô (Norival Moreira de Oliveira). A metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa, do tipo militante, uma vez que a pesquisadora é orgânica do grupo Capoeira Angola Palmares, na época do estudo estava na graduação de contramestra, atualmente, reconhecida mestra, no ano 2022, pelo Mestre Nô.

Os procedimentos de pesquisa foram a história oral e análise dos vídeos de aula do Mestre Nô. Este estudo faz a tessitura teórica do processo de ensino e aprendizagem do Mestre

¹¹ Conheça o Brasil – População COR OU RAÇA. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 13 fev. 2024.

Nô com a educação popular, trazendo as concepções de educador progressista, de educação emancipatória, de dialogicidade, de produção de conhecimento engajado com ação social e transformação das pessoas e da sociedade, de humanização. Os achados da pesquisa mostram a relevância do Mestre Nô para a história da educação, um educador revolucionário que fez da capoeira o sentido de sua vida “capoeira na roda, capoeira na vida”, desenvolveu uma pedagogia da capoeiragem que nos ensina “a capoeira é um ‘campo de mandinga’ e fonte inesgotável de saberes”.

A dissertação nos mostra as possibilidades de uma educação popular afro referenciada na qual educador e educando aprendem juntos humanizando a si e ao outro, mediatizados pelo mundo, a roda de capoeira. Aprendem a cooperação, a solidariedade e autonomia de aprender a gingar sem perder a base: a luta dos oprimidos, e se posicionar para a construção de uma democracia real para negros e não-negros.

O segundo trabalho, é o de Maria de Lourdes Farias Lima, Educação Popular nos caminhos de ensino e aprendizagem da capoeira angola: A práxis educativa do Grupo Capoeira Angola Palmares, ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), linha de Educação Popular, defendida no ano de 2020. Maria de Lourdes conhecida como Malu, no período que iniciou o estudo era contramestra de capoeira do Grupo Capoeira Angola Palmares e em dezembro de 2019, foi reconhecida mestra de capoeira, pelo Mestre Nô. A pesquisa teve como lócus o Grupo Capoeira Angola Palmares, no Roger, em João Pessoa, na Paraíba, coordenado por mim Dário Pereira João e pela Mestra Malu.

O trabalho teve como objetivo analisar as contribuições da capoeira angola para o protagonismo de crianças e adolescentes do Grupo de Capoeira Angola Palmares, Roger, João Pessoa, Paraíba. Para tal, utilizou a pesquisa qualitativa, com abordagem da pesquisa participante, na qual os co-sujeitos deste trabalho participaram das diversas etapas desse estudo. A imersão da pesquisadora-capoeirista no grupo possibilitou uma descrição densa do grupo de capoeira, a contextualização do grupo no cenário da cidade e um processo dialógico na construção da pesquisa que possibilitou que os co-sujeitos da pesquisa emergissem a partir de um diálogo no grupo que naquele momento poderia representar o sentimento, os treinos, as pessoas, o Mestre e os fundamentos.

Assim, foram quatro co-sujeitos do grupo: duas mulheres e dois homens, uma professora de capoeira, cordel azul e uma aluna, cordel amarelo, e um instrutor de capoeira, cordel amarelo e azul e outro aluno, cordel amarelo. E o Mestre Nô, fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares Salvador/Bahia. A autora fez a tessitura teórica da capoeira vivenciada neste grupo e

os fundamentos, comportamentos e movimentos do Mestre Nô com a educação popular. Os resultados desse estudo apresentam as pistas da contribuição da capoeira angola praticada neste grupo com ênfase na cultura afro-brasileira, na ancestralidade, para o protagonismo de crianças e adolescentes.

As duas dissertações produzidas por Joseane Côrrea Pinheiro e Maria de Lourdes Farias Lima, atualmente mestras de capoeira da Associação de Capoeira Angola Palmares, falam em suas trajetórias os desafios da presença da mulher na capoeira e da permanência para alcançar as altas graduações de capoeira. Hoje estas duas mulheres ocupam o mais alto lugar da capoeira, a mestria. Todavia, suas falas trazem a importância da mulher na roda de capoeira e como sua presença é ainda pequena no mundo da capoeira. Mesmo que a categoria gênero não seja parte discursiva e analítica destes trabalhos, ela surge nas falas dos co-sujeitos e das próprias pesquisadoras.

Importante perceber hoje temos cinco mestras já formadas pelo Mestre Nô, Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares são: a mestra Malu, formada em 2019, na Paraíba; e as Mestras Jô e Danuza, em Santa Catarina e as Mestras Jeanne e Lori, Rio Grande do Sul, em 2022. Uma delas, a Mestra Malu, se posiciona enquanto mulher periférica, trabalhadora de cultura e mulher negra de pele clara (parda) no seu memorial e na vida.

O terceiro trabalho, é de Leandro de Oliveira Accordi, a tese MEMÓRIAS PERIFÉRICAS... As narrativas de Mestre Nô: Capoeira Angola, Educação e Formação Humana defendida no Programa de Pós-graduação, Stricto Sensu em Educação, área de concentração Educação, Sociedade e práxis pedagógicas, na linha de pesquisa Educação, Cultura Corporal e Lazer, na Faculdade de Educação, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no ano de 2019.

A metodologia utilizada foi orientada pela teoria da História oral temática e pesquisa documental, teve como objetivo registrar e compreender saberes da capoeira angola, a partir das narrativas e acervo e Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô.

Os resultados apontam o Mestre Nô como uma referência de capoeira angola da periferia de Salvador, as marcas dos lugares marcaram a experiência do Mestre Nô, seus ensinamentos e aprendizagens sintetizados nos comportamentos, fundamentos, movimentos e tradição reinventadas no sentido prático do cotidiano dentro e fora da roda de capoeira, numa relação de presente, passado e futuro.

Neste sentido, este estudo amplia a compreensão da Capoeira como prática da cultura de rua afro-brasileira, que produziu e produz modos de ser e estar a partir de corpos que lutaram pela sobrevivência que derrubaram barreiras de classe e território, que transitam entre

o global e o local, o centro e a periferia, para além dos muros da escola e universidade, e para afirmação de uma outra educação que aposta no acesso as memórias e as narrativas silenciadas e/ou apagadas para sedimentar novos caminhos, renovar a tradição e a prática angoleira tendo como cerne a periferia.

A tese produzida por Accordi (2019), conhecido na capoeira como Contramestre Desenho, de Santa Catarina, o registro dos saberes e fazeres produzidos pelo Mestre Nô para estudiosos, capoeiristas e pessoas em geral, é uma possibilidade de conhecer a sistematização de saberes vividos pelo Mestre Nô ao longo de sua vida nas diversas rodas de capoeira, em espaços e épocas diferentes que com inteligência sistematizou um método de ensino e aprendizagem de capoeira angola da periferia.

Sequências de movimentos para serem realizados em dupla e individual que possibilita a pessoa (o praticante) ir montando seu repertório corporal para o jogo, desenvolveu uma escrita dos toques de berimbau com notas que possibilitam o registro dos sete toques de berimbau da capoeira angola, produziu diversas músicas de capoeira e uma forma de ensinar a criação musical, guardou no corpo-arquivo-memória dos ensinamentos e aprendizagens de seus Mestres, das experiências das rodas, e das convivência com o mundo das ruas de Salvador.

Atualmente com o mundo presencial e on-line, reaprendeu estar na roda de capoeira com o corpo de mais de 78 anos de idade, com as limitações físicas e uma grande sabedoria, Mestre na roda de capoeira com elegância e perspicácia.

Essa tese nos possibilita conhecer ainda mais Mestre Nô, a inteligência e os desafios que o formam o homem e o Mestre, que nos orientam para abertura as aprendizagens e ensinamentos diários que as pessoas, as rodas e a vida apresentam. Uma educação centrada nos valores de respeito à diversidade e à diferença que nos posicionam na luta juntos com os oprimidos, na busca de um processo de humanização que possibilita uma sociedade equânime, pacífica e com justiça social para negros e não-negros.

O que podemos perceber que o fio condutor são os saberes e fazeres vivos nas narrativas do Mestre Nô que tece da região Nordeste à região Sul do Brasil uma perspectiva de capoeira de rua afro-brasileira periférica centrada nos comportamentos, movimentos, fundamentos e tradição que se reinventa nas necessidades atuais do mundo prático.

Quer dizer, nas palavras do Mestre Nô: capoeira na roda, capoeira na vida. Uma educação de rua afro-brasileira e periférica que transita entre o global e o local, entre o centro e as margens para a formação humana da pessoa, do ser mais. Esse material produzido faz parte de um site e de uma exposição itinerante que possibilita a outras pessoas e capoeiristas conhecer

mais a capoeira e a história do Brasil a partir das narrativas dos Mestres de capoeira, neste caso, do Mestre Nô.

Para analisar a tradição do passado e as lições do presente no processo de formação do Mestre(a) de Capoeira na perspectiva da educação popular foram escolhidos sete Mestres(as) de Capoeira Angola como sujeitos(as) desta pesquisa: Mestre Nô, Norival Moreira de Oliveira, fundador da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, Salvador, no estado da Bahia, formado Mestre em 04 de setembro de 1964, na Academia de Capoeira Angola, em Salvador, por Nilton Moraes Paes (Mestre Nilton) e por Nelson Moraes Paes (conhecido por Cutica).

Dialogamos com mais três Mestres e uma mestra formados/as na tradição da linhagem do Mestre Nô, em lugares e décadas diferentes, do Brasil. Sabendo que Mestre Nô formou e forma vários Mestres e mestras de Capoeira na continuidade de seus trabalhos e manutenção da tradição da Palmares que ele carrega de seus Mestres Nilton, Zeca e Pierrô. Fizemos uma análise da biografia de Mestre Nô, que foi utilizada para a concessão do Título de Doutor Honoris Causa pela UFSC, em 2018.

Percebemos que a escolha pela pesquisa participante nos mobiliza entre saberes acadêmicos e populares e os demais sujeitos desta pesquisa também transitam entre lugares “centro e periferia”; e entre saberes o “popular e científico”. Para Brandão (2006) podemos dizer que: “Estamos em uma estrada de mão dupla: de um lado a participação popular no processo da investigação. De outro, a participação da pesquisa no correr das ações populares”. (BRANDÃO, 2006, p. 28).

Partindo da nossa percepção de Mestre formado nesta Linhagem, escolhemos inicialmente os seguintes critérios: a) o período de formatura de cada Mestre; b) o local (espaço) de atuação de cada Mestre(a); c) recorte de gênero e d) recorte de formação educacional (acadêmico e não acadêmico).

Levando em consideração inicialmente os critérios elencados por mim, foram selecionados/as os/as seguintes Mestres e mestra: Lázaro dos Prazeres dos Santos, Mestre Lázaro, de Salvador, recebeu o cordel branco e verde (primeiro grau de Mestre dentro do Grupo Capoeira Angola Palmares), em 1987, entregue por Mestre Nô.

Mestre Lázaro foi escolhido pelo vasto conhecimento, pela disponibilidade e humildade em ensinar a Capoeira para todos/as e também por eu ter recebido dele o cordel branco e verde no ano de 2013, dentro da Palmares, Marcos Antônio Batista, Mestre Sabiá, o primeiro aluno do Mestre Nô na Paraíba recebeu o cordel branco e verde em 1993, Marcos Antônio Santos da Silva, Mestre Marcos Baiano, de Alagoas, pesquisador de Capoeira e professor universitário,

Joseane Pinho Corrêa, Mestra Jô Capoeira, pesquisadora de Capoeira e aluna do Mestre Nô, de Santa Catarina, formada em 2022.

Minha trajetória de educador popular me trouxe o privilégio de conhecer de dentro a tradição da Capoeira e me tencionou para a responsabilidade de um olhar crítico e de amorosidade com as contradições encontradas no próprio processo de formação da mestria de uma pessoa humana que sobrevive oprimido dentro da sociedade capitalista.

De tal modo, que escolhemos como fio condutor deste estudo a vida e a capoeiragem de Mestre Nô, iniciando na prática da Capoeira aos quatro anos de idade, com seu avô Olegário, em Coroa, na Ilha de Itaparica, no estado da Bahia, na década de 1949. Mestre-fundador da Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares, em Salvador, Bahia, em 1979.

A partir do Mestre Nô construímos um percurso formativo do Mestre de Capoeira, para tal dialogamos com quatro alunos/as do Mestre Nô, que hoje são Mestres(as), de diversos lugares e formados em diferente décadas: Mestre Lázaro, Mestre Sabiá, Mestre Marcos Baiano e Mestra Jô Capoeira que nos deram as pistas do processo histórico, político, social que possibilitou o desenho do cenário deste estudo, as ausências, os tensionamentos, as resistências individuais e coletivas para o acesso e permanência do aluno(a) durante longos anos de treinamentos até a formatura e reconhecimento de Mestre.

Salientar que mesmo a Capoeira estando presente em todo território nacional e em mais de 150 países (Iphan, 2014) ainda perdura até hoje, o silenciamento do protagonismo da Capoeira a exemplo, no Parecer CNE 03/2004, para instituição das Diretrizes Curriculares Nacional da Educação das Relações da Educação Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, aparecem várias manifestações culturais e o termo Capoeira fica ocultado e a vulnerabilidade aparece em outros documentos, tal como, no Estatuto da Igualdade Racial (Brasil, 2010) que deixa o ensino da Capoeira em caráter facultativo nos estabelecimentos de ensino do país.

De tal modo, vimos a necessidade da pesquisa documental, aportes legais nos quais estão presentes ou ocultados o termo Capoeira, documentos dos sujeitos pesquisados que mostram o percurso de sua formação (matérias de jornais; publicações nos sites de internet e redes sociais). Assim, utilizamos a pesquisa documental de acordo com Severino,

Pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só os documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Neste caso, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (2013, p. 106-107).

Conforme este autor podemos fazer uso de documentos legais e dos acervos individuais do grupo dos Mestres-sujeitos envolvidos na pesquisa. O que poderá acarretar indícios de situações que poderão nos provocar novas percepções sobre o próprio estudo. Auxiliando a compreensão dos contornos dos cenários das relações pessoais e sociais da época e do lugar que levou a formação de cada Mestre dentro da Palmares, e a relação com a comunidade capoeirista geral.

Utilizamos para a coleta dados, a técnica de entrevistas semiestruturada com cinco Mestres/as, sendo o Mestre Nô o mais antigo e formador dos outros três Mestres e da mestra, todos/as envolvidos/as na linhagem do Mestre Nô, do qual permitirá apreendermos além da escuta sensível da fala de cada Mestre e mestra/a, o corpo, o gesto e olhar, uma vez que além da força da oralidade do/a Mestre/a, o corpo é muito presente e rico em gestualidade e na relação com o outro, o outro-Mestre e o outro-aluno.

Fizemos anotações de campo definida por Treviños (1987, p. 154), como a “descrição por escrito de todas as manifestações (verbais, ações, atitudes etc.) que o pesquisador observa no sujeito; as circunstâncias físicas que se considerem necessárias e que rodeiam a este etc.” Desse modo, realizaremos a observação de duas atividades de cada Mestre: a aula, a roda e a conversa no final da aula e/ou da roda com seus educandos-capoeiristas.

Empregamos a técnica de entrevistas semiestruturada, com espaço-tempo de aproximação entre sujeito-sujeito que apontam determinadas questões e conforme as respostas do entrevistado poderão suscitar novas dúvida, e indagações trazendo ganchos de memórias, de silenciamentos, de dores de pessoas que no fio da meada da Capoeira dividiram recordações, esquecimentos, conflitos, lembranças, desejos do ser Mestre de Capoeira. Para Treviños,

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiado em teorias e hipóteses, que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebe a resposta do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente, a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (Treviños, 1987, p. 146).

Desse modo, a entrevista semiestruturada possibilitou um aprofundamento das questões levantadas e possibilita o acréscimo da percepção da fala, do corpo, da memória de cada sujeito em relação ao outro-sujeito mediador do processo de ensino-aprendizagem dos saberes e fazeres da Capoeira. Nesses termos Treviños (1987, p. 152),

A entrevista semiestruturada mantém a presença consciente e atuante do pesquisador e, ao mesmo tempo, permite a relevância na situação do ator. Este traço da entrevista semiestruturada, segundo nosso modo de pensar, favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade, tanto dentro de sua situação específica como de situações de dimensões maiores.

Conforme este autor a técnica da entrevista semiestruturada poderá auxiliar o pesquisador no aprofundamento das compreensões das práticas, das rodas, dos sujeitos-Mestre(a) de Capoeira e de suas relações de socialização, de manutenção da Capoeira, da ancestralidade e da conscientização da Capoeira como uma educação antirracista e de combate ao racismo, de como foi se dando no tempo e no espaço o conhecimento da Capoeira.

Buscamos perceber e conhecer com os sujeitos: sobre o tempo de grupo; a opinião sobre a forma de ensinamentos do Mestre-aluno; qual a relação com o aluno-Mestre; quais as dimensões da Capoeira que seu Mestre mais enfatiza: o toque, o cântico, o jogo; você considera o seu Mestre um Mestre-educador autoritário ou progressista; como você percebe a relação do conhecimento científico e conhecimento popular na atuação do Mestre de Capoeira; todas essas perguntas problematizadas com os praticantes que se dispuseram a participar da pesquisa.

Em seguida, iniciamos os processos de observação participante, momento no qual estivemos em horizontalidade junto aos Mestres colaboradores e seus alunos (agora, Mestres), pois dessa forma pudemos perceber a maneira como o grupo se organiza, as atitudes entre Mestre-aluno e aluno-Mestre, pois segundo Richardson (1989)

Na observação participante, o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado. Se o pesquisador está empenhado em estudar as aspirações, interesses ou rotina de trabalho de um grupo de operários, na forma de observação participante, ele terá de se inserir nesse grupo de operários como se fosse um deles. Este tipo de observação é recomendado especialmente para estudos de grupos e comunidades. O observador participante tem mais condições de compreender os hábitos, atitudes, interesses, relações pessoais e características da vida diária da comunidade do que o observador não-participante. (Richardson, 1989, p. 215).

Richardson (1989), nos mostra que ao realizar a observação participante enquanto técnica de coleta de dados, o pesquisador pode recolher os dados (cores, jeitos, gestos, disposição espacial, conflitos, celebrações) o qual possibilita a construção de dados que implica na construção do cenário e contexto dos sujeitos pesquisados. Mas, vale se ter o cuidado de refletir a própria posição de sujeito-Mestre-pesquisador para perceber sua relação no próprio ato da observação, pois o pesquisador assume o lugar de mais um neste contexto de sujeito pesquisado.

Após a coleta dos dados, realizamos uma análise temática do conteúdo (BARDIN, 2011), levando em consideração os significados que os entrevistados deram em suas respostas. E na minha própria experiência de educador popular, de capoeirista, de pedagogo e de pesquisador que compreendemos o texto como algo vivo e que foi construído na dialogicidade com os aparatos teóricos da educação popular, da pesquisa participante, dos Mestres, do alunos e da minha própria reflexão sobre a tradição do passado às lições do presente: o processo de

formação do Mestre de Capoeira na perspectiva da educação popular que apresentamos possíveis considerações a partir de um dado momento no tempo e no espaço que não pretende ser a única resposta à pergunta inicial, mais um argumento para dialogar com cada leitor e leitora desta pesquisa.

Nossa dissertação está estruturada em seis capítulos. O capítulo um introduz o pesquisador no processo de pesquisa, identificando como fenômeno de pesquisa a formação de Mestres de Capoeira na linha da Educação Popular do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, adentrando aos fundamentos teóricos sobre a Capoeira e a educação popular bem como sobre a metodologia da pesquisa. O capítulo dois, contextualiza o percurso histórico da Capoeira e seus percalços enquanto resistência cultural e luta contra a escravidão.

O capítulo três, neste capítulo fazemos alguns apontamentos dos processos educacionais que foram desencadeados no Brasil com o objetivo de refletir sobre a educação jesuítica imposta aos negros e como eles produziram seus processos de educação. O capítulo quatro, realizamos um apanhado sobre a transformação/formação dos capoeiristas em Mestre de capoeira e suas aproximações com a Educação Popular.

No capítulo cinco, realizamos uma reflexão sobre a formação dos/a Mestres/a de capoeira, apresentamos os/a nossos/a entrevistados/a e estabelecemos um diálogo os entrevistados e os autores/as que nos ajudam a tecer teoricamente o fenômeno de estudo. O capítulo seis, encerra a dissertação, dando centralidade a educação do negro e seus territórios de resistência, analisando a formação do Mestre/a de Capoeira e suas possibilidades de enfrentamento ao racismo.

Enfim, gostaríamos de dizer ao leitor e a leitora que a estrutura desta dissertação busca uma analogia com a roda de Capoeira Angola, para avisar que a roda vai começar. Iê, volta do mundo, camará/Iê, mundo dá voltas, Camará!

2 O COMEÇO DA RODA: CORPO AFRICANO-ARQUIVO AO CORPO NEGRO-CAPOEIRA

Capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que possui múltiplos aspectos sendo ao mesmo tempo luta, dança e jogo. Para os autores (Rego, 1968; Soares, 1993; Reis, 1997; Iphan, 2014; Abib, 2017) os indícios apontam que a Capoeira “seja uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros, tendo em vista uma série de fatores colhidos em documentos escritos e sobretudo no convívio e diálogo constante com os capoeiras atuais e antigos” (REGO, 1968, p. 31). Partiremos do pressuposto da Capoeira enquanto princípio de liberdade dos africanos e seus descendentes no território brasileiro, nas áreas rural e urbana, para elaborarmos esse percurso histórico da Capoeira e seus percalços enquanto luta, dança e jogo.

2.1 CAPOEIRA, LUTA E RESISTÊNCIA SOCIOCULTURAL

Conforme Cunha Jr (2013, p. 1), o “Brasil é em grande parte uma reinvenção dos legados materiais e imateriais das sociedades africanas, reprocessadas nas realidades do escravismo criminoso e do capitalismo racista”. Então, compreendemos a necessidade de eleger a Capoeira como uma das possibilidades de contar, a partir dos/das capoeiristas (oprimidos), a história de luta, da cultura e da resistência do povo negro no Brasil, e de suas contribuições para afirmação de uma identidade afro-brasileira.

Adotaremos a categoria negro, como sendo “o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor e raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga” (Brasil, 2010).

Os portugueses ao invadirem o território brasileiro para a exploração de suas riquezas naturais e por conseguinte a ideia de domínio das terras, no período do Brasil Colônia, invadiram também a África e trouxeram para a colônia lusitana “milhões de homens e mulheres arrancados de suas raízes” (Munanga; Gomes, 2006), para serem submetidos ao regime de escravidão, como modo de garantir a exploração da força de trabalho na fase mercantil do modo de produção capitalista. Para Santos (1994, p. 23), “como assinalou Karl Marx, o comércio de escravos, que ficou sob o domínio inglês no século XVII, foi uma das bases fundamentais da acumulação originária de capitais que permitiu o surgimento do moderno modo de produção capitalista”.

O projeto de globalização colonial segundo Milton Santos (2001) articulou a economia de base extrativista, pelo uso da força, do sequestro, do tráfico e escravização dos povos originários e africanos transplantados, a imposição da cultura e a desconstrução das identidades enraizando as bases do racismo estrutural.

Foi assim com os povos indígenas “os negros da terra”, que, em contato com os europeus foram quase exterminadas (doenças endêmicas e guerras). Outros, conseguiam escapar da escravidão adentrando pelas florestas, matas e montanhas a exemplo, da Guerra dos Bárbaros no Nordeste, quando foi criada a Confederação dos Tamoios para resistência armada contra as Entradas no sertão da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco (Pires, 2002). As lutas sociais, as guerras coloniais e a resistência cultural é o que possibilitou hoje e sempre as lutas pelo direito à pluralidade cultural e à diversidade étnico-racial.

Para os indígenas, segundo Ailton Krenak (2018)

Quando os brancos chegaram, eles foram admitidos como mais um na diferença. E se os brancos tivessem educação, eles podiam ter continuados a viver aqui no meio daqueles povos e produzido outro tipo de experiência. Mas eles chegaram aqui com a má intenção de assaltar essa terra e escravizar o povo que vivia aqui. E foi o que deu errado. (informação verbal)¹².

Neste fragmento da fala de Krenak percebe-se a intencionalidade dos projetos hegemônicos de colonização da América Latina. No Brasil, o projeto português de colonização, envolveu a apropriação das riquezas vegetais e minerais, o domínio territorial e escravização dos povos indígenas que habitavam o território brasileiro, visto que os consideravam “selvagens” e por consequência eram designados povos sem passado, sem arte, sem crença em um poder superior, sem razão. A tese do território “vazio” era usada para justificação das invasões, pilhagens e posse do território pela monarquia portuguesa (Pires, 2002).

Neste cenário de colonização do Brasil outros territórios foram invadidos e outros povos foram escravizados, a exemplo dos africanos que, sendo arrancados e transplantados para o Brasil na condição de escravizados formaram a força de trabalho usada na extração da madeira, minério e produção da cana-de-açúcar, café e borracha. Inicialmente, na extração do pau brasil, nas plantações de cana-de-açúcar e posteriormente, nas minas de ouro e prata. Neste momento a capital do País, em 1549, era em Salvador, Bahia.

Desde 1548 quando os primeiros africanos no Brasil foram desembarcados, eles já foram submetidos ao processo de aculturação, que se fazia em processos, como a negação do nome em sua etnia para a imposição do nome em língua portuguesa, além dos castigos físicos,

¹² As guerras da conquista. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1C7eQB16_pk. Acesso em: 13 abr. 2023.

das voltas ao redor da árvore do esquecimento (baobás), da catequese e da educação colonial. Tudo como estratégia de dominação do corpo, dos corações e mentes, além, do trabalho forçado envolvendo mulheres e crianças nos trabalhos domésticos, na lavoura ou mineração e o confinamento submetido nas senzalas.

Depois embarcados em longas viagens transatlânticas em navios (tumbeiros), oriundos de vários locais do continente africano, muitos desses homens, mulheres e crianças não resistiam as condições desumanas destes traslados e muitos desses corpos foram jogados no Oceano Atlântico, além das mortes pelos castigos físicos outros morriam de banzo. Para Abib (2017, p. 135 citando Júlio Tavares): “Coube ao corpo, único lugar seguro, a herança do que ficou perdido. O corpo ganha assim, conforme Júlio Tavares (1997), a função de ‘arquivo-arma’ e, junto da tradição oral, constitui-se em manancial da população afro-brasileira”.

Assim podemos dizer, que a escravidão no Brasil Colônia e no Império é o cenário para a criação da Capoeira, o corpo negro africano escravizado na luta contra o sistema escravista de livrar-se do sofrimento, de recuperar sua humanidade; restava-lhe, segundo Abib (2017, p. 135) o corpo como arma e como arquivo memória de uma vida além-mar: de gestos, de movimentos, de crenças e rituais; reativo a violência do senhores e feitores, “o saber corporal inscrito em cada perna, braço, tronco, cabeça e pé, podia ser transformado numa arma eficaz a serviço de sua libertação”. Assim, tem-se as condições para a criação da Capoeira.

Relacionando com nossos saberes ancestrais da Capoeira: “Capoeira angola, é mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista” (Mestre Pastinha, 1889-1981). Tendo em vista que o escravo, era condição imposta de trabalho e que diversas etnias africanas foram capturadas e escravizadas, significa que a Capoeira, mesmo com muitas lacunas sobre seu contexto de origem, podemos vislumbrar a partir de vários estudiosos e pesquisadores, entre eles Munanga e Gomes (2006); Soares (1993); Abib (2017); Sodré (2002) que a Capoeira é uma invenção de africanos de diversas etnias na condição de escravizados no Brasil.

Além do mais, o próprio Muniz Sodré afirma que,

Em princípio, a capoeira seria uma coisa só, uma arte marcial praticada por descendentes de africanos no Brasil. Mas, no detalhe, as coisas não são exatamente assim. São várias as modalidades de lutas existentes na África, em geral à base de pernada, algumas das quais chegaram ao Brasil com os escravos, basicamente os angolanos. Há referências, por exemplo, à modalidade *ngolo*, que tem a ver com a zebra e suas patadas. Na Angola de hoje, o pesquisador pode assistir à *bassula*, uma luta de agarrar e derrubar; à *cabangula*, luta de tapas e chute; e outras. Foi esse tipo variado de técnica de ataque e defesa que resultou na pernada, banda ou batuque (Rio de Janeiro), na *punga* (Maranhão), no *tombo da Iúna* (sertão da Bahia), no *batuque baiano*, que alguns vêm como matriz da capoeira. É possível. Mas, quando Bimba sustentava que a capoeira era uma criação brasileira, tinha toda a razão, por referir-se

à síntese operada no Recôncavo a partir da múltipla herança africana. (Sodré, 2002, p. 36).

Carlos Eugenio Soares com as obras “Negrada Instituição” (1993) e “A Capoeira Escrava” tratam das tradições rebeldes do Rio de Janeiro (2008) e sobre a Capoeira no sistema de escravidão brasileiro. Kabengele Munanga e Nilma Lino (2006) citando Areias (1983) corroboram com a ideia de que aproveitando “espaços livres, os negros criaram e praticaram uma luta de autodefesa para enfrentar o inimigo. É o surgimento da arma do corpo, enfrentando o poder dos senhores, dos feitores e capitães do mato, para defender a qualquer custo o direito à sobrevivência”. O corpo negro como arma de luta para escapar o jugo da escravidão.

Cortiços estruturados na periferia do espaço urbano formavam territórios de resistências, muitas vezes, atacados pelas forças policiais, como se repete até hoje, a repressão aos terreiros, as aldeias, aos quilombos, aos bairros populares e aos monumentos indígenas e africanos. Os batuques e danças, as Capoeiras e torés são símbolos da resistência cultural.

Mas, conforme Munanga e Gomes (2006) os escravizados africanos, nos dias e momento de folga, nos terreiros das casas-grandes, nas senzalas ou na porta dos mercados [...] costumavam formar círculos e jogavam a Capoeira sem, no entanto, ela ser identificada como luta, mas sim, como brincadeira ou jogo. A dissimulação da luta em jogo e em brincadeira para enganar os olhos atentos de senhores, feitores e capitães-do-mato; para fortalecerem laços de afetividade, de humanidade entre eles; neste caso festejar é resistir as mazelas da escravidão.

Entre as senzalas e os “escravos de ganho” nas ruas das cidades de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, nas zonas portuárias, os alforriados, os negros de ganho e os brancos pobres se juntavam nas horas do ócio, quer dizer, iam se juntando. Assim, a Capoeira foi tomando o contorno das culturais locais de cada território, no caso, das cidades portuárias Recife, Rio de Janeiro e Salvador para onde foram levadas grandes quantidades de africanos escravizados. (Iphan, 2014).

Ainda temos poucos estudos sobre os séculos XVI e XVIII que nos possibilite afirmar se a Capoeira em sua origem é uma prática urbana ou rural, o que podemos delimitar é que segundo o Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil realizado entre 2006-2007 (Iphan, 2014, p. 13) “capoeiragem, porém, fincou raízes nas áreas urbanas”. O que podemos dizer é que conforme os centros urbanos, em especial Rio de Janeiro, Salvador e Recife foram crescendo, houve relatos em jornais e arquivos policiais da presença da capoeiragem.

Nesse capítulo o que podemos estabelecer nesse primeiro momento da história da Capoeira: o corpo negro africano escravizado como arma de libertação, de tal modo, podemos

dizer que a Capoeira tem como princípio a luta contra a opressão, a busca pela liberdade e a utopia pela abolição da escravidão.

2.2 CAPOEIRA, DO IMPÉRIO À REPÚBLICA: O CÓDIGO PENAL E AS PRIMEIRAS ACADEMIAS

Tomando em consideração que mesmo com as inúmeras controvérsias sobre a origem da Capoeira seja na área urbana ou na área rural. O que se evidencia é uma posição contra a opressão da escravidão. Desse modo, podemos dizer que o intuito da população escravizada era a libertação da condição desumana imposta pelo sistema vigente. Conforme Kabengele Munanga e Nilma Lino Gomes (2006, p. 152) “De uma ponta a outra do continente americano e do Brasil, a população negra utilizou o corpo como instrumento de resistência sociocultural e como agente emancipador da escravidão”, todavia, apenas no Brasil foi nomeado essa luta corporal do corpo-africano escravizado como Capoeira.

Para Munanga e Gomes (2006, p. 158) “na primeira metade do século XIX, a Capoeira era quase exclusiva dos escravizados e da população negra urbana em geral”. Pois, a imprensa e os documentos policiais nos auxiliam a elaborar os contornos da Capoeira nesse período. Segundo esses autores, a figura do sujeito capoeira durante o Império e a República oscilava entre a ordem e a desordem. Eles estavam nos centros urbanos como Rio de Janeiro, Salvador e Recife, ocupavam as ruas, as zonas portuárias, eram estivadores, vendedores ambulantes, quituteiras que estavam na situação de “viver sobre si”¹³ e moravam em cortiços.

Em algumas situações eram utilizados como “capangas” de políticos e se organizavam em grupos conhecidos como “maltas”¹⁴. Que rivalizam entre si pelo domínio do território, levando à turbulência a ordem social da época. Soares (1993), nos fala que “a capoeira foi um fenômeno que marcou fortemente a vida social do Rio de Janeiro”.

Para o autor, pode-se encontrar entre seus praticantes durante os anos de 1850-1890 nomes letrados, aristocratas e militares. O que evidencia a capacidade de seduzir da Capoeira

¹³ “Viver sobre si” [...]. Viver longe da casa do senhor era uma maneira de adquirir maior autonomia produtiva, e representava ainda a possibilidade de levar uma vida praticamente indiferençável em relação à população livre da cidade. Para os senhores, este tipo de arranjo era muitas vezes vantajoso, pois permitia arrancar jornais mais elevados dos negros. Para os escravos, a maior autonomia de movimentação tinha ainda a vantagem adicional de facilitar jornadas extras de trabalho com o objetivo de amealhar dinheiro suficiente para comprar sua liberdade aos senhores (Chalhoub, 2017, p. 31).

¹⁴ A malta de capoeiras é a unidade fundamental dos praticantes da capoeiragem. Formada por três, vinte ou até mesmo cem indivíduos, a malta era a forma associativa de resistência mais comum entre escravos e homens livres na cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. (Soares, 1993, p. 59).

que conseguia extrapolar a “segregação sofrida pelas identidades africanas e afrodescendentes que se espalhavam pela cidade”. De tal modo, que a Capoeira para Soares (1993) se tornou uma prática cultural que seduziu “o outro de condição social e jurídica pela sua maneabilidade e resistência”.

O que vimos é a potência da capoeira como artefato de uma cultura de resistência do corpo-africano-escravizado que aproveita as frestas do sistema escravocrata para criação de sociabilidades entre as diversas etnias africanas, indígenas e europeias nas ruas das cidades brasileiras, em especial Salvador, Rio de Janeiro e Recife.

Os grupos de negros de capoeira escravizados marcaram presença no jogo político da Corte Imperial, usados como capangas de políticos tanto ligados ao Partido Liberal (malta do Nagoas) como ao Partido Conservador (malta dos Goiamuns). Uma vez que

Com o passar do tempo e cada vez mais crescente a sua fama de lutador e de implantar grandes desordens em fração de segundos, sem a possibilidade de ser molestado, consequentemente ficando oculto, para quem estava a serviço, o capoeira passou a ser cobiça de políticos. Serviria de instrumento de luta ora para a nobreza, que dava seus últimos suspiros, ora para os republicanos, que lutavam encarniçadamente para obterem a vitória sobre o trono, daí os graves acontecimentos que abalaram o país, nos fins do século passado. (Rego, 1968, p. 360)

No final do Império, os negros capoeiras eram utilizados para dispersar manifestações republicanas, conforme Munanga e Gomes (2006, p. 158), eles foram denominados de “Guarda Negra da Redentora, formada por um grupo de ex-escravos logo após a assinatura da Lei Áurea (13 de maio de 1888)”. Essa associação foi criada para

Salvaguardar a monarquia e lutar contra os republicanos, os dirigentes da Guarda Negra exploraram o sentimento de gratidão dos negros libertos, a 13 de maio de 1888, para defenderem a princesa Isabel e como era de se esperar, incorporaram-se todos os capoeiras e mais toda uma avalanche de desordeiros e delinquentes (Rego, 1968, p. 313).

Essa guarda utilizava dos golpes para dispersar as reuniões, segundo Munanga e Gomes (2006), eram tidos como bastante truculentos e violentos pela sociedade da época. Como reflete Paulo Freire (2015) o ser humano em situação de desigualdade social introjeta a opressão assim como a espraia na vida em sociedade, de modo que, ao introjetar no imaginário social o opressor, agimos como assim fosse, por meio das atitudes e valores e das ações e funções institucionais que assumimos.

A violência institucional das forças de segurança em relação a população afro-brasileira é uma herança colonial que ainda hoje amedronta os brasileiros negros. O opressor, por sua vez, usa pessoas dos grupos subalternos como capataz, capanga e algoz, aprofundando a distância entre opressores e oprimidos.

Com o final do Império e o início da República Federativa do Brasil, o presidente Marechal Deodoro da Fonseca com o intuito de afirmar a República e de manutenção da ordem, segundo Kabengele e Gomes (2006, p. 159) “para cumprir o seu programa sem eventuais problemas, teve como uma de suas metas o extermínio total dos “vadios e turbulentos capoeiras. O que levou em 11 de outubro de 1890, outorgar o Decreto nº 847 o qual expressava no art. 402, que qualquer pessoa praticando capoeiragem seria preso e deportado para a Ilha de Fernando de Noronha (estado de Pernambuco).

Esse fato possibilitou ao Chefe de Polícia Sampaio Ferraz realizar muitas prisões de capoeiristas, inclusive de pessoas ilustres. Podemos dizer que houve o desmantelamento das maltas e dos serviços de capoeiragem pelos políticos.

Mas continuou se noticiando “as proezas e as atitudes irreverentes dos capoeiras” nos jornais da época principalmente nas cidades de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, no começo da República, conforme Munanga e Gomes (2006, p.159 citando Soares 1993). Esses autores relatam que a presença dos capoeiras foi retratada além da imprensa local, em crônicas, livros, contos e nas cantigas de Capoeira.

O que ocasionou a prática da capoeiragem, mesmo perseguida e reprimida pelo Estado brasileiro, ela continuou à margem do que podia ser visto pela sociedade, quer dizer pelo “olhar e o braço do Estado, a instituição polícia”. Por isso, a capoeiragem continuou seu percurso mesmo com essas barreiras, “nos quintais, nas praias, nos terreiros e nos arredores da cidade” (Munanga; Gomes, 2006, p. 159). Mais, uma tática de sobrevivência do corpo-capoeira, que mesmo no Império tivesse perseguições com o advento da República, a capoeiragem foi oficializada pelo Estado brasileiro através da lei (Código Penal Brasileiro) como uma prática criminosa.

A perseguição oficial do Estado Brasileiro à prática da capoeiragem e dos capoeiras a partir do Código Penal Brasileiro, em 11 de outubro de 1890, marca uma tradição de dominação e cultura política das classes dominantes no Brasil. Com a expansão das cidades brasileiras, o começo do século XIX é marcado pela repressão do estado e pela inventividade dos capoeiras que continuavam suas práticas de capoeiragem às escondidas.

Todavia, com o projeto populista de modernização do Brasil, o governo de Getúlio Vargas teve a intencionalidade de criar símbolos nacionais aproximando-se dos setores populares. Nesta perspectiva, a Capoeira é tomada como a ideia de “ginastyca brasileira” e a umbanda, como religião brasileira. Desse modo, o governo Getúlio Vargas conquistaria a coesão e aceitação popular, estratégia de controle das manifestações populares e de parcela significativa da população brasileira.

Munanga e Gomes (2006, p. 160) nos dizem que “a capoeira passa a ser interpretada como “esporte popular” e símbolo da nacionalidade brasileira, praticada em locais fechados e por pessoas consideradas “idôneas e de bem”. Rego (1968, p. 360) nos aponta que o Mestre Bimba é o responsável por levar a capoeira para ambientes fechados. Segundo o autor, “Mestre Bimba retira a “capoeira dos terreiros e a põe em recinto fechado, com nome e caráter de academia, onde os ensinamentos passaram a ter um cunho didático e as exibições possibilitaram a presença de outras camadas sociais superiores” (Rego, 1968, p. 360). Podemos entender que ao liberar a prática da Capoeira, o sentido foi de retirar o caráter subversivo e contestador, e daí o Estado normatizar a prática. Agora, normatizada e denominada não mais de capoeiragem, mas de prática de Capoeira.

Aproveitando esse cenário do Governo de Getúlio Vargas, é criada a primeira academia de Capoeira, denominada de Centro de Cultura Física e Regional, em 1937, em Salvador, estado da Bahia, por Manoel dos Reis Machado (1899-1974), Mestre Bimba. O que nos leva a crer que inicialmente não constava o nome Capoeira como estratégia de adentrar a sociedade da época, de brechar um Sistema Republicano que foi estruturado criminalizando o capoeira e a capoeiragem. Assim, começa o processo de escolarização da Capoeira. Mestre Bimba conseguiu o Alvará de Funcionamento (Reis, 1997), criou um método de ensino com um número determinado de sequências (golpes desequilibrantes, golpes traumatizantes, defesas, balões cinturados); formatura e especialização; e critérios de admissão na sua academia, um deles ter a carteira de trabalho assinado.

Conforme Munanga e Gomes (2006, p. 160)

Mestre Bimba, fundador da primeira escola de capoeira, que ele chamou de luta regional baiana. Mestre Bimba inovou a sua arte, dando uma técnica precisa aos movimentos [...] e desenvolveu técnicas de defesa contra as armas e o jogo pelo alto, até então praticado quase exclusivamente pelo chão.

De tal modo, que a partir da Luta Regional Baiana de Mestre Bimba, mudou o cenário para a Capoeira da época. Neste momento, a Capoeira poderia ser praticada, fazer shows folclóricos, em especial, no estado da Bahia.

Daí, em 1941, foi liberado o Alvará de funcionamento da segunda academia de Capoeira, o CECA, em Salvador, cujo responsável era Vicente Joaquim Ferreira Pastinha, Mestre Pastinha (1889-1981). Mestre Pastinha tornou-se uma referência da Capoeira Angola, ou da Capoeira-mãe. Nesse viés podemos dizer que a Capoeira é voltada para a arte negra, a qual dá ênfase aos movimentos com maior agilidade, mais próximo do chão, com pantomimas e de complementação do jogo.

Os autores Munanga e Gomes (2006, p. 160) colocam que a Capoeira, “vista como esporte ou manifestação cultural para turistas no estado da Bahia, modifica a relação capoeira-malandragem-marginalidade, com a inclusão da classe média, intelectuais, militantes, políticos e profissionais liberais, novas ideias e novos praticantes”. O que os autores nos alertam é a possibilidade de uma mudança de interpretação da própria Capoeira e de seus mitos fundadores. Uma vez que a Capoeira tida no início da República como ato criminoso contida no Código penal Brasileiro nº 847/1890, escondida sua prática e seus praticantes por quase 40 anos; é reconhecida pelo mesmo Estado brasileiro, como símbolo nacional, dentro do Projeto de Modernização do Brasil. Mas, ao reconhecer a Capoeira como símbolo nacional, como se deu a relação com o seu praticante, tido agora, como capoeirista.

Quem era o grupo chamado para apresentar Capoeira para o Governador da Bahia, Juracy Magalhães, o Mestre Bimba e seus alunos, os alunos da Faculdade de Medicina da Bahia. Levando em consideração, o Mestre Bimba, como primeiro educador popular negro. O que pode ser dito? Quais foram as manhas que foram necessárias para a aceitação da Capoeira na sociedade da época? Por outro lado, junto ao Mestre Pastinha, estavam os intelectuais e políticos de esquerda, a Capoeira Angola é uma pedagogia da amorosidade. (Capoeira Ginga de intelectuais).

A Capoeira e os capoeiristas com suas estratégias de sobrevivência passam por um processo de racionalização chegando a serem classificados em Angola e Regional dentro de um contexto de busca de uma maior aceitação social conquistando adeptos entre os jovens atléticos e entre a intelectualidade. Essas mudanças que acontecem com o decorrer do tempo fazem com que a Capoeira passe por diversas mudanças internas e externas saindo do ambiente aberto da rua, onde o processo de ensino-aprendizagem do praticante se dava por meio da oitiva, pelo olhar atento do jogo, pois “o lugar por excelência do aprendizado era a experiência concreta e encarnada das rodas de rua, onde o aprendiz tinha que encontrar um lugar na tradição”. (Iphan, 2014, p. 68).

Agora, praticada e ensinada em espaços fechados – as academias – a Capoeira passa a ter em suas práticas de ensino um conjunto de procedimentos de qualificação e a utilização de uma metodologia de ensino que contava com o conjunto de movimentos de ataques e defesas de uma forma lógica. Desse modo, “o espaço de aprendizado é agora um ambiente fechado, uma academia, onde são desenvolvidas rotinas sistemáticas de treinos e de atividades voltadas para o aprendizado da capoeira, acompanhadas por um rígido sistema de avaliações. (Iphan, 2014, p. 74). O que foi modificando aos poucos o cenário da Capoeira nos centros tradicionais

Recife, Salvador e Rio de Janeiro; e por conseguinte sua expansão para outros estados brasileiros.

2.3 AS VOLTAS DO MUNDO DA CAPOEIRA: RESISTÊNCIAS E LUTAS NEGRAS CONTRA A ESCRAVIDÃO, PELA LIBERDADE E A IGUALDADE

Importa dizer, neste caso, que procuramos tecer alguns fios e perceber as estratégias de luta de sobrevivência do sujeito capoeira ao capoeirista e da prática de capoeiragem à Capoeira, tomando a Capoeira como manifestação cultural surgida no Brasil com os negros africanos trazidos na condição de escravizados. Assim, elaboramos um quadro de outras datas que acreditamos que tem importância para contextualização da prática e para o sujeito capoeirista; e alguns fatos referentes a Capoeira em João Pessoa, capital do estado da Paraíba.

Quadro 3 – Linha do Tempo da Capoeira – 1888-2023	
DATAS	ACONTECIMENTOS
10 jul. 1888	No dia 10 de julho o jornal de José do Patrocínio, A cidade do Rio, anunciava a formação na Corte da “Guarda Negra da Redentora”, que tinha o objetivo explícito de combater a campanha republicana que se espraiava pelo país após o 13 de maio.
05 abr. 1889	Nasce Vicente Joaquim Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha)
1890	Decreto nº 847 DE 11 DE OUTUBRO DE 1890 – Institui a repressão à prática da Capoeira no capítulo XII, intitulado “Dos vadios e capoeiras”, no artigo 402, 403 e 404.
23 nov. 1900	Nasce Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba)
1928	Criação da Luta Regional Baiana – Capoeira Regional – Mestre Bimba
1937	Centro de Cultura Física e Regional, em 1937, em Salvador, estado da Bahia, por Manoel dos Reis Machado
1944	Teatro Experimental do Negro
1953	Apresentação de Mestre Bimba, no dia 23 de julho de 1953, e seus alunos Clarindo, Carlos Senna, Joao Veloso, Lessa, Sena Branco, Rosalvo, Eduardo, Pedro, Mario, Demerval, Gusmão e Indiano, no Palácio da Aclamação, para o Presidente Getúlio Vargas.
1968	- I Festival de Arte Negra, realizado em Dakar (Senegal) em 1968, com a presença do Mestre Pastinha... (TAVARES, 2012) - Edição do Livro Capoeira Angola: Ensaio Sócio etnográfico, pelo Waldeloir Rego folclorista e adepto da religião de matriz africana.
1970	Início da expansão da Capoeira para outros estados brasileiros.
1972	Declaração da Capoeira enquanto folclore e esporte nacional, pelo General Jayr Jordão.
1977	As primeiras aulas de Capoeira sistematizada em oficina, com o percussionista e capoeirista Adalberto da Conceição (Zumbi Bahia), no Serviço Social do Comércio – SESC, no bairro do Centro, João Pessoa, a convite do folclorista Tenente Lucena.
1980	Formação dos grupos de Capoeira em João Pessoa.
1983	Apresentação do primeiro projeto pautando as cotas raciais

1985	Filiação, na cidade de Campina Grande – PB, do Grupo de Capoeira Badauê (Mestre Sabiá – Marcos Antônio Batista), a Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares da Bahia (Mestre Nô – Norival Moreira de Oliveira).
1987	A ABCA foi criada em 1987 por Mestres como João Pequeno, Paulo dos Anjos, Nô, Ferreirinha, Renê e Curió, dentre outros, com o objetivo de contribuir para a preservação dos fundamentos da capoeira tradicional baiana. Disponível em: https://www.palmares.gov.br/?p=3388. Acesso em: 14 ago. 2023.
1988	- Criação da Fundação Cultural Palmares - O Mestre Sabiá organizou o primeiro batizado de capoeira da Paraíba no ano de 1988, o evento ocorreu na Academia Corpo Livre, na cidade de Campina Grande – PB.
1990	- Fundação do Grupo Cultural Lua de Palmares (sob a coordenação de Dorivan Rafael). Observação: Iniciei na prática da Capoeira, em 1990, neste grupo e permaneci até 1998. Depois me tornei aluno do Mestre Lázaro, Palmares (Salvador/BA). - Realização, na cidade de João Pessoa – PB, em 15 de julho de 1990, no Ginásio da UFPB, do Primeiro Batizado de Capoeira dos grupos Mãe África e Senzala, cujo responsável foi Mestre Nô, com organização e coordenação de Aluizio Gomes Guerra.
1993	São formados, em agosto de 1993, na Ilha de Itaparica – BA, no Encontro da Associação Brasileira e Cultura de Capoeira Angola Palmares, do Mestre Nô, os primeiros Mestres de Capoeira da Paraíba. Marcos Antônio Batista (Mestre Sabiá) que reside na cidade de Campina Grande – PB desde 1985 e Inaldo Ferreira de Lima (Mestre Naldinho). Na ocasião, também recebeu o cordel de contramestre Marco Antônio Belarmino da Silva, conhecido como Marcos Zunga, atualmente, Mestre Zunga. Neste ano, os quatro grupos existentes em João Pessoa estavam filiados a Palmares: Mãe África de Palmares, Senzala de Palmares, Afro Nagô e Lua de Palmares.
1995	3º Batizado de Capoeira do Grupo Lua de Palmares, Espaço Cultural, João Pessoa. O Afro Nagô chega no evento e tensiona o evento, chegando ao conflito corporal com a Palmares.
1998	CONFEEF E CREF realizam uma medida judicial para controlar a prática da Capoeira em academias e escolas. Alguns capoeiristas abriram uma ação judicial contra o CREF PB. Para o CREF, os capoeiristas para continuar ministrando aula precisariam filiar-se ao CREF, como provisionados, desde que tivessem iniciado suas atividades até 1995.
1998	Em 17 março de 1998, inicia-se as atividades do Grupo Capoeira Angola Palmares, no Roger, sediado na Escola Piollin, por Dário Pereira e Maria de Lourdes, conhecidos como Mestre Dário Tartaruga e Mestra Malu.
2000	- Inicia o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, do Governo Federal administrado pela Prefeitura Municipal de João Pessoa – PMJP, no qual consta oficinas no contraturno, Capoeira. Primeira monitora do programa: Maria de Lourdes (Mestra Malu). O PETI se encerrou no ano de 2012, o que possibilitou a entrada de vários capoeiristas da cidade no decorrer destes anos. - Realização, no período de 15 a 17 de dezembro de 2000, do I Encontro de Capoeira Angola Palmares, na Escola Piollin.
2003	O Presidente Inácio Lula da Silva, em 09 de janeiro de 2003, sancionou a Lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas; e o 20 de novembro, como celebração do Dia da Consciência Negra.
2006/2007	Foi realizado o Inventário para o Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil.

2008	No segundo mandato do Governo Lula, a roda de Capoeira e o ofício de Mestre são reconhecidos como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira. (a roda de Capoeira como forma de expressão e o Mestre de Capoeira como ofício).
2010	Programa Pró-Capoeira, ligado ao Programa Cultura Viva, do MEC. Participei do Programa Pró-Capoeira, região Nordeste, que aconteceu no Recife.
2010	Sancionada a Lei Federal 12.288, de 20 de julho de 2010, Estatuto da Igualdade Racial.
2012	A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html. Acesso em: 17 ago. 2023.
2014	- A UNESCO reconhece a Capoeira como Patrimônio Imaterial da Cultura da Humanidade. Foi realizada uma apresentação em Genebra, embaixador. - I Reunião do Fórum de Salvaguarda da Capoeira da Paraíba, do IPHAN-PB, na Usina Energisa, em João Pessoa. - II Reunião do Fórum de salvaguarda da Capoeira na Paraíba, pelo Google Meet para os representantes dos grupos e Mestres, e transmissão pelo Youtube.
2013	III Conferência da Igualdade Racial da PB
2021	Os/as capoeiristas reunidos no Fórum de Capoeira de João Pessoa - PB, no Centro Cultural Piollin, apontam o dia 15 de julho – Dia da Pessoa capoeirista de João Pessoa, em homenagem ao primeiro Batizado de Capoeira em João Pessoa, com a presença do Mestre Nô. Sugestão do Mestre Wellington. Em diálogo com os representantes do Fórum de Capoeira, o vereador Junio Leandro apresenta o Projeto de Lei nº 14.418, de 07 de janeiro de 2022 para Câmara de Vereadores.
2022	Plano Estadual de Igualdade Racial - PLANEPIR. Está contida a inserção da Capoeira nas escolas de ensino médio. (Governo João Azevedo) - Elaboração do Projeto; Chamamento do Fórum; Formação; Processo classificatório. - Inicia a implementação do Projeto Capoeira no Chão da Escola: Gingando entre saberes na Secretaria de Educação e Cultura – SEDEC/PMJP (agosto de 2022). Autoria do projeto Maria de Lourdes F Lima (mestra Malu). Pareceria SEDEC e Movimento de Capoeira: Coletivo de Capoeiristas da Grande João Pessoa; Coletivo de Mestres da Paraíba e Fórum de Capoeira de João Pessoa. (em andamento no ano de 2023).
2023	- Sancionada a Lei Municipal nº 8.611, de 05 de junho de 2023, autorizando o reconhecimento do caráter educacional e formativo da Capoeira e suas manifestações culturais e esportivas, permitindo a celebração de parcerias para o seu ensino nos estabelecimentos de educação pública municipais de Campina Grande – PB. - Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para tornar permanente a reserva de vagas nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio.
Fontes: Notas dos anos 1889, 1900, 1928, 1937, 1953, 1972 (Campos, 2009); Notas dos anos 1977, 1980, 1985. 1988 (Lima, 2005); Nota do ano de 1968 (Rego, 1968); Nota do ano de 1968 (Tavares, 2012); Nota do ano 1944 (Munanga e Gomes, 2006); Notas dos anos 1990, 1995, 1998, 2000, 2021 (Acervo pessoal); Nota do ano de 1970 (IPHAN, 2014);	

Analisando os avanços e os desafios no processo de reconhecimento social da Capoeira nas diferentes conjunturas políticas que marcam a história recente do Brasil, pode-se destacar que o início da República foi marcado pela criminalização oficial da Capoeira estava na Lei, Decreto de vadios e capoeiras, 11 de outubro 1890. Essa perseguição oficial não impediu a continuidade da Capoeira e dos capoeiras, nesse período chamados de bravos e valentões, no Rio de Janeiro. No qual o Sampaio Ferraz fez uma campanha acirrada para acabar com as maltas e os capoeiras no Brasil todo reverberou essa perseguição oficial.

Na Bahia, podemos falar do Besouro Mangangá, lendário capoeirista que enfrentava os Fazendeiros do Recôncavo Baiano que ainda tentavam imprimir aos negros “a ordem escravista”. No filme Besouro – nascimento de uma lenda podemos perceber bem essa intencionalidade na cena “que o capataz diz vou tirar tua arma, e ele diz não tenho armas, e ele dá pauladas nas pernas...”, o opressor já identificava o corpo-capoeira como corpo-arma em movimento.

E outros lendários capoeiristas perturbavam a moral e a ordem da sociedade que se formavam, mas já na década de 1928 se buscava controlar a Capoeira no involucro da “Gymnástica Nacional, (capoeiragem), methodizada e regrada, autoria Annibal Z. N. Burlamaqui. Em 1928 iniciava o processo de luta regional baiana e foi consolidada em 1937, quando Mestre Bimba consegue o primeiro Alvará de Funcionamento da Academia, Centro de Cultura Física e Regional nesse momento já dava início o processo de modernização, a euforia do nacionalismo, o Presidente Getúlio Vargas libera os alvarás dos terreiros, e decreta a Umbanda religião brasileira.

Período marcado pela mobilização dos “negros que começaram se reorganizar através de diversos mecanismos e estratégias de resistências cultural e afirmação política”. Segundo Iphan (2017, p. 47) época que “se organizavam movimentos sindicais, de candomblés e academias de Capoeira”. Podemos dizer período de transição de capoeiras para capoeiristas, e início do processo de escolarização da Capoeira. A Capoeira passava a ser praticada em ambiente fechado (a academias) com regras e metodologia de ensino, o capoeirista “passava a exercer o ofício de Mestre”. (Iphan, 2014, p. 50).

Em 1941, é liberada a segunda academia o CECA, do Mestre Pastinha. Quer dizer, o mais importante mudou o cenário no país, o projeto de modernização, do Estado Novo, de valorização de símbolos nacionais, a exemplo da Capoeira “nesse momento, tal manifestação não é mais vista como marca de atraso e de barbárie, mas como símbolo de cultura baiana e brasileira”. Neste sentido, os Mestres Bimba e Pastinha difundiram “o jogo da capoeira baiana” para o mundo.

O que ocasionou já nos meados de 1950 “o berimbau passa a ser usado como ‘símbolo baiano’”. Os vestígios apontam que o Governo na época ao tornar a Capoeira, o samba e o candomblé como símbolos nacionais, buscar retirar deles o poder de mobilização social das camadas subalternizadas.

Outros capoeiristas lendários. Os Mestres Waldemar da liberdade e Cobrinha Verde, ambos baianos, na década de 1950, marcaram a trajetória da Capoeira. A “Academia de Waldemar da Liberdade mobilizava os intelectuais da época: Eunice Catunda, Pierre Verger, Caribé “(IPhan,2014, p.53). E nesse período o cineasta e diretor Alexsandro Robato, eternizou o Mestre Waldemar, no bairro da Liberdade, a “excelência da capoeira ali jogada” no filme Vadição, de 1954.

Ainda no final da década de 1940 e na década de 1950 houve destaques para outros Mestres da periferia de Salvador, em especial Waldemar da paixão e Cobrinha Verde, que nas ‘rodas das domingueiras, localizadas respectivamente na Liberdade e no Chame-Chame, reuniam famosos capoeiristas e influenciaram na formação de uma nova geração de capoeiristas que teve um papel importante nas décadas de 1960 e 1970”.

No período da Ditadura Militar, a capoeira e o capoeirista sofrem dois processos significativos, o processo de esportivização se intensifica na década de 1972, com o reconhecimento pelo Conselho Nacional de Desportos – CND que “submeteu a prática da Capoeira às regras do pugilismo” numa tentativa “esportiva fomenta a vigência de sistema de graduação e tentativas de criação de uma nomenclatura também unificada” e também houve uma “folclorização nas décadas de 1960-1970 das manifestações da cultura negra, principalmente, a Capoeira, o candomblé e o samba”. Podemos dizer que houve uma mudança da ideia do ritual, do jogo de Capoeira para o show, o espetáculo de Capoeira para atender as exigências do folclore na época. O que levou a Capoeira baiana para o mundo os espetáculos e shows, no entanto “comprometeu o funcionamento de muitas academias, principalmente, em relação à formação de novos capoeiristas, porque as atividades das academias eram mais voltadas ao treinamento, ensaios dos shows folclóricos do que às aulas propriamente ditas”.

Alguns destes vestígios nos apontam as contradições das rodas de Capoeira e as dificuldades das aulas, que possibilitam a sustentabilidade da própria arte, espaço de aprendizagem, das técnicas dos movimentos corporais e da musicalidade, princípio de respeito aos mais velhos e aos mais novos. Contraditoriamente, a expansão da Capoeira baiana pelo processo de folclorização e a esportivização levaram a Capoeira para outros estados, o que levou ao processo de escolarização da Capoeira, a abertura de diversas academias e criação de grupos.

Na década de 1980, a Capoeira se expandiu não apenas de Salvador, mas também de Recife e do Rio de Janeiro para dentro e fora do país, ultrapassando as barreiras de periferia e centro, de classes sociais e de corpos. E toma à cena, a Capoeira Angola a partir do processo de reafirmação do Movimento Negro, a Capoeira passa a ser vista como manifestação cultural negra, servindo como estratégia de mobilização para as ações do Movimento Negro no Brasil. Período marcada pela mobilização dos segmentos sociais pelos direitos sociais de negros, mulheres, crianças e adolescentes.

Em 1988, foi instituída a Constituição Federal, considerada a Constituição Cidadã, nela está garantido a escola gratuita e para todos; o respeito ao patrimônio e a diversidade que forma nossa população brasileira.

Década de 1990, com a continuidade do processo de democratização do país, é criado o Estatuto da Criança e Adolescente-ECA, resultado de muitas mobilizações, em especial, do Movimento Nacional Meninos e Meninas de Rua, e uma das atividades que juntavam os/as meninos/as era a Capoeira. Houve muitas outras lutas e reivindicações do povo organizado nos diversos movimentos sociais no espaço urbano e no espaço rural. Ao exemplo, do Movimento Sem Terra-MST. E a Capoeira era utilizada como processo de sociabilização dessas pessoas, principalmente, para os filhos e as filhas dos assentados junto com as atividades de apoio escolar.

Ainda nos anos finais da década de 1990, a Capoeira toma outros planos, e através de seus capoeiristas passa a fazer parte de novelas e programas, a exemplo, de *Malhação*, na TV Globo. E essa publicização nos meios de comunicação de massa gerou uma demanda nas aulas de Capoeira.

No ano de 2003, assume a presidência do país, Luís Inácio Lula da Silva que cumpre um programa de governo de combate ao racismo, instituindo no dia 09 de janeiro de 2003, a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira e institui o 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. E outros programas de Capoeira nas áreas da educação e da assistência social que contém em suas ações/atividades oficinas de Capoeira e hip-hop.

De 2003 a 2016, o Brasil vive um cenário de democracia, de movimentos sociais nas ruas reivindicando suas pautas/demandas sociais, políticas, econômicas e sociais. Numa relação de diálogo com as instituições de governo. Todavia, com o Golpe na presidenta Dilma Rousseff, em seu segundo mandato, em 2016. Assume a presidência Michel Temer, vice-presidente na chapa com a presidenta Dilma Rousseff que inicia um processo de retrocessos no país, depois agravado com a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. O que acarretou o agravamento das

políticas sociais, em especial o fim do Ministério da Cultura, o que ocasionou o começo da crise do setor da cultura, já não tinha ações/atividades previstas para oficinas de Capoeira nos projetos de governo municipal, estadual e federal.

Em 2019, com a instalação da Pandemia do Covid-19, com o isolamento total. O capoeirista sobreviveu se reinventando em lives e aulas on-line com velhos Mestres e demais capoeiristas. A Capoeira volta às ruas e as praças do Brasil e do mundo. Segundo os dados do Iphan (2014, p. 13) “a capoeira está em mais de 150 países”.

Com as eleições de 2022, Luís Inácio Lula da Silva foi reconduzido ao cargo da presidência do Brasil. O cenário é de luta contra o fascismo e reconstrução da democracia participativa. O que podemos dizer que estão sendo lançados as leis de incentivo Aldir Blanc e Paulo Gustavo (do Governo Federal), e de volta as conferências, nesse caso, as conferências de cultura para estrutura a Política Cultural para os próximos dez anos.

Nesse cenário de reconstrução, de agravamentos de racismos, misoginias, capacitismos, etarismos e lgtfobias, a Capoeira e os capoeiristas estão de volta as rodas e as aulas, com os/as Mestres/as e capoeiristas ora negociando ora confrontando os agentes públicos para afirmar o espaço de resistência, mas de existências no cenário cultural nacional que começa a ser desenhado, ou talvez, pelo desmonte dos últimos quatro anos, sejam ainda rabiscos potentes, de espaços democráticos que possam escurecer e reconstruir uma outra sociedade brasileira com equidade, respeito e justiça social.

E o que vimos desde 2020 é a ocupações das redes sociais com conversas com aulas gratuitas e pagas de Capoeira, e o que ainda estamos vendo é a continuidade de algumas atividades on-line. A Capoeira está no chão da escola, no território e continua nas redes com seus modos de ser, conviver e fazer.

O que vimos e estamos vendo especificamente com a Capoeira foi que mesmo concluído o Dossiê do IPHAN que reconheceu a roda de Capoeira e o ofício de Mestre em nível nacional, ainda não se efetivou o Plano de Salvaguarda da Capoeira da Paraíba. Podemos dizer que no Governo de Jair Messias Bolsonaro (2018-2022) houve um esvaziamento dessa pauta e do próprio órgão do IPHAN.

Importa dizer que ainda hoje a Capoeira e o capoeirista criam suas estratégias de resistência diante o Estado brasileiro, que não reconhece a contribuição da Capoeira e dos capoeiristas para a formação do Brasil. Segundo os dados do MEC, a Capoeira está presente em mais de 150 países (Iphan, 2014, p. 13), o capoeirista participou e participa da vida econômica, social e política do país. Nos seus grupos, os Mestres e mestras dão manutenção à

memória, à ancestralidade e aos saberes e fazeres que guardam em si um manancial de humanidade.

Reconhecendo que a população negra é mais de 50% da população brasileira, a Capoeira é o espaço-tempo espalhados pelos diversos estados brasileiros, uma tecnologia social decolonial (Oliveira, 2021), no qual pessoas de diversas classes sociais, etnias, geracional, partido político, orientação/gênero sexual reúnem-se na mesma roda, cantam a mesma música e movimentam -se cada um de seu jeito e aprendem a afirmar uma existência e uma resistência afro-brasileira ante o sistema opressor, que criminalizou a Capoeira em suas estruturas e que reverberam no imaginário social e no racismo institucional e nas intersubjetividades (SODRÉ, 2023).

No entanto, as pessoas se alegram ao som do berimbau, na batida do atabaque e continuam afirmando uma outra visão de mundo: UBUNTU, eu sou porque nós somos. E criam as resistências à fome, adaptam seus corpos e criam as manhas para continuar existindo e rompendo com as barreiras para continuar no centro no jogo, na roda e do sistema capitalista que objetiva oprimir os sujeitos para escapar para as margens de seu poder, mercadorias, corpos matáveis¹⁵ (Hur, 2015), com sua necropolítica (Mbembe, 2016).

Portanto, as manhas dos/das capoeiristas são inventadas a partir da ginga. É o gingar como estratégia de sobrevivência para a luta pela inserção na República Federativa do Brasil da Capoeira como componente curricular nas escolas públicas. É o conhecimento que já está na Lei 10.639/2003, mas que está silenciado nas práticas escolares, mesmo podendo aparecer no currículo real do Projeto Pedagógico da escola. Pois, mesmo a Bahia sendo reconhecida como estado tradicional, de referência da Capoeira no mundo, a lei que sancionou a Capoeira na rede estadual da Bahia, revogou o art. 4º que garantia o Mestre, contramestre e professor formados na tradição da Capoeira como responsáveis pelos ensinamentos da Capoeira no âmbito escolar, não garantiu o ser capoeira.

¹⁵ São corpos considerados descartáveis, pois não contribuem para a reprodução do capital e não se adequam aos códigos e normas sociais instituídos. Temos múltiplos exemplos de *homo sacer*, como os presos afegãos na prisão de Guantánamo que sofrem violências de todos os tipos no cárcere. Moradores de rua em São Paulo e Goiânia que são exterminados por grupos paramilitares organizados, e que as autoridades geralmente atribuem, cinicamente, a um autoextermínio por dívidas de drogas. Haitianos desempregados no Brasil que são alvo de inúmeros tipos de violência. Jovens negros na orla do Rio de Janeiro, que são criminalizados pelas forças policiais e por parte significativa da população. Jovens da periferia de grandes cidades que passeiam no “Templo do Capital” (shopping center), organizando seus “rolezinhos”, mas que são duramente reprimidos e criminalizados pela segurança privada e pública. Estes corpos não têm mais valia em época de corpocapital e, por encarnarem linhas distintas, são vistos como corpos-dejetos. Os corpos de imigrantes asiáticos, árabes e africanos que morrem afogados cotidianamente no Mar Mediterrâneo nas suas tentativas de fugir das condições de precariedade material em seus países também são modalidades de corpos matáveis. (Hur, 2015, p. 241-242).

Importa dizer, que a Capoeira e os capoeiristas afirmam uma existência e assumem uma identidade de resistência no cenário do Brasil, do período Colonial, passando pelo Império até a República, inclusive, até os dias atuais. Após a pandemia da Covid-19 houve uma maior vulnerabilidade dos/das capoeiras e da própria continuidade da prática da Capoeira.

3 VOU APRENDER A LER PARA ENSINAR MEUS CAMARADAS: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL

“O Brasil foi invadido, de acordo com a história convencional, 1500, por tropas portuguesas” (Sousa; Carvalho; Carvalho, 2018, p. 19). Como já havia habitantes nas terras invadidas, por aqui também havia uma forma de educação, uma educação para a vida, no dizer de Brandão (1983) “em mundos diversos a educação existe diferente”.

O que buscamos enfatizar é que pelas bandas de cá já existiam educações que davam sentido à vida, pois “existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância” (BRANDÃO, 1983, p. 9-10).

De tal modo, neste capítulo fazemos alguns apontamentos dos processos educacionais que foram desencadeados no Brasil com o objetivo de refletir sobre a educação jesuítica imposta aos negros e como eles produziram seus processos de educação. Para tal, dialogamos com Brandão (1983), Oliveira (1987), Silva (2001), Bento (2002), Cunha Jr. (2005), Santos (2005), Silva e Araújo (2005), Soares (2008), Asante (2009), Nascimento (2009), Ferreira Jr. (2010), Guimarães (2012), Rosário; Brasil (2014), Iphan (2014), Freire (2014; 2015), De Miranda (2015), Melo (2015), Petit (2015), Luz (2016), Domingues (2016), Lucindo (2016), Abib (2017), Flores (2017), Rossi (2017), Sousa; Carvalho; Carvalho (2018), Ferraz; Barral (2018), Silva (2020), Finch III; Junior; Borges; Silva (2021), Lima (2021), Barros (2022) e Melo; Santos (2023).

3.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL

A escolarização brasileira, começa com os jesuítas, em 1549, visava atender de forma diferente os habitantes da colônia. Uma educação “elitista e excludente”, segundo Ferreira Jr. (2010). Nos espaços de escolarização não havia lugar para os excluídos. Pois, a escola “nasceu com o estigma de não ser para todos, ou seja, ficou excluído da educação escolar de caráter propedêutico o grande contingente da população colonial, formado pelos escravos desafricanizados, índios, mestiços e brancos pobres”. (FERREIRA JR., 2010, p. 27).

O desenvolvimento gradativo de implantação da educação escolar no Brasil tem em seu percurso avanços e retrocessos. Como dito acima, ela é iniciada pela Companhia de Jesus (1549 - 1759), e tinha como objetivos "formar gratuitamente sacerdotes para a catequese, instruir os

indígenas, os mamelucos e os filhos dos colonos brancos [...] a guerra de ideias contra o protestantismo e a preservação dos valores morais e a difusão da cultura cristã europeia". (Rosário; Melo, 2015, p. 384). Para tanto, tiveram que se valer, primeiramente, da chamada “pedagogia brasílica” ou “formalismo pedagógico”, pois “o formal se contrapõe ao real, existindo um contraste entre as práticas e princípios ensinados nas escolas, nos colégios, na Igreja e os efetivamente, vividos na prática”(Rosário; Melo, 2015, p. 385). Em vista disso, os discípulos de Inácio de Loyola tiveram que fazer adaptações mesclando elementos da cultura indígena com a cultura europeia cristã a fim de realizarem sua missão pedagógica religiosa.

A educação difundida pelos Jesuítas para os filhos dos colonizadores valorizava o conhecimento religioso e o conhecimento da área das humanidades, para os indígenas e para os negros apenas o ensino da catequese. Quer dizer, “nessas escolas dos jesuítas, as crianças negras eram submetidas a um processo de aculturação, gerada pela visão cristã de mundo, organizada por um método pedagógico de caráter repressivo que visava a ‘modelagem da moral cotidiana, do comportamento social’”. (Gonçalves; Silva, 2000, p. 135 citando Ferreira & Bittar, 2000).

Desse modo, podemos perceber que essa concepção de educação “reforça a desigualdade entre os homens” (Brandão, 1983), porque promove a elitização de um estrato da sociedade (os brancos) e a exclusão de outros (indígenas, negros e os descendentes ambas as raças¹⁶).

Nesse sentido, a educação jesuítica tinha como objetivo preparar uma classe dirigente e outra subalterna, ou seja, visava erigir uma sociedade hierarquizada, porque essa concepção educacional promoveu os meios de manutenção do status quo. Para Brandão (1983, p. 11), “a educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedade”.

O método de ensino e aprendizagem utilizado pelos jesuítas era o “Ratio Studiorum¹⁷” o qual buscava objetivar o modo pelo qual os jesuítas deveriam proceder em sua missão de

¹⁶ [...] a identificação de raças é, na realidade, uma construção social, política e cultural produzida no interior das relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa, de forma alguma, um dado da natureza. (Munanga; Gomes, 2006, p. 176).

¹⁷ Ratio Studiorum: Conjunto de normas criado para regulamentar o ensino nos colégios jesuíticos. Sua primeira edição, de 1599, além de sustentar a educação jesuítica ganhou status de norma para toda a Companhia de Jesus. Tinha por finalidade ordenar as atividades, funções e os métodos de avaliação nas escolas jesuíticas. Não estava explícito no texto o desejo de que ela se tornasse um método inovador que influenciasse a educação moderna, mesmo assim, foi a ponte entre o ensino medieval e o moderno. Antes do documento em questão ser elaborado, a ordem tinha suas normas para o regimento interno dos colégios, os chamados Ordenamentos de Estudos, que serviram de inspiração e ponto de partida para a elaboração da Ratio Studiorum. A Ratio Studiorum se transformou de apenas uma razão de estudos em uma razão política, uma vez que exerceu importante influência em meios

propagação da fé cristã através da educação, em outras palavras, através de uma educação catequista.

Nesse sentido, seguiam os seguintes preceitos,

[...] controle disciplinar rígido das normas pedagógicas estabelecidas, Repetição, exercícios coletivos de fixação dos conhecimentos por meio de perguntas e respostas, produção textual referenciada nos temas de estudo, interrogações, declamação e a prática sistemática de exercícios espirituais” (Ferreira Jr., 2010).

A educação posta em prática pelos padres jesuítas foi a grande causadora do processo de “aculturação indígena pela civilização cristã ocidental” (ROSARIO; MELO, 2015, p. 386). À vista disso, a pedagogia jesuítica, mais tarde conhecida como pedagogia tradicional, é denominada de “educação bancária” por Paulo Freire (2015, p. 81), porque, segundo ele, se constitui “numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão”.

Em 1759, ocorreu a extinção do sistema de ensino da Companhia de Jesus com a assinatura do Alvará Régio, por Dom José I, expulsando os inicianos de Portugal e de seus domínios. Porém, o modelo de educação que foi implantado por eles em terras brasileiras perdurou mesmo com a reforma pombalina que visava implantar no país “políticas racionais oriundas do iluminismo francês”. (Sousa; Carvalho; Carvalho, 2018, p. 22). Segundo a explicação de Carvalho,

O espírito continuava o mesmo e iguais também as orientações pedagógicas: métodos, sistema disciplinar, sob a orientação da Igreja e da aristocracia agrária. O ensino continuava dirigido a uma clientela proveniente das elites rural e burguesa e poucos eram os mestiços que conseguiam furar esse sistema tradicional. (CARVALHO, 2010, p. 12).

Desse modo, podemos compreender que na prática o que ocorreu foi a descontinuidade da presença dos jesuítas no Brasil e a manutenção da substância educacional.

Sob a tutela da família real, a educação mantém seu caráter elitista e excludente, ela é a continuidade do processo de escolarização que foi iniciado pelos jesuítas, uma escola de primeiras letras (Aulas de ler, escrever e contar) para a população e a preparação para os cursos superiores para as elites. Assim sendo, o Imperador deu,

A permissão de abertura de escolas de primeiras letras, a qualquer pessoa, que em sua maioria funcionavam na própria casa do professor. Para as elites, a preocupação concentrava-se na criação de cursos superiores, pois estas recebiam os preceptores em suas casas para as noções elementares das primeiras letras”. (CARVALHO, 2010, p. 11).

políticos, mesmo não católicos. O objetivo maior da educação jesuítica segundo a própria Companhia não era o de inovar, mas sim o de cumprir as palavras de Cristo: “Docete omnes gentes, ensinai, instrui, mostrai a todos a verdade.” Esse foi um dos motivos pelos quais os jesuítas desempenharam na Europa e também no chamado “Novo Mundo” o papel de educadores, unido à veia missionária da Ordem. Disponível em: <<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/ratio-studiorum>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Ao se observar o período que compreende os anos de 1822 até 1836, o período nomeado como sendo o Primeiro Reinado, Maria E. G. Carvalho, em texto publicado em 2010, caracteriza esse momento como sendo “caótico e precário”, pois segundo ela, esta fase da educação no Brasil foi marcada por “rupturas e continuidades no contexto histórico educacional como também centralização/descentralização política e pela ausência de escolas”. (Carvalho, 2010, p. 8).

Um ponto de ruptura em relação ao que vinha sendo proposto como forma de instrução pública aparece na redação da Constituição de 1824, em seu artigo 179º, inciso XXXII, “ao garantir a instrução primária, e gratuita a todos os cidadãos” (Carvalho, 2010), incluindo aí ingênuos e libertos conforme o artigo 6º, inciso I. Porém, “a instrução limitava-se à elementar, ou seja, ler, escrever e contar” (Carvalho, 2010), tal qual as escolas de primeiras letras da era pombalina, configurando assim, a continuidade no processo de escolarização.

Após uma década de aprovação da Constituição do Império aconteceu uma alteração promovida pelo Ato Adicional. Esta lei estabeleceu como responsabilidades das assembleias legislativas das províncias a administração do financiamento e da organização do ensino primário, porém o ensino superior ficou sob responsabilidade do Poder Monárquico (Ferreira Jr., 2010).

O poder central encarregou-se da educação das elites buscando formar quadros dirigentes para a administração do país, a instrução elementar, voltada para o povo, ficava sob a responsabilidade das províncias. Conforme nos confirma Carvalho (2010, p. 16), “as Províncias precariamente ficariam responsáveis pela educação do povo e o poder central teria a obrigação pela educação da elite”. A política educacional exercida pela monarquia brasileira excluiu, deliberadamente, dos bancos escolares a grande massa da população.

Ao entrar no período republicano e olhar para a política educacional pensada para atender às classes populares, a educação tinha um aspecto doutrinário e fomentava valores morais e de civismo, pois seu objetivo era criar uma “cultura nacional” (Rossi, 2017). Nesse sentido, a educação no período da Primeira República (1889-1929), tinha como meta a aculturação das classes populares, isso porque visava “homogeneizar costumes, hábitos e quereres delineando um sistema de ensino dirigido e controlado, de forma a produzir a unificação da nação brasileira”. (Rossi, 2017, p. 163).

Para que tal empreitada viesse a dar certo seria necessário que as escolas fossem transformadas em espaços nos quais a “cultura cívica fosse disseminada, e a tradição republicana forjada”. (Rossi, 2017, p. 164). Segundo Sampaio Dória (apud Rossi, 2017, p. 163) “a escola [...], por exemplo, seria o local propício para habituar e para forjar a formação dos

comportamentos cívicos. Conforme dito acima, na Primeira República, ao se pensar uma escola pública que atendesse a grande massa da população brasileira o objetivo claro era o de educar para a subserviência através da justaposição dos ideais políticos de um grupo (a elite dirigente) sobre outro (as classes populares).

A escola atuaria no processo de socialização secundária dos sujeitos, de modo a fazer com que eles assumissem uma conduta social aceitável porque “por meio dela, as crianças se tornariam homens e mulheres aficionados ao seu país, submissos não pelo temor, mas pela razão, à autoridade, solidários com os demais e acostumados a reconhecer e a respeitar a justiça”. (Rossi, 2017, p. 165-166). O que podemos perceber é que o projeto educacional da nação, destinado a todos os extratos, é um projeto de aculturação, pois visava homogeneizar os modos de agir dos grupos sociais visando a unificação do povo brasileiro.

Nesse ínterim, Rossi (2017), ressalta que as matérias que alcançaram notoriedade foram Instrução Moral e Cívica, História, Geografia do Brasil e Língua Pátria, isso porque apresentavam seu potencial de teor civilizatório e sua capacidade de estabelecer uma memória coletiva. Desse modo, a educação escolar vai se tornando a grande agente de aculturação da sociedade, pois nela era “possível formar e disciplinar professores, alunos e familiares; adequar espaços e tempos e eliminar formas mais livres de ensino” (ROSSI, 2017, p. 168).

O que podemos verificar a respeito da história da educação no Brasil é que desde os primórdios ela apresenta-se de modo a promover a elitização e a exclusão de parcelas da sociedade. Com os discípulos de Inácio de Loyola a instrução dos indígenas era realizada nos aldeamentos tendo como objetivo o ensino da catequese e para os filhos dos colonizadores o objetivo era fomentar o conhecimento religioso e o conhecimento da área das humanidades.

Com o advento das reformas implementadas pelo Marquês de Pombal os jesuítas são expulsos de Portugal e de todas as suas colônias, pondo um fim a 210 anos de implementação de domínio jesuítico na área da educação. A reforma educacional pombalina pôs fim aos colégios jesuítas e instituiu as aulas régias (estudos de letras humanas) as quais se configuraram como aulas avulsas que não estavam interligadas entre si, de maneira que uma não dependia da outra.

Podemos dizer que a escolarização, no Brasil, tem início com os padres professores jesuítas, é findada com as reformas pombalinas, mas sua essência permanece porque as orientações pedagógicas, métodos e sistemas disciplinares perduram. E ainda, segundo Carvalho (2010), os mais altos níveis de instrução eram “destinados a uma clientela proveniente das elites rurais e da aristocracia agrária”.

Com o estabelecimento da Primeira República, a educação ganha contornos mais explicitamente doutrinários, pois objetiva disseminar uma cultura cívica. Tal qual afirmam Rosário e Melo (2015, p. 386) ao se referirem a educação jesuítica como a responsável pela “aculturação indígena pela civilização cristã ocidental”. Rossi afirma algo que tem a mesma perspectiva, ao colocar o seguinte: “A nova ordem urbana e a escola projetadas para esse meio possuem finalidades explícitas de aculturação” (2017, p. 165).

A partir dessas afirmações podemos concluir que o projeto de aculturação da população pelos processos de educação/escolarização está em vigor no Brasil desde que as primeiras aulas foram ministradas.

Compreendendo que o início do processo de educação/escolarização no Brasil como parte do transcurso de aculturação dos povos originários e dos povos africanos escravizados suscitou uma reação às inúmeras tentativas de conformar todos os outros povos ao padrão judaico-cristão europeu; na proibição legal dos negros, na condição de escravizados, de acessar os espaços de escolarização e ao apagamento da memória num processo violento de coisificação e animalização da pessoa escravizada como instrumento de trabalho.

Houve um ajuntamento de pessoas na condição de escravas que na perspectiva da resistência a opressão da escravidão reagiram com a mesma força, e ao confrontar o sistema escravista: armou fugas, rebeliões, irmandades, quilombos e Capoeira. No cenário inóspito, foram se reconhecendo no outro e organizando “zonas de escape”, espaços dos tambores, dos cânticos, e criando estratégias de sobrevivência.

Os “negros de ganho” juntavam dinheiro para a compra de sua alforria e ajudavam depois para libertar outros; negros fugiam para os meios de matas e montanhas, criavam comunidades de resistência, de afetos, de memórias do além-mar e voltavam para buscar outros-escravizados, e muitas foram as voltas, que resistiram há muitos ataques, e depois reconhecidas como quilombos, organizações negras, a mais conhecida Quilombo dos Palmares, na época capitania de Pernambuco, atualmente, estado Alagoas.

Foram aprendendo a se juntarem e fizeram inúmeras ataques a “ordem”, a exemplo, da Revolta do Malês, Revolta da Chibata; e na busca das alforrias formaram o pelotão conhecido como batalhão dos Nuervos” na guerra do Paraguai, obrigados com a promessa da liberdade. Liberdade, finalidade do projeto de resistência do povo negro e indígenas. Em resposta a violência, os quais eram submetidos no cotidiano. Isso levou a uma aprendizagem corporal de luta, que possibilitou a continuidade dos agrupamentos, o corpo negro muitas vezes tornou-se o corpo capoeira.

E os espaços de luta, foram espaços de educação do povo negro, os espaços de rua, os espaços das senzalas, das lavouras, das irmandades. Enquanto o santo católico se encontrava no altar, nossos deuses se encontravam nos corpos e na terra, plantados, e suas raízes e ervas curavam as feridas, mesmo que saíssem outras palavras, ensinadas pelos padres.

No que já se denominou de “sincretismo”, o (a) negro(a) elaborou o “patuá” para fechar o corpo e continuaram passando o segredo das folhas e das ervas; com medo de que o escravizado cometesse suicídio, os senhores permitiam seus “batusques” controlados pelos olhares da Casa Grande, situada no espaço mais alto para vigiar a senzala. Assim foram dançando, cantando e cultuando “deuses”. Um processo de educar para afirmação de uma humanidade ceifada pelos grilhões.

Nas rodas, a capoeiragem, na frente de bares, quitandas, no cais do porto, em Salvador. No tempo do ócio, entre uma entrega e/ou uma venda, e “entre o papo e a copo”, estivadores, alforriados, escravizados se juntavam na frente do bar; as músicas de Capoeira nos dão estas pistas: é na beira do mar/que aprendi a jogar Capoeira”; “entre o papo e o copo e a garrafa de pinga; uma educação na rua que “trazia as picardias, as malandragens e a humanidade”; assim, a potência de enfrentar “o trabalho que coisificava” e “o ócio que dava sentimento de liberdade” nesse ínterim entre a ordem/desordem se frutificou corpos fortes e ágeis que mantinham “centelhas de fogo” que forjaram muitos confrontos com o Estado, “capadócios, desordeiros, capoeiras”.

Alguns capoeiras e também os recém libertos com a assinatura da Lei Áurea lutaram pela Princesa Isabel, em defesa do império. Nesse sentido, “a mobilização política dos negros brasileiros teve continuidade com a formação da Guarda Negra por José do Patrocínio e sua defesa da monarquia contra o avanço do movimento republicano”. (Guimarães, 2012, p. 16). A Guarda Negra, segundo De Miranda (2015, p. 1) “era uma organização formada por ex-escravos, leal ao regime e devotada à proteção da Princesa Isabel. Ainda, segundo Miranda (2015), os membros, em sua maioria eram praticantes de capoeira”.

Enquanto, outros capoeiras estavam em defesa da República, o que trouxe para a construção do imaginário da época dos “capoeira perigosos”, ao ponto que o primeiro ato institucional na República foi a inserção da Capoeira no Código penal de 1890. Afinal, a agilidade e força das capoeiras eram utilizados para perturbar a ordem e organizados em “milícia para atacar os republicanos” e dominar o território, podemos perceber a paisagem dessa época conforme o IPHAN,

Antes da Proclamação da República, em 1889, os escravos capoeiras ganharam prestígio devido a sua participação na Guerra do Paraguai, que ocorreu entre 1864 e

1870. Também ficaram famosos por sua atuação durante as eleições, quando pressionavam eleitores para votar nos candidatos dos partidos que defendiam, fossem conservadores ou liberais. Além disso, criaram uma milícia conhecida como Guarda Negra⁸, que era a favor da Monarquia e atacava republicanos. “Fundaram o Partido Capoeira e, antes de serem definitivamente perseguidos, dividiram a cidade em territórios de duas grandes maltas: Nagoas e Guaiamuns”. (IPHAN, 2014, p. 23-24).

Isso é importante demonstrar a organização dos descendentes de africanos “criaram uma milícia”, “fundaram partido” e dividiram o “território da cidade”, corpo-capoeiras que gestavam uma resistência a dominação das elites, buscando instaurar uma posição de poder naquele contexto pela arma que possuíam o corpo-capoeira. Dessa maneira a Capoeira passa a ser lida como outro texto “de ser vista como instrumento de dissuasão de conflitos internos das próprias camadas da escravidão urbana”, ela passa a ser vista como cultura afro-brasileira, criada por africanos no Brasil, segundo Soares

A capoeira lentamente passa a ser relida como criação da cultura escrava no Brasil, criada por africanos e (pretos crioulos nascidos no Brasil) no ambiente urbano, e que teve seu espaço de atuação nas vilas e cidades do último século da colonização portuguesa. De forma de resistência aos senhores e ao Estado escravista, passa a ser vista como instrumento de dissuasão dos conflitos internos dentro da própria camada escrava urbana. De brincadeira gerada em oposição ao trabalho servil e degradante (vadiagem), passa a ser vista como elemento indispensável no controle por escravos e negros libertos do ambiente de rua, um verdadeiro poder paralelo, em que vendedores ambulantes e (escravos que vendiam mercadorias negros de ganho ou serviços no espaço público) controlavam o comércio informal da cidade colonial. (SOARES, 2008, p. 47).

O que vai ficando evidente, é a força dos capoeiras em dominar o território da cidade, onde atuavam como negros libertos ou vendedores urbanos, e mais uma vez Soares mostra as pistas de estratégias de poder dos negros libertos e de ganhos no comércio informal da cidade colonial. Para tal, os golpes, a agilidade e destreza marcam os corpos-capoeiras que “nos campos de peleja forjam suas lendas”, pois na guerra

No combate corpo a corpo, os fuzis de pederneira, carregados pela boca a cada tiro, eram de pouca valia após a primeira descarga. Os golpes da capoeira, aprendidos nas ruas da distante cidade do Rio de Janeiro, eram a arma de que se valia o soldado negro ou mulato brasileiro, não apenas do Rio, mas também de Recife e Salvador. Nos campos da peleja, os capoeiras forjaram sua lenda. (SOARES, 2008, p. 48).

As lendas dos bravos e valentões dominam o imaginário da época, corpos-capoeira transformados em corpos-soldados na guerra para garantir a liberdade ao retornar, e muitos deles eram pegos pelos “batalhões recrutadores, que vigiavam as ruas e invadiam as moradias coletivas em busca de “voluntários” da pátria. Presos, enjaulados, amarrados, os negros capoeiros eram levados aos magotes a envergar as fardas do exército imperial nos campos do sul” (SOARES, 2008, p. 47-48).

Os negros capoeiras forçados a servir na guerra capturados ‘como animais’ e talvez isso seja uma pista das ferocidade dos atos desses corpos-enjaulados, desses negros capoeiras que foram aplaudidos pela vitória na Guerra do Paraguai e temidos no começo da República.

3.2 TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIA: OUTRAS EDUCAÇÃO DO NEGRO

A escola brasileira tem sido o fardo para a população negra brasileira. Com a presença do africano no Brasil gerou a necessidade de catequizar não apenas os indígenas, nomeados como os “negros da terra”, mas os africanos escravizados. Mas, a presença negra nas instituições de escolarização no Brasil foi impedida pela condição de “escravizado”, na Constituição Federal de 1824 (art. 6, item 1), segundo Silva e Araújo (2005, p. 68), “os negros não eram vistos como pessoa e sim como propriedade, de tal modo, não eram considerados cidadãos. Portanto, os escravizados junto com as mulheres e os pobres não podiam legalmente frequentar as escolas”.

E com a abolição da escravidão em 1888, os negros de forma precarizada começaram a acessar a escola brasileira, todavia sem a incorporação dos seus conhecimentos, saberes e fazeres. O ambiente escolar no decorrer dos anos tornou-se um lugar inóspito para a população afro-brasileira. Conforme Oliveira,

E a escola brasileira com seu ensinamento singular e etnocêntrico dará aos povos diferentes o direito de serem iguais. Os negros todos terão direito de ser brancos, basta negar a raça, a cultura, a identidade, e aprender a história do dominador branco. Esquecer a mãe África, sua identidade e assimilar os valores eurocêntricos. Eis a lição - as crianças negras hão de aprender! Quem não aprende a lição não se educa, e de Igual, passa a desigual, e o desigual vira marginal. Porém, os marginais tornam-se um inconveniente social, e educar alunos negros marginais, pobres, carentes, tem sido uma tarefa árdua para a educação. Educar as classes populares ultrapassa o ensino de números e letras. Exige um compromisso político com as etnias que as compõem, respeito a sua identidade e cultura. (OLIVEIRA, 1987, p. 10).

Ainda de acordo com Oliveira, a escola brasileira tentou apagar os sujeitos e os conhecimentos do povo negro, impondo uma cultura eurocêntrica, e hierarquizando os sujeitos negros na escala mais baixa da sociedade os empurrando para as margens, fazendo da categoria raça argumento para inferiorização do negro, tratando-os apenas como “ex-escravizados” sem abolir as ideias de racialização da sociedade brasileira que estavam sendo formadas nas escolas, ao contrário reforçando estigmas e preconceitos, alinhando a raça negra com pobreza e violência. Na concepção de Silva,

Só quando os negros percebem que assimilar uma cultura vinda de cima significa aceitar o estereótipo de que não são ninguém, ou de que só passam a ser alguém a partir da assimilação da cultura ocidental, é que estão dadas as condições subjetivas

para que uma consciência libertária se sobreponha à consciência oprimida, ou seja, para que os explorados conduzam a própria luta. (SILVA, 2001, p. 23).

De tal modo, que os africanos e seus descendentes descobriram formas de se relacionarem com o mundo novo, nas terras brasileiras, recriaram sentidos de existências combinando os elementos, os gestos, os sons, as crenças criando laços de pertencimento e de afetividade para continuar “existindo enquanto gente”. Pois,

A trajetória da população negra demonstra que o desafio de viver num novo mundo foi vencido não exatamente pela cristalização do comportamento e dos valores em relação a essa realidade. Ele foi vencido justamente pela compreensão da necessidade de recombina suas tradições, ressignificando práticas, símbolos e princípios para restaurar ou recriar essa realidade de acordo com seus desejos. Por meio de processos explícita ou implicitamente educativos, táticas, estratégias e crenças, foram mobilizadas para resgatar velhos e criar novos laços familiares e, num sentido mais amplo, um sentido de comum de identidade. (LUZ, 2016, p. 139).

Ressignificar, recriar, resistir ações que os negros e as negras precisaram aprender no cotiando de suas vidas, conforme Luz, para continuarem existindo, consciente ou não, eram impelidos para ir ao encontro do outro para a superação da situação de pobreza e violência submetidos por trazerem na pele “a cor”, nomeados pelos Colonizadores: negro, preto, pardo, crioulo, africano. E foram se agrupando, se reconhecendo e criaram as irmandades negras as quais “também acabaram se constituindo como uma instância educativa para os indivíduos que dela participavam, tendo em vista que diversos outros processos formativos ocorreriam por meio da própria prática já estabelecida tradicionalmente” (LUZ, 2016, p. 132).

De acordo com Luz, os “diversos processos formativos [...] por meio da própria prática já estabelecida tradicionalmente” não foram contadas e nem reconhecida pela concepção da educação institucional do estado brasileiro, as instâncias educativas criadas pelos africanos e afro-brasileiros estão cada vez mais sendo “objeto de estudo” de pesquisas acadêmicas, mas pouco se fala de seu reconhecimento, valorização e visibilização como processos educativos da educação popular da população negra brasileira.

Uma aprendizagem que se faz a partir da cultura afro-brasileira, a exemplo da educação dos terreiros e da Capoeira. Segundo Claudilene Maria da Silva, “a aprendizagem pela prática cultural faz referência a uma educação que é assentada na cultura afro-brasileira e africana e toma como princípios orientadores a ancestralidade, a identidade e a resistência dos africanos e seus descendentes” (SILVA, 2020, p. 55).

Segundo Freire (2014), “ensinar exige o reconhecimento e assunção de uma identidade cultural”, e “exige uma corporificação das palavras pelo exemplo”, entre outras exigências para se conceber uma pedagogia da autonomia, uma relação entre a prática de sala de aula, a relação educando-educador e educador-educando numa perspectiva que educador e educando se

emancipam no diálogo libertador que se constitui na confiança na relação horizontal de educador e educando, ao se reconhecerem como sujeitos históricos, inacabados e inconclusos, que ao se perceberem como sujeitos em interdependência, compreendem que a educação acontece em comunhão mediatizados pelo mundo.

Nas culturas afro-brasileiras afirmamos uma resistência ao sistema opressor e uma existência pautada em um Pensar Nagô (SODRÉ, 2017) e na filosofia Ubuntu – Eu sou porque nós somos. A existência individual só é possível na existência coletiva. Nos terreiros, na Capoeira, no samba são exemplos de que aprendemos coletivamente saberes e fazeres que nos dão vínculos de pertencimento. Quem participar das manifestações culturais afro-brasileiras se identifica com a matriz afro-indígena e assume a identidade da família do santo, do grupo de Capoeira, discípulo do Mestre.

A gira do terreiro e/ou a roda de Capoeira tem como detentores a pessoa do Babalorixá (pai de santo), da Ialorixá (mãe de santo) e/ou do/a Mestre/a de Capoeira, responsáveis pela comunicação do ritual e da tradição para as gerações atuais e as gerações que irão chegar. E para as religiões de matriz africana e para a Capoeira tempo é “posto”, como nos diz, Sandra Haydée Petit, no livro Pretagogia, “na relação de senhoridade que acontece o aprendizado, com o Mestre orientando pelo exemplo e pela vivência, transmitindo a prática e o significado de dançar à geração recém-chegada”. (PETIT, 2015, p. 77).

A dimensão temporal é um dos elementos fundadores para essas tradições afro-brasileiras. Então, o babalorixá, Ialorixá e o/a Mestre/a de Capoeira são responsáveis pela “manutenção, por guardar a memória coletiva do povo negro e de suas culturas”.

Assim, a memória é um valor caro para as populações africanas e afro-brasileiras, “a memória negra é o legado de luta permanente empreendida pelos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil para garantir a sobrevivência física e simbólica dessa população, âmbito no qual, historicamente, o espaço da cultura tem sido de grande importância”. (SILVA, 2020, p. 42).

Para tal, os mais velhos “os griôs” para a população africana e afro-brasileira são verdadeiras bibliotecas, pois, “cuidam da memória de cada nação, os mitos, as lutas, os saberes, os fazeres” para contar através de contação de histórias, de músicas o que “não poderá ser esquecido”, quem são? Suas histórias? Seus conhecimentos? Seus territórios? Que reafirmam uma existência, modos de ser, modos de fazer, modos de conviver, modos de crença. E na atualidade, as manifestações culturais afro-brasileira com suas gentes tornam-se espaços-tempos de convergência de aprendermos quem somos e por que ainda continuamos lutando.

Dessa forma,

As manifestações culturais afro-brasileiras são em primeira instância as expressões da organização política da comunidade negra. Uma associação impregnada pelo discurso identitário, que não deixa de ser político e ideológico. Um discurso que, se manifestando através dos símbolos e sentidos, ultrapassa a emissão de palavras, tornando-se capaz de atuar sobre todos aqueles que compartilham o mesmo pertencimento étnico-racial. Portanto, podemos afirmar que é na luta contra o racismo e por meio da resistência cultural que o povo negro ressignifica e reafirma sua existência (SILVA, 2020, p. 44).

Por isso, entendemos que “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo” (Freire, 2014, p. 35) e precisa ser mais que “emissão de palavras” (Silva, 2020, p. 44). Assim, as manifestações culturais afro-brasileiras assumem a função de convergência de pautas culturais e políticas a partir do corpo-território, um aspecto de movimento, ritual, tradição que dá liga as pessoas criando o sentimento de pertença ao grupo.

Outro aspecto, a dimensão política, que produz engajamento e mobilização social, precisamos buscar melhorias para “o território-geográfico e o território-corpo”, é o saneamento, o centro cultural que precisamos buscar, mas “é a educação antirracista, antimachista, antihomofobia”, que precisamos construir em nossas relações interpessoais e sociais, e o controle social que precisamos acionar junto aos órgãos competentes em âmbito nacional, estadual e municipal.

Essa maneira de educar partindo da realidade, numa perspectiva coletiva, de afetividade e política com “os ditos subalternizados, classe trabalhadora, os oprimidos” para construir conhecimento com mobilização social e engajamento, para alguns poderia ser um “conceito de educação popular” segundo Paulo Freire e Brandão.

Esses processos de educação foram e ainda são muitas vezes o que parte da população africana e afro-brasileira tiveram e têm acesso. Para Ferraz e Barral ao observarem “a trajetória histórica da população negra que, já algum tempo, os negros vêm caminhando na perspectiva conhecida como educação popular. A educação popular, do ponto de vista afro-brasileiro, traz a dimensão cultural no processo de conscientização do negro marginalizado”. (FERRAZ; BARRAL, 2018, p. 79).

Segundo Brandão (1983) não existe apenas uma forma de educação, existem outras educações, conforme o próprio autor cita, a exemplo: “da Folia de Reis, das Escolas de samba e dos Grupos de Capoeira”. Brandão nos aponta as pistas “de outras educações” da população negra, e nos afirma que estas educações aconteciam “nas frestas e nas brechas” do sistema vigente. Na lei do Estado Brasileiro, a educação se tornou para todos e gratuita, na década de 1988. Então, quem educou a população negra, Ferraz e Barral nos dão indícios de como ocorriam esses processos educativos,

Historicamente, organizações negras, desenvolveram uma perspectiva popular sob a perspectiva da população negra, configurando-se em uma luta contra-hegemônica através de processos educativos, que visavam à superação da sua condição de oprimido em uma sociedade racista. (FERRAZ; BARRAL, 2018, p. 79).

Os autores nos apresentam os vestígios de como a luta contra o racismo é tão cara para a população afro-brasileira. Então, os processos educativos oriundos dos terreiros, das capoeiras e das irmandades negras continuaram com a Frente Negra, o Teatro Experimental do Negro, a Imprensa Negra com a intencionalidade de resistência ao sistema opressor e afirmação de uma existência assentada na matriz africana e afro-brasileira. Segundo Ferraz e Barral (2018),

Nas décadas de 30 e 40 do século passado, inscreveram na história da educação popular de matriz afro-brasileira duas experiências que se tornaram referência para o movimento negro brasileiro, em especial, para o campo da educação e das relações raciais no Brasil. Trata-se das experiências da Frente Negra Brasileira (FNB), fundada em São Paulo, no ano de 1930, e do Teatro Experimental do Negro (TEN). (Ferraz; Barral, 2018, p. 79 apud Romão, 2007, p. 117).

De acordo com os autores podemos inferir que as pessoas negras, no Brasil, mesmo diante da obstaculização estabeleceram redes de apoio e de sociabilidades que possibilitaram a educação de si e dos seus através de iniciativas organizadas pelos próprios sujeitos de modo a resistir ao processo de escravidão. Assim sendo, “negros(as), pardos (as), africanos (as) se organizaram e não ficaram impassíveis, lutando contra as barreiras impostas para a sua ascensão social, econômica e intelectual” (BARROS, 2022, p. 78).

Desse modo, organizaram suas próprias escolas, ofertaram aulas públicas, promoveram cursos de alfabetização, curso primário regular e curso preparatório para o ginásio (Romão, 2005). A escola primária particular (1853-1873), do professor Pretextato dos Passos e Silva, que funcionou na freguesia de Sacramento – RJ, a qual tinha como objetivo atender crianças “pretas e pardas”, pois o professor afirmava que,

Os meninos “pretos e pardos”, ou eram impedidos de frequentar, ou em frequentando, não recebiam “uma ampla instrução” porque eram pessoal e emocionalmente coagidos. E em razão dele também ser “preto”, os pais daqueles meninos imploraram-lhe para que desse aulas a seus filhos e ele o fez. (SILVA, 2016, p. 145).

Assim sendo, percebe-se a ação educacional politicamente posicionada do professor Pretextato ao buscar abrir uma escola para atender crianças pretas e pardas que assim como ele sofriam o racismo de então.

Outra forma de educação da população negra se dava por dentro das Irmandades, as quais eram definidas como: “associações corporativas, no interior das quais se teciam solidariedades fundadas nas hierarquias sociais”. (LUZ, 2016, p. 122 apud REIS, 1991). Estas organizações segundo, Cunha Jr. (2005, p. 264) datam dos anos 1640 e se posicionavam contra

“o escravismo, procurando a compra de alforrias, organizando a educação dos membros da irmandade e garantindo assistência na velhice e na doença”.

Nesse sentido,

A dinâmica associativa era também formativa, já que implicava a circulação de valores e saberes entre seus membros. Por isso, trata-se de uma das atividades culturais dessa população que tiveram no caráter formativo e socializador da educação, elemento fundamental na busca por construir uma realidade favorável no contexto adverso da sociedade escravista. (LUZ, 2016, p. 121).

Para Luz (2016) a “dinâmica associativa era também formativa”, a exemplo da Frente Negra Brasileira – FNB, fundada em São Paulo, no dia 16 de setembro de 1931, a partir das experiências acumuladas em suas associações, cujos objetivos eram a busca pelas garantias dos direitos históricos, e entre esses direitos estava o direito à educação, pois para os fretenegrinos deram bastante destaque ao departamento de “instrução, também chamado de departamento de cultura ou intelectual” (DOMINGUES, 2016, p. 339). Para os membros da FNB, a educação era compreendida de forma mais abrangente envolvendo aspectos formais, culturais e morais. Por conseguinte,

O conceito de educação articulado pela entidade era amplo, compreendendo tanto o ensino pedagógico formal quanto a formação cultural e moral do indivíduo. A palavra educação era usada com esses dois sentidos. Já a palavra instrução tinha um sentido mais específico: de alfabetização ou escolarização. (DOMINGUES, 2016, p. 339)

Outro aspecto relevante é que a FNB elaborou críticas ao modo pelo qual a escola e os professores se posicionavam em relação aos estudantes negros como também ao modo como os conteúdos que envolviam a história da população afrodescendentes, pois tal história “têm dado ao negro a impressão de que os seus antepassados foram uns desgraçados e de que os jovens negros só por isso têm de ser sempre uns vencidos” (DOMINGUES, 2016, p. 349).

Para os afrodescendentes, que de algum modo tiveram acesso às letras, a ideia de educação estava ligada ao acréscimo da condição de liberdade (LUCINDO, 2016), ou seja, era necessário a elaboração de processos de instrução, pela escolarização e pelo trabalho, que fizesse com que os ex-escravizados pudessem alcançar a “verdadeira liberdade” dada pela República a qual seria “a liberdade de consciência, liberdade do espírito que se conquista pela educação e pelo trabalho” (LUCINDO, 2016, p. 318).

Todavia, mesmo alguns tendo alcançado “a verdadeira liberdade” dada pela República, os ideais dessa República: liberdade, fraternidade e igualdade, não foram pensados para as populações não-brancas e nem garantiam a “igualdade” perante a lei no Brasil. Todavia, a abolição da escravatura ocorreu em 1888, e não revogou a Lei das Terras, significa que os africanos e seus descendentes não poderiam ter acesso as terras devolutas do estado.

Instituído pelo Decreto 847, de 11 de outubro de 1890, o Código Penal da República, em seu capítulo XIII, cujo título é “Dos vadios e capoeiras”, no Artigo 402 tipifica a prática da Capoeira como crime. Podemos inferir que não houve por parte do Estado brasileiro durante muito tempo, vontade de resolver as questões das desigualdades sociais no Brasil, que se apresentava e se apresenta como cerne da questão étnico-racial. Tanto que apenas em 2001, na Conferência em Durban, o Brasil tornou-se signatário, e mais uma vez, pela pressão do sistema-mundo começou as ações afirmativas, nas áreas de trabalho, educação.

Fazendo o movimento de volta ao passado, compreendemos que “a instrução também elevaria a autoestima dos afrodescendentes, tiraria deles o convencimento de sua inferioridade, num momento que se tem um fascínio pelo discurso racial que os rebaixava” (LUCINDO, 2016, p. 320).

Portanto, era uma dimensão de luta dos movimentos negros organizados, instruir, para letrar e alfabetizar afro-brasileiros para não aceitação da “inferioridade racial” que continuava nos discursos oficiais pós-abolição, que buscou-se reduzir o passado da população afro-brasileira ao período da escravidão, sem falar das revoltas, fugas, quilombos, dos processos educativos, nem das redes de sociabilidades “o desconhecimento do legado cultural africano leva os próprios afrodescendentes a assumirem atitudes discriminatórias e posturas capazes de diminuir dramaticamente sua autoestima”. (SILVA, 2022, p. 6).

Conforme Mauricio Silva (2022) apagar a história, o legado cultural africano era, e talvez ainda seja uma das formas de evitação das elites brasileiras de conter a “ascensão da população afrodescendente” para “os estudiosos brancos, mais que os negros, sempre entenderam a importância de controlar o pensamento histórico e social.

A melhor maneira de controlar um povo é controlar o que ele pensa sobre si mesmo”. (FINCH III; NASCIMENTO, 2009, p. 60-61). Entendemos a partir dos autores que controlar para as elites brasileira era alimentar o imaginário de inferiorização do africano e seus descendentes, resumindo o sujeito africano “ao escravizado” e propiciar situações de conflitos para barrar as associações de “homens de cor” que também eram formativas.

Vale ressaltar, conforme Lucindo (2016) a educação era um caminho para ascensão social de “pretos”, todavia, as elites buscavam “justificativa legítima” para obstacularização desses processos educativos, a exemplo,

Em 1928, o jornal *Auriverde* dizia que havia uma obstrução a ascensão dos “homens de cor”, causada por invejosos que beneficiavam seus pares e que a solução era educar “as crianças de cor”. Uma vez educados, entendia o artigo, ninguém poderia obstruir a ascensão dos “pretos” com alguma justificativa legítima. Além disso, deixariam de agir e/ou se enxergar como inferiores. A educação permitiria que criassem “coragem” de querer alcançar postos superiores. (LUCINDO, 2016, p. 321).

Podemos perceber que desde o começo da República já existia uma intencionalidade da população afro-brasileira de acessar a escola, como meio de adaptação a nova sociedade que se formava, a sociedade industrial. Para tal, os negros precisavam acessar a escola, pois, os novos postos de trabalhos com a implementação das indústrias exigiam um mínimo de conhecimento do sujeito (denominado de operário) para a lida com as máquinas.

Portanto, nesse período houve uma valorização da “educação formal” acreditando que a escola resolveria todos os problemas de exclusão das populações afro-brasileiras. Segundo Santos (2005), os negros acreditaram que a escola garantiria um novo status na sociedade brasileira, portanto,

A valorização da educação formal foi uma das várias técnicas sociais empregadas pelos negros para ascender de status. Houve uma propensão dos negros em valorizar a escola e a aprendizagem como um “bem supremo” e uma espécie de “abre-te sésamo” da sociedade moderna. A escola passou a ser definida socialmente pelos negros como um veículo de ascensão social (SANTOS, 2005, p. 21-22).

Compreendemos que “a escola passou a ser definida socialmente pelos negros como um veículo de ascensão social” conforme Santos (2005). Mas, essa mesma escola brasileira alicerçada nos valores de liberdade, fraternidade e igualdade não foi pensada para as populações afrodescendentes. O que acarretou com decorrer dos séculos, na produção de um imaginário de “que negro é burro”, pois, mesmo se compreendendo que os africanos trazidos para as terras brasileiras já possuíam outras formas de conhecimento, de escrita, de domínio do ferro, da agricultura, por muito tempo esses saberes e fazeres não foram reconhecidos e publicizados como cultura africana e afro-brasileira, nem adotados nos currículos da educação escolar brasileira.

O que levou a sérios processos de denegação da própria identidade, pois, o discurso do professor e o livro didático davam apenas o lugar do “escravizado”, negando toda a potência de agir das populações africanas e afrodescendentes. O que ocasionou disparidades no ambiente escolar entre a população branca e a população negra até os dias atuais. Precisamos atentar que “o racismo simbólico gera a desqualificação dos saberes dos subordinados e produz neles a noção da inferioridade de suas tradições como verdade irrefutável. Isso pode ser resultado dos três séculos de escravidão no Brasil”. (JUNIOR; BORGES; SILVA, 2021, p. 160).

Compreendendo com Junior, Borges e Silva (2021) “isso pode ser resultado dos três séculos de escravidão”, do racismo simbólico que desqualificou as outras educações, a exemplo da educação dos terreiros, alicerçada nos valores afro-diaspóricos. Ainda com os autores, podemos visualizar no processo educativo,

Entre os adeptos do Candomblé Ketu, os saberes são compartilhados por meio da oralidade já que não há uma escritura sagrada como ocorre em outras religiões. O

aprendizado é constituído através da observação, escuta, oralidade e prática dos saberes e fazeres e, assim, os conhecimentos são passados de geração em geração. (JUNIOR; BORGES; SILVA, 2021, p. 160).

Essa forma de educação a partir da cultura afro-brasileira possibilita para negros e não-negros vivenciar uma práxis cotidiana de assunção da pessoa como ser mais, uma vez que aprende a leitura do mundo “na gira” e depois a leitura da palavra. Aprendizagem que se dá com significado de mundo, de existência, de pertencimento num território de interações, de partilhas entre o eu, o outro, no mundo e com o mundo.

Na gira, para os adeptos das religiões de matriz africana e afro-brasileira e nas rodas de Capoeira valores caros para população afro-diaspórica que interligam dimensões de espaço, tempo, identidade e ancestralidade para afirmação de existências negras.

Nas palavras de Silva (2020, p. 45), a “ancestralidade é o território de ligação, de relação de trocas. É sentimento de pertencimento, de acolhimento e de referência que impulsiona a vida, por meio da construção e reconstrução das identidades”. Podemos perceber essa grande importância de uma educação não formal para afirmação de um Pensar Nagô (SODRÉ, 2017), desde que houve ajuntamento de africano e seus descendentes no Brasil. Acrescentamos que Junior, Borges e Silva (2021) apontam,

O quanto a oralidade e a observação são práxis dentro dos terreiros para a construção do conhecimento e entendimento da preservação dos saberes, valores e manutenção dos aprendizados religiosos ancestrais dessas comunidades tradicionais, efetivando e evidenciando a importância da educação não formal dentro dos terreiros de candomblé. (JUNIOR; BORGES; SILVA, 2021, p. 160).

Para os autores a educação dos terreiros possibilita aos seus adeptos o acesso ao conhecimento ancestral e manutenção dos aprendizados das religiões de matriz africana e afro-brasileira, dando ênfase numa práxis alicerçada na oralidade e na observação, os quais são valores afro-diaspóricos que também se fazem presentes em outras manifestações culturais afro-brasileiras. No caso, da Capoeira, segundo Melo e Santos,

Os conhecimentos oriundos da capoeira foram repassados de geração em geração através dos capoeiristas, que socializaram saberes e virtudes como companheirismo, camaradagem, trabalho em equipe, respeito às diferentes opiniões e à diversidade, tornando a capoeira uma espécie de educação popular, muito difundida na contemporaneidade. (MELO; SANTOS, 2023, p. 136-137).

Quer dizer, companheirismo, camaradagem e trabalho em equipe virtudes vinculadas a dimensão da cooperação; respeito às diferentes opiniões e diversidades noções ligadas a própria energia vital, a corporeidade e a ancestralidade. Dimensões dos valores afro-diaspóricos presentes na Capoeira, ditos a partir das rodas de Capoeira e de suas gentes. Capoeiras de ontem e capoeiristas de hoje, que se encontram em corpos-territórios e no universo da roda de Capoeira, de acordo com Cunha Jr (2013) “nas sociedades africanas a ancestralidade indica

sempre a presença do passado, interferindo na construção de novas realidades pela intervenção das gerações de seres humanos. A ancestralidade é territorializada (CUNHA JR., 2013, p. 04).

Conforme Cunha Jr. (2013), “a ancestralidade é territorializada” nos corpos de capoeiristas que presentificam o passado “do continente Africano, da escravidão, das lutas, dos mitos, dos Mestres, dos orixás” nos cânticos de Capoeira, seja numa ladainha¹⁸, numa quadra¹⁹ ou no corrido²⁰.

Desse modo, cria sentimento de pertença a população afro-brasileira, pois torna possível o acesso a memória apagada, esquecida de forma deliberada pela história oficial difundida (nos museus, nos livros didáticos, nos jornais), pois a necromemória é uma estratégia de dominação e subordinação das elites para os descendentes dos africanos trazidos na condição de escravizados dos diversos países da África. Nas palavras de Camilo (2021, p. 05),

A conceituação de necromemória é a expressão do poder e a capacidade de determinado Estado (necropolítica e necropoder) manipular as construções, as representações e os destinos políticos de determinado grupo, a partir das interações do passado com o qual esse grupo terá acesso, mantendo constante a mortificação de determinadas memórias.

Conforme o autor podemos entender as causas das manipulações realizadas pelo Estado para que o povo negro tivesse acesso a uma única versão da história oficial contada na qual eram tidos apenas como escravizados trazidos do continente africanos que trabalharam nas plantações de cana-de-açúcar, nas fazendas do café e no ciclo da mineração, apenas como mão-de-obra escrava. E silenciou e/ou negou o poder de agência dos negros que organizaram revoltas, insurgências, fugas e criaram inúmeras formas de resistências individual e coletiva, entre elas: os quilombos, a capoeira e os terreiros.

Então, de acordo com Cunha Jr. (2013, p. 4), “as africanidades são a forma de consideramos os acervos do passado, transformado no presente, quanto às formas materiais e imateriais da herança africana na cultura brasileira”. E para o Estado brasileiro reconhecer a presença africana na cultura brasileira, tem sido luta das organizações de coletivos e pessoas do Movimento Negro, que vem pautando dentro dos marcos legais, uma legislação antirracista.

Tivemos alguns avanços, o Brasil signatário da conferência de Durban, o que levou o Brasil as políticas de Ação Afirmativa nas áreas de trabalho e renda, de educação. Em especial, podemos enfatizar como um viés de colonialidade do ser, foi a lei 10.639/2003 porque tornou obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nas escolas públicas e

¹⁸ Ladainha é um tipo de música de capoeira que inicia as rodas de capoeira angola. Começa com o Iê prolongado e termina com a louvação: iê, viva meu deus, camará/iê, viva meu Mestre, camará...

¹⁹ Quadra é uma música de capoeira com estrofe de quatro linhas.

²⁰ Corrido é uma música de capoeira que o solista puxa e tem resposta imediata do coro.

privadas, da educação básica a educação superior. E tornou obrigatório o Dia 20 de novembro Dia da Consciência Negra ser celebrado nos estabelecimentos de ensino.

Dessa forma, possibilitou e possibilita as pessoas negras e não-negras conhecerem nas escolas “a história do povo negro no Brasil e no mundo”, e criar “situações de aprendizagem de identificação positiva com os africanos e seus descendentes”, de desmistificar gradativamente “que a história do africano e seus descendentes se resume a período da escravidão no Brasil e na África”, de propiciar a comunidade escolar outra perspectiva sobre a população negra brasileira, de compreender outras educações para além da educação formal.

Mas, principalmente para perceber o poder de agência do povo negro, e de seus corpos desterritorializados pela escravidão e de denegação pelo racismo estrutural, institucional e simbólico que “nos silenciou, nos fez muitas vezes falar apenas em voz baixa”, mas que hoje numa perspectiva afro-referenciada “assentamos nossas oferendas e tocamos nossos berimbaus” para assunção de uma identidade cultural afro-diaspórica e que tomamos como concepção de que “todo conhecimento deve ser emancipador”. (ASANTE, 2009, p. 104).

Para tanto, fomos compreendendo a escola como espaço de conscientização, no qual, as pessoas se educam em comunhão e mediatizadas pelo mundo. Então, podermos dizer que o “conhecimento deve ser emancipador” para Asante (2009) e Paulo Freire (2015). E fomos descobrindo “esse conhecimento como emancipador” nos espaços dos terreiros, da Capoeira. Podemos afirmar em diálogo em voz alta com Silva (2020), a escravidão espalhou os corpos-africanos e nas diásporas corpos-desterritorializados guardou em gestos, em crenças, em movimentos,

A ancestralidade” que atua como a lembrança constante de que a população negra não está sozinha. Pertence a uma comunidade: a comunidade negra diaspórica, que possui especificidades em cada recanto do mundo para onde se espalhou e se criou, mas que também guarda singularidades que a fortalecem e identificam. Na experiência afro-brasileira o sentido de comunidade foi o que o manteve vivos os africanos e seus descendentes no Brasil: os quilombos, as religiões de matriz africana ou as organizações culturais negras organizaram-se a partir da lógica comunitária e sobreviveram à escravidão, ao colonialismo e ao embranquecimento porque se mantiveram em comunidade (SILVA, 2020, p. 46).

Podemos testemunhar “que a lógica comunitária” que sobreviveu conforme Marlene Silva (2020) “a escravidão, ao colonialismo e ao embranquecimento” se deu porque nos mantivemos em comunidade. Enquanto tentaram “apagar a tua tatuagem execranda, não apagarão da tua alma, a tua alma negro” (LIMA, 1997, p. 74).

E mesmo sendo necessário avançar no acesso e na permanência nos espaços escolares e acadêmicos da população negra, continuar na luta pelas leis, mas principalmente continuar na disputa pelo currículo para escurecê-lo, dar também uma perspectiva afro-referenciada, sem

nortear conteúdos, mas talvez sulear “pensamentos e epistemologias” que tornem a escola um espaço democrático, plural, equânime e com justiça social. Mas, conhecendo, reconhecendo e visibilizando as outras educações do povo negro, tais como: Capoeira, maracatu, jongo, terreiros. Pois, ainda são os espaços-tempos da cultura de “lógica comunitária” que dá pertença e afirmação positiva de sermos pessoas negras. Pois, segundo Freire, “quanto mais o povo dominado se mobiliza dentro de sua cultura, mais ele se une, cresce e sonha- sonhar é também parte da cultura - e está envolvido com o ato de conhecer. (FREIRE, 2014, p. 75).

Para Freire (2014), “quanto mais o povo dominado dentro de sua cultura, mais ele se une cresce e sonha”. Parece uma descrição da função social dos espaços da cultura afro-brasileira, são os lugares de ancestralidade e pertencimento que continuarão a sulear o conhecer e reconhecer que somos povo que ginga na interseccionalidade de gênero, raça/etnia e classe trabalhadora, para continuar como dizia Mestre pastinha, “Capoeira angola, é mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista”. Como disse Paulo Freire “continuar sonhando outros mundos possíveis”.

4 A FORMAÇÃO DO MESTRE DE CAPOEIRA EM DIÁLOGO COM A EDUCAÇÃO POPULAR

O surgimento da denominação Mestre de Capoeira, no Rio de Janeiro, está ligado às maltas dos capoeiras, mais especificamente aos chefes, aos líderes os quais demonstravam sua capacidade de comando por sua força, por capacidade de enfrentamentos de outras maltas e até mesmo da polícia, sendo que a sua posição não estava assegurada, pois ao surgir outra pessoa que demonstrasse as mesmas capacidades sua posição poderia ser desafiada. Assim sendo, a função,

Do chefe da malta, mas esta posição de liderança nada tinha de “vitalícia”: era ocupada por qualquer indivíduo que fosse capaz de cumprir melhor as atribuições do cargo. Dito de outro modo, tinha-se, já neste momento, as funções de ensino e transmissão de conhecimentos sendo exercidas pelo chefe de malta, que funcionava como uma espécie de Mestre de capoeira. (FLORES, 2017, p. 64).

Ainda mais eram,

Doutrinadoras à sua maneira, estas figuras, como tantas outras cujos nomes já não são mais facilmente lembrados, representaram o importante papel de ensinar os mais jovens a lidar com sua realidade e de lutar contra os excessos de uma força policial em grande parte corrompida e preconceituosa. (FLORES, 2017, p. 65).

Nos escritos acima percebemos que mesmo no período que antecede o que a historiografia da Capoeira tem chamado de processo de escolarização da Capoeira. Ela nos apresenta os vestígios de que os chefes das maltas “já cumpria a função de ensino e transmissão de conhecimentos” e de ensinar os mais jovens lidar com a realidade”. Nos provoca a pensar que escurecer a educação popular talvez seja perceber no sujeito “chefe de malta” que ensinar exige “a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 2014, p. 74). Compreendendo a ginga da própria Capoeira,

No jogo entre a prática criminalizada e a aceitação controlada, percebemos as ambiguidades que demarcam a prática da capoeira no contexto atual. Como cultura nacional, transformou-se em mercadoria de exportação para turistas; como esporte, passou a figurar como disciplina dos cursos de educação física; como tradição, começa a ser interrogada por educadores interessados em se aproximar dos princípios da capoeira como contribuição aos processos de formação das novas gerações. (BRASIL, 2014, p. 91).

De certo modo, a trajetória da Capoeira reflete as continuidades e rupturas necessárias que possibilitaram que “de prática social e etnicamente restrita, e condenada, à prática social e transversalmente disseminada na sociedade” (IPHAN, 2014, p. 143). A Capoeira no decorrer do tempo foi sendo vista em múltiplos aspectos cultura, esporte e tradição, conforme (BRASIL, 2014) o que ocasionou que a figura do Mestre também sofresse alterações de acordo com o tempo e o espaço,

A capoeira nem sempre teve Mestres, ou, pelo menos, os Mestres de capoeira do início não tinham, como os de hoje, a função de representar, ao mesmo tempo, um elo com o passado e um modelo de conduta para os capoeiristas do futuro. Na verdade, mais adequado seria dizer que a noção de Mestre, também no contexto da capoeira, possui diversas acepções, passou por mudanças e foi ressignificada ao longo do tempo. (FLORES, 2017, p. 56-57).

A autora acima nos provoca a pensar a diferenciação do ser social dos Mestres mais antigos dos mais novos dizendo que eles “não tinham a função de representar, ao mesmo tempo, um elo com o passado e um modelo de conduta para os capoeiristas do futuro”, discordo de Flores, no sentido que o Mestre de Capoeira e/ou o chefe de malta tinham uma existência provida a partir da coletividade e da resistência a força policial.

Precisamos entender o que era “modelo de conduta” para nós afro-brasileiros ou para as elites da época. Logo em seguida, a própria autora reflete a própria noção de Mestre e a lente teórica que está sendo utilizada para conceituar historicamente o Mestre, no contexto da capoeiragem.

Compreender que o Mestre de Capoeira vai sendo forjado nas rodas de Capoeira no decorrer do tempo. O processo de ensino-aprendizagem que possibilita o praticante de Capoeira tornar-se um Mestre de Capoeira, exige dedicação, longo tempo de treinamento, imersão nos valores afro-diaspóricos, reconhecimento de uma assunção de uma identidade cultural que ultrapassa a roda de Capoeira, se legitima na comunidade, no bairro onde reside, que se torna uma referência para seu grupo e para a comunidade capoeirística. Para Flores,

O Mestre de capoeira como concatenador de todas estas funções que são, ao mesmo tempo, modos de ser. É possível, também, concluir que o Mestre de capoeira, em sua relação com aquilo que podemos chamar de “a memória da capoeira”, não age apenas como um receptáculo, nem apenas como um propagador: não reproduz simplesmente, mas também não busca revolucionar a prática; compreende que há espaço para o novo, mas não negligencia o elo com o passado; não impõe, ultrapassa ou mesmo enxerga limites para capoeira. Em resumo, podemos dizer que o Mestre de capoeira se comporta como um agente de memória, agrupando, legitimando e perpetuando ações, comportamentos e indivíduos em torno de uma prática, uma manifestação ou uma filosofia que é muito maior do que a soma dos aspectos que a compõem. (2017, p. 58)

Isso implica numa relação existencial com a Capoeira e com os capoeiristas. Ele é reconhecido como detentor dos saberes e fazeres e responsável pela sua transmissão para gerações atuais e futuras. E carrega consigo uma força espiritual que agrega o mundo visível e invisível na roda de Capoeira. Torna-se um “caminho” para outros andarem juntos consigo, e tornam-se um eu-coletivo. Segundo Mestre Macaô, “Quando o Mestre chega ele traz consigo o aluno; o aluno quando chega traz o Mestre”. A exemplo disso podemos citar, a fala do professor Bamba: “Fui apresentado, passaram os instrumentos, não sei se foi pelo respeito ao Mestre ou a gente”. (LIMA, 2021, p. 176).

Nesse sentido, o Mestre assume a função social de educador popular, entendendo a educação popular uma educação feita com o povo e para o povo. Segundo Freire (2014), na obra *Pedagogia da Autonomia* ele nos apresenta quais são os saberes necessários a prática educativa, e partindo dessa obra podemos fazer uma relação com a Capoeira, quais são os elementos constituintes da prática educativa que são convergentes/comuns entre a educação popular e a Capoeira, compreendendo a Capoeira como uma prática educativa cultural afroancestral. Assim sendo,

A ação dos Mestres era voltada para a construção da coletividade, do grupo, que, unido, resiste e constrói uma posição digna na sociedade. Expressavam, também, uma grande preocupação com as novas gerações: ensinar a capoeira era transmitir valores e produzir o futuro. Era admirando o Mestre e jogando na roda que o aprendiz dava os primeiros passos. A sabedoria dos Mestres era transmitida também pela oralidade, presente no canto da capoeira, nas histórias que precediam à roda, na descrição dos movimentos e na coragem de falar sobre a situação de escravidão a ser superada. (BRASIL, 2014, p. 90).

Podemos vislumbrar a “coletividade” e a “mobilização” como elementos que fazem parte da Capoeira desde seu surgimento “a ação dos Mestres era voltada para a construção da coletividade, do grupo, que unido, resiste e constrói uma posição digna na sociedade”, podemos inferir que para a educação popular a ação do educador exige apreensão da realidade e tomada de posição e querer bem aos educandos. Podemos identificar a oralidade, a sabedoria, a coragem de denunciar, que fazia do Mestre uma figura encantadora, que fazia o aprendiz entrar na roda e dá os primeiros passos. “É bonito demais ver o Mestre jogar” (trecho de música).

Percebemos que a admiração que o aprendiz nutre pelo Mestre num contexto de respeito a autoridade, a beleza dos movimentos e a ginga em um saber/fazer que evidencia a prática do Mestre a uma “estética e ética” que se assemelha a *Pedagogia da Autonomia* (2014) perante o grupo e a comunidade. Neste sentido, compreendemos que,

Os processos de transmissão de saberes, presentes no universo da cultura popular, têm como base para sua efetivação, a vivência na comunidade, pois, só essa característica, [...] os princípios como memória, a oralidade, a ancestralidade, a ritualidade, possam ser enfatizados de maneira a garantir que os processos de aprendizagem social dos sujeitos se realizem com base na cultura e nas tradições daquele grupo social”. (ABIB, 2017, p. 211).

Inicialmente, podemos dizer que ambas colocam que a educação parte da realidade, com seres humanos em sua concretude, e na Capoeira a educação acontece no grupo e na roda de Capoeira, para Mestre Nô, “a roda de Capoeira é o palco da vida”, na qual os sujeitos são atravessados pelas aprendizagens e ensinamentos da roda, e a Capoeira vai sendo atravessada pelos sujeitos e sujeitas que vão adentrando a roda de Capoeira. O Mestre se torna uma referência,

Os Mestres eram pessoas admiradas não só por sua força ou capacidade de vitória no jogo. Eram o emblema da coragem e da resistência de um povo e, como fonte de saber, faziam o elo com as tradições africanas. Sua atuação não se restringia ao jogo da capoeira que, por sua vez, não tinha início e fim na roda. (BRASIL, 2014, p. 90).

Assim, compreendemos que o Mestre se tornava uma “pessoa admirada” dentro da roda e para a vida, considerado “como fonte de saber” para a educação de novos capoeiristas. Segundo Freire (2014, p. 35), “ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo” quer dizer, compreendemos que o educador materializa através de suas atitudes, gestos e palavras ensinamentos e aprendizagens que vão constituindo uma posição de autoridade na relação educando-educador.

Para Abib (2017, p. 97), essa “autoridade da palavra provém do convencimento de quem faz. Sabe, porque consegue fazer. O Mestre dispõe dessa autoridade perante sua comunidade porque, inicialmente, sabe fazer”.

Outro ponto, o diálogo. A dialogicidade para a educação popular é a relação de horizontalidade entre educando e educador e educador e educando em diálogo mediatizados pelo mundo, possibilitando uma aprendizagem significativa, pois ao ensinar o educador também aprende e o educando ao aprender também ensina ao educador; no caso da Capoeira, o mundo, é a roda de Capoeira. A qual, compreende o diálogo de corpos que reproduz e produz conhecimentos; a oralidade que presentifica o passado cantando nossa memória “apagada e/ou silenciada” pela branquitude, ou seja, pelos “traços da identidade racial do branco brasileiro a partir das ideias sobre branqueamento” (BENTO, 2002, p. 01)

Outro valor caro para a educação popular, a amorosidade. Para a educação popular é necessário “querer bem ao educando/a”. Para a Capoeira que se alicerça na matriz afro-brasileira, “o eu, está sempre em relação consigo mesmo, com outro-eu e com o mundo e no mundo, querer bem, cuidar, se importar com a existência do eu-coletivo”, à luz da Filosofia Ubuntu – “eu sou porque nós somos”. Assim sendo,

A capoeira angola nos traz exemplos belíssimos de como os saberes são transmitidos pacientemente pelo Mestre, [...] que na sua forma de ensinar, revela um profundo sentimento de amor para com seus alunos – ou discípulos –, traduzido pelo respeito ao “tempo de aprender” de cada um, pela forma como toca corporalmente seus alunos para ensinar os movimentos, herança de uma pedagogia africana, baseada na proximidade entre Mestre e aprendiz (ABIB, 2017, p. 97-98).

E a conscientização, um processo contínuo compreendendo o sujeito como sujeito histórico, inacabado e inconcluso para a educação popular, pensada a partir de Paulo Freire. O que permite uma problematização constante sobre quem somos e a quem servimos. Assim sendo, “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade” (FREIRE, 2014, p. 67).

Assim, a Capoeira nos faz um *continuum* cotidiano de perguntas e respostas, de entradas e saídas, de rasteiras e quedas que nos deixa em alerta, atentos para o oponente no jogo, para a roda, para o que está sendo cantado, para autorreflexão sobre acertos e erros, sobre perdas e ganhos, e isso vai moldando os corpos-sujeitos para pensar para além da roda de Capoeira para a roda do mundo, pois “os processos educativos da Capoeira Angola [...] favorecem a formação de cidadãos(as) conscientes sobre a realidade brasileira, pluriétnica e multicultural” (NOGUEIRA, 2007, p. 154).

Qual o lugar que o negro ocupa, qual o lugar dado para nós, e quem nos nomeou “negro” e que jogo duro é esse? Nessa perspectiva, em consonância com Freire (2014) recriando outras formas de educação e sociabilidade, afinal, “na roda de Capoeira joga eu, joga você” (trecho de música de Capoeira).

Isso vai possibilitando uma formação do sujeito e sujeita, crítico/a, afetivo/a e criativo/a que molda um ser capoeira, um/a educador/a popular que faz a assunção da identidade afro-brasileira compromissada com a existência de si e do outro, nesta relação se constitui capoeira e no percurso das rodas de Capoeira entre espaço e tempo como nos ensina Mestre Nô: “Não se faz o Mestre, se vê o Mestre”. Nesse sentido, reconhecido pelo Mestre que lhe ensina e respeitado pelos pares “pessoas da mesma época” e pelos mais novos “pessoas que começaram depois”.

E “Menino quem foi teu Mestre/Quem te deu tanta guarida/Quem te batizou as pernas/Quem benzeu tua cabeça/Quem te ensinou a mandinga/De dançar dentro da briga” (trecho de música de Capoeira). E cada Mestre vai formando outros Mestres que forma uma linhagem, uma árvore genealógica e formam grupos de Capoeira que guardam o sentimento de pertença aquele grupo e formam comunidades para além das fronteiras geográficas. Mestres brasileiros tem alunos em outros países e realizam encontros internacionais e os membros do grupo dividem o sentimento de pertença ao Mestre, a tradição e ritual do grupo.

Entendo, que o Mestre como educador popular começa a partir do final da década de 1937, com Mestre Bimba. Dessa forma,

Os capoeiras, ou melhor, os capoeiristas, como passaram a ser chamados no período pós-descriminalização, modificaram, também eles, suas representações acerca da prática: passaram a fazer dela um meio de divertimento e de educação física, [...]. Muitos destes praticantes, aliás, fizeram da capoeira seu meio de vida. (FLORES, 2017, p. 53).

Todavia, esse percurso para chegar na mestria, começa, na primeira aula para aquele sujeito e sujeita que não se ausenta mais desse espaço – a roda de Capoeira. Porque, como nos disse Washington Bruno da Silva (1925-1994), o Mestre Canjiquinha: “O Mestre é aquele aluno

que quer aprender” (1989, p. 27). Em outras palavras, antes do processo de escolarização da Capoeira com os Mestres Bimba e Pastinha no final da década de 1937, os processos de ensino e aprendizagem da Capoeira se davam pela “oitiva”.

Ou seja, sem método ou pedagogia formalizada. Pela vivência do jogo, por sua observação, o Mestre introduzia os jovens interessados no universo da capoeira. Conforme explicou Frede Abreu, “era na roda, sem a interrupção de seu curso, que se dava a iniciação, com o Mestre pegando nas mãos do aluno para dar uma volta com ele. (Iphan, 2014, p. 68).

Outras educações (Brandão, 1983) que ocorriam nas rodas de Capoeira da época, quer dizer, um sujeito ao se aproximar da roda de Capoeira, depois de olhar uma ou duas vezes, perguntava se podia aprender e o Mestre da roda, chamava o iniciante, pegava na sua mão e o colocava na roda, e entre um golpe de perna e um movimento de defesa, de esquivar da pernada, ele iniciava sua aprendizagem na roda, na rua. Assim, são relatos dos velhos Mestres de Capoeira baiana.

De acordo com Abib (2017), os velhos Mestres ensinavam pegando nas mãos. Quando falamos de mestria já estamos falando a partir da década de 1930, iniciou-se o processo de escolarização da Capoeira. Mestre Bimba foi responsável por uma metodologia de ensino e aprendizagem, sequenciou movimentos de defesas e ataques, toques de berimbau, bateria de instrumentos: 02 pandeiros e um berimbau, fardamento, os abadás (calça e camisa), ritual de formatura, inclusive com a figura da madrinha, sistema de graduação e um código de ética para orientação dos capoeiristas dentro e fora da Capoeira, critérios para admissão no Centro de Cultura Física e Regional Baiana, a exemplo: possuir carteira de trabalho.

Com a criação do CECA, em 1941, também foram criados código de conduta para admissão no CECA; mas, principalmente, Mestre Pastinha retirou movimentos que acreditava serem agressivos, a exemplo: duas meia lua-de-compasso com muita velocidade, neste sentido cadenciou o ritmo lento para dá o tom dos movimentos; valorização da teatralidade nos movimentos e evidenciou o “caráter negro da Capoeira Angola”.

Desse modo, “apesar do advento das escolas de capoeira, as rodas permanecem como espaços não apenas do jogo, mas também do aprendizado. Afinal, quando se joga também se aprende e, além disso, alguns Mestres ainda mantêm o antigo hábito de passar lições durante o ritual” (IPHAN, 2014, p. 91).

Entre outros Mestres, podemos dizer que foram Mestres que segundo Reis (1997); Sodré (2002); Abib (2017) podem ser considerados educadores populares negros. O que podemos evidenciar desses Mestres, foram homens das classes subalternizadas que “não aceitaram o

local dado aos homens negros” e vislumbraram outro mundo para os/as capoeiristas e para a Capoeira. Mestre Bimba dizia a “Capoeira vai ganhar o mundo”.

Em conformidade com os dados do Dossiê nº 12, do Iphan (2014), a “capoeira está sendo praticada em mais de 150 países”. Então, compreender o Mestre de Capoeira como um educador popular que tem dado manutenção aos saberes e fazeres da Capoeira, que tem ensinado em vários lugares do mundo, a língua portuguesa, que tem possibilitado o experimentar outra pedagogia cultural centrada nos valores afro-diaspóricos presentes na Capoeira, que combate o racismo e educa negros e não-negros para o conhecer, o reconhecer, a valorização da matriz africana e afro-brasileira e principalmente, o desenvolvimento de sentimento de pertença ao mundo negro. “É o encontro de “casa, de abrigo” para quem não se sente parte da sociedade através do silenciamento, apagamento e/ou opressão sendo jogados para a margem.

A Capoeira é também uma possibilidade da educação popular não sistematizada por intelectuais brancos, mas um vivencial-operativo de povo afro-diaspórico que deu as bases para a resistência e reexistência do povo negro, com ensinamentos e aprendizagens significativas que possibilitou e possibilita a produção de subjetividades negras, a Capoeira, a exemplo de outras manifestações afro-brasileiras, nos permitiu ser humano com risos, com cuidados, com “asê” e nos deu um corpo-arma, um corpo-alma; e os Mestre de Capoeira foram e são os guardiões desse conhecimento existencial.

A Capoeira e a educação popular se constroem no diálogo, e educam e se educam no diálogo, na relação do sujeito e sujeita consigo mesmo/a, com o outro-eu, no mundo e com o mundo (natureza e cultura). Assim podemos entender o Mestre de Capoeira como educadores populares que tem educado dentro e fora da roda de Capoeira a comunidade e a sociedade. Dando lições de respeito a diferença e afirmando uma ética e uma estética negra e periférica. Para a branquitude uma ética da malandragem, para nós, negros uma ética de sobrevivência.

Pensando nessa construção da “ética da malandragem”. Se faz necessário, perceber o cenário antes da década de 1930. Entre “o papo e o copo e a garrafa de pinga” (trecho de música de Capoeira), a Capoeira se fazia presente nas zonas portuárias, em frente aos bares e vendas, e no ócio entre uma “carga e descarga”, os estivadores se juntavam com outros negros de ganhos iam “jogando a Capoeira”, e o desafio do jogo, a “pinga” dada pelo dono do bar, o som dos berimbaus, a fala alta, tudo isso, marcava os corpos “dos capadócios...”. E dava o tom da desordem que incomodava a ordem que estava se estabelecendo da República.

No período da escravidão, onde os corpos escravizados africanos, alforriados e de ganhos foram criando formas de resistir ao sistema opressor colonial, afirmando “outras educações através da Capoeira e do samba” para montagem de estratégia de sobrevivência,

foram criando manobras e meios para a própria existência, negociaram entre a defesa da Princesa Isabel que acabou a escravidão, em 13 de maio de 1888, e outros defendiam os republicanos, com a hipótese de serem aceitos como indivíduos no novo regime da República Federativa do Brasil.

Todavia, a primeira Lei da República foi o Código Penal de 1890, que tornava a prática da capoeiragem, crime e o capoeira, o criminoso. Mas, isso não impediu a presença da Capoeira na República em vários fatos e acontecimentos que, segundo os jornais da época perturbavam a ordem do novo regime.

Isso dava o tom, de como era esse processo educacional e cultural da Capoeira, era o ensinamento direto, de observação e desafio para o jogo, mas, de convivência da população afro-brasileira, e nesses encontros, construíam laços de afetividade e pertencimento, no meio de uma sociedade que estava se formando, o protagonismo dos sujeitos e das sujeitas que estavam direta e indiretamente na roda, faziam circular “desafios nas músicas de escarnio” que no meio das zombarias e das gargalhas, o olhar atento para “giros e pernadas” que aos desavisados “o outro” pareciam uma “malocagem”, uma coisa à toa, de vadios.

Entretanto, a Capoeira foi se constituindo no que consideramos na atualidade, um espaço e tempo negociação e disputas que auxiliou a formação de uma sociabilidade negra. A Capoeira tornou-se numa tecnologia social contra “a negação do ser negro”, ali, entre gestos, movimentos e músicas fomos falando de nós mesmos, os feitos de Besouro Mangangá, que de homem negro se tornou mito: Besouro batia na polícia e sumia entre as bananeiras.

Era uma época na qual a Capoeira estava ligada ao mundo do trabalho, eram estivadores, negros de ganho, sapateiros, carregadores, que no tempo “ócio” se juntavam próximo aos bares e botequins. Era um cenário de “festas, do mundo da rua”, onde o sujeito precisava ter cuidado com a covardia.

E para tal, precisava estar atento ‘um olho no peixe e outro no gato’ (provérbio da cultura popular), um olho no oponente, e outro em quem chegava e transitava próximo à roda, nos bares. Era a Capoeira para “brincar com o corpo e sentir-se conectados com o mundo invisível, com o além-mar”, a liberdade de “plantar bananeira” e como tal, inversão do corpo, é possível ficar em pé com as mãos nos chãos. Demonstração de equilíbrio e força que alimentava o mito “do capoeira” como homem de muita força,

Próprio Mestre Pastinha relata que aprendeu a Capoeira para se defender, pois, era um menino que sempre apanhava dos outros meninos da rua. A Capoeira “é defesa, ataque, é ginga de corpo, é malandragem” (trecho de música). Era uma época que era um ensinamento

individualizado com a intencionalidade de proteção, divertimento e resistência de negros e negras.

Entre o período em que eram tratados como “vadios e capadócios” para Mestres de Capoeira houve um trajeto com muitos percalços, todavia, podemos dizer que a Capoeira e o capoeirista se adaptaram as mudanças do sistema capitalista, resistiram ao sistema escravagista e resistem a colonialidade do ser, saber e poder (Quijano, 2005) e que reexistem nas classes subalternizadas em busca de reterritorializar o corpo-desterritorializado pelo Colonizador que imprimiu e imprime as marcas do racismo na sociedade e nas instituições e alimenta o imaginário social que menospreza e inferioriza tudo que se refere a raça negra, compreendendo o termo “raça” como construção social e histórica.

Portanto, a Capoeira é uma fonte de humanidade para a população negra brasileira. E foi e é um espaço-tempo de educação emancipatória e democrática para negro e não-negros de afirmação de uma identidade negra e de cidadania. Para tal, os Mestres assumem a função social de educadores populares que dialogam partindo da Capoeira para dar a sustentabilidade para que os sujeitos e sujeitas façam a leitura do mundo e assim aprendam a dizer sua própria palavra em comunhão com o outro-eu, no mundo e com o mundo, num eterno jogo para construção de “outro mundo possível” (FREIRE, 2014).

Atualmente, o Mestre de Capoeira é formado dentro de sua linhagem obedecendo a tradição da Capoeira (fundamentos, comportamentos e movimentos), o tempo de transição de cada graduação até atingir o cordel de Mestre, desenvolvimento de trabalhos (aulas) de Capoeira; respeito, admiração e reconhecimento dos demais membros do grupo à qual pertence, neste viés, o recebimento da graduação e certificado de Mestre acontece dentro do andamento esperado e pensado pelo Mestre do grupo que lhe acompanha; e dependendo do grupo há um valor estipulado para cada graduação, inclusive para a mestria.

Em outros casos, além de tudo isso, poderá haver um exame de verificação de aprendizagem na presença do Mestre e de outros Mestres convidados.

Contudo, também existem titulações de Mestre dadas pelo apadrinhamento, você convida um Mestre paga um valor combinado e ele lhe entrega o cordel, corda, certificado de Mestre. Muitas dessas titulações são contestadas, pois, o apadrinhamento tira o critério que “o Mestre conhece o aluno, comportamento e atitudes, o trabalho desenvolvido por ele ao ponto de chamá-lo para informar que se prepare que vai receber o título de Mestre.

Ao contrário, do capoeirista que “se acha no tempo de se tornar Mestre” e procura algum Mestre para entregar (vender) o cordel de Mestre. Isso tem gerado muitas dificuldades no cenário da Capoeira, ao ponto de se falar em “comércio de cordéis de Mestre”. Para quem chega

à mestria por esse caminho, só resta ficar “inicialmente resumido ao seu grupo”. Muitas vezes em eventos de outros grupos não chega a ser apresentado, podendo ser até vetado sua participação na roda.

E existem grupos que seguem a ordem do sistema de graduação adotada. Formando alguns Mestres bem novos de idades. Esses recebem crítica de não possuírem ainda a experiência do feito, o tempo, o amadurecimento necessário para “mestrar” com a sabedoria necessária.

A formação de Mestre é um processo longo que exige tempo, dedicação e assunção de uma identidade e de saberes e fazeres da Capoeira. Compreendendo que o Mestre está em processo formando e sendo formado pelos novos capoeiristas a cada lugar e época. Tem velhos Mestres que não cantavam tocando berimbau, pois, a época exigia outros elementos “um jogo mais duro em roda”, valorizando dimensões de luta, dança e jogo dependendo da linhagem e/ou da vertente de Capoeira. Para Paulo Freire, o sujeito-educador precisa compreender “na verdade, inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital.

Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, 2014, p. 50), portanto, o Mestre-educador se percebe no fluxo contínuo de formação.

O IPHAN já reconheceu a roda de Capoeira, como modos de expressão e o ofício do Mestre, modos de fazer. Entendendo, que a Capoeira e educação popular assentam numa educação contextualizada, no lugar geográfico, de problematização, de onde e quem produz o conhecimento válido e legítimo. Nossas músicas falam sobre nós, nossas conquistas, nossas lutas, nossas dores e nossos Mestres, a Capoeira é um veículo de memória para os/as capoeiristas e o Mestre, é o condutor, e todos nós somos os passageiros nesse mundo, entre o local e o global. E o processo de formação é contínuo,

Na capoeira se ensina que o conhecimento vem com o tempo, com a experiência. Para chegar a Mestre, além da habilidade e capacidade na prática do jogo, é preciso ter vivido muito. Não basta saber dar o golpe certo, tem que ser reconhecido pela comunidade como aquele que a arte da capoeira arraigada no corpo e na alma, pois capoeira não é somente jogo, também é um modo de vida. (Aragão; Duarte, 2011, p. 126).

Menino quem foi teu Mestre (...) sou discípulo que aprendo/ tem Mestre que dou lição/ na roda de Capoeira/ nunca dei meu golpe em vão/ o segredo de São Cosme/quem sabe em São Damião (trecho de música de Capoeira). A multiplicidade das linhagens de Capoeira ou o rompimento com a dimensão da ancestralidade se mostra na diferenciação de critérios que delimitam o que é necessário para ser o/a Mestre/a de Capoeira.

A exemplo, da linhagem do Mestre Nô, da periferia de Salvador, Bahia. Mestre Braulino relata como e onde se deu o seu processo de reconhecimento como Mestre de Capoeira Angola, da linhagem do Mestre Nô: falou em entrevista cedida para a elaboração do vídeo documentário “Nego Bom de Pulo: Mestre Nô e a Capoeira da Ilha”,

Nós estávamos numa roda de Capoeira numa festa na Pituba, e era uma roda boa, uma roda de Capoeira boa, boa mesmo! E eu não sei quem chegou para o Mestre e perguntou quantos Mestres de Capoeira tinha na roda, e o Mestre chegou pra mim e falou assim: “Braulino, o rapaz aqui tá perguntando quantos Mestres de Capoeira tem na roda? Eu disse que tem eu e você. Então, de hoje em diante você passa a ser um Mestre de Capoeira”. E eu abracei a ideia e desse dia em diante eu passei a me comportar como um Mestre. Passei a melhorar. Procurei melhoras, procurei buscar conhecimento, treinei mais. Que era pra quando chegar nas rodas de Capoeira do lado dele, eu entrar na roda e o pessoal dizer: é Braulino...Braulio, ele é aluno do Nô (Informação verbal).²¹

Podemos perceber como se dava o processo de formação de um novo Mestre na Capoeira Angola baiana, da periferia de Salvador. O desafio “o inédito-viável”, lançado pelo Mestre Nô na roda de Capoeira para seu discípulo Braulino: eles estão perguntando quantos Mestres tem nessa roda. Ao aceitar o movimento de ataque, ele aceitou a mestria e já era confirmada na roda. E assim, ele declarou que tomou a consciência da necessidade de ampliar os conhecimentos para andar ao lado do seu Mestre e ser reconhecido como Braulino de Nô. Ele nos aponta “a admiração e respeito de estar com o Mestre Nô.

Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, representa o legado da Capoeira Angola da periferia de Salvador. Ele nos falou da diversidade da Capoeira Angola e enfatizou que a periferia (o local) marca as pessoas e suas produções culturais,

Porque a Capoeira Angola é uma diversidade muito grande! Não se limita, não se limita a determinados espaços que estão no chão, não, não tem nada disso. Mesmo porque na periferia de Salvador era muito exigido do praticante ser muito, ter muito mais agilidade, ser um pouca mais agressivo. Sempre foi uma característica da periferia, para que o indivíduo pudesse sobreviver. O que é diferente de um centro histórico lá de Salvador, onde tem visita de turistas. É diferente, porque na periferia a situação é outra. Eu sou da periferia, sempre vivi e convivi na periferia (Informação verbal).²²

Mestre Nô, aponta características do perfil dos praticantes de Capoeira, sujeitos “mais agressivos e ágeis” para sobreviver na periferia diferenciando-o a maneira que se jogava a Capoeira no “centro histórico” de Salvador, que se limitava aos movimentos mais próximos do chão em ritmo mais lento (a linhagem de Mestre Pastinha). Mestre Nô é da linhagem da Capoeira Angola da periferia dos Mestres Nilton, Zeca do Uruguai e Pierrô; e Mestre Braulio segue essa linhagem com admiração ao seu Mestre, enfatizava, Braulio de Nô,

²¹ Mestre Braulino: Nego Bom de Pulo – Mestre Nô e a Capoeira da Ilha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TsWIRAg5no>. Acesso em: 13 jul. 2023.

²² *Ibid.*

Eu sou Braulino. O pessoal me chama de Mestre Braulino. Na Bahia, me conhecem como Braulio ou Braulio de Nô. Porque de Nô. Porque eu venho da formatura do Mestre Nô. Eu treinei com ele, me formei com ele e andava muito junto com ele. E as pessoas Braulino, Braulio. Quem é Braulio? Braulio de Nô [...] ficou Braulio de Nô até hoje. (Informação verbal)²³.

Mestre Braulio, em seu depoimento faz questão de apresentar sua trajetória junto ao Mestre Nô “eu treinei com ele, me formei com ele e andava muito junto com ele”. Conforme as falas dos Mestre Nô e Braulino fazem conexões com a fala do Mestre Canjiquinha (citada anteriormente): “Mestre é um aluno que quer aprender”. Paulo Freire (2014) já destacava a responsabilidade do professor-educador que conecta com a responsabilidade do Mestre-educador. Segundo Freire,

A responsabilidade do professor, [...] é sempre grande. A natureza mesma de sua prática, eminentemente formadora, sublinha a maneira como a realiza. Sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. (2014, p. 64).

Mas, nas rodas de Capoeira, tem Mestres que não cumprem as exigências necessárias da mestria, e, portanto, tem “a mestria contestada”. O que ocasiona tratamento e lugares diferentes na roda, enquanto os Mestres “legítimos” são tratados com respeito na roda: Nome anunciado; convite para tocar e para o jogo; chamado para as fotos; enquanto, os outros muitas vezes ficam ao lado da roda, igual ao público, no anonimato. Neste caso, “os Mestres contestados” realizam seus eventos num circuito limitado, entre eles.

Mesmo com as controvérsias que existem no processo de formação do Mestre de Capoeira na atualidade. Existem outras dimensões que esperam dos novos Mestres, todavia como ser social de nossa época, que possuam pelo menos ensino médio, e que motivem os capoeiristas para valorização da Capoeira como Patrimônio Imaterial da cultura brasileira. E Mestres que dialoguem com outras dimensões sociais, culturais e políticas no território em que vivem e/ou desenvolvam seu grupo de Capoeira.

Sou angoleiro da vida
Isso não posso negar
Se você não acredita
Pode chegar mais pra cá
Os tambores tocam na aldeia
De Camafeu de Oxóssi
Bate uma saudade no peito
Vence quem canta mais forte
Meu berimbau tá tocando
Que chega a gemer, gemer, gemer
Meu berimbau tá tocando
Que chega a gemer, gemer, gemer

²³ *Ibid.*

Importamos dizer que para os praticantes da Capoeira Angola, conforme a música de Capoeira acima “sou angoleiro da vida”, a Capoeira toma um sentido existencial, uma guia para as múltiplas dimensões da vida que acontecem na “roda do mundo”. Para Mestre Nô “a Capoeira na roda, Capoeira na vida” princípio que guia os passos do Mestre Nô e de seus discípulos, Mestre/as formados/as na linhagem do Mestre Nô.

A Capoeira Angola é uma “roda que está aberta para o outro “pode chegar mais pra cá” e presentifica o passado “os tambores rufam na aldeia de camafeu de Oxóssi” e o corpo-sentido “bate uma saudade no peito” atuando como um espaço-tempo de resistência de territorialização do corpo-negro-desterritorializado “um corpo que produz conhecimentos e sentidos humanizados”.

A Capoeira torna-se uma práxis educativa que através do Mestre conduz a memória comunitária do povo negro, negada pela Colonialidade do ser (Quijano, 2005), uma vez que foi negada aos afrodescendentes a memória de suas gentes, de suas culturas, de suas etnias, negado o modo de ser afro-diaspórico. Quem somos?

Se o livro didático, até a promulgação da Lei 10.639/2003, não contava a história do povo negro e afro-brasileiro para além da escravidão, e todos os estigmas e preconceitos construídos a partir dela. Precisamos saber quem somos? Quem são os nossos heróis? Quem são os nossos Deuses? Para criar laços de pertencimentos comunitários “para todos nós, tido negro que reúne pretos e pardos” para construirmos referenciais positivo de corpo-negros, de rostos negros, de cabelos crespos, de Exus, da Capoeira, dos maracatus.

Quando começamos ouvir sobre Ubuntu (Filosofia africana) e quantas outras possibilidades de conhecimentos afro-referenciadas foram esquecidas e/ou aniquiladas.

4.1 A CAPOEIRA CONTRA O RACISMO

“Meu avô já foi escravo/Mas viveu com valentia/Descumpria a ordem dada/Agitava a escravaria/Vergalhão, corrente, tronco/Era quase todo dia/Quanto mais ele apanhava/Menos ele obedecia...”. (Pinheiro, 2010)²⁴. Trazer a partir dos cânticos que abordam a vida dos escravizados no Brasil nos dão as pistas de como a Capoeira foi e é uma das possibilidades de afirmação de identidade negra, e para tal, como estratégia decolonial. Para Oliveira (2021), a capoeira é uma luta decolonial, pois, os corpos-escravizados negros e os negros-da-terra lutaram contra o sistema escravagista.

²⁴ PINHEIRO, P. C. Toque de São Bento Grande de Angola. In. **Capoeira de Besouro**. Quitanda, 2010. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/paulo-cesar-pinheiro/discografia/capoeira-de-besouro-2010/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

Mesmo com esse processo de surgimento da Capoeira como luta contra opressão. Hoje, na própria Capoeira iremos nos defrontar com situações de racismo na roda e a criação de vertentes de Capoeira que denegam a imersão da Capoeira na matriz africana. Podemos vislumbrar essa paisagem atual da Capoeira, passeando pelas postagens das redes sociais, a exemplo: Capoeira gospel e da Capoeira sem Mestre. Assim sendo peço licença para trazer essa citação de Martins (2021) porque apesar de ser longa demonstra as contradições da grande roda que também se fazem visíveis na pequena roda, pois,

Para algumas pessoas, falar de capoeira e racismo poderia soar como uma redundância, e assim reitero. Mas a realidade do mundo da capoeira não está imune às contradições da sociedade em que a mesma está inserida. No caso brasileiro, o lugar que viu a capoeira nascer na “mandinga de escravo em ânsia de liberdade”, como nos diz Mestre Pastinha, não é surpresa vermos a prática dela distorcida e voltada para a “evangelização”, o que evidencia um fomento do racismo religioso diante das matrizes africanas que a capoeira possui.

Essas contradições aparecem estruturadas de outras formas, como a capoeira “sem Mestre”, com teor mais visivelmente mercantilista, mas que tem em sua raiz uma questão colonial tão forte quanto a gospel, no sentido epistemicida e semiocida; aparecem também na autodeclaração e defesa descarada da agenda bolsonarista por capoeiristas. Vale destacar: uma agenda racista.

Dessa forma, pautar a capoeira a partir de sua gênese e de seu próprio (des)envolvimento contra o racismo, com seus desdobramentos até hoje, se faz pertinente e urgente. Não há como, por assim dizer, dissociar o projeto colonial, destacadamente racista, da criação da capoeira no Brasil, e de uma luta promovida pela mesma contra esse projeto. (MARTINS, 2021, p. 14-15).

Neste Sentido, escurecer a roda de Capoeira é uma tarefa urgente para o povo que ginga que exige uma escuta sensível do próprio processo de seu surgimento de luta de sobrevivência e de afirmação de uma existência humana, negada pelo regime da escravidão, para o qual o africano escravizado era considerado “propriedade” (CF, 1824). Nesse bojo, a luta Capoeira e os capoeiras “valentões, capadócios”, Besouro Mangangá tornaram-se mito que alimenta o imaginário os heróis negros brasileiros. Cantando essas histórias de resistência e conquistas a Capoeira foi afirmando positivamente a identidade com o povo negro.

A Capoeira foi tornando-se veículo de resistência ao projeto de Colonização eurocêntrico promovendo seus agentes, os Mestres e as mestras de Capoeira como condutores de memórias africanas e afro-brasileiras para gerações atual e futura de valores afro-diaspóricos.

Assim, a Capoeira tornou-se também espaço-tempo de convergência de outras linguagens e expressões afro-brasileiras. A exemplo, da Victória de Santa Cruz, mulher negra que fez das poesias cadenciada ao som dos tambores condutora/porta-voz das lutas e das dores das pessoas negras, principalmente, o corpo-mulher-negra. E o grupo de Capoeira, qual pertencio desde 2000, através da mestra Malu trabalha com recital de poesia de autoras e autores

negros, com crianças e adolescentes, tais como: Elisa Lucinda, Conceição Evaristo, Victória Santa Cruz. Algumas vezes contribui com a percussão desses recitais e/ou performances.

Assim, “retrocedi e retrocedi” como falou em voz alta Victória Santa Cruz (1960) uma das mulheres negras que me auxiliou a compreender que também fui gritado: - negro. O que me instigou a buscar entre as minhas memórias e lembranças quando me descobri um homem negro.

Fizemos esse exercício no ano de 2021, período em que o mundo estava acometido pela Pandemia da Covid-19, nesse momento de flexibilização pela lei municipal, voltamos respeitando as regras sanitárias ao espaço de convivência comunitário “o grupo de Capoeira”, naquele momento inicial, na Praça da Independência (Centro) e depois retornamos ao Casarão do Centro Cultural Piollin.

Naqueles dias de angústia e apreensão para todos nós, os mais velhos e os mais novos, que estavam iniciando Capoeira. Por volta do final de agosto, falávamos sobre o “bem viver” e fomos nos acolhendo nas rodas, e fomos compondo uma programação para Formação no Novembro Negro: “Corre Neguin – Edi Rock e Xande de Pilares²⁵, Me gritaram negra (Victoria de Santa Cruz) e Carolina Maria de Jesus, para tal usamos projeção na parede e roda de diálogo com o Grupo Capoeira Angola Palmares – Roger, formado por crianças, adolescentes, jovens e adultos. Foi uma noite bem escurecida “coisa de gente negra com muito negro”, não foi daquele tipo de reunião “festinha”, “um monte de branco falando sobre negro”, como Beatriz Nascimento escreveu e denunciou.

Essa reunião que denominamos de diálogos formativos ocorreu para as festividades da Consciência Negra, em novembro de 2021. O que nos marca “a reação de cada um e uma naquele momento”. No caso, trarei algumas falas que continuam me provocando, tais como: Capoeirista 1, 09 anos, iniciante, após assistir “Corre Neguin” (exibido na parede) falou: - Quando passa a favela na televisão é falando que na favela só tem criminoso.

Isso tem a ver com o racismo estrutural. Capoeirista 2, preta, 07 anos, falou: “Gostei da poesia”, gostei mais dela. Capoeirista 3, 10 anos falou: “- O que mais me chamou a atenção foi a catadora, se referindo a Carolina Maria de Jesus, que conseguiu aprender a ler, escreveu livros e conseguiu cuidar das filhas, catando lixo”. E a problematização que gerou falas mais forte, em tom de “defesa e ataque” foi: “nós somos favela ou somos comunidade?”. Um disse: - Somos favela a gente fala alto, rir alto. Outro disse: - Não, nós somos comunidade a gente se

²⁵ Edi Rock e Xande de Pilares - Corre Neguin (Clipe Oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ngo6V5Vedf8>. Acesso em: 02 jul. 2023.

conhece, nossos pais se conhecem, a gente cresce aqui. Indagações que ainda estão abertas a cada povo que chega e passa pelo grupo, têm respostas diferentes a estas e outras indagações que surgem no cotidiano desse Grupo de Capoeira.

Mas, o que nos une, podemos dialogar com Edi Rock e Xande de Pilares ao trazer na poesia e na rima “a trajetória do povo negro que denuncia ainda o lugares de invisibilidade, de adoecimento mental e espiritual, das ausências das políticas públicas de saúde, moradia, emprego e, nos apontam as pistas do corpo-jovem-negro-periférico como ainda alvo das políticas de encarceramento e da necropolítica, ou seja, “as formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte” (MBEMBE, 2016, p. 146) e nos apresentam os vestígios de que “ainda estamos no sistema-mundo entrando pelas “brechas e frestas” como apontou Brandão (1985). E uma dessas brechas “a cultura e/ou esporte”. Para o sociólogo Clóvis Moura,

[...] durante a escravidão o negro transformou não apenas a sua religião, mas todos os padrões das suas culturas em uma cultura de resistência social. Essa cultura de resistência, que parece se amalgamar no seio da cultura dominante, no entanto, desempenhou durante a escravidão (como desempenha até hoje) um papel de resistência social que muitas vezes escapa a seus próprios agentes, uma função de resguardo contra a cultura dos opressores. (Moura, 1992, p. 34-35).

Adentrando ao pluriuniverso da cultura, gerações e gerações da população negra tem continuado a luta de sobrevivência e dignidade para ocupação e desocupação dos lugares sociais dados aos negros desde a Colonização, porque “[...] A voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela [...]” Conceição Evaristo²⁶. E os espaços da Capoeira, dos terreiros e de outras culturas negras tem possibilitado essa afirmação, e “outras educações”, para Brandão (1983), “os grupos de Capoeira, as escolas de samba, os terreiros”.

E mesmo com a ausência de corpos escravizados nos espaços escolares oficiais não falaram sobre os africanos que foram trazidos do Continente Africano, em navios (chamados de tumbeiros) numa travessia atlântica para o continente americano, que muitos desses corpos foram jogados ao mar, “durante mais de três séculos e meio, o Atlântico foi um grande cemitério de escravos” (GOMES, 2019, p. 36).

Todavia, essa história foi “negada e silenciada” houve uma política do estado brasileiro de “necromemória”. E como foi possível não lembrar de Júlio Tavares (2012) que falou do corpo-arquivo-arma, corpo único depósito de nossas “crenças, de nossas danças, de nossos conhecimentos” e única arma de luta e lutamos.

²⁶ Vozes Mulheres. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>. Acesso em: 18 ago. 2023.

Paul Gilroy²⁷, nos fala da política de transfiguração “que foram trazidos os elementos do continente africano para a diáspora negra” e que no Brasil “o samba, a Capoeira e os terreiros” juntou nas rodas e nas giras, e formamos nossas famílias “do santo, da Capoeira e do samba”. E aprendemos a existir e a resistir numa perspectiva coletiva. E o que Edi Rock e Xande de Pilares nos alerta com sensibilidade” não esqueça que a raiz é de verdade”.

Nesse ínterim de luta pela sobrevivência e de afirmação de identidade negra, podemos situar a Capoeira, espaço-tempo de resistência, de luta pela sobrevivência e espaço de memória “das potencialidades, das pessoas negras, das lutas, dos valores afro-diaspóricos” uma das raízes da cultura negra brasileira. “E não podemos esquecer que a raiz é de verdade” (Edi Rock).

Iniciamos essa tessitura teórica com a musicalidade da Capoeira para dizer que “fomos e estamos sendo educados para uma identidade cultural negra a partir de espaço-tempo afro-referenciado. Segundo Abib (2017), “a vivência no grupo de Capoeira faz com que negros e brancos se identifiquem com a cultura negra”, dessa maneira vão criando um repertório de movimentos corporais e de afetividades com a matriz afro-indígena. Constroem laços de pertencimentos e solidariedade que criando outros modos de ser, modos de estar e modos de fazer alicerçados nos valores afrodiaspóricos.

Estudos referente a historiografia da Capoeira ainda não conseguem mostrar a paisagem da Capoeira em nível nacional, mas temos alguns apontamentos sobre a Capoeira num gingado entre a “ordem” e a “desordem”. Podemos dizer que a trajetória da Capoeira é uma roda-gigante de baixos e altos. Carlos Eugênio Soares (2008) fala que desde o começo a Capoeira pela sua maleabilidade atraia todos para a roda, inclusive brancos (europeus). Os relatos históricos apontam para um incidente no começo da República, com o filho do Conde Matosinho, o que ocasionou problemas com o governo do Marechal Deodoro da Fonseca.

Antes disso, o próprio Carlos Eugenio Soares (2008) ao retratar a Capoeira na capital do país, na época Rio de Janeiro, nos fala que os capoeiras se organizavam em grupos, conhecidos como maltas, e esses grupos serviam tanto aos Imperialistas como aos Republicanos, as maltas mais conhecidas foram os Goiamuns e os Nagoas, e que causavam muitas perturbações na sociedade da época.

E as maltas organizavam seus treinamentos “de brigas e de capangagem”, para acabar com os comícios dos adversários dos contratantes. O que levou já no início da República a criminalização da Capoeira no Código Penal Brasileiro, de 1890. Artigo 402 - dos vadios e capoeiras. E houve uma campanha para acabar com os capoeiras, foi nomeado o Chefe de

²⁷ GILROY, Paul. O Atlântico Negro. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2001.

Polícia Sampaio Ferraz que segundo Carlos Eugenio Soares fez uma ação acirrada levando quem fosse preso cometendo o crime de capoeiragem fosse deportado para Ilha de Fernando de Noronha, Paraíba do Norte e Amapá. Foi o Chefe de Polícia Sampaio Ferraz que prendeu o Conde Matosinho chegando a gerar um mal-estar político no começo da República.

Dessa maneira, vamos construindo o sujeito social capoeira como um lutador pela sobrevivência resistindo as opressões da escravidão, aos açoites do feitor Vieira e Rohrig (1998) e negociando para resistir dentro do sistema opressor. Segundo os autores, no artigo “Mitos e controvérsias e fatos: construindo a história da Capoeira”, não se tem dados “registros” da Capoeira nem nas senzalas e nem nos quilombos, todavia, os grios²⁸, nossos Mestres de Capoeira, compreendendo “o Mestre, como uma figura muito importante que exerce a função de ser o portador e guardião da memória da tradição do seu povo” (ABIB, 2017, p. 95).

Traz os lendários capoeiristas que “voava e virava bananeira” ao exemplo de Besouro Mangangá. Corpos-cabeças-negros em movimento que escapava a ordem e faziam a desordem pela potência do corpo escravizado, alimentando o imaginário e produzindo sentido para o outro-eu corpo-cabeça-negro.

Segundo Sodré (2002), o “corpo produz conhecimento”, e se esse corpo desterritorializado da África, corpo-negro que ao ser desembarcado aqui de porões de navios negreiros, levados para os mercados, como peças para serem vendidos. Carregou o além-mar e sob o julgo dos senhores e feitores resistiu e lutou com a arma que tinha o corpo. O corpo-luta. O corpo-capoeira.

E na gira e na roda, mantiveram “a potência da crença e da festa para resistir”. Resistimos “no ócio” entre as ruas e as zonas portuárias, em frente à venda e ao bar “entre o papo e o copo e a garrafa de pinga” (re)existimos como as picardias, com as canções de escárnio para divertir os brancos e afirmamos “humanidade” gente preta, fazendo malocagem.

Denise A. S. de Moura (1998), relata a maneira pela qual os senhores percebiam a relação que os homens livres tinham com o tempo de trabalho, o que gerava o descontentamento, pois a lógica da acumulação vigorava entre tais senhores, que se queixavam dessa relação de trabalho em ofício enviado por Joaquim Bonifácio do Amaral ao presidente da Província de São Paulo. Assim diziam: “...o que esperar do colono brasileiro que até poucos

²⁸ Os griôs são bibliotecas vivas da tradição oral de vários povos africanos. No continente africano, um griô nasce griô, seu ofício não é escolhido, relaciona-se a uma herança e à sua origem. Quando nasce um griô, a ele são atribuídos direitos e deveres, ele é responsável por guardar e transmitir a história do seu povo. Quando um griô morre, diz-se que uma biblioteca se foi, porque ele carrega consigo a sabedoria e as tradições desse povo. (Brasil, 2014, p. 33).

anos bastava-lhe trabalhar um ou dois dias na semana para passá-la folgadoamente?” (MOURA, 1998, p. 75).

De tal modo, foi sendo criada uma leitura de que “o colono brasileiro” era sujo, preguiçoso, sem modos de ser, que correspondia a expectativa do novo cenário da sociedade, que exigia uma mudança no *modus operandi* de desconexão com os ciclos de plantio e colheita ligados a natureza ao sol, a lua, ao tempo, as entidades do misticismo religioso, que marcavam a vida cotidiana entre a permanência no campo e as andanças (andarilhos do caminho entre colheita), para a negociação e conversação nas ruas para obtenção do sustento.

Todavia, essa vida que respeitava os ciclos da natureza, o tempo de trabalho e de conversas (negociações) para manutenção do pertencimento comunitário e familiar, era visto sob a lógica da acumulação, como assim trabalham apenas “dois ou três dias” o necessário para sobreviver, e o tempo restante da semana, foi denominado pelo colonizador de “ócio” tempo de vacância da produção do excesso para guardar, ao contrário, eles conversavam, batucavam e bebiam. Isso incomodou a sociedade que se formava na lógica capitalista e foram sendo criadas as leis para punição desse tipo de comportamento dos chamados “pobres, escravizados libertos”, as classes perigosas. Pois,

O mundo das “classes perigosas” estava repleto de sobrevivências culturais que precisavam ser erradicadas para abrir caminho ao progresso e à civilização – havia hábitos condenáveis nas formas de morar, de vestir, de trabalhar, de se divertir, de curar etc., muitos deles mais abomináveis ainda porque manifestações das raízes culturais negras disseminadas nas classes perigosas (CHALHOUB, 2017, p. 212).

Criando-se a estrutura do racismo na sociedade brasileira e os obstáculos para o progresso. Quer dizer, povo junto incomodou porque ali se organizavam o sentimento de irmandade, de fugas, de boatos, e assim, também podemos colocar dúvidas no conceito de que “entre o papo e o copo e uma garrafa de pinga” (música de Capoeira) só desdobravam brigas e desentendimentos, ao invés disso, talvez tenha possibilitado os laços de pertencimento de ser gente que joga e brinca. Para Abib (2017), o festejar para a população afro-brasileira era resistir. E naquelas rodas “se encontravam gente”. Gente que gingou com uma sociedade que ainda possuía ligações com a ideia de escravidão. Que brutalizava os corpos do povo da rua que jogava com o sistema para continuar sobrevivendo como gente, um ser mais. É nesse sentido que,

A sobrevivência da Capoeira já é um elemento indicador da sua importância. A travessia histórica cumprida por esse evento não foi tão simples quanto parece demonstrar a alegria daqueles que, em festa, se arrodeiam em torno de um berimbau e batucadores, [...] dando início à “vadiação” [...] na realização do *homo ludens* (TAVARES, 2012, p. 72).

Vislumbramos que a Capoeira foi um espaço-tempo de sobrevivência que afirmava “lugares de pertencimento e de festividades”. E a Capoeira foi continuando, mas o sujeito capoeira foi e está sendo moldado pelo lugar ou não-lugar que ocupa. A própria forma de se referir a esses sujeitos foi sendo alterada de “capoeira”, “vistos como criminosos” no começo da República passaram a ser vistos como capoeiristas.

Conforme as cidades foram se desenvolvendo, o país foi crescendo, e durante os anos 1860, foi sendo construído um projeto de nação no qual a população negra não era desejada representando um problema para ser resolvido, essa perspectiva resultou na política higienista brasileira as quais, segundo o texto de 1903, de um diplomata estadunidense representariam, “as possibilidades de o gigante do sul do continente se tornar um empreendimento viável”. (CHALHOUB, 2017, p. 156).

Ainda nesse sentido, Chalhoub (2017), nos diz que a população afro-brasileira seria erradicada a partir do,

“Ideal do embranquecimento” – ou seja, a configuração de uma ideologia racial pautada na expectativa de eliminação da herança africana presente na sociedade brasileira. Tal eliminação se produziria através da promoção da vinda de imigrantes, do incentivo à miscigenação num contexto demográfico alterado pela chegada massiva de brancos europeus, pela inércia, e também pela operação de mal confessadas políticas específicas de saúde pública. (CHALHOUB, 2017, p 72).

Complementando essa perspectiva de limpeza os “cortiços, o mais famoso “cabeça de porco” foram sendo derrubados pela justificativa de insalubridade, e essas populações foram sendo empurradas para as margens das cidades, o que levou aos aglomerados urbanos, a favelização. Atualmente, proporcionalmente ao crescimento das cidades brasileiras, as favelas são centro populacionais afro-brasileiros nos quais há uma ausência das políticas públicas de saúde, de educação, moradia e trabalho.

Todavia, o projeto embranquecimento da população brasileira não deu certo. Hoje, a população brasileira, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD Contínua 2022, 45,3% se declaram como pardos e 10,6% se declaram como pretos (Brasil, 2022), ou seja, a população brasileira é formada por 55,9% de pessoas negras. Outro, perspectiva de resolver a questão da formação da população brasileira foi “tornar a relação entre senhores e escravizados harmoniosa”, fundando assim o “mito da democracia racial” de Gilberto Freyre, através do livro “Casa Grande e Senzala”.

Compreendemos que a democracia racial é uma luta de todos os movimentos sociais para a construção de uma sociedade brasileira com equidade, pacífica e com justiça social. Para Paulo Freire (2014), precisamos construir uma pedagogia de “Outro Mundo Possível”.

E a Capoeira tem sido isso durante o percurso da população negra no Brasil. Uma “pedagogia afro-referenciada”, uma práxis educativa afastada ou sob os olhos “dos feitores e senhores” que não entendiam o que estava acontecendo “um bando de gente em roda tocando tambores”. E ali foram sendo construídos nossos mitos e nossas estratégias de fugas e revoltas.

O lendário Besouro Mangangá²⁹ “ouvi dizer que mataram seu besouro, besourinho, besourinho cordão de ouro”. Um dos capoeiristas mais falados e cantados nas rodas de Capoeira. Quantas ladainhas falam das “histórias de Besouro” dos combates com os policiais, de como virava besouro. Tudo isso alimenta nosso imaginário positivo “de heróis, de vitórias” de corpos-pretos potentes e que fomos agentes nessa “conquista da cidadania negra”.

Nos antigos livros escolares e alguns ainda que teimam em assumir a posição de “desavisados” sobre os achados da Nova História, da História Cultural, da história vista pelos debaixo e pelo pensamento decolonial que já discorrem sobre outras narrativas e discursos que não existe “uma única história, um único conhecimento e uma única humanidade”.

E a Capoeira foi sendo essa reserva de “resistência e (re)existência”. Cantando e contando, fomos assimilando e armando as estratégias “de valentões e capadócios” fomos nos tornando “Mestre”. Compreendendo o tempo espiralar (de gira e da roda), a circularidade como perspectiva de existência de “cair hoje” e na próxima volta do mundo “continuar levantando”, coletivamente com e em outros corpos-negros.

Na década de 1937, com o Governo de Getúlio Vargas estava posto o Projeto de modernização do Brasil, e para tal, algumas expressões passaram a ser incorporadas como símbolos nacionais. Foram liberados alvarás de licença para funcionamento de Casas de Santo e academias de educação física, neste sentido foi criado o Centro Cultura Física e Regional, do Mestre Bimba.

E a partir da sistematização da Capoeira Angola ele cria a Luta Regional Baiana, denominada de Capoeira Regional. Segundo Leticia Reis (1997) o primeiro educador de capoeira. Mestre Bimba, traz a prática de Capoeira para o recinto fechado, cria critérios de admissão, e elabora um código de conduta para os praticantes de Capoeira. A década de 1930 a educação física estava em ênfase junto com a militarização. E o senhor Annibal Burlamaqui, escreve um livro trazendo a Capoeira em uma concepção de uma Gymnástica Nacional.

O que levou, na década de 1940, a liberação do alvará do CECA. Podemos perceber que no cenário social da época levou o Mestre Pastinha acrescentar o termo “Esportivo”, mesmo

²⁹ BESOURO. Diretor: João Daniel Tikhomiroff. Produção: João Daniel Tikhomiroff, Vicente Amorim, Fernando Souza Dias, Michel Tikhomiroff, Gil Ribeiro. Brasil, 2009.

tratando da Capoeira Angola. Compreendemos como uma estratégia dos Mestres de Capoeira Angola da época para acompanhar a Capoeira Regional, de Mestre Bimba.

O Mestre Bimba conseguiu dar aulas de Capoeira para os alunos da Faculdade de medicina. Alunos de classe média alta, o que proporcionou a entrada da Capoeira em outros espaços sociais. Mestre Bimba realizou apresentações para o Governador da Bahia Juracy Magalhães e para o Presidente Getúlio Vargas.

Outra forma de inserção aos espaços sociais e culturais, foi através da Política do Folclore do estado da Bahia, através da folclorista Emília Biancardi, a Capoeira e outras expressões afro-brasileira passaram a fazer parte dos shows folclóricos, do Balé Folclórico da Bahia. As rodas de Capoeira do Mercado Modelo, as academias de Capoeira do Pelourinho chamaram a atenção dos “turistas” para a Capoeira.

Na década de 1966, ocorreu o Primeiro Festival Mundial de Artes Negras em Dakar, Senegal, África, os Mestres Pastinha, Camafeu de Oxóssi, Roberto Satanás, Gildo Alfinete, João, Gato apresentaram “a Capoeira”. A Capoeira foi chamada “pelos ensinamentos da capoeira como uma prática libertária”. Contexto em que vários países africanos buscavam independência, e o Senegal, desde 1960, tinha como presidente o poeta Léopold Sédar Senghor, então Presidente do Senegal, lutando contra o racismo e pela valorização do movimento político e estético da negritude.

Em 1972, o general Jair Jordão assinou o decreto que “reconhecia a Capoeira como uma manifestação folclórica e como desporto nacional”. Nessa década de 1970 houve uma imigração de capoeiristas baianos para outros estados brasileiros, inclusive São Paulo e Rio de Janeiro. A exemplo, do próprio Mestre Bimba que foi com a família e uma equipe de Capoeira para Goiás. Infelizmente não saiu conforme esperado, e o Mestre Bimba retornou para Salvador.

Nesse período, de 1977, a Capoeira chega aqui na Paraíba, especificamente em João Pessoa, pelo Adalberto Conceição (conhecido por Zumbi Bahia). Ele veio junto com o Grupo Folclórico Filhos de Obá, da Ialorixá Augusta (genitora de Adalberto), o “Espetáculo Uma noite Bahia” que trazia a Capoeira, o samba, a dança dos orixás”. Desse modo, Zumbi Bahia (percussionista, coreógrafo e capoeirista) recebeu o convite do folclorista Tenente Lucena para iniciar o primeiro curso de Capoeira em João Pessoa, na Paraíba.

Nesse caminho de idas e vindas, o gingado da Capoeira espalhou através dos valentões, vadios e capadócios a potência e o agir da Capoeira que no decorrer dos séculos territorializou os corpos-territórios-negros de capoeiras em capoeiristas que tornaram-se veículos de memórias esquecidas e apagadas “pela história oficial dos vencedores, dos colonizadores”, que entre as rasteiras e martelos, ao som de cantigas e palmas, de tambores até chegar ao som dos

berimbaus (já no início do século XIX), nossa gente, nossas crenças, nossas lutas, nossas dores, nossos sorrisos, de “nomeados de negros para nos aprisionar como animais de trabalho e peças em mercados para a venda”.

Fomos, nas “frestas e nas brechas” nos juntando, entre “os negros de ganho da zona portuária de Salvador” na frente dos botecos e vendas, o que eles denominavam de “ócio” (ABIB, 2017), a gente juntava na Capoeira, os donos do Botequim já preparava “a pinga”, como diz a música de capoeira “entre o papo, e o copo e a garrafa de pinga”.

A Capoeira foi juntando o que a escravidão separava “o africano, o crioulo, liberto, negro de ganho”. E a luta dentro da roda foi criando “vínculos de pertencimentos, foi criando nossos mitos”. “Vieram três pra bater no negro/trouxeram faca porrete e facão/você não sabe o que pode fazer um negro”.

Isso também conseguimos criar no imaginário social no decorrer do tempo “o capoeira como exímio lutador e valente”. A exemplo de Besouro Mangangá que de homem tornou-se um lendário que vira “besouro no meio das bananeiras” e que lutou no início do século XX para a defesa de negros em Santo Amaro, Recôncavo Baiano.

A Capoeira foi e é uma possibilidade de conhecer e reconhecer a história do povo negro brasileiro através dos Mestres, da oralidade, da musicalidade, do ritual, da tradição, fundamentos e comportamentos que permitem ao negro e ao não-negro “se perceber como gente que lutou e luta pela liberdade e dignidade de ser humano”.

Através da Capoeira fomos nos constituindo e constituindo nos vínculos e pertencimentos de cuidados, de afetividades e luta. A exemplo das maltas que com as mudanças sociais e políticas da sociedade vigente, foram mantendo os vínculos, e foram dando aos grupos de Capoeira, conforme Alice Lacerda Pio Flores (2017)

É neste contexto que as maltas, já praticamente extintas das ruas, começam a dar lugar aos grupos de capoeira. Se as maltas, por seu caráter de coletividade, se aproximam da configuração de grupo sob a qual a capoeira se organiza atualmente, um aspecto importante os afastou: enquanto ‘à categoria de chefe de malta só atingia aquele cuja valentia o tornava inextinguível, e de chefe dos chefes o mais afoito de entre estes, porém o mais refletido e prudente’ (Soares, 1998, p. 328), os grupos de capoeira passam a ter na figura do Mestre de capoeira uma referência de liderança baseada em critérios que vão além da bravura. (FLORES, 2017, p. 49).

O que refletimos é que a Capoeira foi se adaptando aos novos tempos, todavia continuou “na defesa e ataque/ginga de corpo/malandragem” (trecho de música de Capoeira). Neste sentido, podemos dizer que “a dimensão do sujeito em relação com o outro” mesmo que os critérios de indicação tenham mudados de acordo com as novas necessidades impostas, a “coletividade” permaneceu mudando de “maltas” para “grupos”, o que significa o capoeirista é um sujeito em relação com o outro, com o mundo e consigo mesmo.

Ele guarda sua “bravura” e “sabedoria” para continuar existindo como capoeiristas, como Mestre de Capoeira. A Capoeira e o capoeirista continuam nos corpos desterritorializados pela escravidão, trazendo à tona para a sociedade atual “os elementos, as crenças, os gestos” que aqui marcam a estética dos corpos subalternizados e a assunção “de um pertencimento cultural e ancestral”, corpos-capoeira-negros e se relacionam com outro, não-negro, numa conexão ancestral de uma luta de combate ao racismo, a misoginia, a LGBTfobia, ao etarismo, ao capacitismo e outras formas correlatas de discriminação.

Podemos dizer que Paulo Freire (2014) nos alerta que “qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar” (FREIRE, 2014, p. 59).

Acreditamos que “nesse dever de brigar” (FREIRE 2014, p.59), o capoeira, de ontem e o capoeirista, de hoje compreendeu e compreende “esse dever de lutar”, é para afirmar nossos modos de ser, modos de estar e modos de fazer “o mundo”, como espaço-tempo de convivência comunitária e de partilha, de gente. Como disse, Querô³⁰: - mãe, eu só queria ser gente!

Talvez, a possibilidade na década de 1980, o movimento de reafricanização, que possibilitou essa visibilidade “da Capoeira com o Movimento Negro” fundiu a ideia de que a Capoeira é uma educação afro-referenciada que tirou o véu que encobria a força e a potência da Capoeira e do capoeirista para oportunizar um encontro, um espaço-tempo de roda que educava pessoas para o respeito e a admiração a cultura afro-brasileira e suas gentes.

Muitos Mestres buscaram realizar o “banimento” dos valentes do meio da capoeiragem, reelaborando o espaço da vadiagem, onde só restaria lugar para os ‘verdadeiros’ Mestres dessa prática. Nesse sentido, a vadiagem aferida pelo discurso das elites da época como ‘escola de criminalidade’ era ressignificada em espaço de sociabilidade e construção de valores experimentados pelos capoeiras e sua prática cultural. (Flores, 2017, p. 49 citando Oliveira, 2003, p. 4).

Chegamos em um tempo que mudamos as “lentes teóricas” para olhar para as pessoas capoeiras e capoeiristas e a própria Capoeira. Refletimos que “as maltas, as fugas, as revoltas, os quilombos, entre outros” foram primordiais para alcançarmos “a liberdade pelos nossos próprios esforços”, a afirmação e existência das religiões de matriz africana e afro-brasileira, dos afoxés, do samba, dos maracatus, dos jongos, dos quilombos e da Capoeira.

Entre continuidades e rupturas, existem capoeiristas que estão em outro meio do caminho. A exemplo dos capoeiristas que veem na Capoeira a dimensão do esporte, dos

³⁰ QUERÔ. Direção: Carlos Cortez. Produção da Gullane filmes. Brasil: 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=csUo1uHIRDM>. Acesso em: 23 jul. 2023.

campeonatos, das apresentações artísticas, e as questões ligadas a assunção de pertencimento étnico-racial com o povo negro está omissa ou ausente com as conexões ancestrais; e ainda tem os que assumem “o predicado gospel” surgindo a Capoeira gospel e que retira todos “os símbolos e significados que se relacionam com a matriz africana e afro-brasileira”.

E ainda tem os líderes de grupos de Capoeira (Mestres, contramestres, professores e instrutores) que assumem uma religião evangélica neopentecostal, os quais juntos com os membros do grupo se afastam também dos valores afrodiaspóricos.

São as contradições que permeiam o universo da Capoeira “o gospel” e a omissão na luta antirracista. Vale refletir que mesmo “assumindo essas identidades”, a roda de Capoeira e os berimbaus permanecem, e continuam se intitulando de capoeiristas; segundo os mais velhos e as mais velhas capoeiristas, a Capoeira é “ginga de corpo, é malandragem”. Enquanto, há jogo na roda de Capoeira, o resultado é imprevisível.

Conforme Mestre Pastinha: “seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível”. Narrativas de Mestres que entrelaçam gentes, ideologias e resistências. Enquanto isso, em João Pessoa, foi decretado pela Lei 14.418/2022, proposta pelo vereador Junior Leandro (PDT) em diálogo com o Fórum de Capoeira de João Pessoa, no Centro Cultural Piollin, a data 15 de julho – Dia da Pessoa Capoeirista, indicado pelo Mestre Wellington “como dia do Primeiro Batizado de Capoeira, em 15 de julho de 1990, na UFPB, com a presença Mestre de Capoeira Norival Moreira de Oliveira, Mestre Nô, do Grupo Capoeira Angola Palmares, Salvador, Bahia.

Fizemos uma propositura da Pessoa capoeirista, (mestra Malu e Mestre Dário) compreendendo que atualmente os processos identitários vão para além do gênero masculino e feminino, tipo, dia do capoeirista (homem) ou dia da capoeiristas(mulher), mas uma referência a todos corpos territorializados na ginga, homens, mulheres e comunidade LGBTQIAPN+.

A Capoeira e os capoeiristas gingam na sociedade, e como tal estão submetidos a opressão neoliberal presentes nas diversas dimensões da vida social, cultural, política, econômica, portanto, opressão está e estará presente nos grupos de capoeiras e nas rodas de Capoeira. Segundo os dados do IPHAN (2014), a Capoeira está em mais de 150 países no mundo. Levando nossa cultura, a língua portuguesa do Brasil para diversas gentes e culturas. E ao “adentrar ao mundo da Capoeira, ao torna-se um povo que ginga”, as pessoas cientes ou não, estão fazendo cultura negra do Brasil.

Se no Brasil, o racismo estrutural, o racismo institucional, e conforme Muniz Sodré (2023) acaba no imaginário coletivo das pessoas. Então, para a sociedade e para brasileiros e brasileiras a Capoeira é coisa de negro. Significa que enquanto há roda de Capoeira e jogo haverá uma possibilidade de conexão afroancestral.

Portanto, a Capoeira chegando nas escolas e universidades brasileiras, ela já é a medida pedagógica afirmativa, alicerçada nas Lei Federal 10.639/2003, Lei Federal 8069/1990 (ECA), Lei Federal 12.288/2010 (Estatuto da Igualdade racial) e no Estatuto da Juventude. De tal modo, a Capoeira na escola é um suleir para a comunidade escolar e um escurecimento das escolas brasileiras. “Solta mandinga eh/solta mandinga/solta mandinga eh, capoeira/ eu quero jogar” (autoria Mestre Nô). Lutar contra o racismo é ampliar “nossos saberes, nossos falares, nossos fazeres e nossos rostos” na escola e na sociedade. Iê...

5 DIÁLOGOS COM OS MESTRES E COM A MESTRA

Refletir sobre a formação do Mestre de capoeira é uma imersão na minha própria trajetória de vida, o que foi que guardei do caminho da roda, da própria roda, ora dentro da roda e ora fora da roda que me formou enquanto homem negro, capoeirista, educador popular, genitor, companheiro e Mestre de capoeira.

Reconheço-me enquanto morador de periferia, trabalhador de cultura, estudante da escola pública, da universidade pública, e das lembranças do menino que enfrentou a negação da família que queria coisa melhor, do olhar de reprovação de alguns amigos e dos amigos da minha família que dizia: Dário é um menino bom, vai dar certo tá nessa coisa aí?

Foram muitas pedras no caminho, mesmo o amor e cuidado da minha família, do meu pai e da minha mãe tornavam o caminho duro, pois, incessantemente diziam para fazer outra coisa que desse futuro. E tudo isso faz parte do meu caminho e tornou-me a pessoa que sou perseverante em continuar treinando e aprendendo os movimentos, os comportamentos, fundamentos a tradição da capoeira da linhagem de Mestre Nô.

Peço agô (licença para esse movimento de entrada) aos mais velhos e aos mais novos para abrir o caminho. Laroiê, Exu³¹. Exu como orixá da comunicação, da roda, da circularidade. Para eleger nossos conhecimentos ancestrais para o lugar do conhecimento científico é para dizer na filosofia Ubuntu “eu sou porque nós somos” e transitar da rua para academia, Laroiê, Exu, era para ensinar os nossos camaradas “que precisamos descolonizar as mentes” como nos ensina Gomes (2017), Freire (2015), Sodré (2017), precisamos reterritorializar, Miranda (2020), corpos negros e não-negros descendentes do continente africano que conforme Asante (2009) reconhece nosso poder de agência.

Os atravessamentos entre saberes culturais e conhecimentos científicos irão nos possibilitar compreender os fios que farão o entrelace dos saberes dos Mestres de capoeira, a educação popular, a educação das relações étnico-raciais e a pesquisa participante para compreendermos o processo de formação do Mestre de capoeira”.

Para Olinda (2011, apud JOSSO, 2004), “a formação ou é experiencial ou não é formação. Formar-se é, na última instância, transformar-se”. Nesse processo, então,

³¹ Exu é o princípio, o meio e o fim. Exu está na árvore, no rio, no peixe, no pássaro, na pedra e em todo ser vivente. Como elemento energético dinamizador e plasmador, ele é o que desenvolve, mobiliza, faz crescer, transformar. É o que faz comunicar no incessante fluxo das vivências cotidianas entre o Orun e o Aiyê, o mundo espiritual e o mundo natural. (Machado, 2010, p. 11)

compreendemos a partir de Lima (2020), Acordi (2019), Corrêa (2018), Falcão (2004) Keim e Silva (2012) capoeira como uma educação popular.

Tomando a capoeira como uma educação popular, vamos refletir juntos com Mestre Nô e seus alunos/as Mestres/as formados na sua tradição de capoeira: Mestre Lazaro (Salvador/BA), Mestre Sabiá (Campina Grande/PB), Mestre Marcos Baiano (Maceió/Alagoas) e Mestra Jô (Florianópolis/SC). Iremos apresentar os Mestres pelo tempo de mestria e não seguiremos a cronologia de datas das entrevistas presencial e online.

Fizemos as entrevistas com Mestre Nô e Mestre Sabiá de forma presencial. No dia 16 de dezembro de 2023, em Maceió, na Pousada Riacho Doce, no sábado, tomamos o café da manhã juntos com Mestre Nô, Mestre Nozinho³² e mestra Malu (minha companheira) na varanda. Depois, Mestre Nô preferiu conversar conosco no seu quarto, devido a ventania que estava bem forte, uma vez que a pousada é a beira mar, e a maré estava cheia. Fui ao quarto pegar o caderno para as anotações e o carregador do celular. Mestre Nozinho ficou deitado na cama do lado, me posicionei na cadeira de frente com o Mestre Nô que também estava sentado noutra cadeira e a mestra Malu ficou sentada na beira da cama.

Figura 08 – Entrevista com Mestre Nô



Fonte: Acervo pessoal. Pousada Riacho Doce, Maceió, Alagoas.

A conversa começou por volta das 9h30min e foi até as 11h. Foi uma conversa boa, Mestre Nô foi respondendo às perguntas iniciais e conforme ele foi falando, foram surgindo outras perguntas. Mestre Nô estava sereno, transparecia cuidado com suas falas e com a nossa interpretação.

³² Mestre Nozinho – filho do Mestre Nô.

Ele em alguns momentos me perguntava: Você entendeu Dário? E repetia, é muito importante Dário você e Malu entender isso, o corpo físico vai embora o conhecimento fica. Foi uma conversa com risos e alguns tensionamentos quando ele falava: - Dário, ele não entendeu. E falava da saída de alguns Mestres do grupo. E dizia cuidado para você não formar pessoas “contra o Mestre”.

Mestre Nô falou com honra sobre seus Mestres, como ele aprendeu com eles, e na convivência com outros capoeiristas de Salvador/BA. Da necessidade da base para roda e para vida, os fundamentos do jogo e os comportamentos para a vida.

Foi emocionante escutar mais uma vez o Mestre Nô como ele tomou uma posição na vida de ser capoeirista, as dificuldades, as inseguranças, as desfeitas, mas acima de tudo a altivez de quem aprendeu e aprende e de quem ensinou e ensina a dançar dentro da briga, de exímio capoeirista e navalhista, ao Mestre de capoeira, educador popular que aprendeu com o povo e ensina o povo “a capoeira na roda, capoeira na vida”. Cada momento com o Mestre Nô é mais uma provocação para a roda da vida e da capoeira.

E a preocupação conosco, assim que chegamos em Maceió, por voltas da 19h, Mestre Nô pediu para que o Mestre Marco Baiano nos alojasse logo. Interessante que estava no começo da palestra, no Iphan -Maceió com a presença de vários Mestres/a da capoeira de Alagoas. Estar com o Mestre Nô é uma oportunidade de aprendizagens significativas. Escutá-lo, ver como ele é tratado pelos demais Mestres de Alagoas, nos ensina a refletir sobre o mestrar (como verbo) para dentro e fora do grupo. Chegamos quinta à noite, ficamos sexta e sábado com Mestre Nô, no evento do Mestre Marcos Baiano.

Foi um tempo de partilha de cuidados com os Mestres Nô e Nozinho. Na sexta pela manhã fomos para casa de um aluno, Mestre Nozinho preparou uma moqueca de peixe com dendê foi um momento bem agradável com a família desse aluno. O pai trouxe na memória o tempo de treinamento, lembranças de outras vindas do Mestre Nô.

Mestre Nô perguntava pelo restante da família. Foi bacana aquele momento de encontro de vidas em torno da roda, de como a vila dos pescadores está sendo invadida pelas construtoras, como tem aumentado a violência na cidade e como ele montou no térreo da casa o espaço do trabalho dele, pois assim não pagava aluguel.

O clima de evento, as aulas com o Mestre Nô, admiração dos alunos/as, a entrega de cordéis, os familiares e os convidados capoeiristas de outros grupos. Tudo isso marca nossas subjetividades enquanto pesquisadores e capoeiristas.

O encontro com o Mestre Sabiá foi no Centro Cultural Lourdes Ramalho, em Campina Grande, no dia 02 de janeiro de 2024. Eu passei na Prefeitura, em Água Fria, por volta das

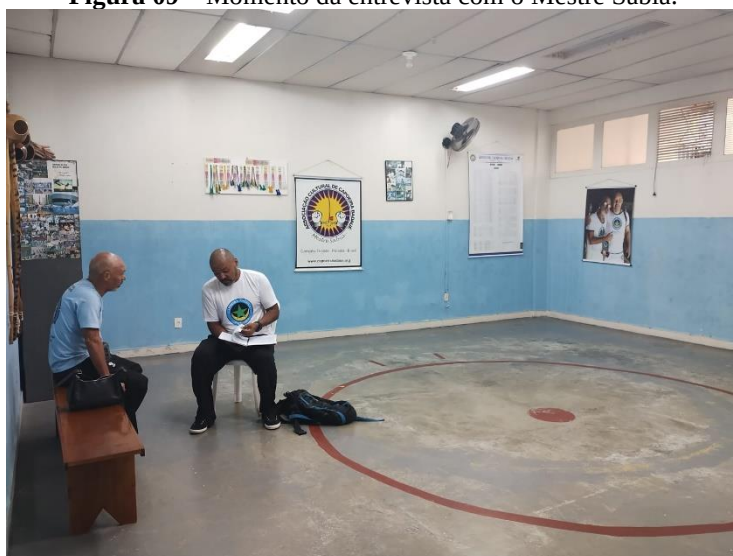
13h30 para buscar a mestra Malu e pegamos a BR 230 em direção à Campina Grande, estrada boa, duplicada, foi uma ida rápida. Chegamos no Centro Cultural, Mestre Sabiá estava em pé conversando com o vigilante, enquanto nos esperava.

Nos cumprimentamos, e Mestre Sabiá desceu conosco para a sua sala. Uma sala ampla, com referências nas paredes de sua trajetória como capoeirista. Fotos com os Mestres, em especial, Mestre Nô. Um banner que mostra sua raiz genealógica de capoeira de quem foi formado (uma foto da raiz genealógica que está ABCA³³) e outro banner de pessoas que ele formou (inclusive estão o meu nome e da Mestra Malu).

Um banco, o arquivo, no canto da sala, no lado esquerdo que guarda o atabaque, os pandeiros, agogô, reco-reco e os berimbaus (desmontados). Ele mostrou as fotos dos Mestres, e falou um pouco de cada encontro com esses Mestres.

As idas à Salvador, Bahia, em especial, aos eventos da Ilha de Itaparica, os Mestres Lázaro, Braulino, Beto Baraúna, Valdir Axé, Tônico, Lincoln, Dunga e Dinelson. Fizemos algumas fotos da sala de aula do Mestre e fizemos fotos com ele para registrar o momento. Em seguida, sentei-me no banco à sua frente, mestra Malu ficou sentada ao lado e comecei primeiramente agradecendo à disposição do Mestre em nos receber e partilhar suas vivências, suas aprendizagens e ensinamentos de capoeira.

Figura 09 – Momento da entrevista com o Mestre Sabiá.



Fonte: Acervo Pessoal. Centro Cultural Lourdes Ramalho, Sala de aulas do Mestre Sabiá.

Começamos a gravação de nossa conversa por volta das 15h30min e fomos até 16h 45min. Uma conversa boa, Mestre Sabiá foi respondendo às perguntas e conforme ele respondia, ele contextualizava a sua própria formação de pessoa humana. Ele refletia “Mestre Nô me dizia cuidado Sabiá, você precisa aprender a dizer não. E gradativamente ia se

³³ Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), no Pelourinho, Salvador, Bahia.

desenhando para além das palavras o homem capoeirista, ele disse: - Eu bebia muito. E Cláudio Paulista³⁴ dizia: - Sabiá, você não vai fazer aula, mas vai ficar sentado assistindo. Depois, eu entendi que ele estava me disciplinando.

Aos poucos fomos visualizando a formação do Mestre Sabiá que ao se formar, formou-se e forma vários capoeiristas. Mas, como fez questão de frisar continua aprendendo na roda e na vida, a ser discípulo e Mestre. Mestre Sabiá se emocionou várias vezes ao falar sobre o Mestre Nô, comentou que conversa por telefone com o Mestre Nô e sente-se honrado em tomar a benção ao Mestre Nô.

Enquanto Mestre de capoeira que também aprendi e aprendo com Mestre Sabiá, conheci Mestre Sabiá enquanto um adolescente e hoje mantemos uma relação de adultos, todavia, de respeito e admiração ao caminho trilhado pelo Mestre Sabiá de humildade, conhecimento e de bondade na capoeira da Paraíba. De um capoeirista forte, de uma capoeira dura e hoje na mestria, aos 62 anos, na roda de capoeira, jogando com fôlego e inteligência para continuar mais tempo no jogo da roda e da vida. Hoje, a Associação Cultural de Capoeira Badauê tem atuação em vários municípios da Paraíba.

Também utilizamos as ligações de WhatsApp Web para fazermos as entrevistas com a mestra Jô, de Florianópolis, de Santa Catarina, final da tarde; Mestre Marcos Baiano, Maceió, Alagoas à noite e no dia seguinte com Mestre Lázaro, Salvador, Bahia. E utilizamos mais um celular para gravar as conversas.

A primeira entrevista com Joseane Côrrea de Oliveira, mestra Jô foi muito boa, o sinal da internet estava estável. Agradecemos a disponibilidade da mestra Jô em nos conceder a entrevista. Ela perguntou pela mestra Malu, falei que estava fazendo uma atividade extra no trabalho que ainda não tinha chegado em casa. A gente conversou um pouco sobre a capoeira em Florianópolis, ela falou que estava dando aula de capoeira. Falamos um pouco sobre o Mestre Nô que ele estava bem e que estivemos com o Mestre Nô, em dezembro de 2023, em Maceió, Alagoas.

Combinamos então de começar a entrevista, avisei que iria começar a gravação. Mestra Jô, ao responder as perguntas articulava bem as respostas e fazia ponte com a pedagogia da capoeiragem, a educação popular. Uma vez que, foi o fenômeno de estudo de sua dissertação. Aos poucos ela foi narrando sua trajetória de capoeira, que treinou três anos com o Mestre dela Alemão, depois disso ficou solta sem referência direta, no cotidiano de vida e das rodas,

³⁴ Claudio Paulista deu aula de capoeira para Sabiá, em 1982, no Serviço Social do Comércio-Centro, Av. Desembargador Souto Maior, Centro, João Pessoa.

frequentava as rodas do Mestre Polegar e outros companheiros, mas não nutria a relação de mestria, não se sentia acolhida para tal, as graduações dela foram dadas pelo Mestre Nô.

Ela disse: - Eu, às vezes me questiono se minha mestria está à altura do Mestre Nô. Pausa um pouco, respira e continua falando da sistematização dos saberes vividos pelo Mestre Nô, de assunção da identidade de educador progressista que está do lado dos oprimidos, que aprendeu com o povo e continua ensinando e aprendendo com o povo, que preserva o espírito livre, de reaprender a vida e a roda com os 70 anos, uma visão reduzida pelo glaucoma e uma inteligência aguçada. Ela fala dela, de sua formação de mestra em formação, de estar aprendendo a ensinar (como verbo de ação do cotidiano).

À noite a nossa segunda entrevista foi com Marcos Antônio Santos Silva, Mestre Marcos Baiano. Ele propôs o horário, depois de chegar em casa, tomar banho, comer e organizar o espaço. Pronto. Começamos às 23h e fomos até meia noite. Começamos a conversa trazendo as lembranças ainda forte do nosso encontro em dezembro, em Maceió. Ele comentou que os/as alunas gostaram da nossa presença e que essa reunião com os Mestres Nô e Nozinho trouxe uma energia forte para o evento dele. Conversas e sorrisos antes e depois da roda.

Nas aulas de Mestre Nô e Nozinho os fundamentos, comportamentos e movimentos da Capoeira Angola Palmares. Ele disse que a presença na roda do evento dos Mestres da Palmares foi marcante, vê-lo, Mestre Dário, jogando é ver a corporificação da base da tradição da Palmares na roda; A presença da mestra Malu fortalece o exemplo para as minhas alunas porque com a permanência na roda é possível chegar à mestria. Mestra Malu deu boa noite para o Mestre Marcos Baiano agradeceu a acolhida e se colocou à disposição para outros momentos com as meninas e as mulheres do grupo. Malu saiu do quarto. E a gente começou a gravação, a ligação foi via WhatsApp web.

Mestre Marcos Baiano também é acadêmico e sua produção acadêmica foi sobre a Prática da capoeira como espaço de formação referente a capoeira em Alagoas, e falou da presença do Mestre Nô e as suas contribuições para a capoeira de Alagoas. Ele respondeu às perguntas contextualizando o processo da Capoeira Palmares e sua trajetória, que ele veio do trabalho de Mestre Nô do Parque Júlio César (condomínio fechado de classe média de Salvador/Ba) e que praticou capoeira depois no Clube Português, na Orla de Salvador. Mestre Marcos Baiano é professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e Mestre de capoeira.

A entrevista com Lazaro dos Prazeres dos Santos, Mestre Lázaro foi à tarde, na quarta-feira, dia 17 de janeiro de 2024. Fizemos também pelo WhatsApp web, a conexão estava boa. Mestre Lázaro estava fazendo a reforma da academia para celebração do sexto aniversário do Grupo de Capoeira Angola Guerreiro de Palmares.

Mestre Lázaro com sua alegria contagiante fala de sua trajetória de capoeira e responde às perguntas com muita firmeza. Ele vai transparecendo na fala o que marcou sua presença nas rodas em diversos lugares e diversas épocas, criativo e focado com a base da capoeira angola que aprendeu e ensina na trajetória de sua vida, alegria e responsabilidade com as pessoas dentro e fora da roda.

Um Mestre que presta atenção nas rodas e que ensina “jogar conforme a razão”. Minha trajetória de capoeira que perpassou as mudanças de graduações de professor, contra Mestre e de Mestre de primeiro e segundo grau foram realizadas pelo Mestre Lázaro, o qual me orienta e supervisionou nosso trabalho durante 18 anos, de 1999 a 2017. Conversar com o Mestre Lázaro é mergulhar e refletir nosso processo de formação de capoeirista, do nosso grupo e de Mestre. As idas para Salvador para o evento do Mestre, as rodas de rua em Salvador, do Rio Vermelho e Lavagem do Bonfim que íamos juntos com o Mestre Lázaro, proporcionaram muitas aprendizagens e acesso a capoeira baiana.

Tomando como referência nosso aprendizado de capoeirista, faremos a apresentação de nossos/as companheiros/as de capoeira levando em consideração a senhoriaidade, Petit (2015), pois tempo é posto e desse modo, anunciaremos em uma sequência que leva em consideração o tempo de mestria de cada entrevistado/a.

Figura 04 – Mestre Nô



Fonte: Acervo pessoal. 19º Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares (dez. 2019), Roger, João Pessoa – PB.

Com 18 anos de idade o Mestre Nô recebeu o seu diploma de Mestre de capoeira, em suas palavras “18 de setembro de 64, meu Mestre me deu as condições para ensinar, entregou o meu certificado” (Informação verbal)³⁵.

Figura 05 – Diploma do Mestre Nô.



Fonte: <https://museuafrodigital.ufba.br/capoeira-angola-da-periferia>. Acesso em: 16 fev. 2024.

A história com a capoeira de Norival Moreira de Oliveira se inicia quando ele tinha quatro anos, na Vila de Coroa, na Ilha de Itaparica, Bahia. Suas primeiras lições foram dadas por seu avô Olegário que era pescador e atravessava a Baía de Todos os Santos para vender peixe na rampa do mercado, depois tinha que esperar o tempo da maré para regressar para a ilha e nesse tempo de espera ficava contemplando as rodas de capoeira. Segundo Mestre Nô, seu avô era amante da arte capoeira.

Em 1954, quando tinha sete anos, sua família se transfere para o bairro da Massaranduba, cidade baixa de Salvador, é nesse bairro que ele tem a possibilidade de dar continuidade a sua aprendizagem, pois lá encontra seus Mestres, o Mestre Nilton que era discípulo do Mestre Pierrô, e o Mestre Pierrô que discípulo do Mestre Zeca, do bairro Uruguai, em Salvador. “Eram amigos, os três, independente de alunos, de Mestre, de discípulo e Mestre, mas eram amigos”. (Informação verbal)³⁶

Três meses após o reconhecimento como Mestre ele juntamente com as lideranças comunitárias da Baixa do Petróleo conseguiram construir uma sede comunitária em cima d’água, de palafita,

³⁵ Nego Bom de Pulo – Mestre Nô e a Capoeira da Ilha (Documentário Completo). Disponível em: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TsWIRAKg5no>. Acesso em: 13 jul. 2023.

³⁶ Entrevista com Mestre Nô, realizada na manhã do dia 03 de dezembro de 2023, na Pousada Riacho Doce, na cidade de Maceió, Alagoas.

Eu fundei em novembro de 1964, a Academia de Capoeira Angola Retintos. Fundei na Baixa do Petróleo, bairro de Massaranduba, na Rua Santa Clara. A Rua Santa Clara tem um histórico muito grande, inclusive este local, esta rua tem uma importância muito grande para a Capoeira Angola, para toda a Capoeira Angola, ela tem uma importância muito grande, lembre-se disso. O nome da rua onde eu fundei a minha academia chama-se Rua Santa Clara, Baixa do Petróleo, bairro de Massaranduba, cidade de Salvador, Bahia, Brasil. (Informação verbal)³⁷

A importância atribuída por Mestre Nô a localização de sua primeira academia que ficou em atividade de 1964 a 1969 se deve ao fato de terem passado por seus ensinamentos naquele espaço capoeiristas que contribuíram muito para a expansão da capoeira como Mestre Alabama (Marcos Souza Sacramento), Mestre Amendoim (Alberto Jorge de Farias Brito), Mestre Loremil Machado (Josevaldo Souza Machado), Mestre Dinelson (Dinelson da Natividade dos Santos), que conserva o espaço onde funcionou a segunda academia de Mestre Nô, chamada Associação de Capoeira Angola Orixás da Bahia, porém, ele mudou o nome, o Mestre Grande (Antônio Serqueira Santos) e o Mestre Sergipe.

No ano de 1969, na Rua Jaime Coelho, o Mestre Nô fundou a Associação de Capoeira Orixás da Bahia (1969-1979). O Mestre coloca que teve que mudar o nome de sua associação porque ela estava com a documentação atrasada e seria necessário o pagamento de muitas taxas para a sua legalização, então ele achou por bem alterar o nome para Orixás da Bahia, o local onde as aulas aconteciam também foi mudado, pois o espaço comunitário passava por muitas disputas políticas, mas também tem a questão da discriminação que ocorreu com a presença da capoeira no local.

Conforme Mestre Nô “a discriminação essa coisa toda. Depois de feito, de tudo feito começou a ser discriminado, discriminado, né? Fica incomodando, ah, tem esse negócio de capoeira. A gente da própria comunidade, é triste” (informação verbal)³⁸.

Assim sendo, as aulas do Mestre Nô passam a acontecer na Rua Jaime Coelho, na Massaranduba, na comunidade da Mangueira, uma região que também era carente e que as pessoas do local também entulhavam o lixo. Nesse local o trabalho com capoeira foi renovado pois os alunos que faziam aulas na Rua Santa Clara não acompanharam o Mestre para o novo endereço, apesar de ser no mesmo bairro.

No ano de 1978, o Mestre vai morar com sua família na Boca do Rio, na época ele morava com os pais e já estava casado desde 1971. Nesse período as aulas passam a acontecer no Parque Júlio Cesar, na Pituba, e o público que participa das aulas é composto por estudantes

³⁷ *Ibid*

³⁸ *Ibid*

universitários “chamavam eles de Parmalat. Parmalat, porque eram branquinhos, de apartamentos, condomínios e tal” (Informação verbal)³⁹.

Mestre Nô, também ministrava aulas no bairro onde morava ao mesmo tempo em que desenvolvia um trabalho no Parque Júlio Cesar e segundo ele o momento era mais favorável e o grande desafio era o de colocar no mesmo espaço para fazer aulas de capoeira pessoas de classes sociais diferentes. Para ele,

A caminhada ainda estava bem mais tranquila, porém, os desafios começaram a surgir com mais força ainda que era trabalhar com essa sociedade mista, ou seja, com as pessoas no bairro onde eu morava, Boca de Rio, e as pessoas que moravam no Parque Júlio César, Pituba, então duas classes diferentes. Uma pobre e a outra média alta. Então eu juntei os dois, as duas classes para poder ensinar (Informação verbal)⁴⁰.

A grande provocação era buscar trabalhar de forma harmoniosa com pessoas “pobres”, que precisavam conciliar a participação nas aulas de capoeira com suas atividades laborais, provavelmente com baixo prestígio social, com os estudantes de classe média alta.

E nesse momento que é fundado o Grupo de Capoeira Angola Palmares da Bahia, em 20 de novembro de 1979 e que depois, devido a sua expansão para outros estados brasileiros passa a se chamar Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares.

Mestre Macaô é um dos responsáveis pelo processo de propagação do trabalho do Mestre Nô que tem início em 1983 quando o leva para o Rio Grande do Sul, Mestre Sabiá, no ano de 1985 traz o Mestre à Paraíba, em 1986, por intermédio do contra Mestre Alemão o Mestre chega a Santa Catarina, Mestre Tunico, em 1987, o leva a Maceió, Alagoas e esse trabalho continuou se expandindo através dos alunos dos alunos do Mestre Nô.

Próximo de completar 60 anos de mestria e ter contribuído com a prática e expansão da capoeiragem em diversos estados brasileira, mas também em outros países, o Mestre Nô tem a sua trajetória de educador popular reconhecida em 29 de março de 2016 com o título de Notório Saber concedido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, “o primeiro de um capoeira e de um educador popular na UFSC (Corrêa, 2018, p. 27), em 2017, a confirmação desse título através da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, em 2018, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

³⁹ *Ibid*

⁴⁰ *Ibid*

Figura 05 – Mestre Lázaro

Fonte: Acervo pessoal. 22º Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares (out. 2023), Roger João Pessoa – PB.

Lázaro do Prazeres dos Santos, conhecido nas rodas de capoeira como Mestre Lázaro iniciou na prática de capoeira por intermédio de um amigo chamado Nivaldo que era aluno do Mestre Zéu – descendente da linhagem do Mestre Nô – que ministrava suas aulas, nos fins de semana, em um prédio, na Rua Agmelo de Brito, próximo as Alto do São Francisco, Boca do Rio. Mestre Lázaro só passou a participar das aulas com o Mestre Zéu depois de arranjar um trabalho para poder ter dinheiro para pagar pelas aulas, ele permaneceu alguns anos com o Mestre Zéu até ele interromper as atividades por motivos familiares.

Após a paralização das aulas do Mestre Zéu, o Mestre Lázaro passa a fazer aulas com o Mestre Dalmo – também da linhagem dom Mestre Nô. As aulas aconteciam em uma casa que ele tinha de aluguel, na qual ele fez um espaço na sala e passou a ministrar aulas de capoeira permanecendo com o Mestre Dalmo até o ano de 1981, quando ele também encerrou as atividades de capoeira e o Mestre Lázaro passa a ser aluno do Mestre Nô frequentando as aulas no Parque Júlio Cesar.

A partir do momento que passou a ser aluno do Mestre Nô, o Mestre Lázaro afirmou que passou a desarnar, pois pôde vivenciar outros espaços da capoeira como visitar a academias

de outros Mestres e as rodas de rua, principalmente, as rodas que aconteciam nas festas de largo, como a festa da Pituba, uma das mais tradicionais.

Foi por intermédio do Mestre Nô que o Mestre Lázaro começou a ministrar aulas de capoeira, primeiramente, para crianças, com a supervisão do Mestre Nô, em seguida, passou a ministrar aulas em um local que o convite havia sido feito para o Mestre Nô, porém ele indicou o Mestre Lázaro que na época era contramestre. “- Ele perguntou se eu queria continuar na oficina, ou queria dar aula de capoeira e ser um profissional na capoeira e ganhar meu dinheiro com a capoeira” (informação verbal)⁴¹.

O primeiro local que Mestre Lázaro ministrou aulas de capoeira foi em uma garagem na qual funcionava um armarinho chamado “Rais”, a partir daí passou por vários bairros ministrando aulas em academias, escolas e projetos sociais.

Podemos compreender, a partir de nossa conversa com ele, que o Mestre Nô relaciona a mudança de graduação de seus alunos com um engajamento iniciando e mantendo trabalhos com capoeira. Mestre Lázaro recebeu das mãos do Mestre Nô o cordel branco no ano de 2001 e o diploma de Mestre no ano de 2011.

Nesse percurso ministrando aulas de capoeira o Mestre Lázaro entregou o cordel de Mestre para o Mestre Manuba, Mestre Léo Corcorã, Mestre George, Mestre Lizandro, Mestre Mangalarga, Mestre Ongira, Mestre Gilmário, mestra Lúcia, Mestre Mosquito, Mestre Paappi, Mestre Malícia, Mestre Dário Tartaruga. Atualmente, o Mestre Lázaro desenvolve o seu trabalho em sua academia que fica no Alto do São Francisco, Boca do Rio e na Comunidade São Rafael, em Pau da Lima e seu grupo se chama Associação de Capoeira Angola Guerreiro de Palmares.

As atividades do Mestre Lázaro, tem historicamente por prática principal a capoeira, mas desenvolve também o maculelê, samba de roda e puxada de rede, no território de Salvador – BA.

O trabalho cultural do Grupo Capoeira Angola Guerreiro de Palmares acontece a mais 30 anos no bairro da Boca do Rio na região do Alto do São Francisco; a 29 anos no bairro da Saramandaia; a mais de 10 anos com um trabalho de capoeira na avenida Jorge Amado também na Boca do Rio e está a mais de 07 anos dentro das comunidades de São Rafael e Pau da Lima em Salvador. Também mantém um trabalho de capoeira em Barra do Pojuca, município de Camaçari. (informação verbal)⁴²

⁴¹ Entrevista com Mestre Lázaro, realizada na tarde do dia 17 de janeiro de 2024, pelo aplicativo de mensagens WhatsApp Web.

⁴² Ibid

As atividades de capoeira acontecem durante todo o ano dentro de seus espaços de aula. Mestre Lázaro tornou-se um valoroso e respeitado capoeirista e educador que tem um longo histórico de atuação no campo da capoeira baiana e internacional.

Figura 06 – Mestre Sabiá



Fonte: Acervo pessoal. 22º Encontro Nordeste de Capoeira Angola Palmares (out. 2023), Roger João Pessoa – PB.

Marcos Antônio Batista, o Mestre Sabiá e natural da cidade de Areia, região do brejo paraibano, foi morar em Galante, distrito da cidade de Campina Grande – PB, aos dez anos foi morar no bairro do Esplanada, na cidade de João Pessoa – PB.

Seu primeiro contato com a capoeira aconteceu quando ele tinha dezoito anos e estava caminhando e presenciou uma roda que acontecia ao lado do Hotel Tambaú, nas proximidades também ficam a Feirinha de Tambaú e o Mercado de Artesanatos, ponto de encontro para a realização das primeiras rodas de capoeira nos anos finais da década de 1970 e início da década de 1980,

Eu presenciei pela primeira vez uma roda de capoeira, que eu também nem sabia que era roda. Encontrei um pessoal jogando capoeira ali ao lado do Hotel Tambaú. E achei aquela coisa que me chamou muita atenção, eu fiquei assim, impressionado. Aquela movimentação, uma coisa que eu saindo daqui do interior não conhecia. Quando eu vi pela primeira vez, mexeu muito comigo. E aí quase todos os domingos eu ia para a praia e encontrava sempre aquele pessoal ali (Informação verbal)⁴³.

⁴³ Entrevista com Mestre Sabiá, realizada na tarde do dia 02 de janeiro de 2024, no Centro Cultural Lourdes Ramalho, Campina Grande – PB.

Suas primeiras lições de capoeira acontecem com um colega de estudos chamado Luciano, conhecido na capoeira pelo nome “Pé de Ferro” ele era aluno de Zumbi Bahia e ministrava aulas de capoeira na Escola Santa Júlia onde ambos estudavam.

A turma da capoeira era composta por aproximadamente quinze praticantes, mas com o tempo a turma diminuiu e “Pé de Ferro” levou o Mestre Sabiá para o SESC, local onde Cláudio Paulista ministrava aulas de capoeira logo que Zumbi Bahia se transferiu para a cidade do Recife – PE. Seu nome de capoeira – Sabiá – vem desse primeiro encontro com Cláudio Paulista porque ele afirmava que Marcos era muito parecido com um colega que era exímio capoeirista e morava em São Paulo.

Mestre Sabiá ficou quatro anos praticando capoeira com Cláudio Paulista no SESC e nesse período foi levado para fazer participações apresentando capoeira juntamente com o Grupo Terra Seca, esse grupo apresentava em seu espetáculo a capoeira, o maculelê, o samba de roda, o afoxé, o coco, a ciranda, a dança do camaleão.

Em 1985, foi residir na cidade de Campina Grande e começou a ministrar aulas de capoeira e ensinar o que aprendeu no Grupo Terra Seca, porém acabou permanecendo apenas com as aulas de capoeira, pois o preconceito da sociedade para com as demais manifestações culturais era grande e elas não foram aceitas.

Fui recebido aqui no teatro municipal de Campina Grande e comecei a fazer esse trabalho aqui. Naquela ocasião o preconceito era muito grande, as pessoas não entendiam, achavam que se tratava da religião de matriz africana e não era bem aceito. E como eu fazia aqui também, o maculelê, o coco, a ciranda e a capoeira. O pessoal gostou mais da capoeira e eu resolvi ficar só com a capoeira (informação verbal)⁴⁴.

Em 1986, passou a ministrar suas aulas no Centro Cultural Lourdes Ramalho, onde permanece até hoje, nesse local as aulas aconteciam apenas nos fins de semana, mas com o aumento da procura pela capoeira por parte da comunidade circunvizinha passou a ministrar suas aulas no meio da semana. É nesse momento que Mestre Sabiá conhece José Bento, conhecido como “Benção”, aluno do Mestre Nô da época da Massaranduba.

Benção era Mestre de obras e estava na cidade trabalhando na construção civil, todo fim de semana participava das atividades no Centro Cultural. Segundo Mestre Sabiá, ele passou dois meses sem comparecer nas atividades do centro Cultural porque havia viajado para Maceió para trabalhar numa obra, nesta cidade ele conhece o Mestre Caveirinha e quando retornou para Campina Grande volta falando muito bem do Mestre Caveirinha e convida Mestre Sabiá para conhecê-lo em Maceió.

⁴⁴ *Ibid*

Na ocasião da viagem eles encontram um grupo de capoeiristas na rodoviária de Maceió - AL que estavam chegando de Salvador – BA para participar do evento do grupo do Mestre Luiz Medicina, esse evento estava sendo organizado pelo Mestre Ventania e entre os capoeiristas que chegavam estava o Mestre Nô. Segundo Mestre Sabiá, Benção disse: “- Vamos ver se eu conheço alguém ali! Oh rapaz, meu Mestre tá ali!” Mestre Sabiá lembra com carinho o entusiasmo do encontro: “E aí vem o Mestre Nô.

Ele correu lá, me apresentou o Mestre Nô”. Após o encontro na rodoviária, Mestre Sabiá se organiza e vai ao encontro do Mestre Nô no evento do Mestre Ventania lá eles puderam conversar por mais tempo e o Mestre Nô convidou Sabiá para conhecer o trabalho do Grupo Palmares da Bahia.

Em 1986, Mestre Sabiá viaja para Salvador com seu amigo Bêncão, eles vão para a Boca do Rio e são levados por Mestre Nô para a academia do Mestre Lázaro e conhece o Mestre Touro (aluno do Mestre Brulino), Agulha e outros,

Estava todo mundo lá. Chegou lá e aí foi que eu vi capoeira, né? Aquela capoeira que eu não conhecia aqui, porque aqui na Paraíba a gente praticava capoeira, mas a gente não sabia se era Angola ou se era Regional, era capoeira, só sabia isso, não tinha uma definição de nada. [...] não tem essa formação aqui. Do que ser o Mestre, se é Angola, se é Regional. Quando eu cheguei na Bahia é que eu vou conhecer isso aí, entendeu? Através do Mestre Nô, aí fiquei muito encantado, fui jogar, não consegui jogar, toda vez que jogava levantava uma perna caia, e a turma, o pessoal, aquela coisa mexeu comigo, aí o Mestre Nô me convidou para fazer parte da escola, Associação Brasileira e Cultural de Capoeira Angola Palmares e eu aceitei (Informação verbal)⁴⁵.

Neste mesmo ano o Mestre Sabiá cria o seu Grupo de Capoeira que se chamava Associação Abadauê e o Mestre Nô informou a Sabiá que o correto é Badauê. Ao fazer a correção o grupo passa a se chamar Associação Cultural de Capoeira Badauê de Palmares e a camisa do grupo tinha o escudo do Badauê na frente e do Mestre Nô nas costas que era Palmares Nordeste.

Mestre Sabiá fazia viagens à Salvador, com a ajuda dos seus alunos, a cada três meses. Em 1987, Mestre Nô realizou um evento no Clube Português e Sabiá foi participar juntamente com Bêncão e outro capoeirista de João Pessoa que havia sido aluno de Zumbi Bahia chamado de Aluízio Guerra. Na ocasião do evento foi realizada uma avaliação e Bêncão recebeu o cordel amarelo e azul (graduação de instrutor), Sabiá o cordel azul (na época chamado de aluno formado, hoje de professor) e Aluízio recebeu o cordel verde/amarelo/azul/branco (cordel de contra Mestre).

O Mestre Sabiá organizou o primeiro batizado de capoeira da Paraíba no ano de 1988, o evento ocorreu na Academia Corpo Livre, na cidade de Campina Grande – PB, e teve a

⁴⁵ *ibid*

participação de aproximadamente oitenta alunos, a participação do Mestre Nô e do seu filho Mestre Valdir Axé (na ocasião ele era aluno), além de capoeirista do sertão paraibano. É nesses encontros de capoeira que Sabiá recebe o cordel de contra Mestre.

Desde então, realizou diversos encontro de capoeira com a presença do Mestre Nô e seus alunos Lázaro, Dunga, Tunico, Beto Baraúna, Dinelson, Valdir Axé, Lincoln, Dalmo e outros. Nesses eventos promovidos por Mestre Sabiá diversos alunos receberam cordéis sendo que os mais graduados chegaram ao primeiro grau de mestria, cordel branco e verde. Entre eles Joseilton, Rafael, Moreira, Edy e Wellington.

Sua primeira graduação de Mestre – cordel branco com pontas verde – foi entregue em um evento que o Mestre Nô realizou no ano de 1993, na cidade de Salvador, na ocasião também foi entregue o cordel de contramestre a Marcos Zunga (Marcos Belarmino) e o cordel branco e verde e verde para Inaldo Lima, ambos de João Pessoa. Mestre Sabiá foi diplomado por Mestre Nô juntamente com os Mestres Dalmo e Um por Um.

Figura 07 – Mestre Marcos Baiano



Fonte: Acervo do Mestre Ventania. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2nvyqDuMTZ/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

O Mestre Marcos Baiano tem o seu primeiro contato com a capoeira no Parque Júlio Cesar, quando um colega que estudava com ele na Escola Técnica Federal da Bahia, hoje, Instituto Federal da Bahia, o levou até o local e o apresentou para o Mestre Nô. Nesse primeiro momento ele foi apenas observar a aula. Após esse encontro o Mestre Nô começou a ministrar

aulas de capoeira no Clube Português da Bahia, que era um dos clubes mais elitizados de Salvador e que Mestre Nô conseguiu iniciar suas aulas no clube por mediação de alunos de classe média alta do Parque Júlio Cesar e Marcos Baiano começou a treinar nesse local em 1985.

É no Clube Português que os alunos do Mestre Nô moradores da periferia Lázaro, Lincoln, Dunga, Bráulio, Ferrabrás, Marreta e Tição e os Mestre tradicionais da capoeira baiana como os Mestres João Pequeno, Ferreirinha, Bobó, Curió e outros passam a conviver com os novos praticantes membros de uma classe social mais favorecida.

Assim sendo, se faz necessário “aprender a conviver com a diferença faz parte do praticar capoeira. Nas aulas e nas relações pessoais estamos sempre diante das diferentes classes sociais, experiências, idades, gênero, raça, formação intelectual, situação financeira e outros sem números de diferenças” (SILVA, 2006, p. 15).

O Mestre Marcos Baiano em sua jornada com o Mestre Nô passou por todas as graduações utilizadas pelo Grupo Palmares, iniciando com o cordel verde e passado pelos demais cordéis verde e amarelo, amarelo, amarelo e azul, azul, verde/amarelo/azul/branco, branco com pontas verde, branco com pontas amarela e atualmente o terceiro grau de Mestre o branco com pontas azul recebido novembro de 2018. Nesse percurso iniciou sua prática de ensino de capoeira quando chegou no cordel amarelo e azul, pois foi orientado pelo Mestre Nô a começar a realizar um trabalho com capoeira porque a sua próxima graduação seria a de professor.

Em 1989, passou a residir na cidade de Maceió, por motivos profissionais e nesta cidade graduou-se em Educação Física, em Pedagogia e fez mestrado no Programa em Pós-Graduação em Educação Brasileira, do Centro de Educação, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, defendendo a dissertação Prática da capoeira como espaço de formação.

O Mestre Marcos Baiano argumentou em sua dissertação, que a capoeira através de seus fundamentos e estrutura de ensino, possibilita ao praticante através da assunção dos condicionantes histórico e social, a inserção crítica no meio social numa busca por uma sociedade mais justa com equidade. Suas atividades ministrando aulas de capoeira em escolas e centros sociais são iniciadas em 1998.

Figura 08 – Mestra Jô



Fonte: Acervo da mestra Jô. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cv5J5b4r5Ho/?img_index=1. Acesso em: 15 jan. 2024

Joseane Pinho Corrêa, a Mestra Jô, era estudante de Educação Física, no ano de 1988, quando começou a praticar capoeira, suas primeiras aulas foram ministradas por Carlos Alberto Dal Molin Silva, o contra Mestre Alemão (aluno do Mestre Nô), também estudante de Educação Física.

Porém, sua aproximação com o Grupo de Capoeira Ajagunã de Palmares aconteceu em 06 de dezembro de 1987, no primeiro evento do grupo, organizado pelo contra Mestre Alemão, em Florianópolis. A mestra Jô participou do evento auxiliando na venda de camisetas e adesivos para ajudar com os custos do encontro de capoeira. “E aí eu fui assistir o primeiro evento aqui. E me encantei com os Mestres, com as crianças, com todo aquele ritual do batismo” (Informação verbal)⁴⁶.

A mestra Jô começa a praticar capoeira com o contra Mestre Alemão em 05 de abril de 1988 e recebeu o cordel verde, o primeiro cordel, oito meses após sua entrada na capoeira, no dia 20 de novembro de 1988, colocado em sua cintura pelo Mestre João Pequeno (Corrêa, 2018).

⁴⁶ Entrevista com a mestra Jô, realizada na tarde do dia 15 de jan. 2024, pelo aplicativo de mensagens WhatsApp Web.

Em 1990, recebe o cordel verde e amarelo, o segundo cordel, o cordel amarelo, em 1997, recebeu o cordel por indicação de um capoeirista conhecido como Axé, que era aluno do contra Mestre Alemão, o cordel amarelo e azul recebeu no ano de 2002, dentro do evento de um capoeirista chamado de Rico, o cordel de professora foi entregue no evento do Mestre Polegar, em 2007, na ocasião da realização deste evento, a mestra Jô levou seus alunos para participarem das atividades de troca de graduação, pois como era professora e tinha uma carga horária de 40 horas semanais de trabalho, não dispunha de tantas horas para ministrar aulas de capoeira e realizar um evento próprio.

Em 2013, foi graduada contramestra e recebeu o primeiro grau de mestra em novembro de 2022. A Mestre Jô sempre foi graduada com a presença do Mestre Nô nos eventos, por isso, ela acredita que sempre foi ele quem escolheu o momento de suas mudanças de cordel. “Todas as minhas graduações o Mestre Nô estava, né? [...] Eu acho que sempre foi o Mestre Nô que me graduou” (Informação verbal)⁴⁷.

A mestra Jô teve aulas diretamente com o contra Mestre Alemão até 1991, pois ele fez uma viagem e ao retornar não prosseguiu com as atividades capoeira. Daí em diante a mestra Jô passa a praticar capoeira com as pessoas mais próximas a ela como os Mestre Calunga, Mestre Pinóquio, Mestre Jerry.

A mestra Jô, no ano de 2018, defendeu sua dissertação *A arte de ensinar a capoeira, na roda e na vida: Pedagogia da Capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira – Mestre Nô*, no Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina. A mestra Jô alegou em seu texto que a pedagogia da capoeiragem é tecida a partir do saber do Mestre com vistas a autonomia e realiza-se na roda da vida.

Depois da breve apresentação dos Mestres e da mestra, vamos iniciar a roda, uma “papoeira – análise das entrevistas” para perceber o processo formativo desses Mestres/as de capoeira dentro e fora da roda, na vida e como esse processo se constitui como prática educativa de combate ao racismo entrelaçados nas falas, nas memórias, nos movimentos, comportamentos e fundamentos da Capoeira Angola periférica de rua, através da linhagem do Mestre Nô e de seus alunos-Mestres e da Aluna-mestra.

Que se configura numa perspectiva decolonial toma o contorno de uma educação popular, na qual emerge uma pedagogia da capoeiragem⁴⁸ localizada em tempos, em espaços,

⁴⁷ Ibid

⁴⁸ Ver Corrêa (2018).

nas pessoas, e não em sujeitos generalizados, educadores populares que tomaram uma posição ética e estética do lado dos oprimidos, Mestre/a de capoeira da linhagem do Mestre Nô.

Então, abrimos esse diálogo com o Mestre Nô, ele nos disse que precisou ensinar capoeira para pessoas que não eram seus alunos, um Workshop noutro país, uma situação adversa naquele momento que fez ele refletir a respeito do que tinha aprendido sobre capoeira e com a capoeira e ele pensou como fazer isso com a capoeira? Ali ele começou a reflexibilidade do que já tinha aprendido – a base com seus Mestres Nilton, Pierrô e Zeca do Uruguai e a sua intencionalidade o que ensinar e para quê ensinar?

Mais aula, aulão, workshop essa coisa toda para mim é tudo era novidade. Mas eu fiquei a pensar e comecei a rabiscar, fiz esses desenhos na minha cara. Achei, saído da minha cabeça. Um desenho mais ou menos de uma roda de capoeira. E daí destrinchei tudo o que eu poderia fazer. Daí me veio logo a ideia e a compreensão de que a roda de capoeira ia me mostrar tudo. Aí, o que tivesse ali na parte de movimento, na parte instrumental, cantorias, fundamentos e comportamentos. Tudo que engloba a capoeira. Eu comecei a me preparar para tudo isso que eu poderia chegar lá. Então, tudo isso nessa minha formação de Mestre, nessa minha caminhada. (Mestre Nô, 2023)

A partir da necessidade objetiva de ministrar um curso, ele buscou compreender o que ele tinha para ensinar, então, mergulhou em si mesmo para buscar o que tinha aprendido com seus Mestres Nilton, Pierrô e Zeca do Uruguai e desenhou a roda de capoeira e os seus elementos constituintes: toque, cântico e jogo. À vista disso,

Existe um “consenso” de que, para ser “Mestre” de capoeira é necessário ter experiência nesta arte enquanto jogador de capoeira, como educador, que vem desenvolvendo algum tipo de trabalho de ensinamento da capoeira e o “reconhecimento” que se dá pela sua competência técnica e domínio dos elementos estéticos da capoeira, ou seja, saber tocar, saber cantar, saber confeccionar os instrumentos e outras habilidades. (SOUZA, 2010, p. 56 apud CASTRO JR, 2004, p. 55)

Desse modo, podemos identificar os saberes-fazer da capoeira necessários para o capoeirista trilhar um itinerário que envolve as dimensões dos saberes ancestrais, dos fazeres práticos e uma sistematização metodológica para formar-se Mestre. Conforme a citação acima existe um “consenso” do que é necessário para ser o Mestre: conhecimento, experiência e trabalho.

Dialogando com Freire (2014) a respeito dos saberes necessários a prática educativa, nesta perspectiva podemos dizer que Mestre Nô sistematizou sua prática de capoeira nas dimensões dos movimentos, comportamentos e fundamentos e um princípio filosófico: capoeira na roda, capoeira na vida. O que tem possibilitado a formação de Mestre, quer dizer ele formar-se no caminho e nesse mesmo caminho continua formando capoeiristas e Mestres/as de capoeira na Bahia, no Brasil e no mundo.

Podemos compreender a partir dos Mestres de capoeira, mas, especialmente do Mestre Nô que a roda de capoeira é estruturante, é o espaço-tempo para a constituição das práticas, do conhecimento e dos sujeitos, na qual formam e são formados capoeiristas e Mestres. E a permanência nessa roda aprendendo-ensinando e ensinando-aprendendo se inicia aluno e pode se chegar à mestria.

Mas esse processo não é linear, e exige tempo. Para o Mestre Lázaro (2024), a “avaliação dos meus alunos é o tempo. É acompanhar e ajudar o trabalho do grupo, enraizar o trabalho do grupo, fortalecer o trabalho do grupo, fundamentos, musicalidade. Para que o grupo siga a mesma tradição, fale a mesma língua de todo o mundo”. Quer dizer, um processo de ensino-aprendizagem reflexivo e crítico,

Porque eu sempre busquei aprender, aprender para poder ensinar. E em 1990, quando voltei dos Estados Unidos, então comecei a desenvolver um tipo de trabalho com mais experiência. Por que com mais experiência? Porque eu aprendi, eu aprendi que necessitava de mais conteúdo para poder então repassar para os alunos. Já fui descobrindo isso, comprovadamente foi uma realidade. (Mestre Nô, 2023)

Relacionando as falas dos Mestres Lázaro e Nô percebemos um fio condutor entre as gerações, a referência da ancestralidade. Mestre Lázaro continua os ensinamentos do Mestre Nô, a importância de se aprender os fundamentos, comportamentos e movimentos para dar a continuidade da tradição para fortalecer e enraizar o trabalho do grupo.

Para Castro Jr (2004, p. 147) “existe toda uma preocupação dos Mestres de capoeira em transmitir seus conhecimentos a partir da realidade atual, explicando a relação do passado com o presente”. Conforme podemos perceber nas falas dos Mestres e na convivência com eles há uma preocupação comum entre eles de continuar aprendendo os fundamentos da capoeira. Mestre Lázaro nos diz o que são os fundamentos,

O que a gente leva como fundamento, é você saber dominar os instrumentos, berimbau, saber qual o berimbau que comanda o jogo naquele momento, naquela roda, naquele grupo. E saber que você ali tem uma responsabilidade com aquele jogo. De mandar entrada e mandar sair. Então, esses são fundamentos. Fundamentos podem ser de jogo, de movimento, de comportamento. Comportamento na roda. Então eu vejo uma parte do fundamento nisso. (Mestre Lázaro, 2024)

E Mestre Sabiá ainda complementa dizendo que é de suma importância conhecer os fundamentos da nossa linhagem, do Mestre Nô, mas identificar outros saberes de Mestres de outras linhagens é também parte da formação do Mestre,

As avaliações são feitas de acordo com o comportamento dele, em cima disso aí vem o conhecimento sobre a prática da capoeira. Não só a parte prática, mas a parte teórica. Manusear os instrumentos, berimbau, pandeiro, atabaque, enfim, os instrumentos da capoeira, os toques que são praticados dentro da arte, identificar toques que são de outras, que não são da nossa linha. (Mestre Sabiá, 2024)

E neste sentido, Mestre Marcos Baiano traz outro elemento da linhagem da capoeira angola de Mestre Nô, o uso do cordel que representa as graduações de capoeira, e relembra antes tinha que saber tocar e cantar, mas naquela época a ênfase era no jogo, jogar “encarar os desafios” para a formação do Mestre:

O que era uma graduação que você pegava de acordo com o que você aprendia, virou uma graduação, um cordel pautado em um tempo independente do que você aprendia isso que eu estou falando, é interessante, sabe por quê? Porque olhe que coisa bem significativa. Quando comecei a treinar o bom capoeirista ele pegava a graduação que fosse, se ele jogasse, eu não estou dizendo nem tocar e cantar. Se ele jogasse muito, se fosse cara de encarar muitos desafios. A graduação vinha sem nenhum problema, como se fosse assim, ele tem condições de segurar essa graduação naquela época. (Mestre Marco Baiano, 2024)

Nestes trechos das falas dos Mestres percebemos que há uma convergência em relação a manter uma unidade em relação aos elementos constituintes da roda de capoeira, é tocar, cantar, jogar dentro dos fundamentos da linhagem do Mestre Nô.

Mas partindo de um contexto, de um tempo e lugar, a ênfase muda de uma dimensão para outra. Foram sendo exigidos outros saberes, principalmente pelo recurso da memória e através da oralidade trazer os mais velhos, suas histórias, desafios, a história da linhagem, a capoeira para a formação do Mestre/a. Quer dizer,

Por meio da capoeira, somos transportados para um tempo em que a ancestralidade se faz presente, e as vozes daqueles que vieram antes de nós ecoam em cada movimento. Os Mestres e mestras de capoeira são guardiões do conhecimento e da sabedoria, transmitindo não apenas as técnicas, mas também os valores e os princípios que permeiam essa arte. (SILVA; DE AZEVEDO, 2023, p.149)

A ancestralidade é esse território de presentificação do passado na roda de capoeira, a qual possibilita a força existencial da capoeira a troca entre os mais velhos e os mais novos, na qual emergem valores, princípios, conhecimento e sabedoria mediadas pelos Mestres e mestras. Mestre Jô nomeia antigos Mestres a partir de suas lembranças das rodas em Santa Catarina, e podemos perceber a fala entusiasmada inicialmente e depois saudosista.

Eu ainda estou tentando me acostumando [...], mas uma das coisas que o Alemão ensinou para a gente que o Mestre era aquele, os Mestres, os Mestres velhos. Pô, o Mestre era o Mestre João Pequeno, os Mestre que vieram aqui para a cidade era o Mestre Bobó, Mestre Ferreirinha, o Mestre Nô. Então esses Mestres, Mestre Bigodinhos, Mestres que a gente trazia. Da Bahia para cá, então para mim sempre foi referência, então eu ainda me sinto. (Mestra Jô, 2024)

Invocar os antigos, os nossos ancestrais – os Mestres é uma busca de trazer à tona referências de orientações para caminhar dentro do pensar certo (FREIRE, 2014) com ética e uma estética da capoeira baiana que institui além dos cordéis, a responsabilidade com a capoeira e o compromisso com seus praticantes. Mestre Sabiá nos fala desta busca pelos saberes ancestrais, para tal se desloca da Paraíba para outros estados para conversar com outros Mestres,

em especial, o da velha guarda da capoeira baiana para dar continuidade a formação do ser Mestre.

O Mestre, eu vejo assim o Mestre de capoeira. não é só o tempo de Mestre, não é só o papel. Não é só a graduação, é o compromisso, é a responsabilidade, é o entendimento. O que é a nossa arte eu ainda estou buscando isso. Eu estou buscando isso. Através do meu Mestre, através da minha leitura. Quando eu tenho oportunidade de conversar com outros Mestres, viajei, tive a oportunidade agora de estar com os Mestres na velha guarda e vou escutar esses outros Mestres lá de Brasília, lá de São Paulo, da Bahia. E outros que eu já conhecia. Conversar com eles e, conversando com esses Mestres e pensando comigo! Poxa, eu estou indo no caminho certo! Não para o lado errado. Como estão fazendo aí. Então e isso, é responsabilidade e compromisso. (Mestre Sabiá, 2024)

De modo semelhante, a fala do Mestre Sabiá acima, o Mestre Nô também buscou outros Mestres para contribuir na sua formação, mesmo dizendo “a minha formação estava feita”. Ele nos dá as pistas que a formação dele continuava com a convivência com outros Mestres até de estilo diferente.

E a partir daí, em 1970, eu busquei alguns Mestres, ou seja, busquei o Mestre Carlos Senna, que era Capoeira Regional e eu sou angoleiro, mas para aprender como me organizar, como me organizar não para me ensinar capoeira, não. A minha formação estava feita já. E outros Mestres também. Posteriormente, também andava junto comigo. Eu tinha bons amigos também frequentadores de rodas, juntamente comigo, que era o Mestre Paulo dos Anjos, o Mestre Curió também estávamos sempre junto nas rodas e festa de largo. Então, o convívio com estes Mestres, eu sempre avaliando as respostas que recebia através das perguntas que eu fazia. (Mestre Nô, 2023)

Relacionando as falas dos Mestres, podemos conectar com a Pedagogia do Oprimido (2015) de Paulo Freire que ninguém se educa sozinho, mas em comunhão com homens e mulheres. E mais, quando as pessoas “têm a consciência de sua inconclusão. Aí se encontram as raízes da educação mesma, como manifestação exclusivamente humana. Isto é, na inconclusão dos homens e na consciência que dela têm. Daí que seja a educação um quefazer permanente” (FREIRE, 2015, p. 102).

Os Mestres cada um de seu jeito nos falaram sobre “um quefazer permanente” de como a partir de uma base “aprendida com o seu Mestre” eles foram se adaptando e criando formas de ensinar “a base”.

Logicamente, contemporaneamente, tudo mudou. Tudo mudou na vida, tudo muda. Nada fica parado. Nada fica parado, nada, nada, nada, nada. Nem o oceano, nem o oceano que busca recuperar a posse das terras que lhe foi roubada. Também não é verdade. É então, a partir daí. Tem que mudar. E aí, nessa mudança, é justamente nessa mudança é que a capoeira tem elementos suficientes para se acomodar, para se adaptar ao tempo, àquele tempo, justamente que ela já tem uma base muito forte formada. Essa base ninguém tira. A base da capoeira, que é a forma de vida do ser humano, não muda porque já existe um formato. (Mestre Nô, 2023)

Nesse diálogo com os Mestres e a mestra fica evidente que existe um saber-fazer que está sendo ensinado e aprendido pelas diversas gerações de alunos/as e Mestres/as, mas que

todos falam que existe “uma base”, um aprendizado que lhes possibilitam criar e recriar a prática educativa-cultural da capoeira de acordo com a territorialidade que ocupam, e ressaltam o respeito e a admiração ao Mestre que lhes ensinaram.

Podemos perceber que a capoeira é um espaço-tempo de roda de abertura, de partilha, de desafios, de vida que se alegram ao se encontrarem na roda, de troca de experiências que se tornam saberes. Para Paulo Freire (2015) “saberes da experiência feito”. Para Mestre Sabiá são saberes da experiência, “mas que já vem dos nossos ancestrais”.

O comportamento, os exemplos do Mestre. Não só do Mestre Nô, mas dos Mestres, dos verdadeiros Mestres Os Mestres sempre tiveram uma postura dentro da roda de capoeira, uma postura de autoridade. De firmeza, de segurança, muitas vezes até de valentão. Porque os Mestres do passado, ali do início do século XX. Eram os Mestres que tinham que usar a capoeira, como luta para poder se firmar e afirmar a nossa arte enquanto luta também. Então foi preciso que os Mestres tivessem um comportamento que viessem trazer segurança para os novos praticantes. Então, esse é um comportamento que muitas das vezes a gente fala só do nosso Mestre, mas já vem dos nossos ancestrais. Que são os ensinamentos dos nossos ancestrais, que são passados de geração para geração. (Mestre Sabiá, 2023)

Nesse ínterim, entre as falas de Mestre Sabiá e Mestre Nô podemos ter o entendimento que a capoeira é um conhecimento existencial, portanto, é um diálogo de perguntas e respostas que de acordo com o contexto espaço-temporal, tanto muda as perguntas como as respostas, mas a capoeira traz a base – os fundamentos e configura novos comportamentos e movimentos.

Por incrível que pareça. Então qualquer pergunta que tiver de fazer sobre a capoeira vai, vai para a vida, que respondo sobre os seus fundamentos. Então, uma vez me perguntaram: Mas Mestre mais às vezes, na roda, se jogava mais forte, bater, às vezes para quebrar até a cara? E mais a vida foi mudando, a capoeira foi se transformando. Mesmo porque também o objetivo não era esse, o objetivo era vadiar. [...] antes podia quebrar um a cara do outro, um braço. Podia, não se achava comum, achavam.? Mas hoje não. Hoje, ao menos discute forte e fora. É sobre as comissões de agressão. Então, observe, você que é para isto aí, a capoeira, ela tem um fundamento básico direcionado para a vida, qualquer época. Ela vai se adaptar. (Mestre Nô, 2023)

Mestre Nô nos diz o nosso objetivo era vadiar podia ocorrer machucados e lesões, mas essa não era a intencionalidade. Mestre Nô nos dá as pistas, capoeira é jogo, é validação. E como tal, a capoeira enquanto um processo de educação popular acontece conforme Rufino (2023, p. 82) “quando há disponibilidade para o encontro, para ser afetado, alterado, confluir e compartilhar experiências.

Os processos educativos como uma dinâmica inacabada de botar a perna no mundo e se embolar com o outro têm no território corporal sua força”. Podemos perceber essa afetação da capoeira na vida de seus praticantes e daí esse ritual de “corre roda”, de conhecer o mundo. Mestre Lázaro afirma que o,

Fundamento e comportamento eu continuo mantendo. Meu aprendizado que eu tive com meus Mestres, todos eles. Porque eu sempre digo que eu tive. Tive não, eu tenho por que eles ainda estão vivos, três Mestres na minha vida, na minha formação como

capoeirista. Então, [...] na minha iniciação, o Mestre Dalmo que me lapidou, ali dentro da minha continuidade, e o Mestre Nô que me lapidou e me deu essa oportunidade de ser o capoeirista que eu sou hoje. Porque eu te digo que eu trago as tradições, porque eu acompanhei o Mestre Nô. As tradições que ele passava, que ele passa até hoje. Que algumas também se perderam pelo meio do caminho porque ele foi moldando, modificando. E eu continuo levando essas tradições. As tradições de musicalidade, de fundamento, de comportamentos, de vivência de roda, de história. (Mestre Lázaro, 2024)

Ainda mais, Mestre Lázaro traz sua assunção de uma identidade de capoeira e o testemunho na vida dentro e fora da roda, de tornar-se Mestre de capoeira dentro de uma tradição de capoeira angola de rua afro-brasileira; comecei dentro do grupo com Mestre Nô, depois ele me deu um espaço e depois comecei meu trabalho nas comunidades. Paulo Freire (2014) nos diz que a “assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade do eu”. Mestre Lázaro disse,

Para ser reconhecido como Mestre de capoeira é um aprendizado que você traz, carrega durante a sua trajetória de aprendizado. E uma das coisas era você ter um trabalho. Eu tive um trabalho dentro do grupo, dentro do nosso grupo, porque o Mestre Nô ele dava aula. Mas aí eu dava aula para criança e disso ele ia me observando. E depois ele me deu um espaço para fazer o meu trabalho e aí eu comecei a fazer meu trabalho dentro das comunidades. [...] Eu comecei a ir para todos esses lugares, aí, Pituba, Itaigara. E enraizei o trabalho e comecei a caminhar. Mas é isso aí. O meu trabalho começou na Boca no Rio, cresceu. E o Mestre Nô foi acompanhado porque o Mestre Nô ele sempre deu a graduação por merecimento. Então, as pessoas tinham que merecer, receber aquela graduação e para isso você tinha que estar preparado. De musicalidade, de fundamentos. (Mestre Lázaro, 2024)

E continuando nesse diálogo, podemos ver a relação Mestre-aluno e aluno-Mestre quando Mestre Lázaro diz a “graduação é no tempo do Mestre Nô”, ao mesmo tempo ele diz “quando ele via que o aluno estava preparado para receber a graduação ele dava”, conforme Freire (2014, p. 45) “nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição”. De grosso modo,

Cada graduação, por exemplo, de mestria era cinco anos, às vezes a gente ficava seis, ficava sete, eu mesmo fiquei seis, sete em uma graduação porque era o tempo do Mestre. Quando o Mestre achava que você já estava preparado para receber aquela graduação, ele dava, e minha graduação branca, de mestria mesmo, foi em 2001. Que ele me deu essa graduação, mas aí eu já tinha o reconhecimento popular nas comunidades no mundo praticamente. Eu já tinha viajado, já tinha feito algumas viagens e tal. Então, popularmente, eu já era respeitado como Mestre de capoeira. (Mestre Lázaro, 2024)

Podemos perceber na fala do Mestre Lázaro as exigências para a formação do Mestre, mas ele deixou evidente que já tinha um trabalho, já tinha o reconhecimento popular e já viajava como capoeirista para participar de eventos e ministrar aulas de capoeira.

Todavia Mestra Jô destaca que existem graduações sendo entregue, de Mestre, para possibilitar o recém-formado Mestre viajar. “Todo mundo quer ser Mestre, para poder, ah, para poder jogar nas rodas dos eventos, para poder viajar, para poder. Não sei o quê. Sempre teve uma corrida. Uma corrida assim, muitos Mestres sendo graduados muito cedo”. (Mestra Jô, 2024)

Portanto, Mestra Jô retrata uma realidade que está acontecendo atualmente no mundo da capoeira, os Mestres que são considerados de verdade e os falsos⁴⁹, porque não passaram pelo processo de formação de Mestres na percepção da cultura afro-brasileira, atropelando a noção de tempo e “Capoeira se faz com o tempo/E este tempo vai demorar/Vá aprendendo e treinando/Pro seu corpo aprimorar”.⁵⁰

O que percebemos na fala dos alunos-Mestres e aluna-mestra é a referência de respeito e admiração pelo Mestre Nô, mas ao mesmo tempo demonstram uma posição autônoma e crítica em relação ao universo da capoeira, ao Mestre Nô e da vida. Mestra Jô (2024) disse: “A gente já, né, sabe que ele já deu as bolas fora dele também. Claro, ele é uma, ele é um ser humano. Tem direito de errar também”, o próprio Mestre Nô referindo-se ao aprendizado com seus Mestres, disse o “que não era conveniente ele guardava”, ele nos disse haviam coisas que não cabiam mais, mas era preciso lembrar,

Eu fazia todo o tipo de avaliação e procurava reciclar o que prestava, o que servia, o que eu achava conveniente eu aproveitava o que não era eu guardava simplesmente. Então, a minha formação e o meu contato com esses Mestres, o meu aprendizado foi assim, aprendendo e ao mesmo tempo também ensinado. (Mestre Nô, 2023)

Não há separação entre os saberes apreendidos no processo de formar-se Mestre, e a uma tomada de posição crítica diante do mundo, nesse sentido, “a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil” (FREIRE, 2014, p. 33).

Pois, reconhece que o exercício da crítica possibilita uma relação com o Mestre de não endeusamento, mas de respeito e de conhecimento, dentro de uma ética e estética que possibilita uma prática educativa-cultural de boniteza e decência.

Faz parte desse processo de formação do Mestre, uma avaliação que pelo que já foi dito pelos Mestres, no caso da Palmares, no decorrer do tempo, Mestre Nô mais uma vez firmou

⁴⁹ “Mestres de verdade, isto é, aqueles que foram criados na tradição, e os falsos Mestres, que são os indivíduos que, de algum modo, conseguem o título de Mestre de capoeira, mas não tem a validação do grupo e, por isso, não são considerados Mestres verdadeiros” (Flores, 2017, p. 15).

⁵⁰ (Korvão, 1989, CD).

uma posição e mesmo sendo Capoeira Angola, seu grupo usa o sistema de graduação de cordéis. Portanto, há as trocas de cordéis até a formatura do Mestre, cordel branco.

É bem interessante perceber como os Mestres Lázaro, Marco Baiano e Sabiá falaram de como o Mestre Nô foi pautando o sistema de avaliação e como cada um incorporou no seu processo. Primeiro, Mestre Lázaro traz a noção de tempo, acompanhado dos fundamentos, comportamentos, musicalidade, história da capoeira e ainda destaca “as vezes você se torna Mestre antes de ser Mestre”, é o reconhecimento popular,

E a avaliação é essa, é o tempo, pois a avaliação de Mestre é o tempo. Às vezes a pessoa leva muito tempo e não pega essa graduação de Mestre, outros levam pouco tempo e pega graduação de Mestre, o outro vai pela idade, tudo vale de cada capoeirista, cada grupo, cada Mestre que organiza suas temáticas. Aqui eu avalio os meus alunos dentro disso, de tempo de idade, formação sobre a capoeira, sobre o fundamento, comportamento, musicalidade e o reconhecimento popular que é o mais importante, porque às vezes você já se torna Mestre antes de ser Mestre, de receber uma dita graduação do seu Mestre. (Mestre Lázaro, 2024)

Seguimos com Mestre Sabiá, ele também fala da necessidade de maturação, do tempo para ser o Mestre e conforme Freire (2014, p. 106) “ensinar exige tomada consciente de decisões, uma intervenção no mundo”, de tal modo, Mestre Sabiá percebe que sua atuação “ele me deu pelo trabalho que eu vinha fazendo com a capoeira” lhe possibilitou sua formatura de Mestre.

Eu faço uma avaliação que meu Mestre me orientou [...] que é o primeiro grau, que é uma graduação, o cordel branco e verde, que é como um estágio. Esse estágio de Mestre é para ele aprender a se posicionar como Mestre, a ser um Mestre[...] para poder você receber o seu título máximo, que é a graduação branca, então meu Mestre, quando me avaliou, me deu a graduação branca, ele me deu pelo trabalho que eu vinha fazendo na capoeira. Eu já tinha um trabalho (Mestre Sabiá, 2023).

Compreendemos que as dimensões de tempo de capoeira e desenvolvimento de trabalho de capoeira foram e são critérios utilizados para a formatura do Mestre na linhagem de Mestre Nô, de uma tradição da Capoeira Angola periférica baiana.

Mestre Nô no contexto de formação dele veio e até hoje ainda vem acrescentando fatores para garantir uma formação plena, com um nível maior. [...] ele foi aprendendo com o tempo e aplicando o que ele tinha aprendido. Eu sempre digo a meus alunos, se prepare para ralar. Porque hoje o Mestre Nô entende a formação de um Mestre totalmente diferente do que via no passado, porque todos nós estamos dentro do barco. [...] Então, o estender do tempo é para ganhar maturidade. (Mestre Marco Baiano, 2024)

De acordo com interpretação de Mestre Marco Baiano sobre o processo de formação do Mestre Nô podemos entender a partir de Freire (2014, p. 30) que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. [...] Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”.

Neste viés, Mestre Nô vai refletindo a práxis de capoeira para uma intervenção mais crítica e comprometida com a vida, com a capoeira e os capoeiristas, nas palavras do Mestre Marco Baiano “porque nós todos estamos no barco”, e precisamos como Mestres/as “ganhar maturidade”.

Transparece na fala dos Mestres o cuidado em dar as condições para a pessoa sentir-se segura na função do Mestre. Pois, segundo o Mestre Sabiá “uma pessoa que é um professor de capoeira, um contramestre de capoeira, ele é violento. Toda semana a briga, arruma um problema, uma pessoa dessa não pode ser um Mestre. Porque ele tem que diminuir isso, tem que sair disso para poder chegar a uma mestria, porque o Mestre, entende-se o Mestre como sabedoria, soberano”. (Mestre Sabiá, 2023)

Conforme Freire (2014), dizer que “é preciso estar aberto ao gosto de querer bem, às vezes, à coragem de querer bem aos educandos”. Contudo, eles afirmam que mesmo com toda essa precaução a gente se engana.

[...] a gente estuda isso aí para ver e preparar essa pessoa para ser um Mestre, para ele poder dar essa mesma formação para outros Mestres futuramente. Infelizmente, acontece. A gente se engana porque o Mestre, ele se engana também. Às vezes você faz toda essa avaliação, bota a graduação no aluno e ele mais na frente ele despreza você, ele joga tudo para o alto e se ilude, eu tenho exemplos. [...] mas eu tenho a minha consciência que eu estou cumprindo com a minha responsabilidade de Mestre de capoeira, a minha responsabilidade, meu compromisso com a capoeira. (Mestre Sabiá, 2024)

Um traço marcante também na fala de todos é o compromisso com o processo de ensino-aprendizagem da capoeira em relação a transformação de si pela novos contextos sociais que a capoeira e o capoeira começaram a ocupar na sociedade. Mestre Nô reflete o crescimento da capoeira e a própria postura do capoeirista

Mas na época tinham poucos. Como tinham poucos, era muito, muito observado, era muito olhado, era muito cobrado, muito mais cobrado. Então, temos que mudar. Quer dizer, eu posso falar por mim, eu não posso falar pelos demais colegas porque cada um é cada qual, cada um responde pela sua... assumindo a sua própria responsabilidade. Eu fui mudando. Mudando, não, eu fui melhorando. É que melhorando, melhorando, melhorando, melhorando a minha postura, a minha forma de ensinar (Mestre Nô, 2023).

E ele ainda diz mais, “eu tive que me adaptar, ir melhorando a minha postura e minha forma de ensinar” em diálogo com Freire (2014, p. 35) “ensinar exige corporificação das palavras pelo exemplo”, conforme ele foi transitar entre a periferia e os bairros da classe média

Foi criado um grupo novo em uma área nobre chamada Pituba, no bairro da Pituba, no Parque Júlio César é uma área nobre. As pessoas eram mais universitárias, pessoas de classe média, classe média alta, então eu comecei a desenvolver também o trabalho com essas pessoas, com a mesma simplicidade, com a mesma desenvoltura. Tanto quanto difícil, por conta de, de cultura, e de saberes, eu era muito pobre, a princípio.

Educação melhor eu tive que me adaptar mais a isso e me lapidar também. Me lapidar também. A mudança, essa mudança. Eu senti bastante, por um lado (Mestre Nô, 2023).

Percebemos que Mestre Nô construiu a partir de suas experiências um jeito de ser capoeirista, na qual sistematizou os movimentos, fundamentos, comportamentos para a roda de capoeira e da vida. Portanto, Mestre Sabiá (2024) traduz bem isso “ensinar o respeito, trabalhar o respeito dentro e fora da roda de capoeira, porque a gente aprende na roda para jogar na vida”.

Conforme Freire (2014, p. 96) é necessário compreender que “educação é uma forma de intervenção no mundo”. E para a cultura afro-brasileira a educação não se separa da vida, do cotidiano, de um conhecimento ancestral que vai se transmitindo de geração para geração. Como diz Mestre Sabiá (2024), “Então é assim, todos esses exemplos, movimentos, comportamentos eles são ensinados dos nossos ancestrais”. E mais,

Porque a gente encontra tudo isso na capoeira, a capoeira, ela é tão rica que dá essa condição a gente. Da gente ter essa visão que a capoeira aqui eu não ensino só o aluno jogar perna, não ensino só ele a jogar perna, eu ensino a ele como é que ele deve se posicionar na vida, principalmente, aqueles menos favorecidos, aqueles menos, aqueles que são desprezados (Mestre Sabiá, 2023).

A capoeira para os Mestres que estamos dialogando, inclusive eu, consideramos a capoeira um modo de educação que nos forma e nos transforma para acreditar que partindo do corpo produzimos conhecimentos revolucionários, pois o alicerce do nosso fundamento é respeito, é amor, é produzir outras coletividades e outras conhecimentos e metodologias que são ancestrais, mas relegada pela ciência eurocêntrica que não consegue dar conta da diversidade do mundo. Pois a capoeira é um dos,

Modos de educação que têm o corpo e tudo que ele pode dar como fundamento de seu saber. O corpo é também o meio que resguarda o saber comunitariamente tecido e compartilhado. Os Mestres da capoeiragem, ao contrário do que muitos doutos pensam, não passaram suas vidas apenas dando pernadas aleatórias. Na verdade, o racismo epistêmico e a intensa regulação perpetrada por uma contínua produção de injustiças cognitivas não querem reconhecer que, por meio da ginga, se inscrevem maneiras sofisticadas de pensar a vida, suas práticas e saberes (RUFINO, 2023, p. 85).

Reconhecer através da perspectiva decolonial a validade de outros conhecimentos que continuam reexistindo e se reinventando como a capoeira. A capoeira tem possibilitado várias transgressões, uma delas é ficar de ponta-cabeça⁵¹ (parada de mãos), a inversão da posição pensada para o corpo e outra é de “correr roda”, é simplesmente transitar entre o centro e a periferia, entre a rua e a universidade, é viajar o mundo, deslocar entre lugares, entre mares jogando capoeira.

⁵¹ Ver Rufino (2023, p. 12)

Essas inversões da ordem, sem dinheiro e mesmo assim conseguir viajar o mundo. Por isso, “não é só ensinar o aluno jogar pernas”, não se reduz apenas ao esporte, os saberes dos Mestres. Para Sodré,

A capoeira dos velhos Mestres baianos jamais foi esporte, e sim jogo. É o mesmo que dizer que sempre foi arte, cultura. De um lado, a brincadeira, o descompromisso com a seriedade, tudo aquilo que restitui no homem a disponibilidade mental e física da criança. De outro, uma prática integrada de luta, dança, canto, toque e forma de pensar o mundo. (2002, p. 22)

Conforme Sodré, a capoeira é brinquedo, é brincadeira. Mas na hora da roda pode “virar à vera” você precisa estar preparado. Pois se capoeira é jogo você olha para frente e jogar com seu oponente, ligado no som dos berimbaus, você ginga, rir e lança o movimento na cadência, é ataque, é a defesa, todavia sem perder a visão da grande roda do mundo e sem esquecer a capoeira é uma brincadeira que pode machucar. Mestre Lázaro trouxe na memória que lá atrás os saberes dos Mestres eram diferentes, mais duros, atitudes que tem a ver com o que eles viviam na época. Quer dizer,

Algumas coisas que foi ensinada lá de outrora que hoje não é ensinado. Porque era uma capoeira mais pegada, mais transformadora, eu não digo violenta. Na realidade, a capoeira sempre foi violenta na intenção. Que as rodas eram muito duras, capoeira era muito dura, mas o povo se respeitava. (Mestre Lázaro, 2024)

Enquanto isso, Mestra Jô destaca os saberes dos Mestres, no trecho abaixo a forma de ensinar do Mestre Nô,

A forma de ensinar. Então é essa forma que ele ensina. Eu tento fazer minhas aulas da mesma forma, do mesmo jeito que ele faz. A primeira, a movimentação depois do jogo dois a dois. Essa forma de dar aula. As coisas que ele fala para a gente, os ensinamentos. Eu gosto muito do jeito que ele fala, dos ditados populares. Desse saber popular dos ditados e da musicalidade. [...] Porque eu adoro dar aulas para criança por causa disso, porque tu escutas uma criança falar [...]. É muita aprendizagem. Então o que eu vejo do legado que eu quero levar do meu Mestre, é essa forma de dar aula, é o saber chegar nas rodas (Mestra Jô, 2024).

Percorrendo a trajetória desses Mestres/as formados/as pelo Mestre Nô percebemos que a relação Mestre e aluno-Mestre é de respeito a forma com o Mestre Nô ensinou. Eles nos indicam um jeito de ensinar, um jeito de falar “eu gosto muito do jeito que ele fala, dos ditados populares”, e mesmo com autonomia de seus trabalhos demonstram alegria ao perceberem, como Mestre Sabiá, o reconhecimento do Mestre Nô, “ele disse que eu era um discípulo, porque dou continuidade ao que aprendi com ele”, os saberes dos Mestres e destacou a emoção “falou isso comigo, chega eu fiquei! Eu digo Porra, e foi,

Um dia desses eu estava conversando com o Mestre Nô e o Mestre Nô me disse: Ah, Sabiá você teve a oportunidade de aprender e eles não, eles vão ser sempre alunos, eles vão ser sempre alunos porque ficam sempre pegando de fora. Têm um Mestre, mas não escutam o Mestre. Ficam pegando daqui, dali, dali, ficam de bobeira, então. São sempre alunos. E você é um discípulo. E falou isso comigo, e chega, eu fiquei!

Eu digo porra! Então, ele disse que eu era um discípulo, porque eu dou continuidade ao que eu aprendi com ele, entendeu? (Mestre Sabiá, 2024).

Das falas dos nossos Mestres, a valorização de saberes dos Mestres que obedecem a uma outra lógica da circularidade que possibilitam a valorização da ancestralidade, para Castro Jr,

A ancestralidade, componente integrante da capoeira, traz sentidos e significados de representações sociais que acabam por constituir uma própria linguagem de comunicação social. A capoeira, como manifestação cultural, tem elementos heterogêneos de uma cultura pluricultural. (2004, p. 154)

Uma comunicação social que privilegia a escuta dos mais velhos e a fala dos mais novos que dão continuidade ao aprendizado do Mestre, sem perder a dimensão das afetividades quando são reconhecidos pelo Mestre Nô como discípulo, o “que eu aprendi com esses Mestres. Eu passo hoje para os meus alunos, entendeu?” (Mestre Sabiá, 2024). Um tipo de formação cultural que reconhece o capoeirista e a pluralidade desse universo da capoeira, assim sendo, Mestre Sabiá nos diz que,

Cada um tem o seu jeito de transmitir a nossa arte para os demais. Então é isso aí, a capoeira, ela é plural. A nossa arte é plural, cada Mestre tem o seu, tem a sua forma, tem o seu jeito de transmitir, de viver na capoeira. [...] Mestre Nô, ele me ensinou como fazer os cordéis, me ensinou como fazer o berimbau, como cortar a cabaça, como fazer esse barbante para segurar a cabaça aqui, me ensinou como é que fazia o aço e fazia cordel com ele no início, ele me ensinou fazer os cordéis. Me ensinou a me posicionar na vida, o Mestre Nô. Mestre Nô me deu muita aula assim. [...] ensinar o respeito, trabalhar o respeito dentro e fora da roda de capoeira, porque a gente aprende na roda para jogar na vida. Então é assim, todos esses exemplos, movimentos, comportamentos esses são ensinados dos nossos ancestrais. São repassados de nossos ancestrais de gerações para gerações. (Mestre Sabiá, 2024).

Essa relação entre Mestre e aprendiz não dicotomiza o público e o privado, as subjetividades e as objetividades ao contrário ela permite um giro e perpassa o amor à capoeira. O amor ao seu Mestre e ao grupo, desenvolvem o sentimento de pertença que se torna também uma dimensão da vida da capoeiragem, possibilitada conforme Castro Jr (2004, p. 152) pelo “o convívio passa a ter um valor importante na transmissão dos conhecimentos; o “tempo de passagem” é elástico e circular”. O que fica evidenciada no trecho da fala de Mestre Sabiá abaixo,

Eu dizia muito assim, é, olha Mestre. Eu dizia para ele: o senhor é meu pai, é o pai que eu não conheci. O que os meus alunos hoje dizem comigo. O Mestre Nô cuidou de mim. Por isso que hoje eu tenho muito carinho e respeito por ele. Aonde eu vou eu levo o nome dele, Mestre Nô, meu Mestre, o nosso Mestre. Então, foi isso que a capoeira me deu através desses homens. [...] eu estou fazendo esse trabalho hoje, o que eu estou passando para meus alunos é o que eu aprendi, eu tenho certeza de que se eu tivesse aprendido errado, estava passando errado. Como tem muitos por aí que estão fazendo isso dentro da nossa arte. (Mestre Sabiá, 2023)

Essa relação que vai se constituindo entre Mestre e aprendiz no decorrer do tempo e do espaço, nas situações harmoniosas e/ou conflituosas alicerçado na ancestralidade caracteriza a

capoeira angola, e essa forma de relação é denominada de linhagem. Para tal, podemos ampliar esse conceito com as autoras:

Na capoeira angola, a cosmovisão afro-brasileira é difundida, embora não estejam ausentes também valores ocidentais assimilados em sua trajetória - a uniformização, ou a sistematização dos treinos, por exemplo. O conceito de linhagem, que se relaciona com o de ancestralidade, muito enfatizado na capoeira angola atualmente, tem como parâmetro o conceito de parentesco inclusivo e não consanguíneo do candomblé, e diferencia-se do simples conceito de estilo ou escola, porque pressupõe a entrega dos conhecimentos de mão em mão, ou oralmente, dentro de uma comunidade. (MACHADO; ARAÚJO, 2016, p. 116)

No âmbito da capoeira angola, a tradição da oralidade permite a passagem do conhecimento entre Mestre e aprendiz e mais, o Mestre ocupa a função de comunicar para os aprendizes da geração atual e das gerações futuras os comportamentos, fundamentos e movimentos da capoeira angola, isso gera através da presença, da convivência a criação de grupos de capoeira que tornam-se comunidades de conhecimentos ancestrais, de memórias, de afetividades e de lutas que ultrapassam a ideia de comunidade resumida a uma determinada localidade. Para tal Silva,

É por meio da ancestralidade como território de ligação e da sua inventividade em busca dos meios necessários para romper as Fronteiras e ultrapassar os limites impostos pelas desigualdades raciais em nosso país, que a população negra tem concretizado a ousadia de afirmar sua negritude diante do sonho de branqueamento brasileiro (2020 p. 48).

Conforme as autoras, a ancestralidade na roda de capoeira reconecta as pessoas, respeitando os modos de ser e pensar de cada um e cada uma. Mas geram comportamentos, partilhas e encontros de pessoas conduzidos pelos saberes dos Mestres, assim sendo, entrar na roda já é um desses comportamentos aprendidos, para Mestre Nô, aprendizagem e autonomia são indissociáveis,

Então, como estávamos falando sobre o comportamento do pé de berimbau na saída do pé de berimbau, como cada um age. Vão para a queda de rins, outros simplesmente aperta a mão e sai de na meia lua. Outros se quiserem sair de aú, sai de aú, cada um assume sua responsabilidade. Então a visão de cada um para que tenha um comportamento, isso é individual. Não podemos. Não podemos ditar para um ao outro o que tem que fazer, não. Ensinaos os lados. Agora ele tem que saber como que vai se comportar de ambiente para ambiente de elemento para elemento. (MESTRE NÔ, 2023, p. 07)

Junto com os saberes dos Mestres, pelo menos na linhagem que estamos estudando, percebemos que a fala dos Mestres e mestra a formação é contínua, e precisa ser levada em consideração no cotidiano das aulas e rodas de capoeira o respeito a autonomia dos aprendizes-Mestres e dos Mestres-aprendizes e das subjetividades,

A Capoeira, por sua natureza, é geradora e promotora de libertação na medida em que apresenta em cada canto, cada conversa na roda e cada ginga e movimento uma reflexão de como cada pessoa se percebe em si mesma e como se percebe no outro e

vice-versa. Dessa forma, a Capoeira tem em sua natureza e essência a postura de agente de libertação e autonomia. (KEIM; SILVA, 2012, p. 113)

A partir dos autores podemos perceber que a capoeira é uma educação não-escolar, todavia uma educação popular que se constituiu como uma prática de resistência dos afro-brasileiros. Nessa perspectiva vamos dar ênfase a esse entrecruzamento da capoeira e da educação popular a partir dos Mestres e Mestra que estão dialogando conosco, construindo conjuntamente o corpo textual desse estudo, ressaltando que existem vários estudos, entre dissertações e teses trazendo as narrativas do Mestre Nô e da capoeira angola de periferia em diálogo com o pensamento de Paulo Freire e de Carlos Rodrigues Brandão.

Neste caso, a capoeira é a teoria e a prática da educação cultural da população afro-brasileira, para a libertação dos negros e dos oprimidos e estamos conseguindo romper as barreiras da colonialidade do saber eurocêntrico e aos poucos produzidos conhecimentos científicos sobre a capoeira e os capoeiristas numa perspectiva do pensamento decolonial.

Mesmo que esteja ocorrendo a passos lentos, oportuniza que muitos desses estudos estejam sendo produzidos em grande parte pelos próprios capoeiristas. Tanto que dialogamos, no estado da arte, com a possibilidade de tecer uma teia de entrelaçamentos com duas dissertações e uma tese que referencia a capoeira e a educação popular, a partir do Mestre Nô. Mestre Jô nos elucida que,

Capoeira tem tudo a ver com a educação popular. Porque a capoeira vem do povo. Os Mestres são do povo. É do povo sofrido mesmo, que sofre não só com a pobreza, com o racismo, com o preconceito da classe social, então o povo vem desse mundo aí. [...]Então, a capoeira é uma, é a própria educação popular. Porque a gente aprende numa roda de rua. A gente vai aprendendo no dia a dia, é numa roda, numa aula ou com uma criança. Então, tem tudo a ver com o que o Paulo Freire estudou. (Mestra Jô, 2024)

No trecho acima, Mestra Jô deixa evidente a capoeira como a própria educação popular. Para Silva,

Reafirmamos que a capoeira permanece com uma estrutura ancestral independente que ela seja: Angola, Regional ou Contemporânea. Isto é, todas elas são meios de educação do ser-pensar-sentir numa linguagem, sobremaneira, gestual, em que o corpo é a sede manifestativa de saberes acumulados, ancestrais e em diálogo com a contemporaneidade. (SILVA, 2023, p. 85)

Podemos perceber pela categoria forjada na dissertação dela, pedagogia da capoeiragem, do Mestre Nô. Mestra Jô diz que,

Ele estudou a movimentação dele. O jeito dele ir às rodas, o jeito dele tocar e criou. Aí eu não queria chamar a palavra método. Porque a palavra método é muito da academia. Então, ele formou esse jeito de jogar, de ensinar capoeira, [...] todo mundo sabe até quem não conhece Mestre Nô. Então, a inteligência que ele teve desde como dar aula até o próprio método de ensinar berimbau, a simbologia, tudo que ele criou eu chamei de pedagogia da capoeiragem. (Mestra Jô, 2024)

É interessante perceber, o destaque abaixo da fala do Mestre Nô “não é porque sou Mestre que sei de tudo” e Mestra Jô traz sua vivência de mestra a “gente aprende com a criança”.

Não, não é só porque agora eu sou Mestre, eu sei tudo, não sei o meu. Ele sempre fala, né? Que ele aprende com os alunos, né? Então essa história também da educação popular, né? A gente não só ensina, a gente ensina e aprende né? com as crianças, né, principalmente com as crianças. A gente aprende muito com criança, né? (Mestra Jô, 2024)

Nessa relação intrínseca entre a pesquisadora-mestra e o Mestre, ela consegue nos revelar no entre-dito a importância da humildade e do diálogo, dimensões caras para educação popular e para a capoeira. Freire (2014, p. 66) problematiza “como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem”.

Portanto, diálogo, humildade e respeito são valores necessários ao educador progressista tanto quanto para nós Mestres de capoeira – educadores populares. Mestre Lázaro no trecho abaixo traz à tona a preocupação com a formação do educando-capoeirista e educador-capoeirista transparecendo a mesma situação de classe social,

Isso pra mim é uma felicidade muito grande porque eu sempre torci para que os alunos estudassem e buscassem os horizontes melhor é só podia buscar e ter esses horizontes maior se fosse em frente e estudo era uma das coisas. De formar, de abrir a cabeça para um mundo melhor e poder também estar ajudando as pessoas que não teve essa oportunidade até como eu de entrar na faculdade. (Mestre Lázaro, 2024)

E ele enfatiza mais ainda na fala abaixo o cuidado com o aluno-capoeirista e o compromisso e a responsabilidade de continuar a capoeira na roda e na vida, entendo que a gente forma aluno para a roda do mundo, poucos pelas condições social, de classe, de família, de estudos permanecem na cotidianidade da roda de capoeira:

Quando a gente olha para trás a gente tem milhões de, teve milhões de alunos e a gente olha para trás às vezes não encontra ninguém, mas sabe que fez muito por todos esses milhões e isso é importante, isso é importante pelo menos eu fiz a minha parte e continuo fazendo a minha parte porque eu não paro. E continuo fazendo com esses que estão nesta nova geração. (Mestre Lázaro, 2024)

Mestre Lázaro nos aponta o caminho, o Mestre continua ensinando e aprendendo o tempo todo a cada época e lugar. E mais, ao mostrar o movimento de capoeira para o aluno, ele aprende, pois, cada aluno tem um ritmo de aprender e apreender o movimento. Para Keim e Silva,

Ele professor, também estará aprendendo junto com seus aprendizes, pelo fato de que ele terá que desenvolver maneiras para fazer o ingresso de seus iniciantes no processo de ensino e aprendizagem, gerando as condições favoráveis para que o iniciante em Capoeira se insira na roda, apesar de suas diferenças em relação aos demais, ao ponto de ele fazer sua (KEIM; SILVA, 2012, p. 122)

Nesse entrecruzamento, de educação popular e a capoeira, vamos compreender que seus agentes da educação, são pessoas comuns, o povo que aprendeu com seus mais velhos a continuarem com laços de solidariedade e de cooperação lutando pela sobrevivência. Por isso, Mestre Jô nos alerta a “dar a volta do mundo”, e se posicionar juntos com os movimentos sociais: negro, mulheres, de moradia.

A capoeira para mim, eu sempre vejo além da movimentação do jogo, os fundamentos, eu a vejo como uma luta política e também com a educação popular. A gente [...] faz a relação com os outros movimentos sociais, políticos, culturais. Então, é importante que o capoeirista e a capoeirista estejam também lá no sindicato, no Movimento Negro, no movimento pela luta por moradia e dos povos originários. (Mestra Jô, 2024)

Ainda segundo Mestre Jô, “enquanto mulher, mestra de capoeira vejo a necessidade de maiores discussões que entrelace gênero, raça e classe, pois sinto que a presença da mulher na roda de capoeira ainda causa incômodos para alguns praticantes da capoeira e para familiares das mulheres capoeiristas”.

Esse olhar nos faz perceber, que mesmo a questão de gênero não sendo uma categoria desse estudo, precisamos desvelar o véu que ainda encobre a realidade de muitas rodas de capoeira, e então, partindo do chão das rodas de capoeira, abrir a roda e falar da luta das mulheres, que é mais uma dimensão da educação popular, a educação como um ato político. (FREIRE, 2015). A fala da Mestre Jô ilustra essa questão,

O pessoal mais chegado que continuasse me chamando de Josinha. Mas [...] eu já senti algumas arrogâncias. Umas coisas, assim. É mestra? Uma coisa assim, Ah. Como assim, como um deboche! [...] Que me tratem por mestra, porque tem que aceitar, não tem jeito, mas. Mas assim é. Eu vejo que é uma grande responsabilidade. De ser essa referência, e não só na capoeira, mas eu círculo por outros movimentos de cultura aqui da cidade. É, pô, tipo assim, nunca me chamaram para nada e agora estão me chamando direto para as coisas. [...] Mas porque só agora? tantos anos que eles me conhecem. ah! Por que agora eu sou Mestre? (Mestra Jô, 2024)

Mestre Jô comenta sucintamente o número de mestras de Santa Catarina, apenas 06 mestras atualmente, e ao pesquisar os dados do IPHAN – Santa Catarina⁵², confirmamos que naquele estado existem de 71 homens Mestres de capoeira. “Na capoeira aqui, até porque o nosso estado só tem 6 mestras em Santa Catarina. Então, são poucas mulheres que têm tempo de capoeira. Sabe, né, da dificuldade de ter mulheres que ficam na capoeira.” (Mestra Jô, 2024)

Mas pensar sobre isso, torna-se pauta urgente e necessária quando o capoeirista se percebe como um agente da educação popular e problematiza a partir da realidade, do chão da

⁵² Plano de Salvaguarda da Capoeira em Santa Catarina. Capoeira de Santa Catarina, (org.). Cimbalkuk, Lucas [et.al], textos. Dados eletrônicos (1 arquivo PDF) – Florianópolis, SC: IPHAN, 2020. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/plano_salvaguarda_capoeira_santa_catarina.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

roda para desconstruir na sociedade brasileira o imaginário coletivo que “capoeira é coisa de homem” e/ou “capoeira é coisa de negro, de marginal”.

Então, precisamos compreender a luta de resistência de modo coletivo enquanto ditas “minorias”: mulheres, negros, povos originários, ao sistema-mundo: capitalista, heteronormativo, patriarcado e branco. Portanto, “ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se institui como consciência do mundo” (FREIRE, 2015, p. 20).

Logicamente, não estamos generalizando as experiências dos coparticipantes desse estudo: os Mestres e a mestra, nem a tradição de capoeira angola de rua de periferia baiana do Grupo Palmares que assume em cada território e com cada Mestre/a uma realidade própria, e assunção de uma educação popular de capoeira.

Não podemos cair no risco das generalizações das experiências, o cenário atual do universo da capoeira mostra bastante dissenso, uns caminham para a capoeira gospel, e outros, para o reducionismo da capoeira esporte que negam ou inviabilizam mais uma vez a capoeira como parte da matriz afro-brasileira. Silva nos alerta que,

É importante ressaltar que nem toda capoeira dentro do Brasil tem a finalidade de ser antirracista ou de empoderar os sujeitos negros em suas atividades, a exemplo disso, temos a capoeira gospel que o objetivo é divulgar o cristianismo e que desloca os saberes ancestrais da capoeira para o ostracismo e em seu lugar insere os saberes doutrinários, morais e anticorpóreos do cristianismo. (SILVA, 2023, p. 108)

O que é necessário pensar que estas formas de capoeira estão sendo encarnada em corpos de negros, de mulheres e de LGBTQIAPN+ e isso mostra a distância entre os Mestres de capoeira, os grupos de capoeira e o movimento social negro brasileiro “a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isso mesmo, ação com eles”. (FREIRE, 2015, p. 73). Na ausência dos agentes do Movimento Negro ou de outros Movimentos sociais juntos aos trabalhos de base nas comunidades, no caso, nos grupos de capoeira. Outros agentes com outros interesses ocuparam o lugar.

Mas, conforme “o diálogo fenomenaliza e historiciza a essência intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta”. (FREIRE, 2015, p. 22). Quer dizer, uma situação é hoje, amanhã poderá ser outra, a história está sendo, então desde que haja possibilidade de ação social que possa provocar outra situação, outra orientação.

De grosso modo, sem pressa, numa perspectiva não de nortear, mas de sulear⁵³, abrir o diálogo, a fala e a escuta atenta de quem veio antes, aprender como os nossos mais velhos. Se Mestre Nô nos fala que foi conversando, aprendendo e melhorando, imagina, o que poderemos

⁵³ Usamos Sulear no lugar de nortear, pois precisamos descolonizar a linguagem, mudar o sentido de orientação do eixo do norte do hemisfério, para o hemisfério sul. Para pensarmos e falarmos a partir da América Latina (Quijano, 2005).

fazer juntos, conversando sobre nós, emergindo nossas lutas, nossos Mestres, outras educações. É esperar como verbo, como ação (Freire, 1992), como formação para Mestre Nô,

Tinha muita convivência também de rodas, não é. Não era me ensinado diretamente. Mas convivendo, eu convivendo nas rodas e conversando, organizando as rodas, tomando conta das rodas. O Mestre Gato, o próprio Mestre Ezequiel também. Crescemos juntos. E tantos quanto outros Mestres, também de Salvador nas rodas de praias, rodas de porta de igreja, beco, tudo quanto era canto que tinha roda, as festas populares. E sempre nós estávamos juntos e sempre discutindo, conversando, discutindo, digo, discutindo no bom sentido. É conversando de forma de melhorar, de sempre melhorar, de entender o que estava como é que estava o andamento da capoeira de Salvador. Então, essas foram essas pessoas com quem eu. Eu cresci na minha formação. (Mestre Nô, 2023)

Em uma das muitas ocasiões que podemos ouvir Mestre Nô falar de sua história na capoeira, ele carrega na memória seus Mestres Nilton, Pierrô e Zeca do Uruguai e os outros amigos Mestres e capoeiristas Mestre Gato, Mestre Ezequiel, Mestre Senna, Mestre Paulo dos Anjos.

Ele conta como foi a organização dos primeiros locais de aula, e podemos perceber na escolha dos nomes dos grupos fundados pelo Mestre Nô, uma tomada de posição, a capoeira como cultura do negro. É instigante escutar ele contar a história dos lugares, ele nos remete aquela época e lugar, abaixo o trecho referente a primeira academia do Mestre Nô.

Eu fundei em novembro de 1964, a Academia de Capoeira Angola Retintos. Fundei na Baixa do Petróleo, bairro de Massaranduba, na Rua Santa Clara. A Rua Santa Clara tem um histórico muito grande, inclusive este local, esta rua tem uma importância muito grande para a Capoeira Angola, para toda a Capoeira Angola, ela tem uma importância muito grande, lembre-se disso. O nome da rua onde eu fundei a minha academia chama-se Rua Santa Clara, Baixa do Petróleo, bairro de Massaranduba, cidade de Salvador, Bahia, Brasil. Foi a minha primeira academia, em 18 de novembro, novembro de 1964, ou seja, 3 meses após, eu receber o meu diploma do Mestre, que foi no dia 18/09/1964. (Mestre Nô, 2023)

Dessa forma, podemos compreender que Mestre Nô se junta aos mais velhos capoeiristas para nas suas ações cotidianas mostrar o predicativo do sujeito negro. Afinal, para ele capoeira é negra.

Ele vai deixando as pistas dessa intencionalidade no percurso da: primeira Academia de Capoeira Angola Retintos (1964-1969), na Baixa do Petróleo, Massaranduba, a segunda: Academia Orixás da Bahia (1969-1979), no terreiro e por último, Grupo Capoeira Angola Palmares (1979).

Podemos perceber que ele foi tornando comum uma linguagem valorativa nos diversos lugares e épocas para seus alunos e para a comunidade local. De tal modo, podemos dizer a partir de Silva que,

Na experiência afro-brasileira o sentido de comunidade foi o que o manteve vivos os africanos e seus descendentes no Brasil: os quilombos, as religiões de matriz africana ou as organizações culturais negras organizaram-se a partir da lógica comunitária e

sobreviveram à escravidão, ao colonialismo e ao embranquecimento porque se mantiveram em comunidade (SILVA, 2020, p. 46).

Vale destacar, que na fala dos Mestres e mestra todos afirmam a capoeira como manifestação cultural afro-brasileira. Mestre Lázaro quando indagado sobre isso coloca como fosse critério para viver capoeira tomá-la enquanto negra. Ele disse, “Acho que cada um que escolheu ser capoeirista e saber que essa arte é uma arte negra, de luta pela liberdade, pela ânsia da liberdade, pela conquista do nosso objetivo. [...] Então eu acho que cada um, se cada um fizer o seu, é a coisa vai crescendo cada vez mais”. (Mestre Lázaro, 2024)

Também em acordo com os demais Mestres, compreendemos a capoeira como cultura afro-brasileira e a necessidade de manter um veículo de comunicação com outros movimentos negros organizados (social, político, cultural e religioso) para instrumentalizar a teoria e a prática dos nossos grupos, como um Movimento Negro Educador (GOMES, 2017).

Ao olhar com mais atenção a trajetória de cada Mestre e mestra, vimos os encontros com o Movimento Negro de cada território. Mestre Sabiá, de Campina Grande, na Paraíba, fala de sua vivência com o Movimento Negro da Paraíba, e traz em sua memória João Balula⁵⁴, e disse mais,

Eu fui parte do Movimento Negro, um dos primeiros, o Movimento Negro em João Pessoa quando eu comecei a capoeira, a capoeira me levou para o Movimento Negro através do João Balula, saudoso. E eu participava do Movimento Negro de João Pessoa. Venho aqui para Campina Grande a gente continua com o Movimento Negro, então no Movimento Negro eu aprendi essa coisa da gente trabalhar contra essa coisa do preconceito. Não só o preconceito de cor, mas o preconceito social. [...] eu trabalho isso a vida toda, desde que eu comecei a dar aulas que eu trabalho, porque eu já fazia parte do Movimento Negro em João Pessoa, antes de vir morar aqui. Então, a gente já trabalha quebrando essa corrente, então se o cara é um Mestre de capoeira e ele é racista, ele é preconceituoso. Como é que vão ser os alunos dele? Vão ser do mesmo jeito! Entendeu? Então, a gente tem que quebrar isso. (Mestre Sabiá, 2024)

Para Mestre Sabiá e os demais Mestres e Mestra, a capoeira poderá ser uma estratégia de romper com a cultura racista que ainda impregna as pessoas e suas organizações, quer dizer de combate ao racismo e outras formas de discriminações depende da formação do/a Mestre/a confirmando as ações do “Movimento Negro como um importante ator político que constrói, sistematiza, articula saberes emancipatórios produzidos pela população negra ao longo da história social, política, cultural e educacional brasileira”. (GOMES, 2017, p. 24)

Para Mestra Jô participar de atividades de combate ao racismo e afirmação da identidade negra, é compromisso e ainda diz,

Através dos livros tem muito agora por causa da Lei 10.639 a gente tem bastante acesso a livros que falam dessas relações étnico-raciais e muitos livros legais assim que valorizam a beleza, né? A beleza do negro. Não também de só falar que o negro

⁵⁴ João Balula (*in memoriam*), liderança do Movimento Negro da Paraíba.

foi escravizado, não só o sofrimento, mas tudo que é cultura, né, né? Ou o samba, né? as manifestações culturais, né? Então tudo, toda a beleza, né? Que o povo negro trouxe para esse país, né? [...] Nessa luta contra o, contra o racismo, né? E com as crianças eu gosto muito de apresentar, é, é. É pessoas negras, que tipo, assim? Ah, quem foi Antonieta de Barros? Quem foi aqui? Vou dizer aqui do estado, né? Quem foi Cruz e Sousa, né? Zumbi dos Palmares? (Mestra Jô, 2024)

João Balula, Antonieta de Barros, Cruz e Souza referências negras que precisamos conhecer, enquanto a escola oficial ainda não dá conta, em sua plenitude, mesmo com as Leis Federais 10.639/2003 e 11.645/2008 que tornaram obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira nos estabelecimentos de ensino público e privado. E coloca no calendário oficial nacional o dia 20 de novembro – Dia da Consciência Negra. Mestre Sabiá relata um depoimento de aluno de capoeira,

Chega até o depoimento de aluno dizendo que quando na escola, quando vão, as professoras vão fazer qualquer atividade lá que pega na mão, tem um neguinho, uma neguinha, né? Vamos dizer assim, um nego aí o menino branco não quer pegar mão do menino que é de cor, aí a professora vem pro outro lado de cá. Tá entendendo? Isso aí é o quê? É o preconceito do próprio educador. [...] a gente quebra esse preconceito através disso, através da orientação, porque eu acredito que as pessoas que discriminam é porque não tem ainda uma mente aberta, sabe? Não entendem, não entendem a história do nosso povo? Entendeu? De onde vem nossa arte. (Mestre Sabiá, 2024)

Mas, o Mestre Sabiá reconhece que o trabalho é longo, e precisa da conexão da escola, com a capoeira, com o movimento negro para desconstruir séculos de ignorância, de racismo, de domínio da branquitude. Assim sendo, "o letramento racial adquire lugar central na configuração de relações e na desconstrução de padrões hegemônicos". (REIS, 2021, p. 66-67)

Pois, ele disse,

Nós, que trabalhamos com a capoeira. Os Mestres da capoeira, que são os orientadores, né? Primeiro, a gente já sofre isso dentro da nossa própria casa, né? Já falei lá atrás que nossos pais, minha mãe mesmo, não, queria. Quando eu cheguei em casa tocando berimbau era a maior confusão, porque minha mãe e minha irmã, queriam quebrar a minha cabeça, entendeu? Não aceitavam e tantos outros que eu escuto que esse preconceito, essa coisa já começa na própria família. (Mestre Sabiá, 2024)

Como essa relação ao racismo que também passei na minha própria família, então, senti a necessidade de aprender com meus Mestres, com a capoeira, e fui buscando aprender mais sobre a educação das relações étnico-raciais (ERER), sobre nossa negritude para orientar outros de nós,

Então eu aprendi isso, eu aprendi que eu tenho que orientar os meus alunos, na capoeira, a não serem preconceituosos. E outra coisa que é importante é que a gente trabalha isso o ano todo, a vida toda. A escola só trabalha isso nas datas comemorativas: 20 de novembro, 13 de maio. Não significa tanta coisa. Não tem tanto potencial, mas quando é 20 de novembro, aí eles querem convidar você para dar uma palestra ou quando é 13 de maio querem levar os grupos de capoeira para fazerem apresentações. (Mestre Sabiá, 2024)

De acordo com Gomes (2017, p. 24), “é preciso que nas ações desse coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo. Postura essa que não nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista”. Portanto, Mestre Lázaro enquanto Mestre de capoeira e liderança de grupo assume uma posição ética e estética diante da vida substantivamente se posicionando contra o racismo.

Tinha que ser submisso a tudo aquilo que os brancos traziam, então eu acho que a capoeira, sim, é uma forma de combater o racismo, né? É a capoeira, né? Eu quando eu falo racismo, a capoeira, mas tem muita gente que é capoeirista, mas que transforma isso para que não seja. No combate ao racismo, né? Ele, não, ele não faz para não ajudar e termina prejudicando, porque se ele não faz, ele está concordando que o racismo seja aplicado entre nós e que os negros façam parte desse processo. Eu acho que os negros, os brancos, os índios, todo mundo tem o seu racismo. [...] a capoeira sempre contribuiu, né? Por isso que é uma luta de resistência, né? Então a capoeira sempre teve essa resistência contra todo esse processo porque o racismo já vem lá de trás, já vem dos brancos e os próprios brancos usaram os negros como uma forma de escravizar, né? E essa luta do negro pela liberdade, pela ânsia da liberdade. ele trouxe, esse fato de ter uma posição em uma sociedade, né? (Mestre Lázaro, 2024)

Para Mestre Lázaro à medida que compreende os efeitos do racismo que está em nós e nas relações nas diversas dimensões da sociedade, ele compreende a capoeira como outra proposta mobilizadora de cultura afro-brasileira de resistência em consonância com Reis (2012, p. 67) as “práticas afrorreferenciadas repactuam o sistema de valores e de valorações, redimensionando modelos pautados pelos ideais civilizatórios da colonização, de base patriarcal-escravagista”.

Mestre Sabiá enfatiza “quem estudou uma história, sabe, né? Que os colonizadores? Então como é que nós vamos estar dentro de uma arte e vamos contribuir com isso aí? Então é o quê? É orientação? Isso na orientação do aluno da gente deve ser orientado” (Mestre Sabiá, 2024).

Ele ressalta a necessidade do/da Mestre/a incluir a atenção para a valorização dos saberes dos Mestres: fundamento, comportamento e movimento, voltados para as respostas das situações-limites da vida, conforme Mestre Nô, capoeira na roda, capoeira na vida, para contribuir com a melhoria da educação para as relações étnico-raciais, partindo do chão do mundo, da afirmação de uma educação popular afrorreferenciada na roda de capoeira e de seus agentes – educadores, os/as Mestres/as de capoeira.

Os relatos dos Mestres e mestra apontam os indícios que a educação étnico-racial é para negros e não-negros, e que essa pauta é não apenas dos movimentos sociais negros, grupos de cultura negra e religiosos de matriz afro-indígena, é para toda sociedade, e deveria ser mais destacada nas agendas de governos municipais, estaduais e federal.

Para Reis (2021, p. 67) é imprescindível “entender que a educação antirracista tem a função de desfazer político-pedagogicamente um projeto de Estado ancorado historicamente em discursos, instituições e agências racistas requer reposicionar o lugar da discussão racial em todas as esferas sociais e campos epistêmicos”.

Vejamos o chamamento a responsabilidade de denúncia e anúncio, do Mestre Lázaro, educador popular negro,

Os Mestres, os negros, as pessoas que sofreram não chegou aonde a gente chegou e a gente tem que dar continuidade, fortalecendo cada vez mais a capoeira, a capoeira, não o Grupo capoeira, mas a capoeira, fortalecendo a capoeira está fortalecendo a comunidade negra e combatendo o racismo (Mestre Lázaro, 2024).

Então, é isso, em consonância com a nossa ancestralidade e com a percepção de Freire (2014, p. 152) “que homens e mulheres como ‘seres programados, mas para aprender’”. Podemos compreender o processo de formação do Mestre/a de capoeira numa perspectiva da educação popular e de combate ao racismo.

Portanto, trazemos a “papoeira” do final dessa roda, com o Mestre mais velho, Mestre Nô, e na opinião dele fundamentada em 74 anos de capoeira e de 59 anos de mestria de capoeira. “O que eu acho é que na minha formação para ter uma boa formação de Mestre, é necessário que tenha uma boa formação como iniciante até chegar ao nível”. (Mestre Nô, 2023).

Com isso, significa que apenas na partilha dos saberes ancestrais da capoeira com os mais novos (crianças, adolescentes, jovens e adultos) através da oralidade dos/das Mestres/as na roda de capoeira podemos esperar uma grande roda (o mundo) com mais justiça social, pacífica e equânime para negros e não-negros. Desde que Mestres/as e aprendizes assumam a posição dos oprimidos (FREIRE, 2015) e de tantos outros Mestres/as que fizeram e fazem essa luta de resistência Besouro, Alípio, Bimba, Aberrê, Cajiquinha, Cobrinha Verde, Nô, Dinelson, Brulino de Nô, Lázaro, Dunga, Gilmário, Jô, Beto Baraúna, Malu e todos que se encantam com a roda de capoeira. Laroiê, Exu.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: “Eu digo adeus e vou embora/Adeus, boa viagem”

Em nossas considerações finais, damos a centralidade a educação do negro e seus territórios de resistência, analisando a formação do Mestre e suas possibilidades de enfrentamento ao racismo.

Como efeito deste estudo, podemos conhecer o saber na/da roda de Capoeira Angola no processo de formação do Mestre de capoeira numa perspectiva da Educação Popular e de combate ao racismo.

Para tal houve uma inversão na lógica linear e partimos de ponta cabeça (na parada de mão) e conseqüentemente, visualizamos no caminho dessa pesquisa os vestígios que apontam as dimensões do processo de formação do Mestre de capoeira na linhagem da capoeira angola periférica de rua possíveis, a partir das conexões dos Mestres e Mestra coparticipantes deste estudo, dos autores e de nossa cosmo percepção, para tecer os fios que estruturam as possíveis respostas à pergunta inicial, na qual compreendemos que:

1. A formação do Mestre de capoeira acontece de acordo com a sua linhagem, não dá para fazer generalizações, sendo assim assentamos nossos achados no chão da roda de capoeira da linhagem de Mestre Nô, capoeira angola periférica de rua;

2. Percebemos que a formação do/da Mestre/a dentro dessa linhagem continua a partir dos saberes ancestrais do Mestre Nô: comportamentos, fundamentos e movimentos apreendidos com seus Mestres Nilton, Pierrô e Zeca do Uruguai e da convivência com outros Mestres e capoeiristas e depois, conectados com uma noção de tempo de capoeira, de trabalho com a capoeira e o desenvolvimento de uma postura de educador e educadora progressista, ligado com as questões da atualidade de cada tempo e lugar (território, gênero, raça e classe), para as trocas de graduações até a formatura de Mestre, o que antes, ficava mais enfatizada a dimensão do jogo na roda para a formatura do Mestre;

3. A formação do Mestre de capoeira acontecia de acordo com o contexto da época e de cada lugar, pois, a capoeira foi se adaptando as necessidades da sociedade, o que ficou evidente na fala de cada Mestre e mestra, sem perder a base – o alicerce para levantar a estrutura, os saberes ancestrais, a fala e a escuta numa relação de reciprocidade entre Mestres/as e aprendizes mediatizado pelo mundo (a roda de capoeira);

4. As dimensões presentes na capoeira memória, oralidade e corporeidade guardaram o manancial de humanização dessa educação afrorreferenciada na ancestralidade, território de ligações e inventividades entre os mais novos e os mais velhos que possibilitaram e possibilitam a formação inicial e contínua do Mestre-aluno e aluno-Mestre na roda de capoeira que se

reconhecem enquanto identidade ancestral e cultural negra para negros, brancos e indígenas, assim contribuiu e contribui para a educação da relações étnico-raciais (ERER) e de combate ao racismo a partir das experiências relatadas destes Mestres e Mestras.

Ainda, nas narrativas de vida de cada Mestre e da mestra mostra as dimensões valorosas: o respeito ao outro, a autonomia dos praticantes de capoeira o aprender-fazendo; o aprender-sentindo, a ética e a estética da capoeira angola periférica de rua, de incentivar o diálogo e a problematização com alunos e alunas (a auto-organização), de respeito e admiração pelo Mestre que lhes ensinaram e cuidado com os/as mais novos/as. Conforme Freire (2015) homens e mulheres na “vocação ontológica e histórica de ser mais”.

Nos diálogos mantidos com Norival Moreira de Oliveira (Mestre Nô), fundador do Grupo Capoeira Angola Palmares, Salvador, Bahia; Lázaro dos Prazeres dos Santos (Mestre Lázaro), fundador do Grupo de Capoeira Angola Guerreiro de Palmares, Salvador, Bahia; Marcos Antônio Batista (Mestre Sabiá), fundador do Grupo de Capoeira Badauê, Campina Grande, Paraíba; Joseane Pinheiro Côrrea (Mestra Jô), do Grupo Capoeira Angola Palmares, Florianópolis, Santa Catarina e Marcos Antônio Santos Silva (Mestre Marcos Baiano), Maceió, Alagoas também do Grupo Capoeira Angola Palmares, podemos inferir que a capoeira possui aspectos que potencializam ações para a efetivação de uma pedagogia da capoeiragem, que valoriza a vida, o respeito a diversidade e à diferença, o compromisso e a responsabilidade com as pessoas, com o grupo, com a capoeira e com o mundo.

Como disse Freire (2015) “negros, brancos e indígenas ao irem se descobrindo oprimidos tem possibilidade de se libertar e libertar ao outro, o opressor” de continuar resistindo as opressões de gênero, raça, classe e território e adentrar nas escolas à luz da Lei 10.639/2003 para enegrecer o currículo.

Esse estudo nos revela que a capoeira é uma educação popular aforreferenciada plural e corporal que unem pessoas de várias idades, classes, gênero, território, origem, religiões com laços de pertencimento e de solidariedade, portanto, as narrativas de cada Mestre e Mestra nos revelam as possibilidades de participarem a partir de suas atuações e de seus grupos nas lutas antirracistas, antissexistas e em outras lutas de combate as todas as formas de discriminações.

Conforme trilhamos o caminho dessa pesquisa, surgiram outras indagações para as possibilidades de estudos futuros: 1. Como se dará a formação de capoeiristas e Mestres/as de capoeira com a negação da ancestralidade na/da roda de capoeira? 2. A capoeira angola também dará a volta ao mundo e vai disputar o mercado crescente dos campeonatos e/ou torneios de capoeira com a vertente capoeira contemporânea? 3. E como a formatura de mestras influenciará a tradição da capoeira angola, inclusive, a capoeira angola periférica de rua?

Abrimos, assim, caminhos possíveis e desafiantes, onde a capoeira angola periférica de rua na linhagem de Mestre Nô pode ser pensada como um processo contínuo de formação do aluno-Mestre e do Mestre-aluno que democratiza a roda de capoeira, com respeito a diversidade e o direito à diferença.

Afirma uma posição do lado da classe trabalhadora, da população negra, da população LGBTQIAPN+, das mulheres, da criança e do adolescente, da juventude negra, dos idosos, da população de rua, dos quilombolas, da população do campo, ou seja, um processo de formação incessante para luta pela superação das desigualdades sociais e da efetivação da democracia real no Brasil, onde haja justiça social e equidade para negros e não-negros numa busca de nos tornarmos mais gente e mais feliz.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos caberes na roda**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

ACCORDI, Leandro de Oliveira. **Memórias periféricas... As narrativas de Mestre Nô: Capoeira Angola, educação e formação humana**. Salvador, 2019. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação Educação, Salvador, BA, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29476>. Acesso em: 06 jul. 2022.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ARAGÃO, Guilherme; DUARTE, Cesar. **Patrimônio imaterial brasileiro: um inventário de cultura e arte**. Rio de Janeiro: M4 Produções, 2011.

ASANTE, Molefi K. **Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar** In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). Afrocentricidade - uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 25-58, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7637136/mod_resource/content/1/%2824%29%20BENTO%2C%20Maria%20Aparecida%20Bento%20%28Cida%20Bento%29.%20Branqueamento%20e%20branquitude%20no%20Brasil.%20S%C3%A3o%20Paulo%2C%20CEERT%2C%202002..pdf. Acesso em: 13 jul. 2023.

BRANDÃO, A. P. **Saberes e fazeres: modos de interagir**. Caderno de Atividades. Projeto A cor da cultura. Rio de Janeiro: Roberto Marinho, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Educação Popular**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** 9 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

BRASIL. Lei 10.639/2003. In.: **lei nº 9.394, de 20/12/1996**. Estabelece alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília: Gráfica do senado, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASIL, **Conheça o Brasil: População cor ou raça**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 17 ago. 2023.

CADERNOS, DE PESQUISA. **Raça negra e educação**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas (63), 1987. Disponível em: https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2019/04/Caderno-de-Pesquisa-63_menor.pdf. Acesso em: 30 abr. 2023.

CAMILO, Vandelir. Necromemória. In: VIEIRA, Paulo Alberto dos Santos; KAWAKAMI, Erica Aparecida. (org.). **Perspectiva afrodiaspórica**: interrogações ao cânone do pensamento social brasileiro. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 55-76.

CAMPOS, Hellio. **Capoeira Regional**: a escola de Mestre Bimba. Salvador: EDUFBA, 2009.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 16 fev. 2024.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. **Império e educação**: rupturas e continuidades no processo educacional brasileiro durante o primeiro Reinado (1822-1836). Revista Tempos e Espaços em Educação, Aracaju, v. 5, p. 7-18, 2010.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiço e epidemias na Corte do Império. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CORRÊA, Joseane Pinho. **A arte de ensinar a capoeira, na roda e na vida**: pedagogia da capoeiragem de Norival Moreira de Oliveira - Mestre Nô. Florianópolis, 2018. 111 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198093>. Acesso em: 15 ago. 2022.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **Afrodescendência e Africanidade**: um dentre os diversos enfoques possíveis sobre população negra no Brasil. Interfaces de saberes, v. 13, n. 1, 2013. Disponível em: <https://xdocz.com.br/doc/africanidade-artigo-com-definiao-4ol2k42q1dnm>. Acesso em: 13 abr. 2023.

CUNHA JÚNIOR, Henrique Antunes. **NTU**: introdução ao pensamento filosófico bantu. Revista Educação em Debate, Fortaleza, Ano 32, v.1, n.59, p. 25-40, 2010. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15998>. Acesso em: 13 abr. 2023.

FALCÃO, José Luiz Cerqueira. **O jogo da capoeira e a construção da práxis capoeirana**. Salvador, 2004. 408 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Salvador, BA, 2004. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10203>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FERREIRA JR., Amarílio. **História da Educação Brasileira**: da Colônia ao século XX. São Carlos: EdUFScar, 2010. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5618173/mod_resource/content/1/Ferreira%20Jr.%20C%20AmarilioHist%C3%B3ria%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20UAB-UFSCAR.pdf. Acesso em 08 jul. 2022.

FINCH III, Charles S; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Abordagem afrocentrada, história e evolução. In: NASCIMENTO, Elisa L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 37-69.

FLORES, Alice Lacerda Pio. **Mestres de Capoeira: memória e salvaguarda no século XXI**. Vitória da Conquista, 2017. 207f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2017. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2018/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Alice-Lacerda-Pio-Flores.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 59 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. (org.). FREIRE, Ana Maria Araújo. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2001.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019. Disponível em: <https://ia903404.us.archive.org/17/items/escravidao-laurentino-gomes/Escravida%C3%A7%C3%A3o-Laurentino%20Gomes.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. In. FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges (org.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 39-59.

GOMES, Nilma Lino et al. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma discussão**. Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal, v 10639, n 03, p. 39-62, 2005. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/materiais/educacao-anti-racista-caminhos-abertos-pela-lei-federal-no-10-63903/>. Acesso em 13 abr. 2023.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, N. L. **Estudos e pesquisas sobre educação, raça, gênero, e diversidade sexual**. Educação & Sociedade, v. 44, p. e275110, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/kWym5qKLCgwjzBGPCBZYSsM/?lang=pt#>. Acesso em: 16 fev. 2024.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6936135/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

GUIMARÃES, A. S. A. **Cidadania e retóricas negras de inclusão social**. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, n. 85, p. 13–40, 2012.

HUR, Domenico Uhng. **Corpocapital: códigos, axiomática e corpos dissidentes**. Lugar Comum, Rio de Janeiro, v. 45, p. 232-245, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/20449>. Acesso em: 03 ago. 2023.

IMBERNÓN, Francisco. **Qualidade do ensino e formação do professorado: uma mudança necessária**. São Paulo: Cortez, 2016.

IPHAN. Dossiê IPHAN 12 – **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília, 2014.

KEIM, Ernesto Jacob; SILVA, Carlos José. **Capoeira e Educação Pós-Colonial: Ancestralidade, Cosmovisão e Pedagogia Freiriana**. Jundiá: Paco Editorial, 2012.

Jara Holliday, Oscar. Resignifiquemos as Propostas e Práticas de Educação Popular Perante os Desafios Históricos Contemporâneos. In: UNESCO. **Educação popular na América Latina: desafios e perspectivas**. Brasília, UNESCO, MEC, CEAAL, 2005, p. 95-105. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume4_educacao_popular_na_america_latina_dialogos_e_perspectivas.pdf. Acesso em: 23 jan. 2024.

JUNIOR, Luiz Vitor Castro. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 25, n 2, 2004.

LIMA, Jorge de. **Novos poemas; Poemas escolhidos; Poemas negros**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1997. Disponível em: http://www.ep.com.br/livros_vest/poemas_jorge_de_lima.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

LIMA, Maria de Lourdes Farias. **Zumbi Bahia: o começo da capoeira em João Pessoa**. João Pessoa. João Pessoa, 2005. 39p. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, João Pessoa, PB, 2005.

LIMA, Maria de Lourdes Farias de. **Educação popular nas práticas de ensino e aprendizagem da capoeira angola: a práxis educativa do Grupo Capoeira Angola**. Palmares/PB. João Pessoa, 2020. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, João Pessoa, PB, 2021.

LUZ, Itacir Marques da. **Irmandade e educabilidade: um olhar sobre os arranjos associativos negros em Pernambuco na primeira metade do século XIX**. Educação em Revista, v. 32, p. 119-142, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/NhkvmqRz4F7sh7PdDxhBQ9K/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2023.

MACHADO, Sara Abreu da Mata; ARAÚJO, Rosângela Costa. Jogo de muleeke na capoeira Angola: educação para a diversidade. In. PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões et al (org.). **Capoeira em múltiplo olhares: estudos e pesquisa em jogo**. Cruz da Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, v. 6, 2010. Disponível em: <https://www.cult.ufba.br/wordpress/24929.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2023.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação Popular: enunciados teóricos**. Vol. 3. Editora do CCTA. 2014.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território e educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375>. Acesso em: 14 ago. 2023.

MOTA NETO, João Colares da. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. 2015. 368 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2015. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/8383>. Acesso em: 16 out. 2023.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1992.

MOURA, Denise Aparecida Soares de. **Saindo das sombras: homens livres no declínio do escravismo**. Campinas: Unicamp, 1998.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

NOGUEIRA, Simone Gibran. **Processos educativos da Capoeira Angola e construção do pertencimento étnico-racial**. 2007. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2456>. Acesso em: 12 fev. 2024.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. As contribuições de Paulo Freire para uma formação biográfica de pesquisa e de formação. In. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogerio (org.). **O pensamento pedagógico hoje**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, G. A. DE; SILVA, Éder da. “**Tudo isso é Conversa para Comer sem Trabalhar**”: capoeira, resistência decolonial. *Folha de Rostto*, v. 7, n. 1, p. 161-176, 16 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderostto/article/view/743>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: corpo-dança afroancestral e tradição oral contribuições do legado africano para a implementação da lei nº 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **A Guerra dos Bárbaros: resistência e conflitos no Nordeste colonial – Legislação, conflito e negociação nas vilas pombalinas**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco (Tese – Programa de Doutorado em História), 2002, 284p.

QUIJANO, Aníbal Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, Edgardo et al. (Ed.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales= Conselho Latino-americano de Ciências Sociais, 2005. p. 107-130. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ciC3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2022.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: ensaio socio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapoan, 1968.

REIS, Diego dos Santos. A colonialidade do saber e a geopolítica do conhecimento: perspectivas decoloniais para repensar a univers(al)idade. In. VIEIRA, Paulo Alberto dos Santos; KAWAKAMI, Erica Aparecida. (org.). **Perspectiva afrodiaspórica: interrogações ao cânone do pensamento social brasileiro**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 37-54.

REIS, Letícia Vidor de Sousa. **O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil**. São Paulo: Publisher, 1997.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** / Roberto Jarry Richardson; colaboradores José Augusto de Souza Peres ... (et al.). São Paulo: Atlas, 1989.

RICHARDSON, Roberto Jerry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSÁRIO, M. J. A. do; MELO, C. N. de. **A educação jesuítica no Brasil colônia**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v.15, n. 61, p. 379-389, 2015.

ROSSI, Ednéia Regina. **A educação primária na Primeira República (1889-1929)**. Série- Estudos, Campo Grande, MS, v. 22, n 45, p. 159-171, maio/ago. 2017.

RUFINO, Luiz. **Ponta cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Sales Augustos dos. A Lei 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In. BRASIL. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei 10639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume2_educacao_anti_racista_caminhos_abertos_pela_lei_federal_10639_2003.pdf. Acesso em 24 mai. 2023.

SANTOS, Theotonio dos. **Evolução histórica do Brasil – Da colônia à crise da “Nova República”**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. [livro eletrônico]. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Adriana Maria Paulo da. A escola do professor Pretextato dos Passos e Silva: questões a respeito das práticas de escolarização no mundo escravista. In. **A história da educação dos negros no Brasil**. (org.). FONSECA, Marcos Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Niterói: EdUFF, 2016.

SILVA, K. G. de O.; DE AZEVEDO, S. L. M. **ECOLOGIA DA CAPOEIRA: ORIGEM E ANCESTRALIDADE**. Revista Contemporânea, [S. l.], v. 3, n. 8, p. 10032–10051, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N8-007. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1120>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SILVA, Claudilene Maria da. **A volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento**: práticas pedagógicas escolares em história e cultura afro-brasileira. 2ª ed. Curitiba: CRV, 2020.

SILVA, Marco Antonio Santos da. **Prática da capoeira como espaço de formação**. Maceió, 2006. 115 f. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) - Universidade Federal de Alagoas, Centro de Educação, Programa em Pós-Graduação em Educação Brasileira, Maceió, AL, 2006. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/284>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SILVA, Maurício. **Educação afrocentrada como pedagogia decolonial no contexto educacional brasileiro**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 17, e19343, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-43092022000100455&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 07 ago. 2023.

SILVA, Nelson Fernando Inocêncio da. **Consciência negra em cartaz**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações-étnico-raciais no Brasil. In. FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexandra Borges (org.). **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011. p. 11-37.

SILVA, Sammia Castro. **Campo de saberes da capoeira cearense**: um estudo sobre o Centro Cultural Capoeira Água de Beber (2002-2016). Fortaleza, 2017. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2017.

SILVA, Washington Bruno. **Canjiquinha**: a alegria da capoeira. Salvador: Editora A Rasteira, 1989.

SOARES, Carlos Eugenio Libano. **A negregada instituição**: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850-1890. 1993. 2v. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581033>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SOARES, Carlos Eugenio Libano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes do Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2ª ed. Campina, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Pensar nagô**. Petrópolis: Vozes, 2017.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo de cor: uma radiografia do fascismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUSA, Gustavo Borges, CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. e CARVALHO, Carlos Henrique de. **A leitura no Brasil Colônia e suas (inter)relações com a contemporaneidade**. Rev. HISTEDBR On-line, Campinas, v. 18, n. 1 [75], p. 17-28, jan./mar. 2018.

SOUZA, Thiago Vieira de. **Capoeira Angola: saberes, valores e atitudes na formação do Mestre**. 2010. 250 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/96097>. Acesso em: 05 mai. 2022.

TAVARES, Júlio Cesar de. **Dança de guerra-arquivo e arma: elementos para uma teoria da capoeiragem e da Comunicação corporal afro-brasileira**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Luiz Renato; ASSUNÇÃO, Matthias Rohrig. **Mitos, controvérsias e fatos: construindo a história da capoeira**. Revista de Estudos Afro-Asiáticos, v. 34, p. 81-121, 1998.

ANEXOS

ANEXO A – Momento da formatura da Mestra Malu (primeira foto) e momento da formatura do professor Reniê (segunda foto).



Fonte: Acervo pessoal. Dez. 2019



Fonte: Acervo pessoal. Dez. 2019.

ANEXO B – Cordéis expostos para entrega durante o evento e entrega do primeiro cordel.



Fonte: Acervo pessoal, out. 2023.



Fonte: Acervo pessoal. out. 2023.

ANEXO C – Fotos de alguns Mestres citados no trabalho.

Mestre Zeca do Uruguai⁵⁵



Mestre Nilton⁵⁶



Mestre Nô⁵⁷



Mestre Dinelson⁵⁸



Mestre Braulio (Braulio de Nô)⁵⁹



Mestre Beto Baraúna⁶⁰



⁵⁵ Disponível em: <https://museuafrodigital.ufba.br/capoeira-angola-da-periferia>. Acesso em: 16 fev. 2024.

⁵⁶ Idem

⁵⁷ Acervo pessoal.

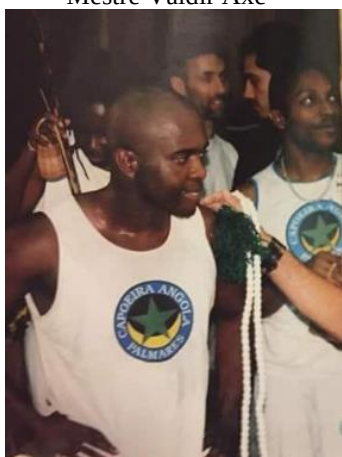
⁵⁸ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C23Mh_BuABb/. Acesso em 16 fev. 2024.

⁵⁹ Disponível em:

https://lh4.ggpht.com/_NalomUb9BVQ/TNFFiWZJYDI/AAAAAAAAARw/Pv7ibqlrZ4E/s1600-h/Mestrebraulino%5B4%5D.jpg. Acesso em: 16 fev. 2024.

⁶⁰ Disponível em:

https://3.bp.blogspot.com/_vVxqpwxXA2U/RuYP6tYU5hI/AAAAAAAAALI/dDpwLOV2SoI/s1600-h/DSCN0776.JPG. Acesso em: 16 fev. 2024.

Mestre Valdir Axé⁶¹Mestre Dunga⁶²Mestre Manuba⁶³Mestre Lazineho, Mestre Dalmo e
Mestre GilmárioMestre Lizandro⁶⁴Mestre Mosquito⁶⁵

⁶¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ct1_Y4_KvsS/. Acesso em: 16 fev. 2024.

⁶² Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cw78zxHu5Q6/?img_index=1. Acesso em: 16 fev. 2024.

⁶³ Idem

⁶⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/C2xutoMvyYz/?img_index=1. Acesso em: 16 fev. 2024.

⁶⁵ Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cv8VCR_u9B-UqXbIAyhKngrn6B6XNZIUqzIjHg0/?img_index=1.

Acesso em: 16 fev. 2024.

ANEXO E – Projeto de Lei Municipal que buscava a implantação da capoeira nas escolas municipais de João Pessoa – PB.



CÂMARA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
Casa de Napoleão Laureano
Gabinete do Vereador João Almeida

INDICAÇÃO

AUTOR: Vereador João Almeida

INDICAÇÃO: Nº ____/2019

Propõe indicação de lei de acordo com o Regimento Interno com o objetivo de instituir a Capoeira como disciplina complementar da grade curricular dos alunos da rede municipal de ensino do município de João Pessoa.

Institui a capoeira como atividade complementar da grade curricular dos alunos da rede municipal de ensino do município de João Pessoa.

Art. 1º – Fica instituída a capoeira como disciplina complementar componente da grade curricular dos alunos, a ser difundida nas escolas da rede municipal de João Pessoa.

Parágrafo Único – A disciplina complementar de que trata o caput tem por objetivo ensinar a cultura afro brasileira.

Art. 2º – As atividades serão desenvolvidas nas dependências da escola, durante o turno que o aluno estuda ou em turno oposto.

Parágrafo Único: A capoeira complementar a disciplina Educação Física, sendo optativo ao aluno participar da aula.

Art. 3º – É obrigatória a certificação comprovada dos instrutores, para estarem aptos a ministrar as atividades, sendo de responsabilidade da Secretaria de Educação solicitar esta documentação.

Parágrafo Único – Em casos excepcionais, ficam aptos à ministrar, na condição de auxiliar, os mestres com notório saber da capoeira.

Art. 4º - Esta lei deverá ser regulamentada no prazo de 90 (noventa) dias a contar de sua publicação.

Art. 5º - As despesas com a execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias da Secretaria de Educação, suplementadas se necessário.

Art. 6º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário.

JOÃO ALMEIDA
Vereador – SD

JUSTIFICATIVA

Rua das Trincheiras, nº 43, Centro, João Pessoa/PB – CEP: 58.011-000
Telefones: (83) 3218-8303 / 8885 5738
E-mail: joaoalmeida@cmjp.pb.gov.br

Nos últimos anos, a Capoeira vem passando por um processo de expansão, sua prática vem sendo desenvolvida em diversas instituições da sociedade, como escolas, academias, clubes, centros comunitários, projetos sociais e faculdades.

Em 2003 a Lei nº 10.639 – artigo 26 A – torna obrigatório o ensino da história afro-brasileira em todo o currículo escolar, sendo assim, todos os educadores devem incluir em suas aulas a temática da história e cultura dos negros.

Os conteúdos da capoeira ajudam na formação de seres humanos capazes de conviver com as diferenças. A Capoeira desenvolve no aluno habilidades que vão além das capacidades físicas, como é um tema amplo, pode-se trabalhar de forma lúdica, assim brincando, os alunos tomam consciência do seu corpo e de suas capacidades motoras, facilitando o crescimento cognitivo e afetivo.

Associar conteúdos históricos e trabalhar em parceria com outras disciplinas é uma tarefa essencial para o desenvolvimento do aluno, a abordagem multidisciplinar é muito importante para uma total e eficaz compreensão do tema e a Capoeira se relaciona com um grande número de disciplinas. Assim cada disciplina contribui com informações próprias do seu campo de conhecimento, considerando que existe uma integração entre elas.

A capoeira é um símbolo da cultura afro-brasileira, da miscigenação de etnias, da resistência à escravidão, está difundida em dezenas de países por todos os continentes. É Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. A capoeira possibilita ao aluno vivenciar os movimentos culturais em sua totalidade. A pessoa não aprende apenas dar pernada, mas a se sociabilizar, a respeitar o próximo, a obedecer hierarquia, aprende teatro, música, dança e principalmente a conhecer nossa identidade e a verdadeira história e cultura afro-brasileira, além do mais a prática da capoeira melhora ainda o desempenho e o comportamento dos alunos dentro da sala e na relação com os pais e familiares.

A educação pública de qualidade que sonhamos passa por conquistas como esta, pois o acesso ao esporte e à cultura são fundamentais para que os alunos tenham um aprendizado amplo e se formem verdadeiros cidadãos preparados para construir uma sociedade melhor e mais justa. A capoeira é cultura, é atividade física e é a nossa história.

Outrossim, ressalta-se que a matéria em comento já é lei no Mato Grosso do Sul: Lei 4.968/2016, assim como no município de Curitiba: Lei 15.243/2018, no município do Rio de Janeiro: Lei 6.558/2019, reconhecendo a prática da capoeira como atividade extracurricular a ser difundida nas escolas da Rede Municipal.

É um tema fácil de ser trabalhado na escola, pois não requer materiais de grandes custos, não se faz necessário um espaço físico apropriado e nem indumentária sofisticada, além de ser um poderoso instrumento pedagógico e cultural.

Pelo exposto, solicito a aprovação desta proposição aos nobres pares.

JOÃO ALMEIDA
Vereador – SD
